

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

Daniele de Souza Leite Molina

**Aquisição da linguagem e variação linguística:
um estudo sobre a flexão verbal variável na aquisição do PB**

Juiz de Fora

2018

Daniele de Souza Leite Molina

**Aquisição da linguagem e variação linguística:
um estudo sobre a flexão verbal variável na aquisição do PB**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Linguística. Área de concentração: Linguística e Cognição.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Lobo Name

Coorientadora: Profa. Dra. Mercedes Marcilese

Juiz de Fora

2018

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Molina, Daniele de Souza Leite.

Aquisição da linguagem e variação linguística: um estudo sobre a flexão verbal variável na aquisição do PB / Daniele de Souza Leite Molina. -- 2018.

277 f. : il.

Orientadora: Maria Cristina Lobo Name

Coorientadora: Mercedes Marcilese

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2018.

1. Aquisição verbal. 2. Variação linguística. 3. Flexão verbal variável. 4. Compreensão. 5. Produção. I. Name, Maria Cristina Lobo, orient. II. Marcilese, Mercedes, coorient. III. Título.

Daniele de Souza Leite Molina

**Aquisição da linguagem e variação linguística:
um estudo sobre a flexão verbal variável na aquisição do PB**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Linguística. Área de concentração: Linguística e Cognição.

Aprovada em 08/08/2018.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Cristina Lobo Name – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Mercedes Marcilese – Coorientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Ana Cláudia Peters Salgado – Membro interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Marina Rosa Ana Augusto – Membro externo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Paula Roberta Gabbai Armelin – Membro interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes – Membro externo
Universidade Estadual de Campinas

*Dedico esta tese a todas as crianças
que tornaram esta pesquisa possível.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela certeza de Sua constante presença em minha vida e por me proporcionar encontros providenciais para a elaboração deste trabalho.

À professora Cristina Name, pelo exemplo de pesquisadora e pela generosidade em suas orientações desde a graduação.

À professora Mercedes Marcilese, por “abraçar” esta pesquisa. Obrigada pelas orientações tão fundamentais ao desenvolvimento desta tese.

Às professoras Marina Augusto e Patrícia Fabiane Lacerda, agradeço pelas contribuições valiosas na banca de qualificação.

Às professoras Ruth Lopes, Marina Augusto, Ana Cláudia Peters Salgado e Paula Armelin, por gentilmente aceitarem a compor a banca examinadora da defesa e pelas considerações e sugestões para a versão final do trabalho.

Aos coordenadores, Profa. Luciana Teixeira, Prof. Luiz Fernando Matos Rocha e Profa. Ana Cláudia Peters Salgado, e às secretárias, Rosângela Monteiro, Izabel Jesus, Lara e Marion, que passaram pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística durante esses quatro anos, dando-nos todo o apoio necessário às questões acadêmicas e burocráticas.

Aos amigos do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários/UFJF, pela amizade sincera e pela generosidade em apresentar-me às escolas nas quais lecionam. Em especial, agradeço às amigas Cristiane Veloso, Gisele Gomes, Jaqueline Seabra, Luciana Freesz e Karla Cristina Eiterer. Agradeço, ainda, aos coordenadores, Profa. Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves, Prof. Alexandre Graça Faria e Profa. Nícea Helena de Almeida Nogueira, pela compreensão dispensada à minha dupla jornada de pós-graduanda e de servidora da instituição.

Ao amigo Daniel Alves, por toda a ajuda com os testes estatísticos.

Aos amigos Ícaro Oliveira e Sabryna Lana, pela valiosa amizade em todas as horas.

À amiga Cris Azalim, agradeço pelas discussões enriquecedoras e pelo apoio no desenvolvimento do estudo longitudinal e das atividades experimentais.

A todos os coordenadores e diretores que abriram as portas de suas instituições escolares para a nossa pesquisa, acreditando na seriedade do nosso trabalho.

Aos pais, aos cuidadores, à professora e às crianças que participaram das gravações de áudio por viabilizarem a construção do *corpus* da análise de produção espontânea desta tese. Obrigada pela disponibilidade e pelo carinho.

Agradeço a todas as crianças que participaram das atividades desenvolvidas no âmbito desta tese, sempre alegrando e iluminando os caminhos árduos que a pesquisa acadêmica enfrenta no Brasil.

A todos os adultos participantes também das atividades experimentais, solidários e interessados na pesquisa que realizamos.

Aos meus pais, Monica e Roberto, por sempre me incentivarem a estudar e por não medirem esforços para me auxiliarem na realização dos meus sonhos.

Aos meus avós, Genir e José, e à minha madrinha-tia-avó, Thereza, por toda a torcida para “me verem doutora”, pelo apoio e pelo amor durante todos esses anos. Agradeço, ainda, por serem, na simplicidade, três grandes educadores que tive.

À UFJF, pela bolsa de incentivo à qualificação de seus servidores – PROQUALI.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a produção e a compreensão da flexão verbal de 3ª pessoa do plural por crianças adquirindo o português brasileiro (PB). Estudos desenvolvidos na área da Sociolinguística Variacionista destacam o caráter variável da marcação de plural no PB, tanto no âmbito do sintagma nominal, quanto no sintagma verbal (NARO, 1981; SCHERRE, 1994; SCHERRE; NARO, 1992; 1993; 1998; 2000; 2006; NARO; SCHERRE, 1991; 1993; 1999; 2007). Buscamos discutir, do ponto de vista da aquisição da linguagem, a identificação, a produção e a compreensão da marcação de número por crianças, levando em consideração que, no PB, a informação morfofonológica de número pode – a depender da(s) variedade(s) com a(s) qual(is) a criança está em contato – aparecer de forma pouco sistemática no *input*. Em um estudo longitudinal, investigamos a produção de morfemas verbais de terceira pessoa do plural por crianças e adultos em contextos de interação. A análise dos dados revela que, embora haja variação entre marcação morfofonológica redundante e não redundante, a realização da marca redundante de plural no verbo é bastante frequente na fala dos adultos e das crianças de classe média residentes em área urbana. Já na fala de crianças de classe baixa residentes em área rural, prevalece a marcação não redundante. Diversos estudos sugerem, porém, que, embora a flexão de número seja produzida por crianças por volta dos três anos de idade, até a faixa etária de seis anos, crianças apresentam dificuldades na interpretação da morfologia verbal em tarefas de compreensão (JOHNSON; DE VILLIERS; SEYMOR, 2005; PÉREZ-LEROUX, 2005; LEGENDRE et al., 2010; BLÁHOVÁ; SMOLIK, 2014). A partir de um estudo experimental, investigamos a identificação e a compreensão de numerosidade veiculada pelo morfema de terceira pessoa (singular e plural) no PB por crianças brasileiras em contextos em que a informação de número é realizada de maneira redundante (no sujeito e no verbo) e em contextos em que a informação de número é expressa apenas no verbo (sujeito nulo). Os resultados revelaram a identificação da marcação morfofonológica de plural e o mapeamento dos enunciados plurais a imagens com mais de um agente. Em conjunto, os resultados obtidos sugerem que há um desenvolvimento no mapeamento feito por crianças entre marcação morfofonológica e conceito de numerosidade em função da faixa etária. Além disso, o fator grupo socioeconômico também parece influenciar o desempenho dos participantes. A variabilidade identificada no *input*, por outro lado, parece não interferir na compreensão do morfema verbal de plural por parte dos participantes avaliados, uma vez que o desempenho das crianças adquirindo o PB vai ao encontro do verificado em línguas nas quais a flexão verbal de número é sistemática.

Palavras-chave: Aquisição verbal; Variação linguística; Flexão verbal variável; Compreensão; Produção.

ABSTRACT

This research aims at investigating the production and the comprehension of 3rd person plural verbal inflection by children acquiring Brazilian Portuguese (BP). Sociolinguistic studies point out the variability on plural markings in BP, on noun and on verb phrases (NARO, 1981; SCHERRE, 1994; SCHERRE; NARO, 1992; 1993; 1998; 2000; 2006; NARO; SCHERRE, 1991; 1993; 1999; 2007). We discuss, from the language acquisition's point of view, the production and the comprehension of number marking by children, considering that, depending on the linguistic variety children are exposed to, BP may present a non-consistent morphological number marking in the input. On a longitudinal study, third person plural verbal morphemes production was investigated on contexts of interaction between children and adults. The analysis of data shows that, although variability between redundant and non-redundant plural markings on verbs is frequent, the presence of plural verbal marking is more frequent on middle class adults and children's speech. On the other side, working class children's speech presents more non-redundant verbal markings. Previous studies in several languages that exhibit consistent number inflection patterns suggest that, although children produce number inflection by the age of three, they have difficulty on comprehension tasks until the age of six (JOHNSON; DE VILLIERS; SEYMOR, 2005; PÉREZ-LEROUX, 2005; LEGENDRE et al., 2010; BLÁHOVÁ; SMOLIK, 2014). Our experimental study aims at verifying the identification and the comprehension of 3rd person verbal forms (singular and plural) by Brazilian children in contexts in which number information is given by redundant markings (on subject and verb) and in contexts in which number information is presented only on the verb (null subject sentences). The results suggest the identification of plural markings and the mapping of plural sentences to pictures with more than one character and a development on the performance as a whole due to age range. Besides, social factors seem to influence participants' performance. In general, variable input seems not to interfere on the identification and comprehension of the plural verbal morpheme on the task developed on this study since BP's results are similar to the ones verified on languages in which verbal inflection is consistent.

Keywords: Verbal acquisition; Linguistic variability; Variable verbal inflection; Comprehension; Production.

RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo la investigación de la producción y la comprensión de la flexión verbal de tercera persona del plural por niños en proceso de adquisición del portugués brasileño (PB). Estudios en el área de la Sociolingüística Variacionista destacan el carácter variable de la marcación de plural en el PB, tanto en el ámbito del sintagma nominal, como del sintagma verbal (NARO, 1981; SCHERRE, 1994; SCHERRE; NARO, 1992; 1993; 1998; 2000; 2006; NARO; SCHERRE, 1991; 1993; 1999; 2007). Buscamos discutir, desde el punto de vista de la adquisición del lenguaje, la identificación, la producción y la comprensión de la marcación de número por parte de los niños, teniendo en cuenta que en el PB la información morfofonológica de número puede – dependiendo de las variedades con las cuales el niño tiene contacto – ser poco sistemática en el *input*. A partir de un estudio longitudinal, investigamos la producción de morfemas verbales de tercera persona del plural por niños y adultos en contextos de interacción. El análisis de los datos revela que, aunque haya variación entre marcación morfofonológica redundante y no redundante, la realización de la marcación redundante de plural en el verbo es frecuente en el habla de los adultos y de los niños de clase media residentes en área urbana. En el habla de niños de la clase baja residentes en área rural, prevalece la marcación no redundante. Sin embargo, varios estudios apuntan que, aunque la flexión de número sea producida por niños de aproximadamente tres años de edad, hasta los seis años, ellos encuentran dificultades en la interpretación de la morfología verbal en tareas de comprensión (JOHNSON; DE VILLIERS; SEYMOR, 2005; PÉREZ-LEROUX, 2005; LEGENDRE et al., 2010; BLÁHOVÁ; SMOLIK, 2014). Por medio de un estudio experimental, investigamos la identificación y la comprensión de la noción de numerosidad vinculada al morfema de tercera persona (singular y plural) en PB por niños brasileños en contextos en los cuales la información de número es presentada de manera redundante (en el sujeto y en el verbo) y en contextos en los cuales la información de número es expresa solamente en el verbo (sujeto nulo). Los resultados revelaron la identificación de la marcación morfofonológica de plural y el mapeo de los enunciados plurales a imágenes con más de un agente. En conjunto, los resultados sugieren que ocurre un desarrollo en el mapeo hecho por los niños entre la marcación morfofonológica y el concepto de numerosidad en función del factor edad. Además, el factor grupo socioeconómico también parece influenciar el desempeño de los participantes. La variabilidad del *input*, por otro lado, parece no interferir en la comprensión del morfema verbal de plural por los participantes evaluados, ya que el desempeño de los niños adquiriendo el PB es compatible con los resultados alcanzados en lenguas en las cuales la flexión verbal de número es sistemática.

Palabras clave: Adquisición verbal; Variación lingüística; Flexión verbal variable; Comprensión; Producción.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema de uma derivação linguística, segundo o PM.....	119
Figura 2: Representação arbórea de valoração de traços.....	123
Figura 3: Esquema do mecanismo de concordância segundo a proposta de compartilhamento de traço	125
Figura 4: Esquema simplificado do mecanismo de concordância segundo a proposta de compartilhamento de traço	125
Figura 5: Esquema da proposta de concordância sensível ao contexto de Bejar (2003).....	127
Figura 6: Exemplo de estímulo visual e linguístico – fase de familiarização	206
Figura 7: Exemplo de estímulo visual e linguístico – fase de familiarização (pretérito imperfeito)	206
Figura 8: Exemplo de estímulo visual com estímulo linguístico do tipo V+NP	208
Figura 9: Exemplo de estímulo visual com estímulo linguístico do tipo V+DP	208

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Síntese da evolução nos paradigmas flexionais no PB.....	41
Quadro 2: Esquema das habilidades de segmentação e de percepção de formas verbais	58
Quadro 3: Esquema das habilidades de segmentação e de percepção de formas verbais observadas a partir de estudos desenvolvidos no PB	65
Quadro 4: Esquema das habilidades de produção e de compreensão de morfemas verbais	74
Quadro 5: Informações dos participantes do estudo longitudinal	137
Quadro 6: Informações dos participantes do estudo em ambiente escolar.....	182

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição dos fatores linguísticos <i>realização</i> e <i>posição do sujeito</i> em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (adultos)	143
Tabela 2: Distribuição da variação entre marcação morfofonológica no verbo em relação aos fatores linguísticos <i>realização</i> e <i>posição do sujeito</i> (adultos).....	143
Tabela 3: Distribuição do fator linguístico <i>tipo do sujeito</i> em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (adultos)	146
Tabela 4: Distribuição da variação entre marcação morfofonológica no verbo em relação ao fator linguístico <i>tipo do sujeito</i> (adultos).....	146
Tabela 5: Distribuição dos fatores linguísticos <i>posição</i> e <i>animacidade do sujeito</i> em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (adultos)	148
Tabela 6: Distribuição da variação entre marcação morfofonológica no verbo em relação aos fatores linguísticos <i>posição</i> e <i>animacidade do sujeito</i> (adultos)	148
Tabela 7: Distribuição dos fatores linguísticos <i>posição do sujeito</i> e <i>distância entre sujeito e verbo</i> em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (adultos).....	150
Tabela 8: Distribuição da variação entre marcação morfofonológica no verbo em relação aos fatores linguísticos <i>posição do sujeito</i> e <i>distância entre sujeito e verbo</i> (adultos)	150
Tabela 9: Distribuição dos tempos verbais em relação à variação na marcação morfofonológica de número no verbo (adultos)	153
Tabela 10: Distribuição da variação na marcação morfofonológica de número no verbo em relação ao fator linguístico <i>tempo verbal</i> (adultos)	153
Tabela 11: Distribuição do fator <i>saliência fônica</i> em relação à variação na marcação morfofonológica de número no verbo (adultos)	156
Tabela 12: Distribuição da variação na marcação morfofonológica de número no verbo em relação ao fator linguístico <i>saliência fônica</i> (adultos).....	156
Tabela 13: Distribuição do fator <i>tipo de verbo</i> em relação à variação na marcação morfofonológica de número (adultos)	159
Tabela 14: Distribuição da variação na marcação morfofonológica de número no verbo em relação ao tipo de verbo (adultos).....	159
Tabela 15: Distribuição dos fatores linguísticos <i>realização</i> e <i>posição do sujeito</i> em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (crianças).....	164
Tabela 16: Distribuição da variação na marcação morfofonológica no verbo em relação aos fatores linguísticos <i>realização</i> e <i>posição do sujeito</i> (crianças)	164
Tabela 17: Distribuição do fator linguístico <i>tipo do sujeito</i> em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (crianças)	167
Tabela 18: Distribuição da variação na marcação morfofonológica no verbo em relação ao fator linguístico <i>tipo do sujeito</i> (crianças)	168
Tabela 19: Distribuição dos fatores linguísticos <i>posição</i> e <i>animacidade do sujeito</i> em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (crianças)	170
Tabela 20: Distribuição da variação na marcação morfofonológica no verbo em relação aos fatores linguísticos <i>posição</i> e <i>animacidade do sujeito</i> (crianças).....	170

Tabela 21: Distribuição dos fatores linguísticos <i>posição do sujeito</i> e <i>distância entre sujeito e verbo</i> em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (crianças)	172
Tabela 22: Distribuição da variação entre marcação morfofonológica no verbo em relação aos fatores linguísticos <i>posição do sujeito</i> e <i>distância entre sujeito e verbo</i> (crianças).....	172
Tabela 23: Distribuição dos tempos verbais em relação à variação na marcação morfofonológica de número no verbo (crianças)	174
Tabela 24: Distribuição da variação na marcação morfofonológica de número no verbo em relação ao fator <i>tempo verbal</i> (crianças).....	175
Tabela 25: Distribuição do fator <i>saliência fônica</i> em relação à variação na marcação morfofonológica de número no verbo (crianças)	177
Tabela 26: Distribuição da variação na marcação morfofonológica de número no verbo em relação ao fator <i>saliência</i> fônica (crianças)	177
Tabela 27: Distribuição do fator <i>tipo de verbo</i> em relação à variação na marcação morfofonológica de número (crianças).....	179
Tabela 28: Distribuição da variação na marcação morfofonológica de número no verbo em relação ao tipo de verbo (crianças)	179
Tabela 29: Distribuição dos fatores linguísticos <i>realização</i> e <i>posição do sujeito</i> em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (crianças – zona rural).....	186
Tabela 30: Distribuição da variação na marcação morfofonológica no verbo em relação aos fatores linguísticos <i>realização</i> e <i>posição do sujeito</i> (crianças – zona rural)	186
Tabela 31: Distribuição do fator linguístico <i>tipo do sujeito</i> em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (crianças – zona rural)	187
Tabela 32: Distribuição da variação na marcação morfofonológica no verbo em relação ao fator linguístico <i>tipo do sujeito</i> (crianças – zona rural).....	188
Tabela 33: Distribuição dos tempos verbais em relação à variação na marcação morfofonológica de número no verbo (crianças – zona rural)	190
Tabela 34: Distribuição da variação na marcação morfofonológica de número no verbo em relação ao fator <i>tempo verbal</i> (crianças – zona rural)	190
Tabela 35: Distribuição do fator <i>saliência fônica</i> em relação à variação na marcação morfofonológica de número no verbo (crianças – zona rural)	192
Tabela 36: Distribuição da variação na marcação morfofonológica de número no verbo em relação ao fator <i>saliência fônica</i> (crianças – zona rural).....	192
Tabela 37: Distribuição do fator <i>tipo de verbo</i> em relação à variação na marcação morfofonológica de número (crianças – zona rural)	193
Tabela 38: Distribuição da variação na marcação morfofonológica de número no verbo em relação ao tipo de verbo (crianças – zona rural).....	194
Tabela 39: Participantes do experimento de seleção de imagem <i>offline</i>	202
Tabela 40: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) distribuídas por condição experimental em função do grupo socioeconômico (6 anos)	212
Tabela 41: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) distribuídas por condição experimental em função da faixa etária e do grupo socioeconômico dos participantes (pretérito perfeito)	217
Tabela 42: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) distribuídas por condição experimental em função da faixa etária dos participantes (pretérito imperfeito).....	222

Tabela 43: Comparação dos estudos realizados em espanhol e no PB a partir do percentual de respostas-alvo em cada condição.....	228
Tabela 44: Participantes do experimento de seleção de imagem <i>online</i>	230

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Proporção das ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante na fala dos adultos.....	141
Gráfico 2: Proporção das ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante por gravação (adultos)	142
Gráfico 3: Proporção do fator <i>realização</i> e <i>posição do sujeito</i> em ocorrências de marcação redundante de plural no verbo (adultos)	144
Gráfico 4: Proporção do fator <i>realização</i> e <i>posição do sujeito</i> em ocorrências de marcação não redundante de plural no verbo (adultos)	144
Gráfico 5: Comparação entre o número de ocorrências de marcação redundante e não redundante de plural ao se analisar os fatores linguísticos <i>realização</i> e <i>posição do sujeito</i> (adultos).....	144
Gráfico 6: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator linguístico <i>tipo de sujeito</i> (adultos).....	147
Gráfico 7: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator linguístico <i>animacidade do sujeito</i> (adultos)	149
Gráfico 8: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante ao se analisar o fator linguístico <i>distância linear entre sujeito e verbo</i> (adultos).....	151
Gráfico 9: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator <i>tempo verbal</i> (adultos).....	154
Gráfico 10: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator <i>saliência fônica</i> (adultos)	158
Gráfico 11: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar os tipos de verbos produzidos (adultos)	160
Gráfico 12: Número de formas verbais produzidas em contextos de sujeito de 3ª pessoa do plural por cada criança em função da faixa etária	161
Gráfico 13: Proporção do número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante por gravação (crianças)	162
Gráfico 14: Proporção das ocorrências de marcação morfofonológica (crianças).....	163
Gráfico 15: Proporção do fator <i>posição</i> e <i>realização do sujeito</i> em ocorrências de marcação morfofonológica redundante de plural no verbo (crianças).....	165
Gráfico 16: Proporção do fator <i>posição</i> e <i>realização do sujeito</i> em ocorrências de marcação morfofonológica não redundante de plural no verbo (crianças).....	166
Gráfico 17: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar os fatores linguísticos <i>posição</i> e <i>realização do sujeito</i> (crianças).....	166
Gráfico 18: Comparação entre o número de ocorrências de marcação redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator linguístico <i>tipo de sujeito</i> (crianças).....	169

Gráfico 19: Comparação entre o número de ocorrências de marcação redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator linguístico <i>animacidade do sujeito</i> (crianças)	171
Gráfico 20: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante ao se analisar o fator linguístico <i>distância linear entre sujeito e verbo</i> (crianças)	173
Gráfico 21: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator <i>tempo verbal</i> (crianças)	176
Gráfico 22: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator <i>saliência fônica</i> (crianças).....	178
Gráfico 23: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar os tipos de verbos produzidos (crianças)	180
Gráfico 24: Número de formas verbais produzidas em contextos de sujeito de 3ª pessoa do plural por cada turma em função da faixa etária	184
Gráfico 25: Proporção das ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante por gravação (crianças – zona rural).....	184
Gráfico 26: Proporção das ocorrências de marcação morfofonológica (crianças – zona rural)	185
Gráfico 27: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar os fatores linguísticos <i>posição e realização do sujeito</i> (crianças – zona rural).....	186
Gráfico 28: Comparação entre o número de ocorrências de marcação redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator linguístico <i>tipo de sujeito</i> (crianças – zona rural)	188
Gráfico 29: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator <i>tempo verbal</i> (crianças – zona rural)	191
Gráfico 30: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator <i>saliência fônica</i> (crianças – zona rural)	192
Gráfico 31: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar os tipos de verbos produzidos (crianças-zona rural).....	194
Gráfico 32: Média de respostas dadas pelos adultos para as imagens-alvo por condição.....	211
Gráfico 33: Média de respostas dadas pelas crianças (escola pública X escola privada – 6 anos – presente) para as imagens-alvo por condição (Max. score = 3)	213
Gráfico 34: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função da variável número	213
Gráfico 35: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função do grupo socioeconômico (escola pública X escola privada – 6 anos – presente)	214
Gráfico 36: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função de realização de sujeito e número (escola pública X escola privada – 6 anos – presente).....	215
Gráfico 37: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) distribuídas por condição experimental em função da faixa etária e do grupo socioeconômico dos participantes (pretérito perfeito)	218

Gráfico 38: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função da variável faixa etária (pretérito perfeito).....	218
Gráfico 39: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função da variável grupo socioeconômico	219
Gráfico 40: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função da variável número	219
Gráfico 41: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função da variável sujeito (pretérito perfeito).....	219
Gráfico 42: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função das variáveis realização do sujeito e número (pretérito perfeito)	220
Gráfico 43: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função das variáveis número e faixa etária (pretérito perfeito).....	220
Gráfico 44: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) distribuídas por condição experimental em função da faixa etária dos participantes (pretérito imperfeito).....	222
Gráfico 45: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função da variável número	223
Gráfico 46: Médias de respostas-alvo em função do tempo verbal (crianças de 6 anos – escola pública)	224
Gráfico 47: Média de respostas dadas pelos adultos para as imagens-alvo por condição – tarefa <i>online</i> X tarefa <i>offline</i> (Max. score = 3)	235
Gráfico 48: Efeito principal de número – tarefa <i>online</i> (adultos).....	236
Gráfico 49: Média de respostas dadas pelas crianças (6 anos) para as imagens-alvo por condição – tarefa <i>online</i> (Max. score = 3)	237
Gráfico 50: Média de tempo de reação por condição (crianças de 6 anos) – tarefa <i>online</i>	238
Gráfico 51: Média de respostas dadas pelas crianças (10 anos) para as imagens-alvo por condição – tarefa <i>online</i> (Max. score = 3)	239
Gráfico 52: Efeito principal de número – tarefa <i>online</i> (crianças de 10 anos).....	240
Gráfico 53: Média de tempo de reação por condição (crianças de 10 anos).	241
Gráfico 54: Comparação entre as médias de respostas-alvo em cada condição experimental – tarefa <i>online</i> (Max. score = 3)	242
Gráfico 55: Comparação entre as médias de tempo de reação em cada condição experimental por grupo – tarefa <i>online</i>	243
Gráfico 56: Comparação entre as médias de tempo de reação nas condições singular x plural por grupo – tarefa <i>online</i>	243

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Agr	<i>Agreement</i> (Concordância)
AgrO	<i>Agree Object</i> (Concordância de Objeto)
AgrP	<i>Agree Person and Number</i> (Concordância de Pessoa e Número)
AgrS	<i>Agree Subject</i> (Concordância de Sujeito)
BEff	<i>Blocking Effect</i> (Efeito de Bloqueio)
CSA	<i>Context-Sensitive Agreement</i> (Concordância Sensível ao Contexto)
D	Determinante
DP	<i>Determiner Phrase</i> (Sintagma Determinante)
EPP	<i>Extended Projection Principle</i> (Princípio da Projeção Estendida)
FDC	Fala Dirigida à Criança
FLB	<i>Faculty of Language – Broad Sense</i> (Faculdade da Linguagem em Sentido Estrito)
FLN	<i>Faculty of Language – Narrow Sense</i> (Faculdade da Linguagem em Sentido Amplo)
GT	Gramática Tradicional
GU	Gramática Universal
Inf	<i>Inflection</i> (Flexão)
IP	<i>Inflection Phrase</i> (Sintagma Flexional)
LF	<i>Logical Form</i> (Forma Lógica)
LIs	<i>Lexical Items</i> (Itens Lexicais)
N	Nome
NP	<i>Nominal Phrase</i> (Sintagma Nominal)
NSE	Índice Socioeconômico
P&P	Princípios e Parâmetros
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PF	<i>Phonetic Form</i> (Forma Fonética)
PIP	Princípio da Interpretabilidade Plena
PM	Programa Minimalista
PST	Português São-Tomense
SN	Sintagma Nominal
T	<i>Tense</i> (Flexão Verbal)
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

- V Verbo
VIs *Vocabulary Items* (Itens de Vocabulário)
VP *Verbal Phrase* (Sintagma Verbal)
~ Formas linguísticas em variação

Códigos nas transcrições de áudio

- MR Marcação Redundante
MNR Marcação Não Redundante
NP Nome Próprio
() Pausa Longa
[] Enunciado Incompreensível

Códigos das condições experimentais

- SPP Sujeito Preenchido Plural
SPS Sujeito Preenchido Singular
SNP Sujeito Nulo Plural
SNS Sujeito Nulo Singular

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	22
1.1 Objetivos	27
1.2 Hipóteses de trabalho	28
1.3 Justificativa da proposta	29
1.4 Organização do trabalho	30
2 A MORFOLOGIA VERBAL DE NÚMERO NO PB	31
2.1 Descrevendo o fenômeno da flexão variável de número.....	31
2.2 A abordagem variacionista da marcação de plural em verbos de terceira pessoa	35
2.3 Mudanças em curso: a visão diacrônica do enfraquecimento dos paradigmas verbais	40
3 A AQUISIÇÃO VERBAL E O RECONHECIMENTO DA MARCAÇÃO MORFOFONOLÓGICA DE NÚMERO	53
3.1 Estudos acerca da segmentação de verbos flexionados	53
3.2 Estudos acerca da segmentação de verbos flexionados no PB	59
3.3 Produção e compreensão de morfemas flexionais verbais no PB	65
3.4 Percepção do morfema gramatical de número e compreensão do conceito de numerosidade	75
3.4.1 O desenvolvimento do conceito de numerosidade e o morfema verbal de plural	75
3.4.2 O reconhecimento da marcação morfofonológica de número no DP	81
3.4.3 O reconhecimento da marcação morfofonológica de número no verbo	87
3.5 A aquisição da linguagem a partir de um <i>input</i> variável	111
4 ABORDAGENS FORMAIS PARA A CARACTERIZAÇÃO DA MARCAÇÃO MORFOFONOLÓGICA DE NÚMERO	114
4.1 A concepção de língua segundo a Teoria Gerativa	114
4.2 A marcação de número no verbo na perspectiva gerativista	120
4.2.1 A concordância verbal variável sob a ótica gerativista	128
5 A MANIFESTAÇÃO DA 3ª PESSOA DO PLURAL EM VERBOS NA FALA ESPONTÂNEA DE CRIANÇAS E DE SEUS CUIDADORES	134
5.1 Gravação de áudio em ambiente familiar – crianças de classe média, residentes em área urbana.....	135
5.1.1 Metodologia	135
5.1.2 Participantes e procedimentos de coleta de dados.....	135

5.1.3	Transcrição dos dados	138
5.1.4	Objetivo das gravações	138
5.1.5	Análise dos dados de produção	140
5.1.5.1	<i>Análise dos dados de produção linguística dos adultos</i>	140
5.1.5.2	<i>Análise dos dados de produção linguística das crianças</i>	161
5.2	Gravação de áudio em ambiente escolar – crianças de classe baixa, residentes em área rural	181
5.2.1	Metodologia	181
5.2.2	Participantes e procedimentos de coleta de dados	182
5.2.3	Transcrição dos dados	183
5.2.4	Objetivo das gravações	183
5.2.5	Análise dos dados de produção das crianças (zona rural)	183
5.3	Conclusão	195
6	EXPERIMENTOS	198
6.1	Experimento 1: Seleção de imagem offline	199
6.1.1	Método	199
6.1.1.1	<i>Participantes</i>	199
6.1.1.2	<i>Materiais</i>	202
6.1.1.3	<i>Variáveis e condições</i>	204
6.1.2	Procedimento	205
6.1.3	Hipóteses	208
6.1.4	Previsões	209
6.1.5	Resultados	210
6.1.5.1	<i>Grupo controle – Adultos</i>	210
6.1.5.2	<i>Verbo no presente – Crianças de 6 anos, escolas pública e privada</i>	212
6.1.5.3	<i>Verbo no pretérito perfeito – Crianças de 5 anos e de 6 anos, escolas pública e privada</i>	217
6.1.5.4	<i>Verbo no pretérito imperfeito – Crianças de 5 anos e de 6 anos, escola pública</i>	222
6.1.6	Discussão dos resultados – tarefa <i>offline</i>	224
6.2	Experimento 2: Seleção de imagem online	229
6.2.1	Método	229
6.2.1.1	<i>Participantes</i>	229
6.2.1.2	<i>Materiais</i>	230
6.2.1.3	<i>Variáveis e condições</i>	232
6.2.2	Procedimento	233
6.2.3	Hipóteses	233
6.2.4	Previsões	234
6.2.5	Resultados	234
6.2.5.1	<i>Grupo controle – Adultos</i>	234
6.2.5.2	<i>Crianças de 6 anos, escola pública</i>	237
6.2.5.3	<i>Crianças de 10 anos, escola pública</i>	238
6.2.6	Discussão dos resultados – tarefa <i>online</i>	241
6.3	Discussão geral dos resultados	244
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	246

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	252
GLOSSÁRIO	263
ANEXOS	266

1 INTRODUÇÃO

A maior parte das pesquisas sobre aquisição da linguagem visa a investigar a aquisição de propriedades linguísticas invariantes e regulares. Diferentemente, esta tese busca estabelecer um diálogo entre o estudo da aquisição da linguagem sob a perspectiva da psicolinguística e o fenômeno da variação linguística a partir de uma investigação acerca da produção e da compreensão da flexão verbal de terceira pessoa do plural, que se apresenta variável no português brasileiro (PB)¹.

De modo geral, estudos da aquisição da linguagem desenvolvidos no âmbito da psicolinguística partem da perspectiva do processamento da informação e assumem que o que é gramaticalmente relevante para a aquisição mostra-se regular e frequente no *input* da língua a ser adquirida (CORRÊA, 2007). Ainda são poucos os estudos que tomam como objeto de pesquisa a aquisição de propriedades linguísticas variáveis nas línguas naturais, apesar da relevante relação já apontada na literatura entre aquisição da linguagem, variação e mudança linguística. Segundo Lightfoot (2010), mudanças linguísticas ocorrem quando a língua a ser adquirida pela criança apresenta propriedades diferentes daquelas adquiridas pela geração de falantes adultos.

É importante considerar que o PB passa por um período de significativas alterações linguísticas no que se refere ao paradigma verbal, com a redução das formas verbais de seis para três formas (ou duas a depender da variedade), e à tendência ao preenchimento do sujeito, mesmo quando o sujeito nulo é licenciado (GALVES, 1996; DUARTE, 1996; KATO; DUARTE, 2014). É frequente na língua o uso da chamada segunda pessoa indireta, ou seja, o uso de pronomes (o pronome pessoal “tu” em algumas regiões do país e, de maneira geral, os pronomes de tratamento – “você/vocês/o(a) senhor(a)/os(as) senhores(as)”) – foneticamente realizados ou não, que, apesar de indicarem a segunda pessoa do discurso (o interlocutor), são acompanhados de verbos flexionados em terceira pessoa:

(01) O senhor precisa de ajuda?²

(02) Vocês gostam mesmo de futebol.

¹A presente tese de doutorado está inserida em um projeto de pesquisa mais amplo desenvolvido pelo NEALP (Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), intitulado “Interfaces internas e externas na aquisição e no processamento de L1 e L2: concordância e tópico/foco no PB”. As pesquisas desenvolvidas no âmbito desse projeto possuem aprovação do Comitê de Ética da Instituição. Parecer no. 1.089.048, de 21/05/2015.

²Os exemplos de 01 a 03 são nossos.

De acordo com a caracterização mais amplamente difundida na gramática normativa, o PB apresenta marcação morfofonológica redundante das relações sintáticas de concordância de número em todos os elementos internos ao DP (do inglês *Determiner Phrase*, Sintagma Determinante) passíveis de receberem flexão de número e na forma verbal:

(03) Todas as crianças brasileiras gostam de brincar.

Não é raro, porém, falantes do PB produzirem enunciados em que não há a marcação morfofonológica explícita no verbo, apesar de o sujeito estar marcado no plural:

(04) Eles *consegue* assim³.

Vale destacar, ainda, que, em diversos enunciados em que há a variação da realização morfofonológica da concordância verbal, há também a variação na realização morfofonológica da concordância nominal, ou seja, são frequentes os casos de enunciados que apresentam uma única marcação de plural, sendo a marcação explícita, em geral, no determinante:

(05) *As coisa tá cara*⁴.

Dessa forma, a flexão de número, marcada apenas no determinante (D), parece ser suficiente para veicular a noção de pluralidade do sujeito, evitando a repetição redundante da informação nos demais elementos da estrutura sintática.

As características anteriormente mencionadas se mostram relevantes para o estudo do processo de aquisição da flexão verbal de 3ª pessoa do plural no PB. Estudos descritivos, principalmente os desenvolvidos pela Sociolinguística Variacionista, destacam o caráter variável da marcação de plural no PB na fala dos adultos, tanto no âmbito do sintagma nominal, quanto na relação entre sujeito-verbo, no que diz respeito às relações de concordância de número (NARO, 1981; NARO; SCHERRE, 2007; SCHERRE, 1994; SCHERRE; NARO, 2006; para citar alguns). Tais estudos revelam que a realização variável da concordância no PB parece sofrer influência de diferentes fatores, tanto linguísticos quanto extralinguísticos.

No que se refere à variação na realização morfofonológica da concordância verbal, isto é, à manifestação variável entre marcação flexional redundante e não redundante de plural no

³Exemplo retirado de Scherre e Naro (2006).

⁴Exemplo retirado de Scherre e Naro (1998).

verbo em contextos de sujeito plural, podem-se citar, dentre os fatores linguísticos que parecem influenciar a marcação de número: (i) a distância entre o sujeito e o verbo; (ii) a posição do sujeito em relação ao verbo e (iii) a saliência fônica, que diz respeito à maior ou menor diferenciação entre as formas singular e plural de um mesmo verbo (ex.: come/comem *versus* é/são). Já no que se refere aos fatores extralinguísticos, são comumente discutidos na literatura a idade e o sexo do falante, seu nível de escolaridade, sua situação socioeconômica e sua procedência geográfica no *continuum* rural-urbano⁵. Embora a marcação não redundante de plural tenha sido, por muito tempo, associada à baixa escolaridade dos falantes, o que se pode destacar é que, em geral, a variação entre marca morfológica redundante e não redundante de plural nas formas verbais em contextos de sujeito plural é observada, em maior ou em menor grau, em falantes de diferentes regiões do país, pertencentes a diferentes níveis socioeconômicos e com graus distintos de escolaridade (SCHERRE, 1994).

Os estudos sociolinguísticos de cunho variacionista disponíveis na literatura são, contudo, quase exclusivamente, pautados na produção linguística de adultos, sendo ainda bastante raros os trabalhos desenvolvidos a partir da fala infantil (destacamos aqui o estudo de GOMES et al., 2011). Diante dessa lacuna, nossa pesquisa visa a caracterizar a produção infantil, uma vez que o caráter variável⁶ da realização da marcação flexional de número em verbos no PB suscita uma série de questionamentos quando investigamos o processo de aquisição da linguagem.

Assumimos aqui que a aquisição verbal e o processamento morfológico estão relacionados com a percepção precoce, por crianças em fase de aquisição da linguagem, de morfemas verbais recorrentes na língua (MOLINA, 2014). Os morfemas verbais são caracterizados como itens funcionais, definidos como elementos de classe fechada, frequentes na língua e que apresentam características fônicas particulares, como o fato de serem reduzidos e menos proeminentes acusticamente. A partir, portanto, da percepção de padrões frequentes na língua e de pistas distribucionais, a criança reconheceria uma nova palavra como verbo e seria capaz de segmentar formas verbais em morfemas (lexicais e gramaticais), atribuindo um conceito lexical à raiz e um conceito gramatical ao afixo verbal. Em uma situação como a anteriormente caracterizada, em que há variação na realização da marcação

⁵A caracterização do falante no *continuum* rural-urbano é proposta por Bortoni-Ricardo (2004). A autora discute as características entre as variedades linguísticas rurais, urbanas e “rurbanas” (variedade dialetal que ocupa o centro dos extremos rural e urbano por apresentar características das duas variedades).

⁶Conforme apontado por Rubio (2015), para fenômenos linguísticos serem classificados como variáveis, consideram-se frequências de variação superiores a 5% e inferiores a 95% de emprego das variantes.

explícita de plural no verbo em contextos equivalentes de sujeito plural, o *input* que a criança recebe poderia não ser suficientemente robusto quanto às informações da morfologia verbal da língua em aquisição, gerando diferenças em relação à aquisição de morfemas verbais de número quando comparado com línguas nas quais a morfologia verbal apresenta-se consistente e regular (MILLER; SCHMITT, 2009; 2012).

Deve-se salientar, ainda, que estudos desenvolvidos em línguas diversas, em que a codificação da noção de número ocorre de maneiras distintas no que diz respeito à marcação morfofonológica em verbos, como o inglês, o espanhol, o francês e o tcheco, apontam certa dificuldade, por crianças com idades entre três e seis anos, em tarefas de compreensão de morfemas verbais de número, apesar de as crianças não apresentarem problemas na produção linguística desses morfemas já a partir dos três anos de idade (JOHNSON; DE VILLIERS; SEYMOR, 2005; PÉREZ-LEROUX, 2005; LEGENDRE et al., 2010; BLÁHOVÁ; SMOLIK, 2014). Estudos experimentais desenvolvidos em línguas nas quais a marcação morfofonológica de número é realizada no verbo por meio de um sufixo apontam para uma compreensão da flexão verbal mais sistemática (isto é, para resultados acima do nível da chance) apenas a partir dos cinco e seis anos de idade. Algumas das possíveis explicações levantadas para os problemas enfrentados pelas crianças em tarefas que requerem a compreensão da flexão verbal de número incluem: dificuldades no processamento morfológico em línguas nas quais a marcação morfofonológica não é sistemática no paradigma verbal (*input* variável), aspectos da computação sintática de sistemas de concordância que demandariam habilidades assimétricas na produção e na compreensão de morfemas verbais, além de limitações pragmáticas relativas às tarefas experimentais utilizadas nas pesquisas e a dificuldades na aquisição do próprio conceito de numerosidade.

No que diz respeito ao desenvolvimento conceptual da noção de numerosidade, muitas línguas codificam a distinção entre singular e plural e o fazem de maneiras diversas. A criança em fase de aquisição precisaria identificar como a língua expressa a distinção entre “uma entidade” e “mais de uma entidade”, bem como o modo como (e se) a língua codifica morfológicamente relações de concordância. Por outro lado, o desenvolvimento da interpretação da informação de número pela criança vai além da distinção gramatical e conceitual entre *singular* e *plural*. Contextos em que há o chamado processo de “neutralização”, ou seja, contextos em que tanto o plural (ex.: “Leões são animais perigosos”) quanto o singular (ex.: “O leão é um animal perigoso”) podem fazer referência a uma entidade de maneira genérica, por exemplo, tornam a distinção entre singular e plural opaca e podem

representar uma potencial dificuldade para o mapeamento entre o número gramatical e o conceito de numerosidade ao longo da aquisição da língua, já que a interpretação de singular como “um elemento” e plural como “mais de um elemento” parece não satisfazer alguns contextos específicos. Em exemplos como “Os funcionários balançaram a cabeça” e “Três professores reprovaram um aluno”, nos quais observamos possíveis leituras distributivas, a informação morfofonológica de número gramatical também não parece ser suficiente para a compreensão do enunciado, que se mostra ambíguo. Como veremos, o desenvolvimento do conhecimento conceitual de numerosidade deve ser levado em consideração no processo de aquisição da linguagem.

Na presente tese, com vistas a discutir o processo de aquisição da flexão verbal de terceira pessoa do plural, no que diz respeito à variação característica do PB e ao processo que abarca o desenvolvimento da aquisição morfofonológica de número, buscamos, inicialmente, a partir do levantamento de *corpus*, descrever dados do *input* ao qual a criança está exposta, bem como sua produção linguística. A partir da gravação e da posterior transcrição e análise de áudios da interação entre crianças e cuidadores de classe média da zona urbana da cidade de Juiz de Fora/MG, buscamos investigar os padrões de realização da marcação de número na flexão verbal na fala de adultos com alto nível de escolarização e na fala de crianças que estão expostas frequentemente a esse *input*. A análise dos dados de produção teve como objetivo, portanto, descrever uma amostra do *input* que a criança recebe no que se refere à flexão de plural em verbos de terceira pessoa, bem como verificar em que medida a produção linguística da criança apresentaria características semelhantes à produção dos adultos. Além disso, motivadas pela relevância de fatores sociais apontados pela literatura da Sociolinguística Variacionista, tais como procedência geográfica e classe socioeconômica, buscamos descrever, além dos dados das crianças de classe média residentes em zona urbana, uma amostra da produção linguística de crianças de classe baixa residentes na zona rural da cidade de Juiz de Fora/MG. Com base na literatura sociolinguística, partimos do pressuposto de que as crianças de classe baixa da zona rural estão mais expostas a diferentes variedades da língua, na escola e em casa, por exemplo, comparadas às crianças de classe média residentes em zona urbana. Nesse sentido, buscamos verificar em que medida a fala das crianças desses dois grupos sociais poderia espelhar características do *input* que recebem.

Buscamos também investigar – por meio de metodologia experimental – se, apesar do caráter variável da marcação da concordância de número no PB, crianças, em faixas etárias previamente testadas em estudos desenvolvidos em outras línguas, identificam e interpretam

formas verbais de 3ª pessoa (singular e plural) em sentenças de sujeito nulo ou lexicalmente preenchido (Ex. Come(m) doce/A(s) criança(s) come(m) doce)⁷, mapeando as sentenças a um agente, no caso das sentenças no singular, e a dois agentes, no caso das sentenças no plural. Em conjunto, os resultados indicam que a marcação morfofonológica de plural é robusta para o mapeamento de sentenças a imagens com mais de um agente, ao passo que foram verificados um desenvolvimento no mapeamento das sentenças testadas às noções de numerosidade em função da idade e uma diferença de desempenho de grupos socioeconômicos distintos.

Como fundamentação teórica, adotamos nesta tese o arcabouço da Teoria Gerativa, assumindo a hipótese inatista para a aquisição da linguagem. Discutimos aqui diferentes propostas desenvolvidas no âmbito dessa teoria para a caracterização da concordância verbal e para a aquisição de propriedades que se apresentam variáveis no *input*.

Apresentamos, a seguir, os objetivos, as hipóteses, a justificativa e a estrutura do trabalho.

1.1 Objetivos

Nossa pesquisa apresenta os seguintes objetivos:

- Objetivo geral

Investigar a produção e a compreensão⁸ da flexão verbal de terceira pessoa do plural por crianças adquirindo o PB, discutindo o papel da variabilidade do *input*, no que se refere à marcação morfofonológica de plural, no processo de aquisição da linguagem.

- Objetivos específicos
 - i. caracterizar, a partir de um estudo longitudinal, dados de uma amostra do *input* que a criança recebe no que se refere à variação entre marcação redundante e não redundante de número no verbo em contextos de sujeito plural, considerando falantes de um grupo socioeconômico de classe média com alto nível de escolaridade residentes de zona urbana;

⁷Apesar de o morfema verbal de terceira pessoa do plural ser foneticamente realizado como uma vogal nasal ([ã], [ẽ]), adotaremos, neste trabalho, a representação gráfica “-m” para fins descritivos.

⁸Neste trabalho, utilizaremos o termo “compreensão da flexão verbal” com referência ao mapeamento entre a marcação morfofonológica de número (singular / plural) e o conceito de numerosidade (“um” / “mais de um”).

- ii. investigar, a partir desse recorte de dados, como se dá a realização da marcação variável de plural na fala de crianças desse grupo socioeconômico (classe média residente em zona urbana) em fase de aquisição do PB;
- iii. investigar também dados da produção linguística de crianças de classe baixa, coletados em ambiente escolar de zona rural, e cotejá-los com a produção linguística de crianças de classe média residentes em zona urbana, a fim de verificar a influência de fatores sociais (classe socioeconômica e procedência geográfica) na marcação flexional verbal variável no PB;
- iv. discutir, em termos teóricos, como o *input* de natureza variável é mapeado e representado pela criança no processo de aquisição da língua;
- v. investigar, por meio da metodologia experimental, em que medida crianças de diferentes faixas etárias e de grupos socioeconômicos distintos mostram-se sensíveis à identificação e à compreensão da informação morfofonológica de número e associam-na ao conceito de numerosidade;
- vi. avaliar experimentalmente em que medida a informação morfofonológica codificada apenas no verbo é suficientemente robusta para a interpretação do conceito de numerosidade do enunciado e se a informação redundante (em DP e em V) facilita a compreensão de número;
- vii. discutir os resultados experimentais obtidos com crianças adquirindo o PB e compará-los com os resultados encontrados em outras línguas, considerando as especificidades de cada língua e a metodologia empregada em cada estudo.

1.2 Hipóteses de trabalho

A hipótese de trabalho aqui adotada é a de que, na fase de aquisição, a criança exposta ao PB reconhece a marcação verbal não redundante como gramatical e produtiva na língua e a produz, uma vez que a flexão verbal variável de número está presente no *input* linguístico que a criança recebe. Além disso, partimos do pressuposto de que uma mesma criança pode ter contato com diferentes variedades da língua. Dessa forma, a variação entre os modos de realização da flexão verbal (redundante e não redundante) estaria representada na gramática da criança. A exposição à variação entre marcação redundante e não redundante da flexão

verbal poderia, no entanto, dificultar a identificação e a compreensão da marcação morfofonológica redundante em tarefas de compreensão quando comparado a línguas nas quais o *input* não apresenta variação. Fatores sociais, tais como idade e grupo socioeconômico, podem também influenciar a produção e a compreensão da marcação morfofonológica de número.

1.3 Justificativa da proposta

A presente proposta de pesquisa justifica-se pela escassez de estudos que discutam a aquisição da linguagem levando em consideração a natureza potencialmente variável do *input* linguístico. Apesar da relevância dos estudos conduzidos no contexto da Sociolinguística Variacionista acerca da flexão verbal variável no PB, que possibilitaram o reconhecimento desse fenômeno linguístico como uma possibilidade gramatical e produtiva na língua, o foco dessas pesquisas está na descrição da produção linguística dos falantes adultos cujos dados são coletados comumente em situação formal de entrevistas, havendo, ainda, uma lacuna significativa no que se refere à produção linguística de crianças em fase de aquisição da língua. Nosso trabalho busca, assim, contribuir para a caracterização tanto do material linguístico que a criança recebe como *input*, quanto de sua produção linguística a partir da análise de dados espontâneos. Já no que tange à aquisição da linguagem do ponto de vista da psicolinguística, os estudos, em geral, privilegiam a aquisição de propriedades invariantes nas línguas naturais. A aquisição verbal, em especial, é tratada, nos estudos em aquisição, a partir da discussão do reconhecimento de morfemas verbais que se mostram frequentes e sistemáticos na língua, tais como os morfemas que veiculam as noções gramaticais de tempo, modo e aspecto. Faz-se necessário, portanto, investigar a aquisição de morfemas verbais, levando em consideração a variação observada no PB quanto à alternância entre marcação redundante e não redundante de número em verbos em contextos de sujeito plural. Buscamos, portanto, colaborar com a investigação acerca da produção e da compreensão por crianças da flexão verbal que se mostra variável, conciliando os olhares da aquisição da linguagem e da sociolinguística variacionista, uma vez que, como apontado por Lightfoot (2010), a aquisição da linguagem estaria estritamente relacionada à variação e à mudança linguísticas e que a variação no modo de realização da marcação de número pode indicar mudanças mais profundas na estrutura da língua.

1.4 Organização do trabalho

O trabalho encontra-se organizado da seguinte maneira: no segundo capítulo, discutiremos os padrões variáveis da realização da flexão verbal no PB, apresentando as visões descritiva e variacionista do fenômeno, salientando, ainda, o enfraquecimento dos paradigmas verbais observado na língua e suas principais consequências a partir de estudos diacrônicos; no terceiro capítulo, apresentamos uma revisão bibliográfica de estudos com os quais o presente trabalho dialoga de forma direta, visando a problematizar o processo de aquisição verbal e o processamento morfológico por crianças, bem como discutir o desenvolvimento conceptual da noção de numerosidade, tendo em vista a variabilidade encontrada no *input* disponível para as crianças adquirindo o PB; no quarto capítulo, discutiremos a fundamentação teórica assumida neste trabalho, apresentando a concepção de língua adotada e as análises formais consideradas para tratar da flexão verbal variável no PB; no quinto capítulo, relatamos o estudo longitudinal desenvolvido e discutimos os resultados da análise da produção espontânea de crianças e adultos de classe média residentes em zona urbana, em contextos de interação, no que diz respeito à variação entre marcação redundante e não redundante de terceira pessoa do plural em verbos, bem como os resultados encontrados nos dados de produção de crianças de classe socioeconômica baixa residentes em zona rural; no sexto capítulo, reportamos a pesquisa experimental conduzida com o objetivo de investigar a identificação e a compreensão de morfemas verbais de terceira pessoa do plural; por fim, tecemos as considerações finais do estudo, destacando possíveis encaminhamentos para os desdobramentos futuros da pesquisa.

2 A MORFOLOGIA VERBAL DE NÚMERO NO PB

Como vimos anteriormente, a presente pesquisa tem como objeto de investigação a aquisição da flexão verbal variável característica do PB. Sabendo que o processo de aquisição da linguagem é iniciado a partir da exposição da criança a um *input*, para uma melhor compreensão desse processo devem-se considerar as propriedades da língua em aquisição. Nesse sentido, é essencial compreender as propriedades apresentadas pelo PB atualmente no que se refere à morfologia verbal de número e às mudanças pelas quais a língua vem passando.

No presente capítulo, descreveremos, a partir de dados coletados no estudo longitudinal desenvolvido no âmbito desta pesquisa (ver capítulo 5), o fenômeno da realização variável da marcação de plural no PB, tanto no âmbito da concordância nominal quanto na relação entre sujeito-verbo. Além disso, apresentaremos a visão variacionista do fenômeno, destacando estudos que contribuem para a discussão acerca dos fatores linguísticos e extralinguísticos salientados na literatura como relevantes na alternância da marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural. Apresentaremos também a visão diacrônica do paradigma verbal do PB, recorrendo a estudos que discutem a redução da flexão de número e sua relação com outras alterações observadas na gramática da língua, como, por exemplo, a mudança do PB de uma língua que licencia a produção de sujeito nulo para uma língua com forte tendência à realização fonética do sujeito e a rigidificação da ordem sujeito/predicado.

2.1 Descrevendo o fenômeno da flexão variável de número

Em português, diferentes informações gramaticais são codificadas pela flexão verbal. Os morfemas verbais são exclusivamente sufixos⁹, nos quais há acumulação, em um único morfema, de mais de uma informação gramatical. Deve-se destacar que os sufixos verbais

⁹O *sufixo* é o afixo acrescido na parte final do vocábulo. Por sua vez, entende-se como *afixo* “o segmento fônico, com significação própria, que entra na constituição mórfica de um vocábulo na qualidade de forma presa, acrescentando-se à raiz” (CÂMARA JR., 2009, p. 50). Alguns autores, especialmente os que trabalham a partir de uma abordagem normativa (tais como Cunha e Cintra, 2001 e Bechara, 2009), tomam os sufixos flexionais verbais como *desinências*, reservando o termo *afixos* para os processos derivacionais de vocábulos. Neste trabalho, utilizaremos o termo *sufixos flexionais verbais* para fazer referência à marcação morfofonológica dos verbos.

expressam informações de natureza modo-temporal, em que também pode estar vinculada à propriedade de aspecto¹⁰, e a informação número-pessoal.

Pode-se dizer que o morfema modo-temporal indica uma propriedade característica do verbo, isto é, as noções de tempo e modo (e, em alguns casos, aspecto, como no caso do pretérito) são adjungidas a uma raiz verbal para indicar propriedades gramaticais da ação/evento verbal. O *tempo verbal* retrata a ocasião da ocorrência do evento/da ação ao qual o verbo se refere do ponto de vista do momento da comunicação, ao passo que o *modo* indica diferentes formas assumidas pelo verbo na expressão de uma ação, de uma mudança de estado ou de situação. De maneira geral, o modo indicativo indica certeza, o subjuntivo indica dúvida ou possibilidade e o imperativo indica uma ordem (CÂMARA JR., 1980)¹¹. Por outro lado, as noções de número e de pessoa, mesmo adjungidas ao verbo, não são noções propriamente verbais, já que indicam, na verdade, propriedades do sujeito da ação ou do evento verbal.

No que diz respeito, portanto, à marcação morfofonológica de número em verbos no PB, há, considerando-se a norma padrão da língua, a marcação redundante referente à noção de singular ou plural indicada pelo sujeito, resultante do mecanismo de concordância verbal.

(06) As crianças comem doce.

Dessa forma, haveria a redundância da marcação de número singular/plural no verbo em decorrência da noção de numerosidade expressa pelo sujeito da ação ou do evento verbal, que pode ser realizado ou não foneticamente.

A despeito da caracterização normativa, no PB, constata-se que a realização da marcação morfofonológica de plural apresenta um caráter variável, tanto nas relações de concordância entre os elementos do sintagma nominal, quanto na relação entre sujeito e verbo. De modo geral, podem-se apontar duas regras para a variação na realização da marcação de número, resultante de padrões variáveis no mecanismo de concordância:

¹⁰ Como apontado por Silva e Koch (2007, p. 58), ao lado das categorias de tempo e modo, coexiste a noção de aspecto, entendida como a propriedade que tem uma forma verbal de indicar a duração do processo, ou seja, o imperfeito, referente ao aspecto inconcluso, e o perfeito, ao aspecto conclusivo.

¹¹ A visão de *modo* apontada por Câmara Jr. (1980) é a assumida pela Gramática Tradicional (GT); no entanto, devemos ressaltar que, no PB, a noção de *modo* não é trivial, já que há, por exemplo, a recorrente utilização do modo indicativo em ordens ou pedidos, nos quais pela GT deveria ser empregado o modo imperativo (como na famosa campanha publicitária de uma empresa de telefonia: “Faz um 21” no lugar de “Faça um 21”, por exemplo) e do modo indicativo também em contextos nos quais, pela GT, espera-se o uso do subjuntivo (“Carlos quer que eu *escondo* o sapato todo dia”, exemplo citado por Longchamps (2009)). Tal discussão, entretanto, foge da proposta da presente pesquisa.

i) marcação morfofonológica redundante, verificada em todos os elementos do sintagma nominal, sendo também marcado morfológicamente no verbo:

(07) As crianças comem doce.

ii) marcação não redundante, realizada pela marca de número obrigatoriamente explícita em pelo menos um elemento do sintagma nominal (geralmente, no determinante – dependendo da complexidade do DP) e pela variação no verbo, isto é, presença ou ausência da marcação morfofonológica de número na forma verbal:

(08) As criançaØ comeØ doce.

(09) As criançaØ comem doce¹².

No entanto, os exemplos abaixo seriam agramaticais na língua:

(10) *A crianças come doce.

(11) *A criança comem doce.

As restrições observadas quanto à marcação morfofonológica de plural no PB apontam para uma sistematicidade dos padrões variáveis de concordância de número, o que salienta que os aspectos da variação linguística observada na flexão verbal do PB não são aleatórios.

De maneira mais detalhada, apresentamos abaixo, a partir de exemplos coletados da produção espontânea de falantes adultos e de crianças adquirindo o PB em situação de interação¹³, padrões variáveis de marcação morfofonológica de número no PB:

- marcação morfofonológica em todos os elementos passíveis de serem flexionados em número:

(12) *os pés deles separam...* (A 3;4)¹⁴

(13) *esses são tão lindos não é?* (B 4;8,28)

(14) *e aí eles estão alegres... alegres... muito alegres...* (C 5;3,25)

(15) *elas não são Barbies...* (D 5;9,8)

¹²Apesar de o exemplo em (09) ser possível (cf. dados em (22)-(24)), a tendência de marcação não redundante é a de marcação apenas no determinante, uma vez que, de modo geral, a ausência de marca no nome leva à não marcação também no verbo.

¹³Os exemplos aqui apresentados foram extraídos do estudo longitudinal, descrito neste trabalho (ver capítulo 5), feito com quatro crianças de 3 a 6 anos de idade e seus cuidadores em situações de interação.

¹⁴Ver capítulo 5 para a descrição dos procedimentos adotados para a gravação e a transcrição dos áudios e para a identificação dos participantes. Os números indicados entre parênteses indicam a idade dos participantes quando da produção da sentença, sendo o número antes do ponto e vírgula a idade em anos, após o ponto e vírgula, a indicação de meses e, após a vírgula, a indicação de dias.

- marcação morfofonológica no sujeito pronominal e presença de flexão verbal:

(16) *elas usam* óculos... (D 5;10,9)

(17) *eles vão* de táxi? (C 5;5,23)

- marcação morfofonológica em todos os elementos do DP¹⁵ e ausência de flexão verbal:

(18) *os piratas pequenininhos* deu muita dor de cabeça no capitão Desgrude... (A 3;8)

(19) *as suas amigas* também vai...*todas*... (D 5; 9,8)

- marcação morfofonológica no sujeito pronominal e ausência de flexão verbal:

(20) *elas* fez um porco pra gente... (A 3;4)

(21) *elas* só fica em casa... (D 5;9,8)

- marcação morfofonológica de plural em apenas um elemento do DP e presença de flexão verbal:

(22) *aquelas* mecha *são* muito legal né? (C 5;4,26)

(23) a *minhas* colega *vão* ficar tudo com inveja... (C 5;4,26)¹⁶

(24) mas *as* pena *são* amarela... (adulto – D gravação 1)

- marcação morfofonológica em apenas um elemento do DP e ausência de flexão verbal:

(25) *essas* menina não arruma casa não? (adulto – D gravação 1)

(26) lá em casa *as* minha sala sempre foi pequena... (adulto – B gravação 1)

- sujeito composto e presença de flexão verbal:

(27) *é...você e o NP*¹⁷ não brigam né? (adulto – A gravação 5)

- sujeito composto e ausência de flexão verbal:

(28) a NP e a NP e a NP *briga*... (A 3;7)

(29) o tubarão e o polvo te *comeu*? (D 5;11,7)

¹⁵Em função das diferentes perspectivas teóricas adotadas nos estudos que tratam sobre a marcação flexional variável no PB, utilizaremos, na referência à concordância nominal, ora o domínio do sintagma nominal (NP, do inglês *Nominal Phrase*), ora o domínio do Sintagma Determinante (DP, do inglês *Determiner Phrase*).

¹⁶Conforme destacado por Costa e Figueiredo Silva (2003), no PB, quando o DP é formado por um determinante e por um pronome possessivo e apenas um dos elementos do DP recebe flexão, a marcação morfofonológica de plural é, em geral, realizada no possessivo. Nossos dados de produção espontânea de crianças e adultos em interação se mostram compatíveis com essa análise.

¹⁷A sigla NP (Nome Próprio) foi utilizada para substituir o nome dos participantes e de pessoas de seu convívio social, preservando, assim, suas identidades.

Cabe, ainda, destacar casos em que a alternância entre a presença e a ausência de flexão verbal é observada no enunciado de um mesmo indivíduo:

(30) porque elas (es)*tão* de repouso e não *pode* sair... (C 5;9,8)

(31) se *eles* me *pagassem* pelo menos o auxílio-maternidade e *fizesse* a rescisão...eu aceitava... (adulto – B gravação 1)

Como se pode observar, os exemplos supracitados permitem observar o caráter variável da realização da marcação flexional de número no PB em diferentes ocorrências. Os padrões variáveis da marcação flexional, resultantes dos mecanismos de concordância de número, tanto no âmbito nominal, quanto no âmbito da relação sujeito e verbo, têm sido amplamente investigados pela Sociolinguística Variacionista. Tal área de pesquisa evidenciou as discussões acerca da variação linguística e passou a reconhecer padrões não licenciados pela GT como sendo possibilidades gramaticais legítimas e produtivas na língua, como é o caso da marcação não redundante de número. Segundo Mattos e Silva (2004), a variedade da língua que conserva as normas estabelecidas pela gramática tradicional seria a variedade de uma elite cultural, constituída pela minoria da população e que compreende uma faixa etária avançada, tornando-a distinta socioculturalmente.

Após uma visão geral dos padrões de variação da marcação de número no PB, a próxima seção deste trabalho visa a discutir as contribuições da Sociolinguística para a análise do fenômeno de variação da flexão verbal e os fatores linguísticos e extralinguísticos apontados na literatura como relevantes para a alternância na marcação de plural, especificamente, em verbos de terceira pessoa.

2.2 A abordagem variacionista da marcação de plural em verbos de terceira pessoa

Muitos são os estudos no âmbito da Sociolinguística Variacionista que se dedicam à descrição e à análise do fenômeno variável da concordância no PB, tanto nominal quanto verbal. Os estudos sociolinguísticos sobre o tema abrangem diferentes comunidades linguísticas (NARO; SCHERRE, 2007; BRANDÃO; VIEIRA, 2012; RUBIO, 2015; VIEIRA, 2015 – para variedades do português em diferentes comunidades lusófonas; NICOLAU, 1984; FERNANDES, 1996; RODRIGUES, 2004; SCHERRE; NARO, 1992; 1993; 1998; 2000;2006; NARO; SCHERRE, 1991; 1993; 1999; SOARES, 2006; FARIA 2008; MONGUILHOTT, 2009 – para diferentes variedades do PB, para citar alguns), traçando um

amplo panorama do fenômeno, em especial, no território nacional, que sugere que a variação na marcação morfofonológica de plural é não só variável em diferentes regiões do país, mas também na fala de um mesmo indivíduo.

No que se refere à concordância verbal, destacamos, para os objetivos desta pesquisa, primeiramente, os trabalhos pioneiros de Lemle e Naro (1977) e Naro (1981). O trabalho de Lemle e Naro (1977) investigou a marcação flexional variável em sujeito e verbo em contextos de terceira pessoa do plural na fala de 20 adultos semiescolarizados moradores da área urbana da cidade do Rio de Janeiro/RJ. A partir da análise, de cunho sociolinguístico, da fala dos participantes, os autores estabeleceram fatores linguísticos e extralinguísticos que poderiam influenciar a ocorrência dos padrões variáveis encontrados nos dados. A saliência fônica verificada na oposição entre as formas de singular e plural de um mesmo item foi apontada como um dos fatores linguísticos que influenciam a variação na marcação morfofonológica de plural no verbo. Verificou-se que, quanto menor a saliência fônica da oposição singular/plural da forma verbal, mais frequente é a ausência de concordância¹⁸. Dessa forma, quando há maior saliência fônica nas formas verbais de singular/plural, maior é a ocorrência da aplicação das regras de concordância redundante. A dimensão mais significativa da escala de saliência fônica na oposição singular/plural em verbos pode ser delimitada em dois grandes grupos: um em que os segmentos fonéticos que realizam a oposição são não acentuados em ambos os membros (ex.: fala/falam; falava/falavam; come/comem) – considerado primeiro nível de saliência e, portanto, [-saliente] – e outro em que os pares apresentam segmentos acentuados em pelo menos um membro da oposição (ex.: disse/disseram; fez/fizeram; é/são) – considerado segundo nível e, portanto, [+saliente]. Vale destacar que, em um trabalho recente, Vieira e Bazenga (2015), considerando diferentes variedades do português, como na comparação entre PB, português europeu (PE) e o português são-tomense (PST), destacam que o efeito da saliência fônica parece ser relevante apenas nas variedades brasileiras.

Outro fator linguístico apontado como relevante para a concordância verbal variável em contextos de terceira pessoa do plural foi a posição do sujeito em relação ao verbo. Segundo os autores, os verbos com sujeitos antepostos apresentam mais marcações flexionais explícitas do que aqueles com sujeitos pospostos. Resultados experimentais obtidos por meio

¹⁸Nos trabalhos sociolinguísticos de cunho variacionista, o termo “ausência de concordância” refere-se à realização da marcação não redundante de plural. Conforme veremos no capítulo 4, defendemos, a partir da teoria gerativa, que mecanismos de concordância atuam mesmo quando o resultado do processo é uma marcação morfofonológica não redundante no verbo.

de um teste de leitura automonitorada reforçam a ideia de que sujeitos antepostos favorecem a ocorrência de concordância redundante no PB, ao passo que sujeitos pospostos licenciam a marcação não redundante do verbo (NONATO et al, 2018; em prep.).

No que tange aos fatores extralinguísticos destacados pelo estudo de Lemle e Naro (1977), sexo, idade e classe social mostraram-se relevantes. Os dados apontam para maior aplicação da regra de realização morfológica redundante por falantes do sexo feminino e na fala de pessoas de faixa etária mais elevada. Além disso, as classes menos favorecidas do ponto de vista socioeconômico seriam as que mais apresentam marcação não redundante.

Naro (1981), ampliando os dados inicialmente analisados em Lemle e Naro (1977), sustenta a relevância do fator saliência fônica anteriormente apresentado e acrescenta a distância entre sujeito e verbo como fator linguístico capaz de influenciar a aplicação das regras de concordância redundante e não redundante. Nesse sentido, quanto maior a distância entre sujeito e verbo, maior é a probabilidade de ocorrência de marcação não redundante, ou seja, de não haver a marcação explícita de plural no verbo.

Naro e Scherre (2007), por sua vez, apresentam resultados que são analisados a partir de uma escala de distância que considera a posição do sujeito em relação ao verbo, considerando três níveis de material fônico interveniente: de zero a duas sílabas, de três a dez sílabas e de mais de dez sílabas. A escala aponta para a gradual perda de concordância redundante à medida que o núcleo do sintagma nominal (SN) sujeito fica mais distante do verbo. Resultados experimentais também se mostram compatíveis com a hipótese de que a distância linear entre sujeito e verbo teria um papel relevante na alternância entre os padrões de marcação da concordância no PB (HENRIQUE, 2016; MARCILESE et al., 2017).

Já Naro e Scherre (1999) destacam também o traço +humano do sujeito como fator relevante para a aplicação da regra de realização redundante da flexão verbal. Postula-se que a marcação explícita de número plural no verbo é favorecida quando o sujeito do enunciado apresenta o traço [+humano], se comparado a enunciados cujos sujeitos apresentam traço [-humano]. Brandão e Vieira (2012), Vieira (2013) e Mendes e Oushiro (2015) preferem considerar relevante o traço de animacidade do sujeito. Dessa forma, sujeitos [+humano] (ex.: *homem*) e [+animado] (ex.: *peixe*), que funcionam, em geral, como agentes da oração, favorecem a realização da marca de plural no verbo, enquanto que os sujeitos caracterizados como [-humano] e [-animado] (ex.: *barco*, *caderno*) favorecem a marcação não redundante.

Ainda no que se refere a fatores linguísticos, postula-se também a influência do princípio do paralelismo linguístico, segundo o qual “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” (POPLACK, 1980; SCHERRE, 1994; 1998; VIEIRA, 2013; MENDES; OUSHIRO, 2015). Em outras palavras, quanto mais marcas houver em elementos precedentes, maior a probabilidade de haver a marcação explícita de número em elementos subsequentes. Vieira (2013) destaca o paralelismo linguístico em dois níveis: no nível oracional (do sujeito para o verbo) e no nível discursivo (de verbo para verbo). No nível oracional, o menor número de marcas explícitas de plural no sujeito levaria à ausência de marcas de plural no verbo:

(32) *os peixe nada velozmente*¹⁹.

A esse respeito, Naro e Scherre (2007) destacam que a presença de marca explícita de plural no último elemento do SN sujeito favorece a marca explícita de plural no verbo. Já o paralelismo no nível discursivo refere-se ao fato de a ausência da marca de plural em um verbo, considerando-se a menção a uma série de verbos, levar a não realização da marca de plural no verbo seguinte:

(33) *os peixe pula, corre, nada sem parar*.

Considerando a influência de fatores extralinguísticos para a aplicação variável das regras de concordância no PB, o fator anos de escolarização é apontado por Scherre e Naro (1998; 2006) como fator relevante para a ocorrência de marcação redundante, tanto no âmbito verbal quanto no nominal. Dessa forma, quanto maior for o grau de escolarização formal do falante, maior será a aplicação de regras de concordância redundante, ou seja, em contextos de sujeito plural, maior será a marcação redundante de número no verbo. Além disso, como discutido por Bortoni-Ricardo (2004), falantes nativos e residentes em áreas rurais tendem a realizar a marcação morfofonológica não redundante no verbo se comparados a falantes nativos e residentes de áreas urbanas.

De maneira geral, os estudos sociolinguísticos, de cunho descritivo, apontam que o sexo e a faixa etária do falante influenciam a alternância na marcação de plural no verbo, decorrente do processo de concordância. Nesse sentido, as mulheres parecem utilizar com maior frequência a concordância redundante do que os homens e as pessoas em idade de inserção ou de consolidação no mercado de trabalho, ou seja, em idade profissionalmente

¹⁹Os exemplos (32) e (33) foram retirados de Vieira (2013, p. 88).

produtiva, também estariam mais pressionadas a utilizarem mais frequentemente a concordância redundante (SCHERRE; NARO, 1998).

Segundo Rubio (2012, p. 68), “a variação implica o uso alternante de formas distintas para se transmitir o mesmo valor de verdade”. Nesse caso, para a concordância verbal, duas variantes, ou seja, marcação morfofonológica redundante ou não redundante no verbo em contextos de sujeito plural, consistem em uma variável linguística, cujos valores são postulados por falantes ou grupos sociais considerados “superiores” (RUBIO, 2012). Ressalta-se que a forma redundante de concordância no PB é a forma prestigiada socialmente, ao passo que a forma não redundante mostra-se fortemente estigmatizada. A esse respeito, Bagno (2008, p. 12) discute que os valores atribuídos às variedades linguísticas são socialmente construídos a partir das variedades prestigiadas, utilizadas pela classe dominante, “faladas pelos falantes de maior poder aquisitivo, de maior nível de escolarização e de maior prestígio sociocultural”, não tendo nenhuma validade do ponto de vista linguístico. Como mencionado anteriormente, o caráter variável do fenômeno de concordância no PB está presente na fala da grande maioria dos falantes da língua, em menor ou em maior grau. O que se deve destacar é que, em diferentes regiões do país, o fenômeno é descrito em termos bastante similares, no que diz respeito aos fatores linguísticos e extralinguísticos que o influenciam, conforme apontado por estudos que abarcam diferentes comunidades linguísticas do Brasil (NICOLAU, 1984; FERNANDES, 1996; RODRIGUES, 2004; SCHERRE; NARO, 1992; 1993; 1998; 2000; 2006; NARO; SCHERRE, 1991; 1993; 1999; SOARES, 2006; FARIA 2008; MONGUILHOTT, 2009 – para citar alguns). Além disso, a variação é constatada na fala de um mesmo indivíduo. Alguns fatores, como o grau de formalidade do contexto de fala e o grau de monitoramento do discurso, influenciam o nível de consciência linguística do falante, fazendo com que haja, em geral, um “esforço” na produção da variedade de prestígio social da língua, isto é, na aplicação da concordância redundante. O grau de monitoramento do discurso, por exemplo, é maior quando há contextos de situações profissionais ou de fala em público ou quando a fala é intermediada por textos escritos. Tudo isso faz com que o falante que domina diferentes variedades da língua possa eleger a variedade linguística mais apropriada para uma determinada ocasião. No entanto, Scherre (1994, p. 11) afirma que “a variação na concordância do português falado no Brasil está definitivamente internalizada nas mentes de seus falantes”, chegando a se manifestar em contextos mais formais da escrita padrão, inclusive em textos escritos em PE.

Cardoso e Cobucci (2014, p. 91) destacam que “a melhor forma de entender a variação da concordância de número no PB é o cruzamento dos diversos fatores que a influenciam”. Considerando, portanto, a visão sincrônica de que a marcação morfofonológica de plural em verbos pode ser realizada de maneira redundante ou não redundante pelos falantes de diferentes variedades linguísticas em decorrência de fatores de natureza linguística e social e que os estudos sociolinguísticos, de cunho variacionista, são pautados em *corpora* constituídos por entrevistas entre adultos, pode-se destacar que ainda são poucos os estudos que visam a discutir a aquisição de primeira língua/L1 a partir de um *input* variável. Nosso trabalho busca discutir o papel da variação linguística no processo de aquisição da linguagem, mais especificamente no que se refere à produção, à identificação e ao mapeamento semântico de morfemas flexionais verbais de número.

Para a investigação da aquisição da morfologia verbal de número que apresenta caráter variável no PB, torna-se imprescindível discutir a redução das flexões verbais de número ao longo do tempo. A visão diacrônica dos paradigmas verbais da língua permite-nos refletir acerca das conseqüentes mudanças observadas no PB no que concerne, por exemplo, ao licenciamento de sujeito nulo, para que possamos compreender algumas das características observadas na gramática a qual a criança em fase de aquisição da linguagem está exposta. O enfraquecimento dos paradigmas verbais e suas conseqüências são tratados a seguir.

2.3 Mudanças em curso: a visão diacrônica do enfraquecimento dos paradigmas verbais

O PB vem sofrendo, como discutido por Duarte (1996), uma gradual redução dos paradigmas flexionais verbais, que passaram, inicialmente, de seis formas distintivas para quatro formas, com a perda do traço distintivo de 2ª pessoa:

(34) cant-**o**, canta-**s**, canta-**Ø**, canta-**mos**, canta-**is**, canta-**m**.

(35) cant-**o**, canta-**Ø**, canta-**mos**, canta-**m**.

O pronome *vós* (2ª pessoa do plural), atualmente restrito a pouquíssimos contextos de escrita (como o contexto religioso, por exemplo), foi substituído pelo pronome de tratamento *vocês*, estabelecendo uma relação de concordância com o verbo na 3ª pessoa do plural (formando a 2ª pessoa indireta do plural). Já o pronome *tu* (2ª pessoa do singular) é substituído pelo pronome de tratamento *você*, cuja concordância se dá com o verbo na 3ª

pessoa do singular (2ª pessoa indireta do singular). Vale destacar que, em algumas regiões do Brasil, o pronome de 2ª pessoa *tu* é mantido. No entanto, mesmo com a manutenção do pronome *tu*, o verbo é flexionado, majoritariamente, na terceira pessoa do singular, como já descrito por Duarte (1996) e Figueiredo Silva (1996). Além disso, Duarte (1996) destaca que, em algumas variedades da língua, há uma mudança do paradigma flexional verbal para um paradigma de três formas (cant-**o**, canta-**Ø**, canta-**m**), se considerada a inserção da expressão *a gente* no lugar do pronome pessoal *nós*. Costa e Figueiredo Silva (2003) apontam ainda para um quarto paradigma, no qual haveria apenas duas formas verbais distintas: a que distingue a 1ª pessoa do singular (cant-**o**) de todas as outras pessoas do discurso (canta-**Ø**), considerando a variação linguística observada nas construções de 3ª pessoa do plural (eles andam ~ eles anda). Tal paradigma, no entanto, pode ser considerado como característico de algumas variedades da língua ainda socialmente estigmatizadas.

Em geral, o PB apresenta variação entre marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural, como já discutido. Tal variação não seria registrada, pelo menos não com a mesma frequência e intensidade, no PE. Castilho (2010, p. 394), por exemplo, descreve que os sufixos número-pessoais do PB limitam-se, atualmente, a um contraste geral entre três formas {-o/Ø/vogal nasal} (ex.: eu falo; você/ele/a gente fala; eles falam), ao passo que, no PE, o contraste entre seis formas diferentes é mantido (ex.: eu falo; tu falas; ele fala; nós falamos; vós falais; eles falam).

O quadro a seguir compila o processo de evolução dos paradigmas verbais no PB a partir dos trabalhos de Duarte (1996) e Costa e Figueiredo Silva (2003):

Quadro 1: Síntese da evolução nos paradigmas flexionais no PB
(DUARTE, 1996; COSTA e FIGUEIREDO SILVA, 2003)²⁰

Pessoa	Número	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3	Paradigma 4
1ª	singular	cant-o	cant-o	cant-o	cant-o
2ª direta	singular	canta-s	-----	-----	-----
2ª indireta	singular	canta-Ø	canta-Ø	canta-Ø	canta-Ø
3ª	singular	canta-Ø	canta-Ø	canta-Ø	canta-Ø
1ª	plural	canta-mos	canta-mos	canta-Ø	canta-Ø
2ª direta	plural	canta-is	-----	-----	-----
2ª indireta	plural	canta-m	canta-m	canta-m	canta-Ø
3ª	plural	canta-m	canta-m	canta-m	canta-Ø

²⁰Inserimos, no quadro apresentado por Duarte (1996, p. 109), o quarto paradigma referente à distinção da primeira pessoa de todas as demais pessoas do discurso, verificada em algumas variedades da língua, conforme apontado por Costa e Figueiredo Silva (2003).

Vale destacar que, ao tratar o atual paradigma verbal do PB, de maneira categórica, como sendo composto por três formas flexionais {-o/Ø/vogal nasal}, Castilho (2010) ignora a produção do pronome *nós* e a flexão verbal de 1ª pessoa do plural, sugerindo que tal forma pronominal não é, atualmente, produzida pelos falantes do PB. Tal suposição não é sustentada por estudos de análise de *corpus*, inclusive pelo estudo longitudinal realizado neste trabalho (ver capítulo 5), que aponta para a produção de primeira pessoa do plural por adultos, apesar de não haver nos dados a produção de primeira pessoa com o pronome *nós* pelas crianças de classe média, residentes em zona urbana, e de o número de ocorrências da expressão “a gente” ser substancialmente superior às do pronome “nós” na fala dos adultos. Além disso, Castillo descarta a concordância feita, em muitas variedades da língua, entre a forma pronominal *nós* e a flexão verbal de 3ª pessoa do singular. Tal concordância foi também atestada em nosso estudo de produção espontânea na fala de crianças de quatro anos de idade provenientes da zona rural da cidade de Juiz de Fora/MG em contexto de sala de aula, que produziram os seguintes enunciados: “*Nós não trouxe...*” (quando perguntado pela professora quem havia levado o livrinho para a escola) e “Depois *nós vai* no parquinho?” (ao questionar a professora se naquele dia a turma iria ao parquinho da escola). Foi encontrada também, em nossos dados longitudinais com gravação de áudio entre crianças e seus cuidadores, uma ocorrência de concordância feita entre a expressão “a gente” com a forma verbal de 1ª pessoa do plural: “a gente viramos amigos...” (produção – criança D 6;2,8).

Figueiredo Silva (1996) afirma, a respeito da morfologia verbal do PB, que há a manutenção da concordância de primeira pessoa do plural quando o sujeito da frase combina o pronome de primeira pessoa do singular com um sintagma nominal ou um pronome, como em “João e eu vamos na festa”, e em respostas afirmativas a questões colocadas para a segunda pessoa do plural (– “Vocês vão na festa” – “Vamos”).

Para Galves (1996), a simplificação do paradigma flexional verbal estaria gerando uma concordância fraca entre sujeito-verbo, resultante da perda do traço semântico na categoria gramatical de pessoa, restando apenas o traço sintático, com um valor positivo e um valor negativo. O traço de pessoa seria, sob essa análise, puramente sintático, já que não mais se representa na flexão verbal a oposição entre 1ª, 2ª e 3ª pessoas. Haveria, desse modo, apenas uma oposição binária entre pessoa marcada (1ª) e pessoa não marcada (3ª), combinada com a oposição de número singular/plural. Assim, o traço de número, combinado ao traço sintático de pessoa, resultaria em quatro possibilidades de marcação número-pessoal:

- (36) [+ pessoa / - plural] - o
 [+ pessoa / + plural] - mos
 [- pessoa / + plural] - m
 [- pessoa / - plural] - Ø

Segundo tal perspectiva, a forma verbal de 3ª pessoa, na verdade, não especificaria uma noção semântica de pessoa do discurso, já que pode fazer referência à 1ª pessoa do plural (*a gente e nós* – em algumas variedades da língua), à 2ª pessoa do singular ou do plural (*você/vocês*, em contextos de marcação verbal não redundante de plural) e à 3ª pessoa do singular ou do plural (*ele(a)/eles(as)*), em contextos de marcação verbal não redundante de plural). Em outras palavras, a ausência da 2ª pessoa tornaria a concordância no PB fraca morfológicamente, ao passo que as diferentes interpretações para a terceira pessoa do singular, ou seja, a indeterminação do referente da 3ª pessoa, tornariam a concordância fraca semanticamente, o que demandaria que, em casos de sujeito nulo, a interpretação de pessoa seja feita a partir do contexto discursivo, diferentemente do que se observa no PE, em que há a manutenção da 2ª pessoa no paradigma verbal, o que possibilita a interpretação de pessoa a partir da marcação morfofonológica no verbo.

Holmberg e Roberts (2013), mais recentemente, discutem a relação entre sintaxe e morfologia e destacam, a partir da análise comparativa do inglês antigo e do inglês moderno, que há uma tendência de a morfologia flexional do verbo desaparecer ao longo do tempo, levando ao conseqüente desaparecimento da realização explícita de concordância do verbo com o sujeito. A gradual mudança de uma morfologia rica para um sistema flexional mais restrito envolveria mudanças mais profundas na gramática da língua, como, por exemplo, a posição do verbo na sentença, já que, segundo a argumentação dos autores baseada em exemplos de diversas línguas, existiria uma correlação entre a complexidade da morfologia flexional e a ordem das palavras na estrutura da sentença.

Vale destacar também que a teoria gerativa postula uma relação entre a riqueza morfológica dos paradigmas verbais de uma língua com a possibilidade de ocorrência de sujeito nulo. Nesse sentido, as línguas naturais poderiam ser caracterizadas a partir do parâmetro *pro-drop*, segundo o qual línguas que apresentam riqueza morfológica permitem a não realização fonética do sujeito em sentenças com tempo finito (línguas chamadas de *pro-drop*, como o italiano), ao passo que há línguas nas quais a realização fonética do sujeito é exigida (línguas não *pro-drop*, como o inglês). Holmberg e Roberts (2013), no entanto,

destacam, ainda, as línguas *pro-drop radicais*, as quais não possuem morfologia flexional, mas licenciam sujeito nulo, como é o caso do chinês – língua analítica em que as raízes verbais são invariáveis e as noções gramaticais são expressas por meio de pronomes ou de “partículas” de diferentes tipos.

No caso do PB, a redução nos paradigmas flexionais levaria a uma mudança da língua dentro do parâmetro *pro-drop*, isto é, de uma marcação positiva para uma marcação negativa. Se a riqueza flexional de uma língua possibilita a omissão do sujeito em sentenças finitas, com a redução de formas verbais distintas para pessoa e número, haveria uma maior ocorrência do sujeito foneticamente realizado na sentença (DUARTE, 1996).

Kato (2001) destaca que, em casos de duplicação do sujeito, há uma tendência de os falantes do PB preferirem sujeitos pronominais plenos a sujeitos pronominais nulos, como em:

(37) *Ele*, Maria não acredita que *ele* vem²¹.

Segundo tal análise, no PB, o pronome forte sujeito e o pronome fraco sujeito são homófonos, ao passo que, no PE, o fraco é o próprio afixo, não havendo a duplicação:

(38) *Ele*, Maria não acredita que vem.

Nesse sentido, entende-se que se criou um paradigma de pronomes fracos quase homófonos aos fortes, deixando os afixos de concordância de atuar como pronominais, ao contrário do que acontece no PE, em que o afixo de concordância atua como pronome fraco em casos de sujeito nulo. O fenômeno da duplicação do sujeito reforça, assim, os indícios da forte tendência de os falantes do PB preencherem foneticamente a posição de sujeito:

(39) O papai_i disse que ele_i vem.

Duarte (1996) apresenta uma análise diacrônica acerca da simplificação do paradigma verbal no PB e da conseqüente alteração no uso de sujeito nulo a partir de trechos de peças teatrais escritas entre 1845 e 1992. Segundo a autora, tais textos representam uma tentativa de registrar, na fala das personagens, características da variedade popular da língua da época, refletindo-se, assim, na escrita, possíveis estágios da língua falada. O que se observa nos resultados é a gradual preferência pelo preenchimento fonético do sujeito à medida que também é constatada a simplificação nos paradigmas verbais.

²¹Os exemplos de (37) a (39) são citados por Kato (2001).

Além da tendência ao não preenchimento de sujeitos pronominais, Kato (2005) destaca outras propriedades de línguas tipicamente *pro-drop* que já não são características do PB, como a inversão sujeito/predicado:

(40) Chegaram as cartas²².

(41) Comprou um carro novo o João.

e o movimento longo do clítico:

(42) O Pedro não me vai convidar.

O enfraquecimento do paradigma flexional verbal do PB estaria, portanto, alterando a gramática da língua, que apresentaria propriedades contrárias às apresentadas pelas línguas *pro-drop*. Segundo Kato (2005), sentenças como a mencionada em (43) poderiam ser interpretadas como um indicativo de que as construções de inversão sujeito/predicado teriam sido reanalisadas pelos falantes da língua como construções impessoais, já que apresentariam, no entendimento da autora, ausência de concordância verbal:

(43) Chegou os ovos.

Outro exemplo de mudança na gramática da língua seria a produção de sentenças com movimento curto do clítico, como em (44):

(44) A mamãe não vai me levar.

Em um trabalho mais recente, Kato e Duarte (2014) argumentam que as mudanças pelas quais a sintaxe do PB vem passando e as variações observadas na língua podem ser explicadas não apenas por uma mudança em curso, mas também como propriedades de uma gramática estável que pode ser caracterizada em termos de restrições semânticas de referencialidade e de propriedades morfossintáticas. As autoras apresentam uma proposta de análise segundo a qual o PB seria uma língua de sujeito nulo parcial. Nesse caso, quanto mais referencial for o sujeito, maior é a expectativa de realização da forma preenchida. As autoras sugerem uma alteração no princípio “Evite pronomes”, postulado por Chomsky (1981), para o princípio “Evite pronomes não-referenciais”. Conforme proposto por Cyrino, Duarte e Kato (2000), verifica-se uma assimetria em dois processos de mudança no PB: a tendência ao preenchimento da posição de sujeito e à omissão do objeto. Nesse sentido, haveria uma hierarquia de referencialidade que licenciaria o sujeito nulo no PB. Segundo tal hipótese, os

²²Exemplos (40) a (44) são citados por Kato (2005).

argumentos [+N+humano] estariam em uma posição mais alta na hierarquia, se comparados com os elementos não argumentais. No que se refere aos pronomes, uma vez que o enunciador (“eu”) e o interlocutor (“você”) são inerentemente humanos, a 1ª e a 2ª pessoas pronominais estariam na posição mais alta da hierarquia de referencialidade, ao passo que o pronome de 3ª pessoa, que pode fazer referência a proposições, estaria em uma posição baixa da hierarquia. Além disso, o traço [±específico] também entraria em interação com os demais traços. Desse modo, quanto mais referencial, maior é a possibilidade da ocorrência de sujeito foneticamente preenchido.

Kato e Duarte (2014) destacam, ainda, que, como consequência do enfraquecimento do paradigma flexional verbal, o PB estaria apresentando um comportamento de línguas de proeminência de tópico. Nesse sentido, sentenças impessoais que apresentam um expletivo nulo estariam em variação na língua com sentenças com um tipo de construção pessoal, como mostram os exemplos abaixo:

(45) Ø_{expl} chove muito nessas florestas²³.

(46) Nessas florestas chovem muito.

O exemplo (46) evidencia que o tópico no plural pode desencadear, dependendo da variedade linguística do falante, a concordância de número. Demais trabalhos, como os de Duarte (2003), Costa, Rodrigues e Augusto (2012) e de Costa, Augusto e Rodrigues (2014), destacam a crescente tendência do PB de estabelecer a concordância do verbo com um elemento à sua esquerda. Segundo tais análises, a mudança paramétrica em direção ao preenchimento da posição do sujeito estaria ainda mais ampla, uma vez que construções existenciais, em que se espera teoricamente uma posição vazia, representada, segundo a teoria gerativa, por um pronome expletivo nulo, passam a apresentar com maior frequência elementos à esquerda de V. Desse modo, sintagmas adverbiais, sintagmas preposicionados, constituintes topicalizados e SNs nominais e pronominais são alçados para a posição de sujeito, como em:

(47) Em Brasília, tem muito prédio²⁴.

(48) Brasília tem muito prédio.

(49) Porque você vê apartamento aqui na zona sul sendo assaltado.

²³Os exemplos (45) e (46) foram retirados de Kato e Duarte (2014).

²⁴Os exemplos (47)-(49) são citados por Duarte (2003).

e, em construções com verbos meteorológicos, tradicionalmente classificados como verbos impessoais, que não deveriam, portanto, apresentar sujeitos preenchidos no português:

(50) Essa janela não venta muito²⁵.

Ainda sobre a alteração no parâmetro de sujeito nulo no PB, Lunguinho e Medeiros Júnior (2009) argumentam que a perda dos clíticos, o enfraquecimento do paradigma verbal e a rigidificação da ordem sujeito-verbo-objeto estariam gerando mudanças na construção de sentenças caracterizadas pela indeterminação do sujeito. No lugar das estratégias apontadas pela GT para a construção de sentenças em que há a indeterminação do sujeito, os autores ressaltam duas estratégias alternativas para promover construções nas quais não se sabe ou não se deseja informar a referência do sujeito sobre o qual se faz uma declaração.

Segundo a GT, a indeterminação do sujeito é construída por meio de um verbo transitivo direto na terceira pessoa do plural sem qualquer antecedente referencial ou pela presença de verbo transitivo indireto, intransitivo ou de ligação na terceira pessoa do singular acompanhado do pronome *se*, caracterizado como índice de indeterminação do sujeito, conforme ilustrado nos exemplos (51) e (52):

(51) Montaram o armário lá em casa na semana passada²⁶.

(52) Precisa-se de empregada.

Segundo a análise de Lunguinho e Medeiros Júnior (2009), falantes do PB têm optado por estratégias diversas das apresentadas pela GT. Uma dessas estratégias evidencia a tendência geral da língua em preencher a posição de sujeito ao promover a indeterminação do sujeito por meio de sintagmas ou pronomes com significação indeterminada:

(53) *Aí você se descuida e vem todo mundo em cima de você.*

(54) *Alguém roubou meu lanche.*

(55) *O pessoal vem, come pra caramba e ainda sai reclamando.*

A segunda estratégia apontada pelos autores seria a construção composta por um verbo transitivo flexionado na terceira pessoa do singular sem o pronome *se*, o que seria rejeitado pela GT. Os exemplos de (56) a (59) ilustram tais construções:

(56) *pro montou o armário lá em casa semana passada.*

²⁵Exemplo citado por Costa, Rodrigues e Augusto (2012).

²⁶Os exemplos de (51) a (62) são citados por Lunguinho e Medeiros Júnior (2009).

- (57) *pro*telefonou aí da CEB para você.
 (58) Joga-se búzios e *pro*faz amarração para o amor.
 (59) *pro*Não tá mais contratando gente para trabalhar.

A nova estratégia de indeterminação do sujeito seria consequência de uma confluência de fatores. O enfraquecimento da concordância verbal no PB teria levado a uma identificação superficial entre as construções de indeterminação do sujeito (verbo na 3ª pessoa do singular com a partícula *se*) e as passivas sintéticas (segundo a GT, composta de verbo na 3ª pessoa em concordância com o sujeito paciente seguido da partícula apassivadora *se*). No entanto, a variação observada na língua no que se refere à concordância verbal teria levado à ambiguidade de análise do *input*, uma vez que o verbo na 3ª pessoa do singular pode ser interpretado como sendo resultado da concordância com o sujeito paciente pós-verbal.

- (60) Precisa-se de balconistas (sujeito indeterminado).
 (61) Vendem-se casas (passiva sintética).
 (62) Vende-se casas (estrutura de indeterminação do sujeito).

Além disso, os autores consideram que a rigidificação da ordem sujeito-verbo-complemento pode ser a responsável por uma reanálise da estrutura das passivas sintéticas, de modo que os falantes do PB interpretariam o sujeito paciente após o verbo como objeto em função da posição pós-verbal, que favoreceria a interpretação de complemento. Nesse sentido, os falantes do PB tenderiam a interpretar sentenças como as do exemplo (61) como construções de indeterminação do sujeito em oposição a uma leitura passiva.

Os autores destacam, ainda, que a queda dos clíticos no PB teria gerado a perda do pronome *se* em ambas as funções de índice de indeterminação do sujeito e de pronome apassivador, resultando, assim, na aproximação dessas duas estruturas (indeterminada e passiva) que se mesclam em uma construção invariante composta por verbo na terceira pessoa do singular e por objeto.

Considerando agora fatores semânticos, Lunguinho e Medeiros Júnior ressaltam que as construções apontadas nos exemplos (56)-(59) podem ser divididas em dois grupos de sentenças com interpretação indeterminada: uma cuja interpretação é genérica; e outra cuja interpretação permite uma leitura episódica. Os autores afirmam que as sentenças com verbo no presente do indicativo (exemplos (58) e (59)) seriam interpretadas com uma leitura genérica, ao passo que as sentenças com verbo no pretérito perfeito do indicativo (exemplos

(56) e (57)) levariam a uma leitura episódica. A interpretação, portanto, do caráter genérico/episódico da categoria vazia *pro* estaria no operador temporal, já que o presente no PB não seria usado com tanta frequência como operador temporal e sim utilizado com o objetivo de descrever estados e hábitos. Já o pretérito perfeito favoreceria a leitura com foco no evento em que, apesar de indeterminado, há a noção de um sujeito agentivo²⁷.

Outro fator semântico apontado no estudo é a variação de interpretação entre sujeito realizado e sujeito nulo. Os autores ponderam que os sujeitos nulos no PB ficam restritos a orações encaixadas, ao passo que, em orações matrizes, a determinação do sujeito, que já não pode ser identificada pela morfologia verbal, é necessariamente expressa pela realização fonética do sujeito, como exemplificado pelas sentenças abaixo:

(63) *Vai para casa.

(64) A menina_i disse que _____i vai para casa.

Como mencionado anteriormente, Duarte (1996) relaciona a redução nos paradigmas verbais do PB à crescente realização de sujeitos preenchidos em um estudo diacrônico. Com base nessa relação, poderia se prever que, diante da simplificação dos paradigmas flexionais, o preenchimento da posição de sujeito funcionaria como estratégia compensatória, buscando expressar no sujeito a perda da marcação flexional no verbo. Naro e Scherre (2007), no entanto, a partir da análise de dados de fala de diferentes *corpora*, encontraram a tendência a um maior preenchimento da posição de sujeito quando há marcação explícita de número no verbo. Em outras palavras, a ausência de morfema de plural nos verbos não tende a favorecer o preenchimento do sujeito pronominal. Tais resultados parecem apontar para um mecanismo de preenchimento do sujeito a partir do princípio do paralelismo linguístico, ou seja, se um elemento é marcado explicitamente para número, haverá a manutenção de marcas redundantes de plural nos elementos subsequentes. Naro e Scherre (2007, p. 175) afirmam que “é naturalmente mais fácil para o falante estabelecer a concordância verbal quando o sujeito semanticamente plural está expresso na forma superficial [...]”.

Por outro lado, constatou-se que o uso do sujeito nulo é favorecido quando há a manutenção da mesma referência no discurso, se comparada à menção isolada ou à mudança de referente. Além disso, os autores destacam que foi possível observar que o uso do sujeito nulo é favorecido quando as formas verbais apresentam maior saliência fônica na oposição

²⁷Voltaremos a essa discussão ao reportar os resultados das atividades experimentais desenvolvidas no âmbito desta tese (ver capítulo 6).

singular/plural, como é o caso de oposições consideradas mais salientes, encontradas, por exemplo, em “falou/falaram”, se comparadas a oposições menos salientes, como em “fala/falam” ou “falava/falavam”, conforme foi discutido na subseção anterior. Naro e Scherre (2007) concluem, portanto, que a presença de pronome sujeito explícito levaria a uma maior aplicação das regras de marcação da flexão verbal. Dessa forma, seria mais frequente “eles falaram” do que “eles falou”.

Em conjunto, os estudos resenhados aqui apontam para uma mudança no licenciamento do sujeito nulo no PB, passando de uma língua estritamente de sujeito nulo (como verificado no PE, no espanhol e no italiano, por exemplo) para uma língua que apresenta uma preferência significativa e crescente pelo preenchimento, fonologicamente realizado, da posição de sujeito (como o inglês). Se por um lado, Duarte (1996) postula a gradual mudança do PB para uma língua de sujeito pleno, Figueiredo Silva (1996) defende a hipótese de que o que está em mudança é o mecanismo que licencia o sujeito nulo na língua. Segundo a autora, o PB parece se distanciar do PE, em que o sujeito nulo é licenciado pela riqueza da morfologia verbal, e passa a se assemelhar ao chinês, cujo paradigma verbal não apresenta variação de desinências²⁸, mas que licencia o sujeito nulo a partir de retomadas contextuais do sujeito. Dessa forma, o sujeito fonologicamente nulo passaria a ser licenciado pela recuperação do referente no contexto e não mais pela riqueza morfológica do paradigma verbal.

Vale destacar ainda que, no PB, o sujeito nulo ainda é bastante frequente em respostas em que se observa a repetição do verbo (chamadas de “respostas verbais”), inclusive nos dados de produção de crianças em fase inicial de aquisição da linguagem, cuja produção desse tipo de estrutura é bastante semelhante à da gramática dos adultos, como mostram Magalhães e Santos (2006, p. 02) a partir da produção de adultos e crianças em interação:

(65) MÃE: “(vo)cê gosta da Kelly?”

RAQ: “gosto”.

Esses autores defendem que as respostas produzidas por meio unicamente da repetição do verbo são um importante contexto de manutenção do sujeito nulo, já que línguas não *pro-drop* não permitem tais repostas. No inglês, por exemplo, língua tipicamente considerada não

²⁸Como já mencionado, o chinês é uma língua classificada como isolante/analítica, caracterizada pela não marcação de número/pessoa no verbo. As noções gramaticais de número e pessoa seriam veiculadas por meio de pronomes e elementos (“partículas”) posicionadas antes do verbo.

pro-drop, é agramatical uma resposta sem sujeito preenchido a uma pergunta semelhante à observada no português:

(66) A - *Do you like her?*

B: **like* ou B: **do*.

[A resposta esperada é B: *I do* ou B: *I (do) like her*].

Por outro lado, deve-se considerar que as respostas verbais também não correspondem a respostas esperadas em línguas *pro-drop*, como o espanhol, em que a resposta mais comum a uma pergunta como a do exemplo acima seria a do tipo *sim/não*. Nesse sentido, o sujeito nulo no PB seria seletivo, na medida em que licencia a omissão do sujeito foneticamente preenchido em contextos específicos, dificultando o posicionamento da língua dentro do parâmetro binário *pro-drop*. O PB estaria, portanto, atualmente, em um “estágio intermediário” se considerado esse parâmetro.

Diante das propriedades conflitantes do PB ao se considerar um posicionamento binário do parâmetro *pro-drop*, Kato (2005) advoga em favor de uma visão “micro-paramétrica”, pautada em subparametrizações, que permitem caracterizar as línguas de sujeito nulo a partir de propriedades mais específicas, em subconjuntos. Dessa forma, a ausência de uma das sub-propriedades de um parâmetro poderia significar que se trata de um subparâmetro onde tal subpropriedade não existe.

A discussão sobre o enfraquecimento dos paradigmas verbais no PB mostra-se relevante para a presente pesquisa, uma vez que, ao se investigar a percepção de morfemas verbais e a compreensão de número por crianças brasileiras, é preciso considerar a frequência com que os morfemas ocorrem e a possível disponibilidade de informação redundante nos estímulos linguísticos recebidos pela criança. Deve-se ressaltar, ainda, a variabilidade do *input* a que a criança está exposta no que diz respeito ao licenciamento do sujeito nulo, já que a ausência de sujeito explícito poderia evidenciar as formas verbais da língua em aquisição do ponto de vista fonético/fonológico, mas, ao mesmo tempo, poderia acrescentar certa dificuldade na compreensão de número plural em contextos de marcação de número apenas no verbo.

Nesse sentido, fazem parte dos objetivos deste trabalho, como já mencionado, discutir: i) como se configura, no que diz respeito à marcação redundante de plural em verbos, o *input* que a criança recebe durante o processo de aquisição da linguagem; ii) em que medida a

criança está exposta à marcação morfofonológica redundante de plural, levando-se em conta a diversidade de discursos que a criança ouve; iii) diante de um *input* variável, como está caracterizada a produção linguística da criança no que se refere a marcas de plural de terceira pessoa no verbo; e iv) quais são os fatores que favorecem a produção de formas verbais morfológicamente marcadas para plural na fala da criança. Com o intuito de lançar luz a essas questões e de contribuir para a caracterização da variação linguística a partir do olhar da aquisição de primeira língua/L1 no que se refere à marcação de número no PB, foram conduzidas a gravação, transcrição e análise de áudios com crianças em fase de aquisição da língua, conforme será descrito no capítulo 5 do presente trabalho.

Com o intuito, ainda, de se investigar a flexão verbal variável no processo de aquisição da linguagem a partir da metodologia experimental, faz-se necessário discutir a aquisição verbal e o reconhecimento da marcação morfofonológica de número por crianças, considerando a tarefa da criança diante do *input* no processo de aquisição da língua. Nosso próximo capítulo versa sobre tais questões.

3 A AQUISIÇÃO VERBAL E O RECONHECIMENTO DA MARCAÇÃO MORFOFONOLÓGICA DE NÚMERO

Com vistas a investigar a aquisição da flexão variável presente no PB, faz-se necessário discutir a aquisição de verbos e do paradigma verbal por crianças adquirindo línguas nas quais a informação flexional apresenta-se frequente e sistemática no *input*, para que, a partir de então, possamos discutir a aquisição em uma língua em que a flexão de número é variável.

A aquisição verbal compreende, em línguas como o português, em que a marcação morfofonológica flexional é realizada por meio de morfemas presos, o reconhecimento de uma parte invariável do vocábulo que contém a significação lexical do verbo (morfema lexical ou raiz verbal) e suas flexões, que veiculam informações gramaticais de tempo, modo, aspecto, número e pessoa. Estudos sugerem que a segmentação de verbos flexionados em raiz e afixos ocorre por meio da percepção dos morfemas flexionais – itens de classe fechada que se mostram regulares no *input* ao qual a criança é exposta – por volta do primeiro ano de vida (MARQUIS; SHI, 2008; 2009; 2012). A criança, ao adquirir uma língua, assumiria que padrões regulares presentes nas línguas são indicativos de informações gramaticalmente relevantes (cf. CORRÊA, 2007). Dessa forma, a partir da percepção dos morfemas flexionais, a criança segmentaria o verbo em raiz e afixos. Interessa-nos, a partir de estudos desenvolvidos em línguas nas quais as propriedades gramaticais mostram-se consistentes, discutir aqui a aquisição de morfemas que se mostram variáveis no PB.

Apresentaremos, a seguir, uma revisão da literatura, a partir da qual discutiremos a aquisição de verbos e a aquisição morfofonológica em diferentes línguas, inclusive no PB.

3.1 Estudos acerca da segmentação de verbos flexionados

Resenhamos a seguir alguns estudos que se mostram relevantes para a presente pesquisa por sugerirem que, em fase bastante inicial da aquisição do léxico, as crianças reconhecem o verbo através da percepção dos afixos verbais, sendo capazes de segmentá-los do fluxo contínuo da fala e de extraírem a significação lexical da raiz do verbo. Partimos da revisão crítica de estudos que buscaram explorar habilidades perceptuais de crianças por volta do primeiro ano de vida, tais como a segmentação de formas verbais do *continuum* da fala,

bem como a segmentação interna de formas verbais, e a percepção de sufixos, até estudos com crianças com idades aproximadas de 20 meses que sugerem o reconhecimento de morfemas na compreensão de sentenças.

Nazzi et al. (2005) apresentam resultados experimentais, obtidos por meio da técnica de Escuta Preferencial²⁹, que sugerem que, aos 13.5 meses de vida, crianças adquirindo o inglês são capazes de segmentar verbos do padrão acentual forte-fraco, iniciados tanto por consoante (*ticket, visit*) quanto por vogal (*orbit, outlaw*), do *continuum* da fala após uma curta familiarização, bem como segmentam formas verbais do padrão fraco-forte, se iniciadas por consoante (*discount, permit*). Já bebês aos 16 meses de vida demonstraram segmentar formas verbais do padrão acentual fraco-forte, tanto iniciadas por vogal (*incite, import*) quanto por consoante (*discount, permit*), indicando, assim, uma habilidade ainda mais refinada no que diz respeito à segmentação de formas verbais no fluxo contínuo de fala. O estudo de Nazzi e colaboradores (2005) foi tomado como pioneiro para a investigação da segmentação de verbos em outras línguas, como o francês.

Marquis e Shi (2008), por sua vez, com o intuito de investigar se a não produção de verbos nas primeiras produções linguísticas das crianças (constituída quase totalmente por nomes) se deve a uma dificuldade de segmentação de formas verbais, desenvolveram uma atividade de segmentação de verbos raros com crianças adquirindo o francês canadense. A técnica de Fixação Visual foi utilizada. Os participantes, divididos em dois grupos, em função da idade – um contendo 16 bebês de oito meses e outro contendo 16 bebês de 11 meses de idade em média –, foram familiarizados com um verbo monossílabo raro no francês (/bif/ (grupo A de cada faixa etária) ou /tar/ (grupo B de cada faixa etária)), e, na fase teste, ambos os grupos ouviram passagens que continham ora /bif/, ora /tar/. Os resultados indicam que apenas os bebês de 11 meses de vida (e não os de oito meses) parecem ter sido capazes de reconhecer no *continuum* da fala os verbos com os quais haviam sido previamente familiarizados, já que houve diferença estatisticamente significativa para o tempo de escuta dos dois tipos de passagem, tanto para o subgrupo familiarizado com o verbo /bif/, quanto para o subgrupo familiarizado com o verbo /tar/.

Posteriormente, Marquis e Shi (2009) buscaram verificar se bebês aos 11 meses de vida, além de reconhecerem verbos raros no contínuo da fala, também reconheceriam verbos conjugados após serem expostos a uma fase de familiarização na qual era apresentada apenas

²⁹Para a descrição das técnicas experimentais mencionadas neste trabalho, consultar o glossário.

a raiz do verbo. Nessa atividade experimental, também desenvolvida com a técnica de Fixação Visual, era apresentada para os participantes, na fase de familiarização, uma lista de *tokens* de uma raiz verbal inventada (ex.: /glYt/) produzida de forma isolada, ao passo que, na fase teste, as crianças eram expostas a passagens contendo o verbo familiarizado conjugado (ex.: /glYte/) e a passagens em que outro verbo, também inventado, estava em sua forma conjugada (ex.: /tride/). Os resultados sugerem que a criança reconhece o verbo com o qual foi familiarizada, mesmo que sua forma fônica não seja exatamente igual à apresentada na fase de familiarização, isto é, a partir da raiz verbal, as crianças reconheceram o verbo conjugado como sendo uma variação do mesmo verbo.

A fim de verificar se as crianças estavam mapeando apenas o início do verbo testado, as autoras conduziram um segundo experimento, como controle, em que, na fase teste, eram apresentados verbos aos quais foi adjungido um não afixo do francês /u/ (ex.: /glYtu/ e /tridu/). Nesse caso, não houve diferença estatisticamente significativa entre os dois tipos de passagens, ou seja, a pseudopalavra /glYtu/ parece não ter sido associada à raiz /glYt/, já que não houve o reconhecimento de um afixo recorrente da língua.

Shi e Marquis (2009) também apresentam evidências da capacidade de segmentação de formas verbais por bebês com média de idade de 14 meses. As autoras elaboraram um experimento, aplicado por meio da técnica de Fixação Visual, no qual, na fase de familiarização, os participantes eram expostos a *tokens* com pseudoverbos conjugados (ex.: /glate/ - em que /e/ é uma forma fonológica altamente frequente em francês por corresponder a diferentes morfemas verbais, tais como presente, infinitivo, particípio etc.). Já na fase de teste, foram comparadas sentenças com o estímulo /glat/, resultante de uma segmentação entre raiz e afixo (/glat/ + /e/), e sentenças com o estímulo /gla/, estímulo não relacionado morfofonologicamente à forma verbal /glate/, mas que poderia ser considerada resultante do processamento de uma segmentação silábica da forma verbal previamente familiarizada (“gla”-“te”). Os resultados indicam que as crianças atentaram por mais tempo para o estímulo /glat/, sugerindo que a segmentação da forma verbal /glate/ foi processada a partir do reconhecimento de um afixo recorrente na língua francesa e não por meio de um tratamento silábico.

Um segundo experimento foi conduzido com vistas a ser tomado como controle, já que poderia ser questionado se a preferência das crianças pela forma /glat/ não seria o resultado de uma preferência apenas por formas terminadas em consoante. Desse modo, um

novo grupo de crianças, com idade média de 14 meses, foi familiarizado com a pseudopalavra *glatou* (/glatu/), ao passo que na fase de teste foi mantida a comparação entre os estímulos /glat/ e /gla/. Tomou-se como previsão que, se as crianças não reconhecem em *glatou* um morfema recorrente do francês, elas não apresentariam diferença significativa entre as duas condições. No entanto, se as crianças recorressem a uma segmentação silábica do estímulo, haveria a preferência pelo estímulo-teste /gla/, decorrente da divisão silábica “gla-tou”. Os resultados não apresentam diferença significativa entre as duas condições da fase teste, o que sugere que, não havendo o reconhecimento do afixo, os participantes não segmentaram a forma verbal apresentada, de modo que não foi possível relacionar a forma conjugada /glatu/ em duas unidades (como feito no experimento anteriormente mencionado).

Outro experimento, ainda mais complexo, é apresentado por Marquis e Shi (2012) e sugere habilidades de abstração para a segmentação de formas verbais em raiz e afixos. As autoras, em uma fase chamada por elas de fase de pré-familiarização, apresentaram aos participantes (16 bebês de 11 meses de vida em média adquirindo o francês canadense) 14 raízes verbais às quais foi adjungido um pseudoafixo (/u/). Dessa forma, os bebês eram expostos, durante dois minutos, a estímulos do tipo *linchou*, *balou*, *rebou* etc. Em seguida, na fase de familiarização, os bebês ouviram uma nova raiz verbal inventada sem flexão: /trid/ ou /glYt/. Já na fase de teste, os bebês foram expostos a passagens contendo o pseudoverbo apresentado na fase de familiarização conjugado com um pseudoafixo que foi apresentado como frequente (na fase de pré-familiarização), ou seja, era apresentado /tridu/ ou /glYtu/. As autoras argumentam que a fase de pré-familiarização pode ser tomada como um indício de que o pseudoafixo /u/ seria um possível afixo do francês, já que foi apresentado com diversas raízes verbais e, portanto, parece ser um padrão recorrente. Os resultados indicam uma preferência dos participantes pelas passagens que continham a raiz verbal com a qual foram familiarizados, sugerindo, assim, que identificaram o pseudoafixo /u/ como um potencial afixo do francês. Deve-se destacar, ainda, que a recorrência do pseudoafixo levou os bebês a segmentarem novas formas verbais em raiz e afixos, já que as raízes /trid/ e /glYt/ não tinham sido apresentadas na fase de pré-familiarização. Esse estudo sugere, portanto, que é por meio da recorrência nos dados linguísticos que a criança reconhece um afixo verbal. Além disso, após o reconhecimento de um afixo verbal frequente, seria possível proceder à segmentação de formas flexionadas em raiz e afixos.

Com base nos resultados de Marquis e Shi (2012) com crianças adquirindo o francês canadense, Mintz (2013) investigou se crianças adquirindo o inglês americano apresentam

sensibilidade à forma fônica dos morfemas verbais como unidades independentes da raiz verbal. Destacamos dois experimentos desse estudo, que apresentam evidências do reconhecimento do morfema *-ing* como unidade discreta. O pesquisador comparou, utilizando a técnica de Escuta Preferencial, o tratamento de sentenças em que pseudorraízes verbais eram apresentadas com o morfema verbal *-ing* ou com o pseudoafixo *-dut* por bebês aos 15 meses de vida (média). Em um experimento, foram utilizadas pseudorraízes dissílabas e, em outro, pseudorraízes monossílabas. Os participantes eram expostos, na fase de familiarização, a sentenças contendo um conjunto de pseudorraízes com o morfema real e outro conjunto de pseudorraízes com o pseudoafixo (ex.: *I see you lérjoving!* vs. *I see you gemóntdut!*). Já na fase de teste, os bebês ouviam as pseudorraízes sem a flexão (ex.: *lérjov* ou *gemónt*). Em ambos os experimentos, os resultados indicam que os bebês atentaram por mais tempo para as pseudorraízes que foram apresentadas na fase de familiarização com o morfema real da língua (*-ing*). Tais resultados sugerem que os bebês adquirindo o inglês americano, aos 15 meses de vida, identificam o verbo a partir do afixo verbal recorrente na língua, reconhecem o afixo como um elemento gramaticalmente relevante para a aquisição da língua inglesa e, a partir do reconhecimento do afixo verbal, segmentam as formas verbais apresentadas em raiz e afixos.

Outro estudo sobre o reconhecimento do *-ing* como morfema verbal da língua inglesa traz resultados interessantes sobre a discussão da percepção de morfemas verbais por crianças em fase de aquisição da linguagem. Golinkoff, Hirsh-Pasek e Schweisguth (2000) investigaram se bebês entre 18 e 21 meses de vida seriam sensíveis ao morfema *-ing* em uma tarefa que envolvia, não só a habilidade perceptual, mas também a compreensão de sentenças. Para isso, as autoras contrastaram sentenças que continham raízes verbais reais do inglês (ex.: *wave*) em três condições distintas: nas quais foi adjungido o morfema flexional *-ing* (ex.: *waving* – condição congruente); raízes em que foi adicionado o morfema derivacional *-ly* (ex.: *wavely* – condição incongruente) e raízes que receberam um não afixo *-lu* (ex.: *wavelu* – condição incongruente). Utilizando a técnica de fixação preferencial do olhar intermodal, em uma tela, com os estímulos auditivos, eram apresentados também dois estímulos visuais: um congruente com a raiz verbal (ex.: *wave* – uma mulher acenando) e outro incongruente (ex.: *wave* – uma mulher virando de costas). O tempo de olhar para cada cena foi computado, e os resultados indicam que o tempo de olhar para a cena congruente foi significativamente maior quando os bebês ouviam a forma verbal com o morfema *-ing*. Já quando ouviam as formas verbais com o morfema *-ly*, os participantes atentaram por mais tempo para o estímulo visual congruente nos três últimos *trials* de um total de quatro. As autoras levantam três possíveis

explicações para esses dados: primeiramente, cogitou-se que, se a frequência de um determinado estímulo no *input* guia o reconhecimento do que é gramaticalmente relevante, as crianças poderiam ter assumido, durante a execução da tarefa, que vocábulos como *wavely* seriam verbos flexionados (nesse caso, esperava-se que ocorresse um padrão semelhante em vocábulos como *wavelu*); a segunda interpretação levantada é a de que as crianças teriam reconhecido as formas terminadas em *-ly* como advérbios, embora seja pouco provável que uma interpretação de advérbio ajudasse na identificação da cena congruente, já que a sentença seria, no mínimo, sintaticamente estranha (ex.: *Find wavely*); por fim, as autoras sugerem que as crianças tenham reconhecido a forma fônica da partícula *-ly* como um morfema recorrente da língua inglesa, apesar de ainda não mapearem satisfatoriamente o morfema ao seu conteúdo semântico, de forma que, diante de apenas duas opções de escolha, as crianças acabariam recorrendo à raiz verbal já conhecida para optar por uma das duas imagens. Por outro lado, quando expostas às raízes verbais adjungidas ao pseudoafixo *-lu*, as crianças escolheram aleatoriamente uma das duas cenas, ficando os resultados no nível da chance. Tais resultados mostram-se relevantes por sugerirem que, antes mesmo de produzirem os morfemas gramaticais em suas falas, as crianças parecem reconhecer tais morfemas no *input* e utilizá-los na compreensão de sentenças, além de reconhecerem o que não se apresenta como um morfema recorrente, e, portanto, gramatical, na língua que está adquirindo.

Os estudos anteriormente resenhados sugerem uma afinada habilidade de percepção de morfemas verbais por crianças entre 11 e 21 meses de vida adquirindo o inglês americano e o francês canadense, conforme sistematizado no quadro abaixo:

Quadro 2: Esquema das habilidades de segmentação e de percepção de formas verbais

Idade (média)	Habilidades	Referência	Metodologia
11 – 13,5 meses	Segmentação/percepção de verbos no continuum da fala	Nazzi et al. (2005)	Escuta preferencial
		Marquis e Shi (2008; 2009)	Fixação Visual
14 meses	Segmentação interna da forma verbal por meio do reconhecimento de afixos recorrentes	Shi e Marquis (2009)	Fixação Visual
	Habilidades de abstração para a segmentação de formas verbais em raiz e afixos	Marquis e Shi (2012)	Fixação Visual

15 meses	Sensibilidade à forma fônica dos morfemas verbais como unidades independentes da raiz verbal	Mintz (2013)	Escuta preferencial
18-21 meses	Reconhecimento do morfema <i>-ing</i> na compreensão de sentenças	Golinkoff, Hirsh-Pasek e Schweisguth (2000)	Fixação preferencial do olhar intermodal

Deve-se destacar, no entanto, que as pesquisas resenhadas investigam elementos funcionais que se mostram altamente frequentes nas línguas pesquisadas e não abarcam questões de interpretação do sentido veiculado por tais elementos. A partir de evidências de que a alta recorrência dos morfemas verbais está relacionada com a precoce percepção desses elementos, buscamos investigar a identificação e a interpretação da marcação morfofonológica de número que, como vimos, apresenta um caráter variável no PB. Para tanto, discutiremos, a seguir, como a percepção de morfemas verbais tem sido investigada no PB.

3.2 Estudos acerca da segmentação de verbos flexionados no PB

No que se refere aos estudos desenvolvidos no PB, destacamos que o trabalho de Bagetti (2009) traz evidências da sensibilidade perceptual de bebês no que diz respeito à representação morfofonológica de afixos verbais. Em um primeiro experimento, a autora investigou se crianças seriam sensíveis a alterações fônicas no padrão silábico do português. Foram testadas alterações nos radicais de nomes e em morfemas verbais. Como a autora manipulou o padrão fonotático da língua, a previsão era a de que os participantes perceberiam as mudanças fônicas em ambos os contextos morfológicos. Foram utilizadas histórias infantis de curta duração em três condições distintas: condição normal – em que a criança ouvia histórias sem qualquer alteração (ex.: verbo – levantou; nome – polvo); condição modificada 1 – em que as mesmas histórias da condição normal eram apresentadas com alterações no padrão silábico dos afixos verbais (ex.: levantou > levantiv); e condição modificada 2 – em que as mesmas histórias da condição normal eram apresentadas com modificações nos radicais dos nomes (ex.: polvo > piv-vo). Dez crianças com idades entre 09 e 15 meses participaram do experimento, que utilizou a técnica de Escuta Preferencial. Os resultados sugerem que as crianças adquirindo o PB são sensíveis a alterações fônicas no padrão silábico

da língua, uma vez que houve diferença estatisticamente significativa entre os tempos de escuta se comparadas as condições normal e modificada 1 e normal e modificada 2. Por outro lado, não houve diferença estatisticamente significativa se comparados os tempos médios de escuta das condições modificada 1 e modificada 2, o que sugere que as alterações no padrão fonotático característico do português foi detectado tanto em radicais quanto em afixos verbais.

Nessa mesma pesquisa, foi investigada, ainda, a sensibilidade de crianças adquirindo o PB a alterações de ordem morfofonológica nos afixos verbais, com vistas a investigar se as crianças seriam sensíveis a alterações fônicas nos morfemas verbais que não alteram o padrão silábico do português. Como mencionado anteriormente, os afixos verbais constituem um conjunto fechado de itens recorrente na língua. A percepção aos morfemas verbais é detectada em uma fase bastante precoce da aquisição lexical. Contrastaram-se também histórias infantis de curta duração em três condições experimentais: condição normal (ex.: verbo – descobriu; nome – baleia); condição modificada nos afixos verbais (ex.: descobriu > descobréi) e condição modificada nas raízes dos nomes (ex.: baleia > balóua). Participaram desse experimento 19 bebês com idades entre 09 e 15 meses. Os resultados apontam para um tempo de olhar menor para a condição modificada nos afixos verbais em comparação com as demais condições, revelando uma diferença estatisticamente significativa entre os tempos médios de escuta entre as condições normal e modificada 1. Tais resultados sugerem, portanto, que as crianças foram sensíveis às alterações morfofonológicas dos itens de classe fechada. É possível interpretar os resultados do ponto de vista de que as crianças, diante de raízes nominais com alterações que respeitam o padrão fonotático do português, podem ter tomado tais vocábulos como nomes ainda desconhecidos, por se tratar de uma classe aberta.

Bagetti (2009) investigou também se crianças entre 17 e 23 meses de idade realizam o *parsing* inicial de sentenças, distinguindo categorias lexicais homófonas a partir de pistas distribucionais disponibilizadas por itens funcionais. Além disso, a autora verificou se a presença de um afixo verbal morfológicamente marcado para tempo afetaria a análise sintática feita pela criança. Utilizou-se a técnica de Fixação Preferencial do Olhar em uma tarefa que contrastou três condições experimentais: na condição 1, apresentou-se um nome;

(67) O **pinto** na mesa.

na condição 2.1, a palavra-alvo era um verbo, marcado apenas para pessoa;

(68) Eu **pint-o** a mesa.

já na condição 2.2, o verbo era apresentado com marcação de tempo, além da marcação morfofonológica de pessoa.

(69) Eu **pint-ei** a mesa.

Eram apresentados, juntamente com os estímulos linguísticos, estímulos visuais de dois tipos: um que representava a condição nome (no exemplo dado, um pintinho sobre uma mesa); e outro representando a condição verbo (no exemplo dado, uma menina pintando uma mesa). Foi calculado o tempo médio de olhar para a imagem correspondente à categoria gramatical do elemento crítico (nome ou verbo). Os resultados apontam para uma diferença estatisticamente significativa entre os tempos médios de olhar para a imagem correspondente a nome se comparadas as condições 1 e 2.1 (palavra homófona). Quando comparadas as duas condições de verbo (condições 2.1 e condição 2.2), foram encontrados tempos médios de olhar maiores para a imagem correspondente ao verbo. No entanto, a partir de uma análise do número de vezes que as crianças olharam para a figura-alvo se comparada com a figura não-alvo, a autora destaca que a marcação de tempo, além da marcação de pessoa, nos verbos apresentados na condição 2.2 (verbo marcado para tempo e pessoa), parece ter dificultado a tarefa. Dos 22 estímulos testados, na condição 2.2, as crianças olharam para a imagem alvo em 11 respostas, o que, na verdade, é um resultado que fica no nível da chance. Já na condição 2.1 (verbo marcado apenas para pessoa), as crianças olharam para a imagem-alvo, em 15 dos 22 estímulos testados (maioria das repostas). Os resultados sugerem, portanto, que as palavras homófonas (nome e verbo) foram analisadas como pertencentes a categorias gramaticais distintas e que a marcação morfológica de tempo no afixo verbal não afeta o reconhecimento do vocábulo como pertencente à categoria verbo, embora pareça adicionar uma dificuldade à tarefa.

Ainda no que diz respeito a evidências de segmentação de formas verbais, destacamos também dois estudos que visam a discutir a aquisição verbal e o processamento morfológico das flexões verbais do português por crianças em fase de aquisição do PB. Do ponto de vista da aquisição verbal, estudos que descrevem a produção espontânea de crianças em fase inicial de aquisição da linguagem revelam que a produção inicial de verbos apresenta tanto verbos regulares quanto formas verbais irregulares. Lima (2014) destaca que, por volta dos três e dos quatro anos de idade, as crianças começam a tratar verbos irregulares como se fossem formas regulares, surgindo o fenômeno conhecido como *superregularização*. O autor buscou

verificar se, mesmo produzindo formas superregularizadas de verbos irregulares, as crianças são sensíveis a essa superregularização em dados produzidos por um adulto em um experimento de compreensão, ou seja, se perceberiam a agramaticalidade em dados produzidos por outra pessoa.

Por meio da técnica de Julgamento de Gramaticalidade, o autor elaborou um experimento no qual era apresentado à criança um fantoche, que estava aprendendo português e que, às vezes, dizia palavras “diferentes”. O objetivo da criança era “recompensar” o fantoche (oferecendo-lhe um biscoito ou um doce) quando ele dissesse sentenças adequadas, ao passo que o participante deveria “punir-lo” (dando-lhe uma pedra ou um pneu) quando ele dissesse algo “diferente do português”. Todo o experimento era desenvolvido em um computador portátil. Foram contrastadas sentenças em quatro condições:

- (70) Papai *trazeu* o cachorrinho (condição super-regularizada).
- (71) Papai *disse* meu nome (condição verbo irregular).
- (72) Papai *paveu* o suco (condição verbo inventado).
- (73) Papai *comeu* o bolo (condição verbo regular).

Participaram desse experimento 90 crianças adquirindo o PB, divididas em três grupos etários (de três, quatro e cinco anos de idade), contendo 30 crianças cada. Os resultados apontam para o tratamento das formas verbais superregularizadas como formas gramaticais pelo grupo de três anos de idade, que julgou como agramatical apenas as formas verbais da condição verbos inventados. O autor sugere que, nessa idade, as crianças guiam-se pelas marcas morfológicas flexionais presentes nesses verbos, isto é, a morfologia padrão, mais do que a irregularidade flexional, é o que dá base para o julgamento das crianças. Por outro lado, os participantes de quatro e de cinco anos de idade, ou seja, em idade em que é atestada a produção de formas verbais superregularizadas, reconhecem a agramaticalidade de tais construções em dados de compreensão produzidos por outra pessoa, julgando como agramaticais tanto os verbos da condição formas superregularizadas como os verbos da condição formas inventadas. Tal estudo mostra-se relevante para a presente pesquisa por sugerir que, nas idades de três a cinco anos, as crianças adquirindo o PB apresentam sensibilidade aos morfemas flexionais verbais do português. Deve-se ressaltar, no entanto, que a técnica experimental utilizada é problemática, por se pressupor uma reflexão consciente de crianças tão novas (aos 3 anos, por exemplo) sobre a produção linguística de outra pessoa. Considerando a faixa etária inicial dos participantes do estudo, seria interessante o

desenvolvimento de tarefas semelhantes por meio de outras técnicas experimentais a fim de se comparar os resultados obtidos.

Por fim, destacamos os resultados encontrados por Molina (2014) ao investigar o reconhecimento da raiz como a parte da forma verbal que veicula seu significado permanente, apesar das variações flexionais disponibilizadas pelos afixos, que acrescentam ao significado base da raiz noções gramaticais, como tempo, modo e aspecto, bem como informações de número e pessoa (referentes ao sujeito da ação). A autora discute que a aquisição verbal, em um nível perceptual, pressupõe a segmentação da forma verbal do fluxo contínuo da fala, bem como o reconhecimento dos afixos verbais recorrentes na língua. Nesse sentido, a partir dos afixos verbais que se mostram recorrentes na interface fônica, a criança seria capaz de segmentar internamente a forma verbal em raiz e afixos, atribuindo à raiz verbal o conceito permanente do vocábulo.

O estudo foi desenvolvido a partir de experimentos que objetivaram verificar a aquisição de um novo verbo por crianças nas faixas etárias de dois a quatro anos adquirindo o PB. Além disso, investigou-se também o tratamento de variações flexionais desse novo verbo como palavras que compartilham um mesmo conceito base. Após uma curta fase de aprendizagem em que era apresentado aos participantes o conceito de um novo verbo (o pseudoverbo – “mepar”), em que as crianças viam, em um computador portátil, um vídeo no qual um peixinho nada passando por cima de uma bolha, por exemplo, e ouviam a sentença “Olha! Ele mepou!”, as crianças, na fase de teste, ouviam variações flexionais desse novo verbo. Na fase de teste, os estímulos linguísticos eram apresentados juntamente com dois vídeos que apareciam lado a lado na tela: um que mostrava a mesma ação da fase de aprendizagem (que deveria ser tomado como a ação de “mepar”) e uma nova ação (ainda não mostrada no experimento). Foram contrastados formas do pseudoverbo em três condições: condição controle (a mesma apresentada na fase de aprendizagem, que visou a verificar a aquisição do conceito de um novo verbo - ex.: “Mostra pra mim: ele mepou”); condição morfologicamente relacionada (que seria a forma no presente do “novo verbo” - ex.: “Mostra pra mim: ele mepa”) e condição apenas fonologicamente relacionada (em que não seria detectado um morfema recorrente da língua e que, portanto, não seria tomado como uma variação morfológica do “novo verbo” - ex.: “Mostra pra mim: ele mepê/mepu”).

Os experimentos aplicados com a técnica de seleção de imagem, com crianças de aproximadamente três anos de idade apontam para o reconhecimento de uma nova palavra

como verbo e para a tendência de mapear uma nova ação a esse verbo. Não há, no entanto, evidências do tratamento de variações flexionais do novo verbo como tendo o mesmo conceito base. Já os resultados com as crianças de quatro anos de idade apontam não só para a aquisição do conceito de um novo verbo, mas também sugerem o tratamento das variações morfológicas dessa forma verbal como tendo o mesmo conceito base. Os dados apontam, ainda, para o tratamento de uma forma apenas fonologicamente relacionada ao novo verbo como sendo uma variação morfológica da forma verbal previamente apresentada. Tal comportamento pode ser explicado pelo fato de que, em uma situação experimental e diante de apenas duas opções de imagens visuais, mesmo estranhando o não afixo, a criança recorre à animação familiar, sendo guiada pela semelhança fonológica.

Resultados obtidos em experimento semelhante, conduzido a partir da técnica de Encenação de Ações, mostram-se compatíveis com os resultados dos experimentos baseados em seleção de imagem, sugerindo que as crianças, por volta dos quatro anos, são capazes de adquirir o conceito de um novo verbo a partir de uma curta fase de aprendizagem e que tomam formas verbais morfológicamente relacionadas como variações flexionais desse novo verbo. Os mesmos estímulos visuais e linguísticos foram utilizados em um experimento aplicado com a técnica de Fixação Preferencial do Olhar, cujos resultados sugerem que crianças com idade em torno dos dois anos (mas não mais novas) mapeiam um novo verbo a uma ação e parecem tratar variações flexionais dessa forma verbal como tendo o mesmo conceito base.

O conjunto de trabalhos aqui resenhado sugere que crianças em fase inicial de aquisição lexical possuem habilidades perceptuais que as possibilitam reconhecer, a partir de pistas distribucionais, um vocábulo como verbo. Além disso, em torno do primeiro ano de vida, parecem reconhecer os afixos flexionais recorrentes na língua em aquisição, estranhando, inclusive, alterações morfofonológicas em elementos de classe fechada. A partir do segundo ano de vida, a criança passaria a ter uma sensibilidade mais refinada no que se refere à morfologia flexional de sua língua, utilizando a informação morfofonológica no processamento inicial de sentenças, e, por volta dos três anos de idade, são capazes de julgar uma forma verbal no que diz respeito a sua gramaticalidade.

O quadro abaixo busca sistematizar as evidências encontradas em estudos experimentais e discutidas anteriormente no que diz respeito à segmentação e à percepção de morfemas flexionais no PB:

Quadro 3: Esquema das habilidades de segmentação e de percepção de formas verbais observadas a partir de estudos desenvolvidos no PB

Idade	Habilidades	Referência	Metodologia
09-15 meses	Sensibilidade a alterações fônicas no padrão silábico do português (radicais de nomes e afixos verbais)	Bagetti (2009)	Escuta Preferencial
	Sensibilidade a alterações de ordem morfofonológica nos afixos verbais		
17-23 meses	<i>Parsing</i> inicial da sentença (distinção de categorias lexicais homófonas N e V)	Bagetti (2009)	Fixação Preferencial do Olhar
3-4 anos	Possível reconhecimento da agramaticalidade de formas verbais superregularizadas na fala do adulto	Lima (2014)	Julgamento de Gramaticalidade
2-4 anos	Reconhecimento de um novo vocábulo como verbo e tratamento de suas variações flexionais como tendo o mesmo conceito base	Molina (2014)	Fixação Preferencial do Olhar/ Seleção de imagem/ Encenação de Ações

Passamos, a seguir, para o levantamento da literatura relevante que trata sobre o reconhecimento e a compreensão de morfemas verbais que veiculam noções gramaticais, como as de pessoa, modo e aspecto. O conjunto de pesquisas resenhado na próxima seção evidencia a falta de estudos que levem em consideração o papel da variação na aquisição da linguagem considerando questões tais como as levantadas para o PB.

3.3 Produção e compreensão de morfemas flexionais verbais no PB

Apesar de escassos, há na literatura do PB estudos que objetivaram caracterizar a aquisição de noções gramaticais disponibilizadas por morfemas verbais, tais como *pessoa*, *modo* e *aspecto*. O levantamento da bibliografia acerca da produção e da compreensão de morfemas verbais revela, no entanto, uma lacuna no que diz respeito à aquisição da flexão verbal de número, sobretudo quando se trata de uma língua, como o PB, na qual se observa uma variação no modo de realização da marcação flexional de plural.

Martins (2007), ao investigar a aquisição do traço de pessoa por crianças adquirindo o PB³⁰, observou, a partir de dados coletados em um estudo longitudinal, que a manifestação da primeira pessoa do discurso aparece na fala de crianças por volta dos 18 meses de idade. A autora destaca que as formas verbais, tanto marcadas (ex.: *queo*), quanto não marcadas (ex.: *qué*), com sujeito nulo são as mais frequentes na produção linguística de crianças com idades entre 1;6 e 2;6. A produção da forma não marcada, no entanto, parece predominar na fala das crianças até os dois anos de idade, quando se observa uma maior estabilidade do pronome nominativo de 1ª pessoa e de formas verbais com sujeito nulo ou explícito também na 1ª pessoa. O estudo sugere que a criança percebe a informação de pessoa no pronome e no afixo verbal, manifestando tal traço ora no DP pronominal ora na morfologia verbal em sua produção.

No âmbito desse mesmo estudo, foi conduzida, ainda, uma série de experimentos, com a técnica de Seleção de Objetos a partir de enunciado verbal, que buscou verificar a compreensão da noção gramatical de *pessoa* por crianças adquirindo o PB. No primeiro experimento, frases congruentes e incongruentes no que diz respeito à concordância entre pronome pessoal e forma verbal foram contrastadas:

(74) eu quero

(75) eu *quer*

(76) ele quer

(77) ele *quero*.

Participaram dessa atividade experimental 26 crianças, sendo 13 crianças de 3 anos e 13 de 5 anos de idade. Os resultados sugerem que não há diferença na compreensão das sentenças congruentes se comparadas as crianças de 3 e de 5 anos, indicando que as crianças, aos 3 anos de idade, já têm a representação de pessoas gramaticais e que processam concordância entre sujeito e verbo no que se refere ao traço de *pessoa*. Quanto às sentenças incongruentes, houve maior número de acertos para a sentença do tipo *eu quer*, tanto nas respostas das crianças de 3 quanto das crianças de 5 anos de idade. A autora sugere que a informação dêitica presente na informação de primeira pessoa facilita a compreensão, ao passo que, quando diante da sentença *ele quero*, as crianças de ambas as idades parecem

³⁰Martins (2007) investigou a aquisição do traço de pessoa no PB por crianças brasileiras sem queixas de linguagem e por crianças diagnosticadas com DEL (Déficit Específico da Linguagem). Entretanto, para os objetivos deste trabalho, destacamos os resultados encontrados pela autora nos estudos conduzidos com crianças sem queixas de linguagem.

privilegiar a informação de pessoa presente no sufixo verbal, possivelmente pela presença da informação dêitica intrínseca na noção gramatical de 1ª pessoa. Um segundo experimento foi conduzido, adicionando-se a informação dêitica (gesto de apontar para o referente) às sentenças cujo pronome refere-se à 3ª pessoa (*ele quer* ou *ele quero*). Dois novos grupos de crianças de 3 e de 5 anos de idade, contendo 13 participantes cada, foram testados. A autora reporta um sensível aumento do percentual de acertos quando há a presença da informação de natureza dêitica, principalmente para as crianças menores (3 anos).

Martins (2007) investigou também a compreensão e o custo de processamento em um estudo comparativo entre diferentes formas de expressar a 1ª pessoa do plural: a expressão da 1ª pessoa do plural por meio do DP pronominal *nós*, no qual há a correspondência entre pessoa do discurso e pessoa gramatical (*nós queremos*) e a expressão da 1ª pessoa do plural a partir do DP pleno *a gente*, no qual se observa a dissociação entre pessoa do discurso e pessoa gramatical (*a gente quer*). Ambas as formas de se referir à primeira pessoa do plural apresentam possíveis complicadores para a compreensão linguística. No caso do DP pronominal *nós*, há a cumulação das noções gramaticais de *pessoa* e *número*, o que pode acarretar maior demanda de processamento. Por outro lado, o DP pleno *a gente* apresenta a dissociação entre o traço semântico de *pessoa* (1ª) e o traço formal de *pessoa* (3ª), assim como se faz necessário dissociar o traço semântico de número indicativo de pluralidade da expressão *a gente* do traço formal de número presente no verbo (singular). 26 crianças participaram desse experimento, sendo 13 de 3 anos de idade e 13 de 5 anos, todas provenientes da classe média e residentes na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Os resultados sugerem que as crianças de 5 anos de idade não apresentam dificuldade no processamento da referência de 1ª pessoa plural do discurso, independentemente do tipo de realização gramatical apresentado. Crianças de 3 anos de idade, no entanto, apresentaram dificuldade no processamento da referência de plural com base na informação referente a *número*. De acordo com a autora, o processamento da referência de plural parece ser custoso para as crianças mais novas tanto quando a informação é proveniente de um traço semântico/formal, como no caso do sujeito pronominal – *nós*, quanto no caso de a informação ser proveniente de traço estritamente semântico de número, como em *a gente*.

Em um quarto experimento, a autora investigou a compreensão de demandas diferenciadas de *pessoa* e de *número* por crianças de 3 anos de idade. Foram consideradas, como variáveis independentes, a *pessoa* do sujeito (1ª / 3ª) e o *tipo de realização do sujeito* (sujeito pleno / sujeito nulo), perfazendo quatro condições experimentais: 1ª pessoa do plural /

sujeito pleno – *Nós queremos*; 1ª pessoa do plural / sujeito nulo – \emptyset *queremos*; 3ª pessoa do plural / sujeito pleno – *Eles querem*; 3ª pessoa do plural / sujeito nulo – \emptyset *querem*. Participaram dessa atividade 13 crianças provenientes de classe média. Os resultados sugerem que as crianças tiveram dificuldades na realização da tarefa. No caso da 3ª pessoa, a autora destaca que o preenchimento do sujeito é crucial para a interpretação de *pessoa*, ou seja, o sujeito pronominal parece facilitar a compreensão pela criança. Já no caso da 1ª pessoa, as crianças perceberiam a informação relativa à pessoa tanto no sujeito pronominal quanto no afixo verbal.

Os resultados que sugerem melhor desempenho das crianças na condição de preenchimento da posição de sujeito na 3ª pessoa do plural (*eles querem* x \emptyset *querem*), apesar de não serem diretamente discutidos pela autora, parecem indicar que a marcação redundante no pronome e no verbo facilita a compreensão da noção de pessoa, que passa a ser dificultada quando disponível apenas no morfema verbal. A morfologia de 3ª pessoa do plural, por si só, parece não ser informativa no que se refere à noção de pessoa por veicular uma indeterminação da forma verbal se comparada à forma marcada (1ª pessoa). Assim, podemos supor que a informação de pessoa está mais evidenciada no sujeito pronominal, sendo que a marcação flexional no verbo parece indicar, de forma redundante, a noção de plural. A discussão acerca do reconhecimento da informação de número veiculada pelo morfema flexional de 3ª pessoa do plural (como em *querem*) será levantada a partir da tarefa experimental proposta neste trabalho (ver capítulo 6).

Por fim, a autora contrasta a compreensão de sentenças com retomada ou referência de sujeito pleno e de sujeito nulo na primeira pessoa do singular e do plural, tais como:

- (78) O palhaço estava comigo no circo. *Eu pulei* corda lá.
- (79) O urso estava na pedreira comigo. *Empurrei* uma pedra pesada.
- (80) Os coelhos foram à fazenda comigo. *Nós empurramos* a cerca.
- (81) Minhas primas foram à pracinha comigo. *Brincamos* na areia.

As sentenças eram apresentadas oralmente juntamente com pranchas de três desenhos: uma figura alvo e duas distratoras. Foram testadas 40 crianças: 20 crianças provenientes de classe média e 20 crianças de classe baixa. Os participantes foram, posteriormente, para fins de análise de dados, agrupados também em dois grupos distintos no que se refere à idade – 20 crianças de 3 anos de idade e 20 crianças de 5 anos de idade. A autora apresenta os resultados destacando que houve diferença estatisticamente significativa no que diz respeito à classe

social das crianças, já que o grupo de classe média teve mais acertos que o grupo de classe baixa. Houve, ainda, um número significativamente maior de acertos pelas crianças de 5 anos. Além disso, as condições de plural e de sujeito pleno apresentaram mais acertos. A autora salienta também que a dificuldade das crianças de 3 anos parece evidente nas condições de sujeito nulo e conclui que a informação de número e de pessoa expressa no afixo verbal é mais visível particularmente no plural, já que a 1ª pessoa do singular é marcada quanto a *pessoa*, mas não marcada quanto a número, ao passo que a 1ª pessoa do plural é marcada quanto a número e *pessoa*.

Rodrigues (2007) investigou o reconhecimento de formas marcadas e não marcadas do verbo quanto a tempo/aspecto no PB. O estudo comparou sentenças com verbos no presente (forma não marcada) com sentenças com verbos no pretérito (forma marcada), tanto no pretérito perfeito quanto no pretérito imperfeito. A primeira atividade experimental foi desenvolvida com crianças com idade média de 23 meses, utilizando-se o paradigma de detecção de novidade. Os participantes viam filmes na tela de um computador portátil, apresentados juntamente com os estímulos linguísticos, que podiam ser congruentes ou não com a imagem. Na fase de habituação, os filmes eram apresentados com os estímulos linguísticos no presente:

(82) O menino brinca.

Os estímulos-alvo consistiam em filmes dinâmicos com estímulos linguísticos marcados quanto a tempo/aspecto

(83) A menina desenhava.

(84) A menina dançava.

Expostas, portanto, a uma lista de estímulos linguísticos no presente, esperava-se que as crianças apresentariam uma reação diferenciada (ou seja, detectariam uma novidade, conforme o nome da técnica experimental sugere) ao ouvirem sentenças com marcação de tempo/aspecto. Se as crianças nessa faixa etária exploram a interface semântica, era esperado ainda que, a reação fosse mais acentuada quando os participantes ouvissem estímulos linguísticos no pretérito imperfeito, visto que são menos recorrentes na fala das crianças. Se por outro lado, a criança explora, de forma mais evidente, a interface fônica, a reação mais acentuada seria para o pretérito perfeito por ser mais frequente na língua.

Os resultados apontam para uma diferença estatisticamente significativa do tempo de escuta para os estímulos-alvo se comparado com o tempo dispensado para os estímulos apresentados na fase de habituação. Não houve, no entanto, diferença estatisticamente significativa entre os tempos de atenção para os tipos de estímulo-alvo (pretérito perfeito ou imperfeito) e à congruência ou não dos enunciados com os filmes apresentados. Com vistas a estreitar a faixa etária testada, o autor considerou os resultados das crianças mais velhas (nove participantes), com idades entre 23 e 28 meses. Considerando esse grupo de participantes, as crianças atentaram por mais tempo para os estímulos congruentes compostos por verbos no pretérito perfeito. Tais resultados sugerem que as crianças adquirindo o PB, aos 23 meses de vida, são sensíveis à forma fônica dos afixos verbais marcados para tempo/aspecto, embora não haja evidência de que tais afixos sejam processados semanticamente nessa faixa etária.

Rodrigues (2007) buscou, ainda, investigar a compreensão de afixos verbais, testando diferentes enunciados quanto à perfectividade e à telicidade³¹. Com a técnica de Encenação/Manipulação de Objetos (*act-out*), o autor desenvolveu um experimento em que as crianças ouviam sentenças de dois tipos:

(85) O sapo pulava na pedra quando o menino saiu.

(86) O sapo pulou na pedra quando o menino saiu.

A previsão era de que, quando o verbo estivesse no pretérito imperfeito, a resposta deveria seguir o seguinte padrão: a ação do verbo principal começa e se prolonga até que a ação do *frame de referência* (como o autor chama a oração subordinada) se inicie. Por outro lado, quando o verbo da oração principal estivesse no pretérito perfeito, eram esperados dois tipos de respostas: tipo 1 – a ação do *frame de referência* ocorre antes da ação da oração principal; e tipo 2 – as duas ações ocorrem simultaneamente.

Participaram dessa atividade experimental dois grupos de crianças: um com média de idade de 3;6 anos e outro com média de 5;4 anos. Os resultados apontam para uma preferência pelas respostas do tipo 1 (95,5% das respostas) quando o verbo da oração principal era apresentado no pretérito perfeito, indicando um efeito estatisticamente significativo de perfectividade. O autor destaca que o pretérito imperfeito parece ser cognitivamente mais custoso para as crianças, tendo em vista que a encenação das ações com os enunciados em que

³¹*Telicidade*, segundo Rodrigues (op. cit.), caracteriza um evento em que um processo se desenvolve até um ponto além do qual não poderá ter prosseguimento (ex.: A menina comeu uma maçã).

o verbo principal estava no perfeito foi mais bem executada do que nos casos de imperfeito. Os resultados sugerem, ainda, que os enunciados [+télicos] parecem ser mais facilmente compreendidos pelas crianças com média de três anos, ao passo que as crianças com média de cinco anos parecem não ter afetada a compreensão pelo traço de telecidade. Esse estudo mostra-se relevante por sugerir que, aos 23 meses de vida, as crianças são sensíveis à forma fônica dos afixos verbais, no que diz respeito às formas verbais marcadas para tempo/aspecto. Além disso, os resultados obtidos por meio do segundo experimento sugerem que o aspecto imperfeito é mais custoso para o processamento semântico por crianças de três anos, dificuldade não observada em crianças de cinco anos. Supõe-se, assim, que a codificação de telecidade é estabelecida em um período que compreende as idades entre três e cinco anos.

Já Longchamps (2009) investigou a produção e o reconhecimento do modo verbal por crianças adquirindo o PB. Em um estudo longitudinal, no qual acompanhou duas crianças entre as idades aproximadas de 1;5 e 2;5, com sessões de gravação de interação semanais, foi observado que a criança não apresenta problemas com a produção do indicativo (modo *realis*³²) nem do imperativo (modo *irrealis*). No entanto, foi constatado que não houve produção do modo subjuntivo (correspondente também ao modo *irrealis*) na fala da criança e que, na fala do adulto, tal produção mostrou-se bastante restrita. Dessa forma, a autora buscou verificar como a criança percebe, produz e compreende o subjuntivo e como faz a distinção *realis/irrealis* em uma idade mais avançada quando ainda não domina a morfologia do subjuntivo. Para isso, foram conduzidas atividades experimentais.

A primeira tarefa foi desenvolvida com a técnica de imitação eliciada, proporcionando que a criança repetisse estruturas de quatro tipos:

- (87) Papai quer que eu telefone para ele todo dia (subjuntivo, presente).
- (88) Vovó pediu que eu tomasse o remédio ontem (subjuntivo, passado).
- (89) João conta que eu lavo meu cabelo todo dia (indicativo, presente).
- (90) Guto falou que eu arrumei o quarto ontem (indicativo, passado).

Participaram da atividade 10 crianças com média de 3 anos de idade e 15 crianças compondo o grupo de 5 anos de idade. Os resultados sugerem que, aos 3 anos, as crianças apresentam dificuldades para realizar a repetição, mesmo no modo indicativo, ao passo que,

³²Longchamps (op. cit., p. 32) apresenta a distinção entre modo *realis/irrealis*, destacando que *realis* retrata situações que já tenham ocorrido ou que estejam ocorrendo e que podem ser captadas por meio da percepção direta, enquanto *irrealis* retrata situações internas ao pensamento, isto é, que só podem ser captadas por meio da imaginação.

aos 5 anos, as crianças apresentam uma ótima *performance* com as estruturas no indicativo, apesar de terem dificuldades com as sentenças no modo subjuntivo. A autora observou que as crianças, de ambos os grupos etários, valeram-se de estratégias para realizar a repetição das estruturas, tais como: a substituição do subjuntivo pelo infinitivo; a substituição do subjuntivo pelo indicativo; e, por fim, outros tipos de reprodução totalmente díspares da sentença-alvo ou casos em que a criança não conseguiu reproduzir o estímulo dado.

(91) José pediu *para eu pegar* o cachorro ontem (em substituição à “José pediu *que eu pegasse* o cachorro ontem”).

(92) Carlos quer que eu escondo o sapato todo dia (ao invés de “Carlos quer que eu esconda o sapato todo dia”).

Constatado, portanto, que as crianças lançaram mão de estratégias para distinguir os modos *realis/irrealis*, a pesquisadora elaborou um novo experimento, com vistas a verificar se a criança seria capaz de produzir o modo subjuntivo em uma tarefa de produção eliciada. Era solicitado à criança que completasse sentenças de quatro condições experimentais distintas:

(93) O Dedé mandou que a Jacqueline... (*pentear/penteasse* o cabelo) - subjuntivo, verbo transitivo.

(94) O Dedé mandou que a Jacqueline... (*sente/sentasse*) - subjuntivo, verbo intransitivo.

(95) O Dedé mandou a Jacqueline... (*desenhar* uma casa) - infinitivo, verbo transitivo.

(96) O Dedé mandou a Jacqueline... (*sorrir*) - infinitivo, verbo intransitivo.

Participaram dessa atividade 10 crianças com idade aproximada de 3 anos de idade e 15 crianças com média de idade de 5 anos. Os resultados sugerem que as crianças de 5 anos apresentaram melhor *performance* ao realizar a atividade. No entanto, até mesmo as crianças mais velhas apresentaram dificuldades com as condições no modo subjuntivo. Para ambos os grupos etários, as sentenças no infinitivo são mais facilmente completadas do que as estruturas que demandavam o modo subjuntivo. Como estratégia de produção para a sentença com subordinação, grande parte dos participantes utilizou o infinitivo:

(97) O Dedé mandou *que* a Jacqueline... “*pentear* o cabelo” e não “*pentear/penteasse* o cabelo.

A autora destaca ainda outras alternativas utilizadas, tais como o presente do indicativo:

(98) O Dedé mandou *que* a Jacqueline...“*abre* o livro” no lugar de “*abra/abrisse* o livro”.

o pretérito imperfeito do indicativo:

(99) O Dedé mandou *que* a Jacqueline...“*contava*” ao invés de “*contasse*”.

e o gerúndio:

(100) O Dedé mandou *que* a Jacqueline...“fazendo balé” substituindo “*dance/dançasse*”.

dentre outras opções destoantes da resposta-alvo.

Longchamps (2009) desenvolveu um experimento de compreensão, no qual se utilizou a técnica de julgamento de veracidade. Foram testadas quatro condições experimentais:

(101) infinitivo 1 – “Eu disse para a Lili *desenhar* uma flor” (voz do fantoche), pergunta da experimentadora – “O Dedé disse que a Lili *desenhasse* uma flor?” com a resposta-alvo “sim”;

(102) infinitivo 2 – “Eu disse pro Dedé *pintar* o desenho” (voz do fantoche), pergunta da experimentadora – “A Lili disse que o Dedé *pintou* o desenho?” com a resposta-alvo “não”;

(103) subjuntivo 1 – “Eu disse que o Dedé *comesse* o biscoito” (voz do fantoche), pergunta da experimentadora – “A Lili disse pro Dedé *comer* o biscoito?” com a resposta-alvo “sim”;

(104) subjuntivo 2 – “Eu disse que a Lili *escovasse* os dentes” (voz do fantoche), com a pergunta da experimentadora “O Dedé disse que a Lili *escovou* os dentes?” com a resposta-alvo “não”.

Destacamos que, apesar de a frase na condição subjuntivo 1 soar pouco natural, acreditamos que a autora tenha preferido o verbo “dizer” no lugar de “pedir” para preservar a forma verbal como única informação relevante para o julgamento de veracidade, já que “pediu que” poderia auxiliar na compreensão do modo *irrealis*. Foram testadas 42 crianças, sendo 28 participantes com idade de 5 anos e 14 participantes compondo o grupo etário de 7 anos. Os resultados sugerem que ambos os grupos reconhecem a equivalência infinitivo/subjuntivo como expressão do modo *irrealis*. A autora destaca que a compreensão

das crianças de sete anos parece ter sido favorecida quando a oração crítica era apresentada no subjuntivo e a pergunta, no infinitivo.

Diante do exposto, tem-se que os estudos resenhados nesta subseção apresentam diferentes informações acerca da percepção e da compreensão de noções gramaticais disponibilizadas por afixos verbais. O quadro a seguir busca sistematizar as questões já investigadas na literatura e os resultados encontrados, destacando a idade dos participantes e a técnica experimental utilizada:

Quadro 4: Esquema das habilidades de produção e de compreensão de morfemas verbais por crianças adquirindo o PB

Questão investigada	Idade	Resultados encontrados	Metodologia
Noção gramatical de <i>pessoa</i> Martins (2007)	18 meses	Manifestação da primeira pessoa do discurso na fala da criança	Estudo Longitudinal
	3 e 5 anos	Representação de pessoas gramaticais e percepção da concordância entre sujeito pronominal e forma verbal	Seleção de Objeto
	3 e 5 anos	Compreensão da noção gramatical de pessoa, tanto no sujeito pronominal quanto na morfologia verbal	
	5 anos	Processamento da referência de 1ª pessoa plural do discurso (<i>a gente vs. nós</i>)	
	3 anos	Dificuldade no processamento da referência de plural com base na informação referente à <i>número</i>	
Noção gramatical de <i>tempo/aspecto</i> Rodrigues (2007)	23 meses	Sensibilidade à forma fônica dos afixos verbais marcados para tempo/aspecto	Paradigma de Detecção de Novidade
	3 anos	Dificuldade na interpretação de enunciados com forma verbal no imperfeito	Encenação/Manipulação de Objetos
	5 anos	Melhor desempenho em tarefas de compreensão de enunciados quanto à telicidade	
Noção gramatical de <i>modo</i>	2 anos	Produção linguística dos modos verbais indicativo e imperativo (ausência do modo subjuntivo)	Estudo Longitudinal
	3 anos	Dificuldade de repetição de enunciados no indicativo e no subjuntivo	

Longchamps (2009)	5 anos	Ótimo desempenho na repetição de enunciados no indicativo e dificuldades na repetição de enunciados no subjuntivo	Imitação Eliciada
	3 e 5 anos	Dificuldade na produção de enunciados no modo subjuntivo	Produção Eliciada
	3 e 5 anos	Reconhecimento da equivalência infinitivo/subjuntivo como expressão do modo <i>irrealis</i>	Julgamento de Veracidade

Como se pode observar, as noções gramaticais de *persona*, *tempo*, *modo* e *aspecto*, disponibilizadas por afixos verbais, foram objeto de pesquisa no que diz respeito à percepção, ao reconhecimento e à compreensão de morfemas. Não é de nosso conhecimento, no entanto, que haja, na literatura sobre aquisição da linguagem, pesquisas que busquem investigar o morfema verbal de número no PB, com vistas a integrar questões de aquisição e de variação linguística no âmbito dos estudos experimentais³³. Com o intuito de contribuímos para os estudos sobre a aquisição morfológica e o caráter variável da marcação de plural em verbos no PB, passamos a discutir a percepção e a compreensão do morfema de número.

3.4 Percepção do morfema gramatical de número e compreensão do conceito de numerosidade

Destacamos, a seguir, um conjunto de estudos – com os quais a presente tese busca dialogar – acerca do desenvolvimento conceptual da noção de numerosidade e da percepção de morfemas flexionais específicos da marcação morfofonológica de número, tanto no âmbito do DP quanto em verbos, e da compreensão do conceito de pluralidade veiculado por tais afixos por crianças em fase de aquisição da linguagem.

3.4.1 O desenvolvimento do conceito de numerosidade e o morfema verbal de plural

Como destacado por Carey (2009, p. 117), as representações conceptuais de número têm um papel crucial na vida cognitiva dos seres humanos, já que são essenciais para o desenvolvimento de áreas do conhecimento como a matemática e a ciência, além de serem

³³Destacamos aqui a pesquisa de doutorado de Ana Paula da Silva Passos Jakubów (PUC-Rio), desenvolvida em concomitância com esta tese (JAKUBÓW, in prep.).

centrais para as atividades de comércio, por exemplo. Além disso, as noções de quantidade, principalmente as que envolvem a distinção entre uma única entidade e conjuntos de entidades, estariam em alguma medida atreladas ao desenvolvimento linguístico. Quantificadores, como “alguns” e “todos”, e distinções morfossintáticas expressas em nomes, verbos, adjetivos e determinantes, são exemplos de que várias línguas codificam a diferença entre uma única entidade e um conjunto de entidades. O desenvolvimento da cognição numérica, pelo menos no que se refere à distinção conceptual de “um” *versus* “mais de um”, seria, portanto, primordial para a aquisição das codificações presentes em diversas línguas, que distinguem as noções de singular e plural.

Há na literatura estudos, realizados por meio de diferentes técnicas experimentais, que buscam investigar em que idade o conhecimento conceptual de quantidade (no que se refere à distinção entre “um” e “mais de um” e que subsidiaria a aquisição da morfossintaxe singular-plural) estaria disponível na criança (BARNER et al., 2007; LI et al., 2009). Uma série de estudos defende, porém, que o *sensu numérico* faria parte da cognição humana inicial, já que bebês, ainda durante o primeiro ano de vida, distinguem um objeto de conjuntos de dois ou três objetos (DEHAENE, 1997). A capacidade de bebês de 0 a 15 meses de vida de distinguirem conjuntos de objetos compostos por até três elementos em diferentes tarefas experimentais (cf. FEIGENSON; CAREY, 2005), diferenciando 1 *vs.* 2 e 2 *vs.* 3, seria explicada por um sistema de representação por item, isto é, a criança representaria cada objeto de maneira individual até o limite de três elementos, estabelecendo a noção exata da quantidade de um, dois e três itens.

No que diz respeito à diferenciação entre conjuntos com um maior número de elementos, em tarefas de discriminação numérica realizadas com a apresentação de diferentes estímulos sequenciais, tais como bolinhas pretas (estímulo visual) (XU; SPELKE, 2000); sons (estímulo auditivo) (LIPTON; SPELKE, 2003) e saltos de um fantoche (estímulo visual de movimento) (WOOD; SPELKE, 2005), há evidências de que bebês aos seis meses de vida distinguem conjuntos de estímulos quando há a proporção de um para dois (como na distinção entre oito e 16 estímulos, mas não entre oito e 12 estímulos, por exemplo). A discriminação entre conjuntos apresentados com a proporção 1:2 seria evidência da capacidade numérica baseada em representação de magnitude analógica, segundo a qual a diferenciação entre conjuntos estaria baseada na percepção da proporção entre conjuntos de tamanhos distintos, estabelecendo assim uma equivalência numérica. O sistema de magnitude analógica parece se tornar mais refinado com o desenvolvimento cognitivo da criança, já que pesquisadores

apontam para resultados significativos na comparação entre conjuntos que apresentam a proporção 3:2 por crianças de nove meses de idade (cf. CAREY, 2009).

No entanto, ainda há lacunas e resultados inconclusivos no que diz respeito à representação do conceito de “um” (singular) e “mais de um” (plural) em crianças na fase de aquisição da linguagem. Barner e colaboradores (2007) apontam para a capacidade de bebês, aos 18 meses de vida, em tarefa desenvolvida a partir do paradigma de busca manual (*manual-search paradigm*³⁴), de distinguirem três objetos de um objeto, mas as crianças dessa faixa etária parecem não fazer diferenciação entre quatro objetos e um objeto. A mesma tarefa, aplicada a bebês com idade de 20 meses, revela ainda a não distinção entre um e quatro objetos, mesmo quando são fornecidas pistas morfossintáticas, por meio de estímulos linguísticos do tipo:

(105) *Look, these are some balls. I'm going to put some balls in the box.*

“Olha, aqui estão algumas bolas. Eu vou colocar algumas bolas dentro da caixa”.

Os resultados na tarefa realizada com estímulos linguísticos não apresentaram, portanto, resultados significativamente melhores do que os resultados encontrados quando a tarefa foi apresentada sem estímulo verbal. No entanto, os resultados com crianças aos 22 e aos 24 meses de vida sugerem que houve a distinção conceptual entre um e o conjunto de quatro elementos como “mais de um”, tanto na tarefa aplicada com estímulos linguísticos, quanto na tarefa aplicada apenas com estímulos visuais.

Os autores buscaram investigar, ainda, se a representação de conjuntos na faixa etária testada (entre 22 e 24 meses) estaria baseada na atenção no objeto, ou seja, se a criança faz uma representação do conjunto baseada em objetos individualmente, ela seria capaz de distinguir um conjunto de dois elementos de um conjunto de quatro. Se por outro lado, a criança nessa faixa etária representa conjuntos baseadas em grupos de múltiplos elementos, ela, provavelmente, não conseguiria distinguir dois elementos de quatro. Os resultados encontrados com crianças com média de 23 meses de vida apontam para a não diferenciação

³⁴Trata-se de uma tarefa na qual o experimentador deposita uma ou múltiplas (geralmente, três ou quatro) bolas dentro de uma caixa e entrega o recipiente à criança. O participante, que viu quantas bolas foram depositadas na caixa, é encorajado a retirar uma bola do recipiente. Na condição em que há mais de um item, as bolas restantes são retiradas pelo experimentador de maneira oculta, isto é, sem que o participante veja que as demais bolas foram retiradas. Nesse momento, a tarefa teste começa, na medida em que, nos próximos dez segundos, o experimentador irá medir o tempo em que a criança permanece procurando mais bolas dentro da caixa. Os resultados da atividade sugerem que a criança distingue entre o conceito de numerosidade de um e de mais de um se o participante permanece procurando por mais bolas na condição de múltiplas bolas do que na condição em que há apenas uma bola (BRANDT-KOBELE, 2014). Ver glossário.

entre os conjuntos compostos por dois e por quatro elementos, sugerindo que as crianças tratam, de forma semelhante, conjuntos de dois e conjuntos de quatro elementos como “mais de um”, isto é, como conjuntos “plurais”. Segundo Barner e colaboradores (2007), o tratamento de conjuntos com dois ou mais elementos como “plurais” estaria relacionado com o uso da morfologia de número na produção linguística, uma vez que seria também por volta dessa faixa etária (22 – 24 meses de vida) que as crianças, adquirindo o inglês, começariam a produzir e a demonstrar certa compreensão da morfologia de número.

Com vistas a investigar a correlação entre a aquisição morfofonológica de número e a distinção conceptual não linguística entre conjuntos singulares (um elemento) e plurais (mais de um elemento), Li e colaboradores (2009) discutem, a partir de resultados experimentais, se a aquisição da linguagem influenciaria o desenvolvimento conceptual numérico ou, se ao contrário, o desenvolvimento conceptual não linguístico de número teria efeito sobre o desenvolvimento linguístico. Os autores compararam o desempenho em tarefa de busca manual de crianças adquirindo o inglês (Barner et al., 2007) com crianças adquirindo línguas as quais não apresentam obrigatoriamente marcações morfofonológicas de número, como o japonês e o mandarim. A ideia é a de que, se a aquisição da morfologia de número desencadeia o conhecimento conceptual de singular-plural, seria de se esperar que houvesse um atraso no que se refere ao desempenho das crianças em fase de aquisição de línguas em que há pouca codificação morfofonológica de número, ou seja, em línguas nas quais uma mesma sentença pode expressar tanto um único objeto como um conjunto de objetos. A partir dos resultados apresentados por Barner et al. (2007) no que diz respeito à distinção 1 vs. 4 por crianças adquirindo o inglês, Li e colaboradores aplicaram tarefa semelhante, por meio do paradigma de busca manual, com crianças adquirindo o japonês. Apesar da pouca marcação morfossintática para a distinção entre singular e plural no japonês, foram encontrados resultados robustos, semelhantes aos encontrados com as crianças adquirindo o inglês, ou seja, aos 22 meses de vida as crianças não só distinguem conjuntos de um e três elementos, mas também conjuntos de um e de quatro itens. Dessa forma, a aquisição da morfologia singular-plural não seria necessariamente requisito para a discriminação do conceito de numerosidade em contextos não linguísticos.

A mesma tarefa aplicada com crianças adquirindo o japonês foi realizada com crianças adquirindo o mandarim. Nesse caso, além de testarem a distinção 1 vs. 4, também foi testada a distinção 2 vs. 4. Participaram dessa atividade crianças aos 19, aos 22 e aos 24 meses de idade. Os resultados sugerem que, na comparação entre 1 vs. 4, todos os grupos trataram os

conjuntos de quatro elementos como “mais de um”. Não houve, porém, resultado significativo para a distinção entre 2 vs. 4. Por volta do segundo ano de vida, portanto, parece não haver ainda a representação individual de itens em conjuntos de mais de três elementos. Os autores destacam, no entanto, que as crianças adquirindo o mandarim apresentaram desempenho semelhante ao verificado com crianças adquirindo o inglês para a discriminação entre um elemento e quatro elementos quando comparada a mesma faixa etária (BARNER et al., 2007), o que aponta para a não influência da aquisição morfológica de número na capacidade conceptual de distinção não linguística entre singular e plural.

Quando se trata da distinção entre singular e plural a partir da apresentação mútua de estímulos linguísticos e visuais, Kouider et al. (2006) contrastaram sentenças, com pseudonomes, em duas condições:

a) marcação morfofonológica redundante de plural no verbo, no quantificador e no nome:

(106) *Look, there are some blickets.*

“Olha, aqui tem alguns *blickets*”.

(107) *Look, there is a blicket.*

“Olha, aqui tem um *blicket*”.

e b) marcação apenas no nome:

(108) *Look at the blickets.*

“Olha, tem *blickets*”.

(109) *Look at the blicket.*

“Olha, tem *blicket*”.

Os estímulos linguísticos eram apresentados com duas imagens de objetos inventados: em uma figura aparecia apenas um objeto inventado, ao passo que, na outra imagem, eram apresentados vários objetos inventados. A partir da técnica experimental de Fixação Preferencial do Olhar, o tempo de olhar para cada imagem foi calculado. Três grupos etários distintos (de 20, 24 e 36 meses) de crianças adquirindo o inglês foram testados. Crianças aos 24 meses, mas não as crianças de 20 meses de vida, olharam significativamente por mais tempo para a imagem-alvo quando a informação de número estava codificada de forma redundante no verbo, no quantificador e no nome. Apenas com crianças aos 36 meses, houve

diferença significativa na condição em que as sentenças apresentavam a informação morfofonológica de número somente no nome. Tais resultados apontam para uma maior saliência da informação morfofonológica de número quando há marcação redundante em diferentes elementos, o que facilitaria a compreensão do conceito de numerosidade, visto que crianças aos 24 meses apresentaram resultados significativos quando a informação de número mostrava-se redundante. A redundância da informação morfofonológica de número parece, portanto, ser significativa do ponto de vista perceptual. Tal resultado mostra-se particularmente interessante para a nossa pesquisa (ver experimentos, capítulo 6), uma vez que partimos da hipótese de que a informação redundante (em DP e em V) facilita a compreensão de número por crianças brasileiras. Além disso, os resultados encontrados por Kouider et al. (2006) com os grupos de crianças aos 24 e aos 36 meses de idade sugerem um desenvolvimento perceptual no que diz respeito à marcação morfofonológica de número, uma vez que apenas o grupo de crianças de 36 meses apresenta resultados significativos na condição de informação morfofonológica de número apenas no nome.

Li e colaboradores (2009) aplicaram uma tarefa semelhante à apresentada por Kouider et al. (2006) com crianças com idade média de 22 e 28 meses de vida adquirindo o mandarim, ou seja, uma língua que apresenta pouca morfologia flexional. Segundo os autores, o mandarim apresenta marcação de singular-plural em quantificadores, como “yige” (um) e “yixie” (alguns), em alguns nomes, quando fazem referência a seres animados (ex.: “ayimen”, no português “formigas”), e em pronomes, aos quais é adjungida a partícula “-men” à forma singular (ex.: “wo” – “wo-men” e “ta” – “ta-men”), estímulos raros no *input* a que a criança está exposta. A partir da técnica de seleção de imagem, foram contrastadas sentenças em que havia o morfema *-men* em pronomes e a distinção entre os quantificadores *yige* e *yixie*. Juntamente com os estímulos linguísticos (perguntas, como “Em que lado tem *um/alguns* (“yige”/“yixie”) copo(s)?”), foram apresentadas duas imagens: uma imagem singular (com um objeto) e uma imagem plural (vários objetos). Os resultados sugerem que nenhum dos dois grupos etários (22 e 28 meses) distinguiu as imagens singular e plural a partir dos quantificadores. Quanto aos pronomes, as crianças aos 28 meses de vida parecem discriminar as informações de singular e plural, ao passo que, aos 22 meses, as crianças não apresentaram o mesmo desempenho.

Em conjunto, os resultados reportados parecem indicar que as crianças adquirindo o inglês mapeiam marcações morfosintáticas de número ao conceito de numerosidade em idade anterior às crianças adquirindo o mandarim, embora não haja diferença de desempenho

em tarefas não linguísticas de distinção conceptual de número. Vale destacar, assim, que, no mandarim, a marcação morfofonológica de número é restrita a poucos elementos da língua e os mesmos são infrequentes no *input* da criança, diferentemente do que se observa no inglês, o que pode explicar a diferença de desempenho observada na comparação de resultados em tarefas semelhantes de compreensão. Por outro lado, não houve diferença no desempenho de crianças adquirindo o mandarim e o inglês em tarefas não linguísticas, de maneira que parece haver uma compatibilidade no que se refere ao desenvolvimento conceptual de número independentemente da língua em aquisição.

Apesar de a relação entre desenvolvimento conceptual da noção de numerosidade e a aquisição da linguagem ser uma questão ainda a ser explorada e discutida, os estudos anteriormente resenhados sugerem que, se existe uma correlação entre linguagem e distinção conceptual entre singularidade-pluralidade, o desenvolvimento conceptual da noção de numerosidade subsidiaria a aquisição da codificação linguística entre singular e plural (e não o contrário). Um dos objetivos da presente pesquisa é investigar a produção e a compreensão da marcação morfofonológica de número por crianças adquirindo o PB, discutindo possíveis dificuldades conceptuais na distinção entre singular-plural. A seguir, discutiremos estudos que buscaram investigar a compreensão da marcação morfofonológica de número no DP.

3.4.2 O reconhecimento da marcação morfofonológica de número no DP

São várias as línguas naturais que apresentam a categoria de número como distinção gramatical. A distinção codificada por essa categoria no português (e em diversas outras línguas) indica, de modo geral, se uma expressão linguística diz respeito a um ou a mais de um referente³⁵. A distinção singular/plural na aquisição da linguagem pressupõe, portanto, primeiramente, a diferenciação conceitual entre uma entidade e um conjunto de entidades, atrelada a uma codificação linguística específica.

No âmbito do DP, por exemplo, a codificação gramatical mais comum – embora não a única – no português para o plural é a presença do morfema *-s*, em oposição a um morfema

³⁵Há contextos, no entanto, nos quais a interpretação de número não é tão simples. Como já mencionado, é necessário considerar que, em alguns casos, há uma neutralização da noção de número que pode representar potenciais dificuldades. Sentenças com NPs genéricos, por exemplo, “Leões são animais perigosos” e “O leão é um animal perigoso”, bem como sentenças ambíguas, como “Três dos professores reprovaram um aluno”, são alguns casos de neutralização que podem tornar a interpretação de número (singular/plural) imprecisa.

zero –Ø, indicativo de singular (carro-Ø vs. carro-s), sendo esse padrão denominado como “plural regular”. Como já discutido anteriormente, o PB apresenta flexão nominal variável, e, embora ainda em número reduzido, alguns estudos disponíveis na literatura buscam discutir a aquisição da linguagem sob o olhar da variação linguística.

A maior parte dos trabalhos desenvolvidos sobre a aquisição da morfologia de número no DP tem sido conduzida a partir de estudos longitudinais. Gomes et al. (2011), no que se refere à flexão nominal, analisaram a fala espontânea de 13 crianças com idades entre 1;11 e 4;11, tomando como base a realização da marcação flexional de plural. De um total de 138 ocorrências de flexão no DP identificadas no *corpus*, as autoras informam que foi observada uma uniformidade nas marcas flexionais tanto em elementos à esquerda (88%) quanto à direita do verbo (87%). Não é indicado, porém, o número absoluto para as ocorrências em cada posição do nome em relação ao verbo (à direita ou à esquerda), o que dificulta uma discussão mais apurada dos dados reportados, já que o percentual não revela a quantidade de nomes flexionados, do total observado, que foi produzido em cada posição. É destacado, ainda, que foi observada, nos dados, a prevalência da produção de itens flexionados no plural regular, o que corresponde a 106 ocorrências das 138 levantadas. Em relação a itens nos quais a oposição entre singular/plural é mais saliente, os participantes do estudo produziram apenas três níveis de saliência fônica (dos oito níveis propostos por Scherre e Naro (2007), por exemplo), sendo que o resultado quanto à presença da marca de plural em função do grau de saliência foi o seguinte: nomes terminados em –L (1/4 = 25%); nomes terminados em –R (3/4 = 75%); nomes terminados em –S (4/4 = 100%). Considerando a presença da marcação flexional em itens de flexão regular, as crianças foram agrupadas em três faixas etárias. Foi observada a gradual produção da flexão regular: 1;11 - 2;01, 12 ocorrências de 20 (60%); 2;06 - 3;0, 37 ocorrências de 53 (69%) e 3;05 - 4;11, 61 ocorrências de 64 (95%). Vale destacar que, como mencionado pelas autoras, as idades investigadas nesse estudo são caracterizadas pela produção de DPs pouco complexos, de modo que é de se esperar que a maioria dos dados corresponda à marcação flexional *default* de plural. No entanto, a falta de descrição detalhada das estruturas do DP encontradas na fala das crianças torna os resultados pouco informativos.

Outros estudos partem de *corpora* compostos por dados de produção semi-espontânea, com o objetivo de descrever a aquisição de número em termos de regras morfológicas (MERVIS; JOHSON, 1991; CAPPELARI; ZILLES, 2002). Em geral, tem sido proposta uma descrição para a aquisição de regras morfológicas, ao considerar que a criança observa as regularidades de marcação morfofonológica em sua língua, sendo capaz de estabelecer uma

regra geral para a morfologia de número. Dessa forma, as irregularidades que não são resultantes da aplicação de uma regra genérica observável seriam armazenadas no léxico. Entretanto, não se discute quais são as informações presentes no *input* que se apresentam como relevantes para a aquisição do número gramatical, nem como o *input* é processado para que a criança estabeleça o que é gramaticalmente relevante na língua que está sendo adquirida. Nesse sentido, trataremos, nesta seção, especialmente, de estudos desenvolvidos sobre o reconhecimento e a compreensão da marcação de número e o processamento de concordância no âmbito do DP, os quais consideraram habilidades perceptuais para o tratamento do *input* linguístico e possíveis estágios para a aquisição de número gramatical.

No PB, os estudos de Ferrari-Neto (2003; 2008) trazem discussões relevantes sobre a aquisição de número gramatical no âmbito do DP. Ferrari-Neto (2003) apresenta uma coleta longitudinal de dados de produção semi-espontânea com vistas a identificar formas flexionadas de número na fala de crianças com média de dois anos de idade. A técnica utilizada na coleta de dados de produção linguística é chamada de semi-espontânea, uma vez que o pesquisador fornece à criança materiais, como desenhos com múltiplos indivíduos, com o intuito de induzir a produção de sentenças no plural, ao passo que a produção espontânea pressupõe a não intervenção do pesquisador, que seria mero observador da cena. Os dados apontam para a manifestação apenas de nomes flexionados, não sendo produzidos, nos dados coletados, DPs complexos que permitam afirmar que crianças nessa faixa etária produzem concordância dentro do DP. Apesar de não terem sido verificados enunciados em que houvesse concordância entre determinante e nome, o autor destaca que foi possível perceber certo conhecimento numérico por parte das crianças, já que houve, na coleta de dados, diante de imagens que indicavam pluralidade, a produção de formas linguísticas como “a bola, a outra bola” e “peixe, peixe, peixe”. Nesse sentido, os enunciados mencionados são tomados como indicativos do desenvolvimento paralelo do conhecimento de número conceitual e do sistema de número gramatical.

A partir de tarefas experimentais cujo objetivo era verificar a compreensão do traço de número gramatical, o autor apresenta resultados que sugerem que, aproximadamente aos dois anos de idade, as crianças apresentam sensibilidade à presença do morfema de plural em D, inclusive quando a marcação de número é apresentada apenas no determinante, mas também certa dificuldade no processamento semântico desse morfema. Já crianças na faixa etária entre 30 e 42 meses apresentam sensibilidade à expressão gramatical de número no PB, demonstrando capacidade de reconhecer a informação semântica veiculada por esse morfema.

Ferrari-Neto (2008), buscando aprofundar a investigação acerca da variação morfofonológica no âmbito do DP, verificou, a partir de pseudônimos, a capacidade de crianças com média de idade de dois anos de tratarem DPs flexionados na variedade padrão, com marcação de número redundante em D e N:

(110) Ache o-s dabo-s para o Dedé.

e na variedade não padrão, em que há marcação de número apenas em D:

(111) Ache o-s dabo para o Dedé.

Em uma tarefa de seleção de imagens, em que eram apresentadas, ao se reproduzir a gravação de áudio das sentenças, quatro figuras (uma imagem-alvo – vários objetos desconhecidos – e três distratoras – imagens de objetos conhecidos e desconhecidos no singular), os participantes, ao ouvirem sentenças nas condições gramatical padrão e gramatical não padrão, deveriam optar por uma das quatro figuras apresentadas. Os resultados indicam que não houve diferença estatisticamente significativa para o tratamento de DPs flexionados nas duas variedades do PB, sugerindo que a informação de número no DP é extraída do determinante.

Vale destacar que o experimento acima descrito foi replicado com crianças portuguesas. O estudo contrastivo entre PB e PE no que se refere à identificação de número no DP por crianças de aproximadamente dois anos de idade, apresentado por Castro (2007) e Castro e Ferrari-Neto (2007), sugere que as crianças portuguesas identificam a informação morfofonológica relativa a número da sua variedade (condição padrão – ex.: *os dabo*s) e identificam a posição D como a posição do morfema de plural relevante para a interpretação de pluralidade (condição não padrão – ex.: *os dabo*). Os autores destacam, no entanto, que, em uma comparação entre os resultados obtidos com crianças brasileiras e com as crianças portuguesas, é possível observar que, enquanto as crianças brasileiras reconhecem *os dabo* como plural, sem diferença para *os dabo*s, inclusive tendo mais respostas plurais para a condição não padrão, as crianças portuguesas reconhecem *os dabo* como plural, embora de maneira diferente da percepção de *os dabo*s. As crianças portuguesas apresentam mais respostas plurais para a condição padrão (76,67%) do que para a condição não padrão (46,67%), ao passo que os participantes brasileiros apresentam mais respostas plurais para a condição não padrão (68,4%) do que para a condição padrão (57,4%). Pode-se dizer, assim, que as crianças portuguesas, assim como as brasileiras, parecem extrair a informação de

número de D, sendo uma informação robusta para atribuir a um enunciado o conceito de pluralidade, embora esse não seja um padrão observável na variedade linguística a que estão expostas³⁶. Embora apresentem performances semelhantes, as crianças portuguesas parecem reconhecer mais facilmente a noção de pluralidade na condição padrão do que na condição não padrão, ao contrário do que acontece com as brasileiras, sugerindo que a exposição a estímulos linguísticos diferentes, no que se refere à sistematicidade da marcação morfofonológica de número no *input* (o PE teria, portanto, um sistema de marcação de número mais estável do que o PB), parece afetar o modo como as crianças tratam a informação morfofonológica relativa a número no âmbito do DP.

Em uma segunda atividade experimental, Ferrari-Neto (2008) contrastou variações de alomorfes de plural, como as terminações *-s* (para pseudonomes terminados em vogal: *dafare vs. dafare-s*) e *-es* (para pseudonomes terminados em *-r*: *dafar vs. dafar-es*). Os resultados obtidos sugerem que as crianças com média de idade de 26 meses reconhecem a informação de número apresentada pela alomorfia de plural no experimento proposto, tomando os alomorfes de plural como representações de uma mesma categoria morfológica abstrata. Além disso, os participantes não apresentaram dificuldades em reconhecer a marcação de número quando apresentada apenas em N em construções existenciais:

(112) Aqui tem um *dafar*. Aqui tem outro *dafar*. Mostra pra mim onde tem *dafares*.

Para os objetivos desta pesquisa, destacamos também um terceiro experimento desenvolvido por Ferrari-Neto (2008). O autor ressalta a importância de se investigar a variabilidade linguística no processo de aquisição de uma língua, especialmente no que se refere à investigação da aquisição de número gramatical no PB. Foi desenvolvida uma atividade experimental com vistas a investigar o processamento de morfemas e alomorfes por crianças com média de dois anos de idade provenientes de classes sociais distintas, isto é, comparar o tratamento da informação de número gramatical no DP por crianças expostas à variedade padrão e por crianças expostas à variedade não padrão. Para isso, foi utilizada a

³⁶Apesar de linguistas portugueses, em geral, afirmarem que a regra de concordância de número plural no PE não apresenta variação, Scherre e Naro (2007) apresentam dados de produção da década de 1980 e documentação histórica que indicam que o PE também apresenta, ocasionalmente, marcação não redundante de plural. Os autores destacam que a concordância variável encontrada no português moderno falado no Brasil exibe as mesmas características estruturais fundamentais encontradas no português europeu falado atualmente e no português europeu medieval; por outro lado, há uma diferença extremamente significativa no que diz respeito à frequência de aplicação da regra variável de concordância se comparadas as duas variedades (PE e PB) (ver SCHERRE; NARO, 2007 e MONTE, 2015 para essa discussão). Rubio (2015) destaca que a concordância verbal no PE é considerada uma regra linguística semicategórica, por apresentar um intervalo de variação entre 95% e 99% de emprego da concordância redundante.

técnica de identificação de objetos/criaturas inventados nomeados por pseudônimos. Em uma fase chamada de “apresentação”, o pesquisador mostrava uma imagem com um objeto inventado (imagem singular) e dizia “Aqui tem um *dafar* (condição 1) (ou um *dafare* – condição 2)”. Posteriormente, era mostrada outra figura também no singular com o mesmo objeto e a criança ouvia a sentença novamente: “Aqui tem um *dafar* (ou um *dafare*)”. Então, era apresentada uma figura com um objeto diferente, e o experimentador dizia “Aqui tem um *dafare* (ou um *dafar*)”. Na fase de escolha, eram apresentadas três figuras: uma com várias imagens da figura-alvo; uma com figuras múltiplas diferente do alvo, correspondente à interpretação da forma testada como plural embora não relacionada à forma singular anteriormente apresentada; e uma figura alvo no singular. A tarefa da criança seria, portanto, a de identificar a figura correspondente ao plural do nome alvo, apresentado duas vezes para a criança na fase de apresentação (“Mostra pra mim onde tem *dafares*”). Os resultados sugerem que as crianças de ambos os grupos sociais tratam morfema de número e alomorfia de número de maneira indistinta, e que a alomorfia não se constitui em um problema para o reconhecimento da informação relativa à informação de número. Segundo Ferrari-Neto, a alomorfia não apresenta dificuldades para a criança, independentemente da variedade à que ela é exposta, sugerindo que as crianças em ambos os grupos segmentam o nome em radical e morfema/alomorfe na identificação de número.

Vale observar que, apesar de o autor afirmar que as crianças foram divididas em dois grupos socioeconômicos diferentes e que seriam, então, expostas a variedades diferentes da língua, não houve um estudo que constatasse que as crianças provenientes de classes sociais mais altas são expostas a um *input* em que a marcação de plural seja sistemática em todos os elementos do DP. A nosso ver, é possível que indivíduos pertencentes a uma mesma classe social apresentem na sua produção evidências da atuação de regras variáveis de concordância nominal e verbal. Conforme apontado por Scherre (1994, p. 2), o fenômeno de variação na concordância de número no PB é característico de toda a comunidade de fala do Brasil, apresentando diferenças mais de grau de marcação explícita de plural do que do princípio de variação da regra. Um dos objetivos do presente trabalho é, portanto, preencher essa lacuna, ou seja, caracterizar o *input* à que a criança está exposta e descrever a produção da criança em interação com o adulto. O estudo proposto a partir da gravação de áudios da fala espontânea de adultos e crianças em interação será apresentado no capítulo 5.

Destacamos, ainda, que Lopes (2004; 2006), a partir de estudos da produção espontânea de duas crianças com idades entre 1;8 e 3;7 anos, defende a hipótese de que, no

PB, as crianças passam por três estágios na aquisição de número no DP. No primeiro estágio, as crianças assumiriam um valor *default* singular para os DPs, no qual se verifica a produção de nomes contáveis nus e de DPs definidos e/ou indefinidos, sempre no singular. No segundo estágio, haveria a distinção singular/plural, com a consequente produção da marca morfofonológica de plural. Já no terceiro estágio, haveria uma marcação paramétrica em função da existência de um determinante nulo na língua que, segundo a hipótese assumida por Lopes, torna o traço de número não-especificado em nomes. *Número* entendido como um núcleo opcional na língua explicaria as ocorrências de sentenças genéricas com argumentos nus, o que exigiria um passo extra na aquisição de DPs em PB.

Em geral, os estudos desenvolvidos no PB sugerem que a variação observada na marcação morfofonológica de número no âmbito do DP não dificulta a percepção e a compreensão da oposição entre presença e ausência de morfema de número para a distinção de singular/plural por crianças em fase de aquisição da linguagem, tratando indistintamente formas padrão e não padrão de concordância nominal. No que se refere, no entanto, à variação da marcação morfofonológica de número no âmbito do VP (do inglês *Verbal Phrase*, Sintagma Verbal), ainda há uma lacuna nos estudos sobre a aquisição da linguagem desenvolvidos no PB. A seguir, apresentamos uma discussão dos estudos já desenvolvidos em diferentes línguas acerca do reconhecimento da marcação morfofonológica de número em verbos e que serão tomados como ponto de partida para a investigação proposta nesta tese.

3.4.3 O reconhecimento da marcação morfofonológica de número no verbo

Como visto na seção 3.1, há na literatura um significativo conjunto de estudos acerca da percepção e da segmentação de verbos flexionados em uma fase bastante inicial da aquisição da linguagem, sugerindo que a sensibilidade a morfemas flexionais verbais é bastante precoce. No entanto, poucos são os trabalhos dedicados a investigar o reconhecimento da morfologia flexional de número em verbos e o mapeamento de um morfema verbal de número ao conceito de numerosidade. Vale lembrar que a maioria dos estudos sobre a aquisição de morfemas flexionais verbais é pautada na produção linguística da criança, analisada a partir de estudos longitudinais que utilizam métodos de pesquisa como o de produção espontânea e o de atividades de produção eliciada (como os estudos pioneiros em inglês de BERKO, 1961; KEENEY; WOLFE, 1972; BROWN, 1973 e DE VILLIERS; DE

VILLIERS, 1973). Também no PB, grande parte das pesquisas realizadas com crianças sobre a marcação morfofonológica de número em verbos pauta-se em estudos longitudinais de coleta de dados de produção espontânea (FIGUEIRA, 2003; LOPES; SOUZA; ZILLI, 2005; GOMES et al., 2011), sendo mais escassas as pesquisas realizadas com foco na compreensão desses morfemas.

Revisamos, portanto, nesta seção, estudos conduzidos com o intuito de verificar o reconhecimento da marcação de número nos verbos, considerando a identificação do morfema verbal de número (e pessoa) e a interpretação desse elemento como indicativo de numerosidade (singular ou plural). O conjunto de pesquisas resenhado a seguir investiga diferentes línguas e pode ser tomado como base para a discussão da identificação e da compreensão de morfemas verbais por crianças expostas a línguas com distintos mecanismos de marcação morfofonológica de número em verbos. Além disso, buscamos discutir a metodologia adotada em cada estudo.

Destacamos, primeiramente, o trabalho de Johnson et al. (2005). Os autores examinaram a compreensão da terceira pessoa do singular /s/ como marcação de concordância verbal de número por crianças adquirindo o inglês americano a partir de uma tarefa de seleção de imagem. A marcação de plural no DP foi propositalmente “camuflada” ao selecionarem verbos iniciados com o fonema /s/ que se funde ao /s/ final marcador de plural em N:

(113) *The duck swims in the water.*

“O pato nada na água”.

(114) *The ducks swimØ in the water.*

“Os patos nadam na água”.

Juntamente com os estímulos linguísticos, eram apresentados dois tipos de imagens: uma “imagem singular”, com apenas um agente (um único pato, por exemplo), e uma “imagem plural”, com dois agentes (dois patos). O objetivo da tarefa era verificar se crianças com idades entre 3 e 6 anos, adquirindo o inglês, identificariam a marcação flexional a partir do verbo, já que a marcação flexional do DP estaria “neutralizada”, e mapeariam a sentença à imagem correspondente. Dessa forma, ao ouvir uma sentença, a criança deveria apontar pela imagem que melhor representa o enunciado ouvido.

Por ser uma língua não *pro-drop*, ou seja, que não admite a omissão de sujeito, a tentativa de anular a informação de número no DP, mais especificamente em N, colocando-o

seguido de um verbo que seja iniciado por /s/ parece válida. No entanto, destacamos que os autores não apresentam nenhuma análise acústica que demonstre que o segmento *The duck swim* é pronunciado exatamente como *The ducks swims* no que se refere à junção fonética entre o DP e o verbo.

Nesse estudo, participaram 62 crianças de três a seis anos de idade divididas em grupos etários (21 participantes de 3 anos, 09 de 4 anos, 14 de 5 anos e 18 de 6 anos). Os resultados reportados sugerem que apenas as crianças de cinco e de seis anos de idade mapearam as sentenças com o sufixo verbal e sem o sufixo verbal a imagens de sujeito singular e de sujeito plural, respectivamente, indicando, assim, que, além de serem sensíveis à presença do morfema, que diferencia os dois tipos de sentença, as crianças interpretam adequadamente a noção de número marcada pela flexão verbal (/s/ marcando a 3ª pessoa do singular, ou seja, apenas um sujeito). Os resultados estatisticamente significativos apenas com os participantes de 5 e de 6 anos de idade, no entanto, sugerem uma assimetria entre as habilidades de produção e de compreensão, uma vez que estudos longitudinais apontam para a produção do morfema verbal –s em 90% dos contextos esperados pela gramática do adulto por crianças com idades entre 3 e 4 anos (KEENEY; WOLFE, 1972; BROWN, 1973). Tal questão passou a ser discutida por diversos estudos subsequentes.

A mesma atividade foi aplicada por Johnson (2005) com crianças com idades de 4, 5 e 6 anos adquirindo o inglês afro-americano³⁷ – variedade que apresenta alta frequência na omissão do morfema –s de terceira pessoa do singular (cerca de 85% segundo Wolfram e Schilling-Estes, 1998). A autora destaca que, apesar de infrequente, o morfema –s indicativo de terceira pessoa não é completamente ausente na referida variedade. Dessa forma, é levantada a hipótese de que as crianças adquirindo o inglês afro-americano apresentem uma competição entre gramáticas, já que teriam uma representação do morfema –s característico do inglês americano, em alternância com a marcação zero, que caracteriza o inglês afro-americano. Nesse sentido, era esperado que os participantes reconhecessem o morfema –s como indicativo de singular, recorrendo ao inglês americano, ao passo que o morfema zero poderia ser tratado como uma informação ambígua, ou seja, que poderia indicar tanto singular quanto plural, considerando-se a variedade do inglês afro-americano. Os resultados reportados

³⁷Os termos originais utilizados pelos autores são *Mainstream American English* (MAE) e *African American English* (AAE), traduzidos por nós, respectivamente, como “inglês americano” e “inglês afro-americano” (JOHNSON et al., 2005; JOHNSON, 2005; DE VILLIERS; JOHNSON, 2007). Destacamos que, nos trabalhos resenhados, os autores tratam o MAE e o AAE como diferentes variedades do inglês. Há, no entanto, discussão no âmbito da Sociolinguística se MAE e AAE não seriam línguas distintas.

sugerem que os participantes não demonstraram tratar o morfema –s como indicativo de número singular. Em todos os grupos etários, os resultados ficaram no nível da chance.

A autora sugere, então, que o morfema –s, para as crianças adquirindo o inglês afro-americano, pode indicar outras propriedades gramaticais que não necessariamente número, tais como marcador de histórias narrativas (ex.: *So I sits down and she asks me what time it is and then I gets up and leaves*) e ações habituais (ex.: *He always wakes up at nine*). A partir desse questionamento, De Villiers e Johnson (2007) deram continuidade à investigação das noções gramaticais veiculadas por tal morfema.

As autoras partem da hipótese de que a produção do morfema –s em inglês ocorre em uma etapa anterior à da compreensão desse sufixo, conforme sugerido pelo trabalho de Johnson et al. (2005). Deve-se ponderar, no entanto, que as autoras fazem tal afirmação baseadas em estudos empíricos, já que é atestada a produção do morfema de número em dados de produção (BERKO, 1961; KEENEY; WOLFE, 1972; BROWN, 1973 e DE VILLIERS; DE VILLIERS, 1973) e, por outro lado, não há resultados experimentais que indiquem a compreensão do morfema de número em crianças com idade na qual são verificadas as primeiras produções (entre os 2 e 3 anos de idade). Ressaltamos, assim, que a falta de evidências de compreensão de morfemas por crianças nos primeiros anos de vida pode sugerir que o mapeamento entre um elemento gramatical e sua contraparte semântica seria custoso ou pode dever-se a questões metodológicas dos estudos realizados. Deve-se ponderar também que ainda são escassos os estudos experimentais que buscam investigar a compreensão da marcação morfofonológica de número em verbos.

No estudo desenvolvido por De Villiers e Johnson (2007), o objetivo foi investigar a faixa etária na qual as crianças demonstrariam uma compreensão desse morfema. Participaram do estudo 69 crianças de 4, 5 e 6 anos de idade adquirindo a variedade a qual as autoras chamam de inglês americano (31 participantes) e crianças adquirindo o inglês afro-americano (38 participantes). Segundo as autoras, os falantes da variedade afro-americana do inglês produzem o morfema –s de 3ª pessoa do singular apenas raramente, enquanto que, na variedade do inglês americano, esse morfema é sistematicamente produzido, como já mencionado.

O estudo investigou, primeiramente, em que idade as crianças adquirindo as diferentes variedades do inglês interpretariam o morfema verbal –s como um indicador de aspecto genérico, isto é, de uma ação verbal habitual, e o morfema zero como indicativo de tempo

passado. A tarefa foi desenvolvida a partir da apresentação de uma história na qual uma família (pai, mãe, filhos e avô) divide as tarefas domésticas quando a avó, frequentemente responsável por todas as tarefas, fica doente. Assim, cada membro da família passa a ser responsável, de maneira pontual, por uma tarefa que antes era feita pela avó. Após a apresentação da história, com o apoio de imagens, o pesquisador fazia uma série de perguntas ao participante. Por meio de uma tarefa de seleção de imagem, o participante deveria apontar para a imagem da personagem correspondente à ação mencionada: de acordo com as previsões levantadas pelos pesquisadores, caso fosse uma ação habitual, a resposta-alvo seria a avó; caso fosse uma ação no pretérito, a resposta-alvo seria um dos outros membros da família. Ao compararem as perguntas em que o morfema –s veicula um aspecto genérico da ação,

(115) *Who just cuts the bread?*

“Quem geralmente corta o pão?” (ação habitual).

com perguntas nas quais a ausência desse morfema indica o tempo passado,

(116) *Who just cut the bread?*

“Quem acabou de cortar o pão?” (ação pontual).

as autoras não encontraram diferenças comportamentais entre os dois grupos, isto é, falantes de nenhum dos dois dialetos e de nenhum grupo etário demonstraram sensibilidade à informação veiculada pelo morfema de 3ª pessoa do singular /s/ como um marcador de aspecto genérico para responder às perguntas. Vale salientar, no entanto, que se tratava de uma atividade experimental complexa, a qual envolvia muita informação contextual, que deveria ser mantida na memória da criança para que se chegasse à resposta esperada, já que os participantes ouviam uma história, relativamente, longa.

Em um segundo experimento, também conduzido com a técnica de seleção de imagem, as autoras investigaram se os participantes (27 crianças de 4, 5 e 6 anos falantes do inglês afro-americano e 33 crianças na mesma faixa etária adquirindo o inglês americano) distinguiriam os seguintes pares de sentenças: um evento genérico, ou seja, um sintagma verbal, marcado com o morfema –s de 3ª pessoa do singular

(117) *The pinguim dresses.*

“O pinguim se veste”.

e um sintagma nominal.

(118) *The pinguim dress.*

“O vestido de pinguim”.

Juntamente com os estímulos linguísticos, o participante era apresentado a duas imagens: uma imagem que representava a ação (um pinguim se vestindo, por exemplo) e outra em que o nome era representado (um vestido com figuras de pinguins). A tarefa do participante era, portanto, a de apontar para uma das duas imagens após ouvir o enunciado. As pesquisadoras encontraram resultados estatisticamente significativos para as crianças de 5 e de 6 anos de idade falantes do inglês americano, mas não para as de 4 anos. Já os resultados das crianças falantes do inglês afro-americano ficaram no nível da chance independente da faixa etária. As autoras interpretam os resultados como um indicativo de que crianças de 5 e 6 anos de idade falantes do inglês americano reconhecem o afixo –s como um morfema verbal e atribuem esses resultados à maior frequência no uso desse sufixo pelos falantes dessa variedade do inglês. A ausência de evidências de reconhecimento do morfema –s por crianças adquirindo a variedade do inglês afro-americano deixa em aberto vários questionamentos, como qual seria o papel do *input* na identificação de elementos gramaticais que se mostram variáveis. Como já mencionado, apesar de o morfema –s ser infrequente nessa variedade da língua, ele não é ausente. Deve-se ponderar também que o estudo foi feito com um baixo número de participantes por grupo etário. O aumento da amostra poderia, a nosso ver, revelar novos resultados estatísticos.

O trabalho de Johnson et al. (2005) foi pioneiro na discussão da identificação e da compreensão da marcação morfofonológica de número em verbos, tanto em línguas que apresentam marcação sistemática quanto em línguas com marcação variável, e permitiu a comparação entre línguas com morfologia rica e línguas em que o paradigma verbal é restrito. Pérez-Leroux (2005), por exemplo, investigou, em um experimento semelhante ao de Johnson et al. (2005), também conduzido com a técnica de seleção de imagem, a identificação e a compreensão da marcação de número por 23 crianças da República Dominicana entre 3 e 6 anos de idade adquirindo o espanhol – língua considerada de morfologia rica na variedade testada. Vale destacar que a autora manteve os mesmos estímulos visuais apresentados na pesquisa em inglês e que os estímulos linguísticos foram adaptados do inglês para o espanhol, com o intuito de comparar os resultados encontrados nas duas línguas em tarefas bastante similares. Para que a única informação de pluralidade ou de singularidade fosse proveniente

da marcação no verbo, foram utilizadas sentenças com sujeito nulo, já que o espanhol é uma língua *pro-drop* que permite a omissão do sujeito pronominal.

(119) *Nada en el charco.*

“Nada na poça”.

(120) *Nadan en el charco.*

“Nadam na poça”.

Além disso, utilizou-se, ainda, como condição controle, sentenças com sujeito explícito, nas quais a informação de número era redundante, isto é, marcada no DP e em V:

(121) *El pato nada en el charco.*

“O pato nada na poça”.

(122) *Los patos nadan en el charco.*

“Os patos nadam na poça”.

A autora dividiu os participantes em dois grupos em função da faixa etária: 11 crianças “mais novas” (*Young* – crianças de 3;2 até 4;5) e 12 crianças “mais velhas” (*older* – crianças com idades de 4;8 até 6;6). Os resultados revelaram que as crianças mais velhas tiveram significativamente mais acertos do que as crianças mais novas, cujos resultados ficaram no nível da chance: 52% de acertos para as condições no singular (com sujeito desinencial e com sujeito preenchido) e 45% para as condições no plural (com sujeito desinencial e com sujeito preenchido). Além disso, os resultados indicam que as crianças mais velhas tiveram uma melhor *performance* com as sentenças em que havia a presença do sujeito lexical: 67% de acertos na condição singular e 79% na condição plural. Os resultados encontrados na condição de preenchimento do sujeito parecem sugerir que a informação redundante de número em todos os elementos passíveis de serem flexionados facilita o mapeamento do conceito de numerosidade expresso na sentença, uma vez que a informação de número é marcada em três elementos distintos (D, N e na flexão verbal).

Os participantes “mais velhos” apresentaram diferença significativa quando comparados com as crianças mais novas também na compreensão das sentenças com sujeito desinencial na condição plural: 67% de acertos contra 45% para as crianças mais novas. Já na condição singular com sujeito desinencial a taxa de acertos ficou no nível da chance para ambos os grupos (50% para as crianças mais velhas e 52% para as crianças mais novas). Tais

resultados parecem dialogar com os resultados encontrados no inglês (JOHNSON et al., 2005). Pérez-Leroux (2005) afirma que a comparação entre os resultados de ambos os estudos parece sugerir uma vantagem para a interpretação das formas morfológicamente marcadas, ou seja, no inglês, a forma singular de 3ª pessoa –s e, no espanhol, a forma plural de 3ª pessoa –n, e levanta a hipótese de que a interpretação da informação de numerosidade seria facilitada em formas marcadas morfofonologicamente se comparadas com as formas com morfologia zero.

Legendre et al. (2010), por sua vez, destacam que os sufixos verbais no inglês e no espanhol, por se tratarem de consoantes em posição final na estrutura da palavra, podem não ser claramente articulados, afetando a percepção do morfema. Já em francês, a concordância verbal seria perceptível apenas no processo de *liaison*³⁸ que ocorre, por exemplo, entre o pronome pessoal e o verbo, já que as formas verbais de 3ª pessoa do singular e do plural apresentam a mesma forma fonética em verbos regulares terminados em –ER (como em *Il parle* x *Ils parlent*). Os autores investigaram, assim, a compreensão de sentenças como:

(123) *Il embrasse le voube* [I(1)ãbras/]

“Ele beija o voube”

(124) *Ils embrassent le voube* [I(1)zãbras]

“Eles beijam o voube”

Os autores justificam o uso de pseudopalavras nos estímulos linguísticos (na função de objeto direto) e objetos desconhecidos nos estímulos visuais (inclusive nos pares de imagens: um objeto na imagem singular e outro objeto, de cor e de formato diferentes, na imagem plural) como uma maneira de indicar que as sentenças fazem referência a eventos distintos. Assim, o participante levaria em consideração apenas a informação de número (evidenciada pela *liaison*) para mapear o enunciado ouvido à imagem correspondente.

Baseados nas tarefas desenvolvidas por Johnson et al. (2005) e Pérez-Leroux (2005), os autores optaram por substituir imagens estáticas (figuras) por vídeos em que duas crianças reproduziam as ações mencionadas nas sentenças utilizadas no experimento. Ao invés, portanto, de comparar duas imagens, uma contendo o desenho de um agente e outra contendo

³⁸Na língua francesa, a identificação de um enunciado no plural, no que diz respeito à produção oral, envolve, em grande parte, processos de *liaison*. A ocorrência de *liaison* é descrita como o processo de ressilabificação no qual a marcação de plural (grafada como –s), quando seguida de vogal, é pronunciada [z] em posição de *onset* silábico (Legendre et al., op. cit.). Tal processo também evidencia a informação de plural nos determinantes quando seguidos de nomes iniciados por vogal, como em sentenças do tipo “Des étudiants” e “Les avions”.

dois agentes, os autores utilizaram a comparação de dois vídeos. Em ambos os vídeos, havia duas crianças (dois meninos de cerca de oito anos de idade): em um, apenas um dos meninos praticava a ação mencionada na sentença-alvo enquanto o outro menino permanecia parado; no outro vídeo, as duas crianças praticavam juntas a ação designada pelo verbo. Outra diferença do estudo de Legendre et al. (2010) em relação aos estudos de Johnson et al. (2005) e Pérez-Leroux (2005) foi a técnica experimental utilizada. Os autores argumentam que a técnica de Fixação Preferencial do Olhar Intermodal permite verificar a compreensão de sentenças a partir do tempo de fixação do olhar, o que seria uma resposta natural do indivíduo ao estímulo linguístico, isto é, o olhar procuraria a imagem que melhor representa o que foi ouvido, ao contrário de técnicas que demandariam decisões metalinguísticas (de Julgamento de Gramaticalidade, por exemplo) ou planejamento motor (como o ato de apontar na técnica de seleção de imagem).

Participaram desse experimento 20 crianças na faixa etária de 24 meses e 20 crianças na faixa etária de 30 meses de idade. Os resultados sugerem que crianças com 30 meses de idade mostraram-se sensíveis à distinção singular/plural a partir do fenômeno de *liaison*, ao contrário das crianças de 24 meses. Além disso, verificou-se, a partir de análises da Fala Dirigida à Criança (FDC) e da produção espontânea de crianças, que o processo de *liaison* em verbos iniciados por vogal se mostrou extremamente infrequente no *input* analisado. Os autores atribuem tal sensibilidade, apesar da infreqüência desse tipo de estímulo no *input*, à saliência fônica do processo de *liaison*. Tais resultados são discutidos também por Barrière et al. (2010).

Com o intuito de verificar o quão robusto poderia ser o resultado obtido com as crianças de 30 meses de idade, Legendre et al. (2010) replicaram a tarefa descrita anteriormente com a técnica de seleção de imagem, já que tal técnica poderia se configurar como mais custosa cognitivamente por envolver o planejamento motor de apontar para a imagem correspondente ao estímulo auditivo. Um novo grupo de 16 crianças aos 30 meses de idade participou da tarefa. Os participantes apontaram para o vídeo correspondente em 61,93% das vezes (resultado acima do nível da chance): 64,06% no singular e 59,90% no plural. Os novos resultados, segundo os autores, sugerem que, mesmo “dificultando” a tarefa, as crianças de 30 meses de idade distinguem os estímulos de singular e plural a partir do processo de *liaison*.

Em tarefa de seleção de imagem semelhante à desenvolvida por Legendre et al. (2010), Barrière et al. (2011), mantendo a estrutura das construções previamente testadas, utilizaram pseudoverbos para designar ações inventadas e pseudonomes como complemento verbal, como nos exemplos:

(125) Il *arrouve* le mic: [ilaruvlɔmik].

(126) Ils *arrouvent* le mic: [ilzaruvlɔmik].

24 crianças adquirindo o francês com média de 30 meses de idade participaram da nova atividade experimental. Os resultados apontaram, assim como nos experimentos desenvolvidos por Legendre et al. (2010), para a compreensão da informação de número por meio da presença ou da ausência do processo de *liaison*. Segundo os autores, a escolha pelo vídeo correspondente ao estímulo linguístico ficou acima do nível da chance (61,21%). Apesar de não ter havido diferença estatisticamente significativa na comparação entre as condições singular e plural, os autores destacam que houve melhor *performance* na condição plural (67,71%) se comparada com a condição singular (55,56%).

Retomando a discussão de que a compreensão da marcação morfofonológica de número parece ser tardia se comparada à produção linguística de verbos flexionados, Legendre et al. (2014) propuseram reaplicar a atividade desenvolvida por Legendre et al. (2010) – que encontrou resultados estatisticamente significativos com participantes adquirindo o francês com média de 30 meses – com crianças adquirindo o inglês e o espanhol, a fim de comparar resultados obtidos sob mesmas condições experimentais e mesma faixa etária. Segundo os autores, os resultados de compreensão da marcação de número em diferentes línguas não poderiam ser considerados tardios de maneira universal, uma vez que os resultados em francês apontam para a sensibilidade à marcação de número por meio do processo de *liaison* e para o mapeamento dessa marcação ao seu conceito de numerosidade em idade precoce, se comparados aos resultados do inglês americano e do espanhol, o que poderia ser explicado por diferenças metodológicas das pesquisas já realizadas.

A atividade, portanto, desenvolvida por Legendre et al. (2010) com crianças adquirindo o francês foi replicada com crianças adquirindo o inglês americano. Dessa forma, a fim de verificar se os resultados tardios de compreensão encontrados por Johnson et al. (2005) deviam-se ao uso da técnica de seleção de imagem com figuras estáticas, Legendre et al. (2014) utilizaram a mesma técnica (Paradigma do Olhar Preferencial Intermodal) e os mesmos estímulos visuais (vídeos dinâmicos) da pesquisa em francês. Além disso, os

estímulos linguísticos utilizados foram os mesmos enunciados do francês traduzidos para o inglês, sem a preocupação de omitir a marcação de número também no sujeito, como reproduzido nos exemplos abaixo:

(127) The boys kiss the /dajt/.

(128) The boy kisses the /nej/.

Nesse sentido, os estímulos linguísticos podem ser considerados mais transparentes quanto à marcação de número do que os utilizados por Johnson et al. (2005), uma vez que se trata de marcação redundante no sujeito e no verbo. Participaram dessa atividade 21 crianças com média de 35 meses (um pouco mais velhas do que os participantes do estudo em francês – 30 meses). Contudo, nenhum resultado estatisticamente significativo foi encontrado. O tempo de olhar para os vídeos correspondentes, tanto para o singular ($p=.50$) quanto para o plural ($p=.53$), não foi superior ao tempo de olhar encontrado na *baseline*. Logo, os resultados encontrados por Legendre et al. (2014) vão ao encontro dos resultados reportados por Johnson et al. (2005), que sugerem que crianças na faixa etária de três anos adquirindo o inglês não demonstram mapear a marcação morfológica de número ao conceito de numerosidade, mesmo quando a técnica experimental utilizada é considerada mais refinada e a informação é disponibilizada de maneira redundante no sujeito e no verbo.

Legendre et al. (2014) replicaram também a tarefa utilizada com crianças adquirindo o francês com crianças adquirindo o espanhol mexicano, a fim de comparar os resultados encontrados com os de Pérez-Leroux (2005). Por não terem conseguido autorização para filmar os participantes, os autores replicaram a atividade com vídeos dinâmicos e estímulos linguísticos traduzidos do francês para o espanhol com a técnica de seleção de imagem:

(129) *Besa el micho.*

(130) *Agarran el duco.*

Participaram dessa atividade 31 crianças adquirindo o espanhol mexicano com média de idade de 36 meses. Os resultados, segundo os autores, indicam que, em apenas 53,94% das vezes, as crianças apontaram para o vídeo correspondente, o que não difere estatisticamente do nível da chance (50%). Já a diferença entre o desempenho dos participantes nas condições de singular e plural foi marginalmente significativa ($p=.077$). O desempenho para o plural ficou acima do nível da chance (59,68% - $p=.046$), ao passo que, para o singular, ficou no nível da chance (48,66% - $p=.76$). Os autores afirmam que os resultados são condizentes com

os encontrados por Pérez-Leroux (2005), sugerindo que aos 3 anos de idade os participantes não demonstraram detectar o sufixo de número e utilizá-lo no pareamento entre informação sintático-morfofonológica e informação semântica, apesar de sugerir o início de uma sensibilidade ao morfema de plural.

Os autores afirmam que, em faixa etária comparável e sob condições metodológicas similares, os resultados em francês são mais robustos e evidentes do que os encontrados em inglês e espanhol. Certo cuidado, no entanto, é necessário ao discutir tais resultados, uma vez que a percepção do processo de *liaison* no francês pode não indicar necessariamente uma compreensão de concordância de plural entre sujeito e verbo, mas sim uma sensibilidade ao pronome de 3ª pessoa do plural (*Ils*), cuja pronúncia fica evidente ([ilz]) quando seguido de uma vogal. O mesmo ocorre no francês com outros itens funcionais, tais como o artigo definido (*les*), como em (*les étudiants*), e o artigo indefinido *des* (*des étudiants*). Em outras palavras, o estudo sugere uma sensibilidade mais geral aos itens funcionais que sofrem o processo de *liaison* (artigos e pronomes) e não necessariamente a compreensão do que os autores chamam de “processo de concordância infrequente de sujeito e verbo”, bastante distinto dos mecanismos de concordância observados em línguas como o inglês, o espanhol e o português.

Para Legendre et al. (2014), as diferenças encontradas entre as três línguas podem ser explicadas por meio de diferenças de confiabilidade da marcação de número. Conforme discussão proposta pelos autores, em inglês, o sufixo /s/ no verbo é indicativo de singular (ex.: *he sings*), ao passo que o mesmo sufixo em nomes indica número plural (ex.: *the boys*). Além disso, a adjunção de /s/ em nomes pode indicar posse, como em *the cat's litter*. Nesse sentido, o marcador -s em inglês apresenta uma ambiguidade que poderia dificultar o mapeamento de sua informação semântica. Já no espanhol, a opacidade do marcador -n não seria tão evidente quanto no inglês. Por outro lado, o sufixo -n além de marcar a 3ª pessoa do plural em todas as classes de verbos, também marca a 2ª pessoa do plural em diferentes variedades do espanhol (ex.: *Ustedes comen* – Vocês comem). Além disso, diversos nomes são terminados por -n na língua, como *buzón*, *ratón* e *camión* (caixa de correio, rato, caminhão) e até mesmo algumas preposições como *en*, *con*, *según* e *sin* (em, com, segundo e sem). Os autores destacam ainda que a marcação verbal de singular no espanhol (ex.: *él cantá*) seria também opaca, uma vez que constitui a terminação de nomes, em geral, femininos (ex.: *la puerta*), o que poderia justificar a melhor *performance* das crianças na condição plural. Tais ambiguidades não seriam encontradas no francês, cuja marcação de

número testada experimentalmente é realizada por meio do processo de *liaison*. Nesse sentido, a informação de número no francês seria mais informativa para o mapeamento durante a fase de aquisição da linguagem.

Mais recentemente, Gonzalez-Gomez et al. (2017) conduziram uma pesquisa elaborando duas novas atividades experimentais com crianças adquirindo o espanhol a fim de seguir com a investigação da compreensão da marcação de número no sujeito e no verbo, já que a produção da concordância de número no espanhol é verificada por volta dos 30 meses de idade e que não há resultados experimentais que indiquem a compreensão da marcação de número antes dos 4;8 anos (PÉREZ-LEROUX, 2005; LEGENDRE et al., 2014).

Primeiramente, foram utilizados vídeos dinâmicos (os mesmos utilizados em Legendre et al., 2010), em que as crianças utilizavam objetos inventados, e estímulos linguísticos que apresentavam pseudopalavras como complemento verbal:

(131) *Agarra / Agarran el duco.*

Participaram da tarefa, desenvolvida com a técnica de seleção de imagem, 40 crianças adquirindo o espanhol mexicano. Os participantes foram divididos em dois grupos em função da faixa etária: 19 crianças com idade média de 43 meses (3;7 anos); e 21 crianças com idade média de 56 meses de vida (4;8 anos). Considerados em conjunto, os resultados ficaram no nível da chance, com o percentual de 54,37% de acertos para os vídeos correspondentes. Tratados separadamente por faixa etária, os resultados também ficaram no nível da chance (grupo mais novo – 55,26% - $p=.20$, e grupo mais velho – 53,57% - $p=.67$). Além disso, se considerados por condição experimental, os resultados ficaram no nível da chance no singular (51,87% - $p=.67$), mostrando-se apenas marginalmente significativos na condição plural (56,88% - $p=.03^{39}$). Tais resultados são compatíveis, portanto, com os encontrados por Legendre et al. (2014) e Pérez-Leroux (2005).

Os autores, ao observarem que, durante a aplicação do experimento, os participantes perguntavam com frequência o significado dos pseudonomes ou afirmavam desconhecer os objetos utilizados nos vídeos, decidiram reaplicar a tarefa de seleção de imagem, substituindo as pseudopalavras pela palavra “objeto”. Os estímulos linguísticos foram, então, adaptados:

(132) *Agarra / Agarran el objeto.*

³⁹Os autores afirmam que o resultado para o plural é apenas marginalmente significativo quando corrigido para comparações múltiplas.

Participaram da nova atividade 40 crianças, divididas em dois grupos: crianças mais novas, com média de 43 meses (3;7 anos); e crianças mais velhas, com média de 58 meses (4;10 anos). Não foi encontrado nenhum efeito estatisticamente significativo de idade e de número, nem interação entre idade e número. Os resultados mostraram-se significativos, uma vez que a escolha pelo vídeo correspondente ficou acima do nível da chance (61,56% - $p < .001$). Considerados separadamente, os resultados de ambos os grupos etários sugerem a compreensão da marcação de número no verbo: para o grupo de crianças mais novas, o percentual de acertos foi 62,50% ($p = .009$); para o grupo de crianças mais velhas, o percentual foi de 60,62% ($p = .01$). Os resultados mostraram-se significativos também na comparação das condições singular (60,63% de acertos - $p = .007$) e plural (62,50% - $p = .002$). Segundo os autores, os resultados encontrados com crianças mais novas do que os resultados de Johnson et al. (2005) e Pérez-Leroux (2005) poderia ser explicado por questões metodológicas, como o uso de vídeos no lugar de imagens estáticas. Deve-se considerar, no entanto, que ainda assim a idade das crianças adquirindo o espanhol (43 meses) é superior à das crianças adquirindo o francês (30 meses), o que poderia ser explicado pela confiabilidade da marcação de número em verbos nas duas línguas, como já discutido.

Brandt-Kobele e Höhle (2010), também inspiradas nos estudos de Johnson et al. (2005) e Pérez-Leroux (2005), investigaram se crianças adquirindo o alemão demonstrariam a compreensão de número a partir da flexão verbal em tarefas de compreensão em que a informação de número no sujeito é ambígua e buscaram discutir possíveis assimetrias e interferências metodológicas na comparação entre produção e compreensão da marcação morfofonológica no verbo. No alemão, os pronomes pessoais femininos de 3ª pessoa do singular e de 3ª pessoa do plural são homófonos (*sie* “ela” x *sie* “elas”)⁴⁰. Dessa forma, as sentenças utilizadas no experimento são temporariamente ambíguas, uma vez que a informação de número estaria disponível apenas na flexão verbal, como nos exemplos reportados abaixo:

(133) *Sie füttert einen Hund*⁴¹.

“Ela alimenta o cachorro”

⁴⁰Os pronomes *sie* (“ela”) e *sie* (“elas”) são tratados por Brandt-Kobele e Höhle (2010) como formas homófonas. No entanto, a nosso ver, tais formas podem ser consideradas um fenômeno de *sincretismo*, uma vez que se trata de uma única forma para diferentes funções gramaticais.

⁴¹As traduções das sentenças para o português foram feitas a partir dos exemplos em inglês disponibilizados pelos autores.

(134) *Sie füttert einen Hund.*

“Elas alimentam o cachorro”

Imagens estáticas de uma ou duas meninas praticando a ação mencionada no estímulo linguístico (dando comida a um cachorro, por exemplo) foram apresentadas. As autoras, assim como Legendre et al. (2010), discutem possíveis interferências metodológicas que a escolha da técnica experimental pode gerar nos resultados encontrados em tarefas de compreensão. Nesse sentido, na tentativa de evitar que o participante tenha que tomar uma decisão explícita durante a tarefa que requer habilidades não cognitivas, como o planejamento motor de apontar para uma dentre duas imagens apresentadas, Brandt-Kobele e Höhle (2010) utilizam a técnica de Rastreamento Ocular sob o pressuposto de que o participante ao ouvir um estímulo linguístico tende a fixar o olhar no estímulo visual que considera compatível com o estímulo ouvido.

Em um primeiro experimento, 28 crianças entre 3;0 e 4;1 anos de idade participaram de uma atividade semelhante à desenvolvida por Johnson et al. (2005) e Pérez-Leroux (2005) em que o tempo de fixação do olhar em cada imagem foi calculado. Primeiramente, cada par de imagens (imagem plural – com dois agentes *versus* imagem singular – com um único agente) foi apresentado sem nenhum estímulo linguístico (condição *baseline*) e o tempo de olhar para cada imagem (plural ou singular) foi calculado. Houve preferência pela imagem plural na fase considerada *baseline*, o que é atribuído pelas autoras ao maior número de informação visual nessa imagem (dois personagens, como no caso da sentença mencionada, duas garotas dando comida a um cachorrinho). Na análise, foram comparados os dados relativos à condição *baseline* e à condição experimental, apresentada logo após (em que os estímulos visuais eram apresentados junto com os estímulos linguísticos). Na condição de estímulo linguístico no singular, a preferência pela imagem plural verificada na condição de *baseline* caiu, ou seja, mesmo preferindo a imagem plural na condição de *baseline*, quando o participante ouvia a sentença no singular, houve menor tempo de fixação do olhar para a imagem plural. Por outro lado, na condição de estímulo linguístico no plural, a preferência pelo plural se manteve, ou seja, a duração da fixação foi maior para a imagem correspondente.

Em um segundo experimento, a mesma atividade experimental foi conduzida com um novo grupo de participantes, adicionando à tarefa, além do rastreamento ocular, o pedido de que os participantes apontassem para a imagem escolhida como a mais compatível com o estímulo linguístico. Participaram da atividade 28 crianças com idade média de 3;8 anos. De

maneira semelhante ao feito no experimento 1, foram comparados os tempos de fixação na *baseline*, em que houve preferência pela imagem plural, e nas condições de teste. Apesar de revelar resultados menos robustos do que os encontrados no experimento 1, o rastreamento ocular no experimento 2 sugere também que, na condição singular, há uma queda na preferência encontrada pela imagem plural na *baseline*. Já na condição plural, a preferência pela imagem plural foi mantida. Contudo, os resultados de seleção de imagem não se diferiram do nível da chance: na condição singular, as escolhas pela imagem congruente ficaram em 56,3%; na condição plural, as escolhas pela imagem congruente ficaram em 48,5%.

As autoras destacam que os resultados obtidos pela técnica de seleção de imagem, por si só, não sugerem o mapeamento entre formas verbais flexionadas em número com o conceito de numerosidade – resultados condizentes com os reportados por Johnson et al. (2005) e Pérez-Leroux (2005). No entanto, a técnica de rastreamento ocular sugere que, em um comportamento natural de direcionar o olhar para a imagem compatível com o estímulo linguístico ouvido, crianças adquirindo o alemão compreendem a flexão verbal de 3ª pessoa do singular e do plural como informativa de número, quando comparado o total de fixação em cada imagem na condição *baseline* e na condição teste.

Bláhová e Smolik (2014), diante da hipótese levantada por Johnson et al. (2005) e Pérez-Leroux (2005) de que as formas verbais marcadas morfologicamente para número seriam mais facilmente interpretadas durante a fase de aquisição da língua, investigaram a compreensão do morfema de número em verbos no tcheco, língua na qual tanto a 3ª pessoa do singular quanto a 3ª pessoa do plural são marcadas morfologicamente. Os autores contrastaram sentenças de quatro tipos:

i) omissão do sujeito com marcação de número em verbo intransitivo

(135) *Tady běží_{sg}/ běhají_{pl}*

“Aqui corre/ correm”

ii) omissão do sujeito com marcação de número em verbo transitivo

(136) *Čte_{sg}/ čtou_{pl} knihu*

“Lê/ Leem um livro”

iii) sujeito lexical preenchido sem distinção na marcação do verbo

(137) *Maminka_{sg}/ maminky_{pl} tlačí kočárek*

“A mamãe/ As mães empurra(m) o carrinho”

iv) contraste entre a flexão de singular e plural apenas no objeto lexical

(138) *Pán nese tašku_{sg}/ tašky_{pl}*

“O homem carrega a bolsa/ as bolsas”

As sentenças eram apresentadas juntamente com um par de imagens que diferiam entre o número de participantes/objetos envolvidos na ação expressa pelo verbo. A técnica utilizada para a atividade foi a de seleção de imagem, e o procedimento adotado se assemelhava às atividades desenvolvidas por Johnson et al. (2005) e Pérez-Leroux (2005).

Participaram do estudo 72 crianças monolíngues adquirindo o tcheco, com idades entre 3 e 4;7 anos. Na análise dos dados, foram considerados dois grupos de participantes: de 3 e de 4 anos. As variáveis analisadas foram, portanto, idade (3 x 4 anos), número gramatical (singular x plural) e tipo de sentenças (quatro tipos – i-iv). Segundo os autores, como não houve efeito de tipo de sentença, essa variável foi retirada da análise dos dados. Houve um resultado semelhante na compreensão de sentenças marcadas com a flexão de plural no verbo (condições de marcação de número em verbos intransitivos e transitivos – i e ii) e no nome (condições de marcação de número no sujeito e no objeto – iii e iv). Considerando-se apenas as sentenças com flexão verbal de número (condições i e ii), aos 3 anos, houve uma melhor *performance* com os verbos marcados com o morfema de número plural, sendo que a *performance* com o singular ficou abaixo do nível da chance. O efeito estatisticamente significativo encontrado para a variável idade ($p < 0.001$) foi relacionado pelos autores à uma significativa melhora no desempenho das crianças com média de 4 anos na condição singular, visto que a *performance* para a condição plural apresentou um leve declínio quando comparado o grupo de 4 anos com o grupo de 3 anos de idade.

Diante dos resultados, os autores questionam a hipótese de que as crianças tendem a compreender primeiramente apenas as formas marcadas morfofonologicamente e apresentam uma possível explicação pragmática para a diferença nos resultados entre sentenças marcadas com morfemas verbais de singular e de plural, ou seja, para a melhor *performance* com os estímulos marcados para plural. Segundo a discussão levantada no estudo, quando diante de uma sentença com o verbo no singular, a criança poderia apontar tanto para uma figura em que havia apenas uma entidade, quanto para uma entidade em uma figura com várias

entidades. Afinal, onde há, por exemplo, vários meninos correndo, também há pelo menos um indivíduo correndo, o que poderia sugerir uma leitura genérica da sentença. No entanto, se a sentença apresenta um verbo marcado morfológicamente para o plural, haverá necessariamente a correspondência desse enunciado com a imagem com mais de uma entidade. Nesse sentido, a informação linguística de plural seria mais robusta para a decisão esperada na tarefa, isto é, para a seleção de uma das imagens (no caso, da imagem com mais de uma entidade envolvida na ação verbal). Por outro lado, para a escolha da imagem singular, o participante teria que levar em conta que é esperado que a figura selecionada seja a mais apropriada dentre as duas opções.

Vale destacar, no entanto, que a explicação pragmática sugerida por Bláhová e Smolík (2014) não justifica a melhor *performance*, por exemplo, na condição singular pelas crianças adquirindo o inglês (condição em que há marcação morfofonológica no verbo – ex.: *The duck swims*), conforme relatado por Johnson et al. (2005). Dessa forma, o que parece ser relevante nos experimentos realizados em línguas em que a forma plural é morfológicamente marcada, portanto, é a correspondência feita entre um enunciado plural e uma imagem em que haja mais de uma entidade.

Outra língua que possui marcação flexional verbal tanto para singular quanto para plural, assim como o tcheco, é o persa. Rastegar et al. (2012), baseados em estudos anteriores, investigaram a produção e a compreensão da marcação flexional de número por 70 crianças persas com idades entre 4 e 6 anos (20 crianças de 4 anos; 25, de 5 anos; 25, de 6 anos). Os mesmos participantes realizaram, primeiramente, uma tarefa de produção eliciada, e, uma semana depois, uma tarefa de compreensão conduzida com a técnica de seleção de imagem nos moldes da utilizada por Johnson et al. (2005) e Pérez-Leroux (2005).

Na primeira atividade, as crianças eram encorajadas a descreverem oralmente cada uma das oito figuras apresentadas, ora com um agente (ex.: um cachorro brincando com uma bola), ora com dois agentes (ex.: dois cachorros brincando com uma bola). Segundo os autores, em 95% dos casos, as crianças produziram sentenças compatíveis com a noção de numerosidade do agente apresentado na imagem sem problemas de concordância, tanto para singular quanto para plural.

Já na tarefa de seleção de imagem, as figuras com um ou dois agentes foram apresentadas com sentenças de quatro tipos: sujeito preenchido singular, sujeito preenchido

plural, sujeito nulo singular e sujeito nulo plural. Em todas as sentenças, o verbo estava flexionado no tempo presente:

(139) *dokhtær be ayne negah mikone*. (Sujeito preenchido –3ª pessoa do singular)⁴²

“A menina olha no espelho”

(140) *una be gola ab midæn*. (Sujeito preenchido – 3ª pessoa do plural)

“Eles molham as flores”

(141) *hendoone mikhore*. (sujeito nulo – 3ª pessoa do singular)

“Come melancia”

(142) *ghaza mipæzæn*. (sujeito nulo – 3ª pessoa do plural)

“Cozinham o almoço”

O preenchimento do sujeito por meio de um DP ou de um pronome não foi tratado pelos autores, que citam apenas os dois exemplos mencionados, sem explicitar se houve algum tipo de controle entre os dois tipos de sujeito preenchido. Os resultados apontam para um efeito principal de idade ($p=.000$), indicando que as crianças de 6 anos tiveram um melhor desempenho na tarefa se comparadas com as crianças de 4 e de 5 anos. Foram encontrados resultados estatisticamente significativos para a condição sujeito nulo plural apenas para o grupo de crianças de 6 anos de idade, o que sugere que, aos 4 e aos 5 anos, as crianças tiveram dificuldades na compreensão desse tipo de sentença. Os resultados sugerem, portanto, que os participantes demonstraram compreensão das sentenças com sujeito preenchido (singular e plural) e com sujeito nulo singular. Já com as sentenças com sujeito nulo plural, apenas o grupo de crianças de 6 anos de idade obteve resultados significativos.

Os autores argumentam que diferenças estruturais das línguas influenciam na dificuldade de compreensão da marcação flexional de número. Por outro lado, defendem que, assim como nos estudos de Johnson et al. (2005) e Pérez-Leroux (2005), os resultados obtidos com a língua persa sugerem uma assimetria entre produção e compreensão de verbos flexionados. Por se tratar de uma língua de morfologia rica, que possui marcação flexional variada em nomes para plural (e singular com morfologia zero) e marcação de número em verbos para as diferentes pessoas do singular e do plural, os autores sugerem que a tarefa de compreensão das sentenças é extremamente complexa para as crianças adquirindo o persa,

⁴²As traduções das sentenças para o português foram feitas a partir dos exemplos em inglês disponibilizados pelos autores.

uma vez que elas teriam que lidar com diversos morfemas e alomorfes. Além disso, na fala das crianças, foi observada a produção da marcação -a que, segundo descrito no trabalho, é uma flexão genérica muito utilizada na linguagem informal, que pode sugerir que as marcações flexionais de número ainda não estão consolidadas para as crianças das faixas etárias testadas.

Vale destacar que os resultados desse estudo também indicam que sentenças com sujeito preenchido em que há a marcação redundante de número no sujeito e no verbo parecem facilitar a compreensão da noção de numerosidade veiculada pela sentença. Como veremos no capítulo 06, a presente pesquisa buscou comparar a compreensão de numerosidade entre sentenças com sujeito nulo e sentenças com sujeito preenchido no português.

Destacamos, ainda, o estudo de Miller e Schmitt (2009). As autoras trabalham com a Hipótese de Atraso pela Variabilidade (*Variability Delay Hypothesis*⁴³), segundo a qual a variabilidade encontrada no *input* provocaria um atraso na compreensão do morfema gramatical quando tal variabilidade causa uma ambiguidade (ora o elemento é marcado morfologicamente, ora assume uma forma zero, isto é, é omitido) e é restringida não somente por fatores linguísticos, mas também extralinguísticos. Segundo tal hipótese, tem-se, portanto, que, se o *input* ao qual a criança está exposta é frequente e não apresenta ambiguidade, a aquisição do morfema ocorreria mais rapidamente se comparado com o processo de aquisição por uma criança exposta a um *input* não consistente. Nesse caso, a criança demoraria mais tempo para estabelecer o que é gramatical na língua.

Nesse sentido, as autoras buscam contrastar duas variedades do espanhol: o espanhol mexicano e o espanhol chileno. Na primeira variedade, a marcação de plural ocorre de forma consistente no *input* e é produzida em todos os elementos no DP e no VP. Já na segunda variedade, devido a um processo de lenição⁴⁴, o morfema de plural -s pode ser produzido como [s], [h] ou pode ser omitido (zero), mas, em contextos de plural, mesmo que o DP não seja marcado morfologicamente, o verbo é sempre marcado com o morfema de plural, conforme ilustram os exemplos abaixo:

⁴³Hipótese originalmente proposta por Yang (2002).

⁴⁴*Lenition process*, em inglês. Trata-se de um processo fonológico variável que reduz o segmento final /s/ a um fonema aspirado /h/ ou a uma omissão (zero) (MILLER; SCHMITT, 2012).

(143) *Las niñas están saltando.* [laz niñas] (espanhol mexicano)

“As meninas estão pulando”.

(144) *Las niñas están saltando.* [laz niñas / lah niñah / la niña] (espanhol chileno)

“As meninas estão pulando”.

Verificou-se, primeiramente, a partir de uma tarefa de seleção de imagem, se crianças monolíngues adquirindo as variedades do espanhol (mexicano ou chileno) associariam o morfema de plural -s ao conceito de “mais de um” em DPs indefinidos:

(145) *¿En cuál de las dos tarjetas hay una(s) botella(s)?*

“Em qual das duas figuras tem uma(s) garrafa(s)?”

Os estímulos linguísticos nessa tarefa eram apresentados juntamente com duas figuras: uma com um objeto – uma garrafa, por exemplo – e outra com vários objetos – várias garrafas. Participaram dessa tarefa 19 crianças mexicanas pertencentes à classe baixa, 17 crianças chilenas pertencentes à classe baixa e 10 crianças chilenas de classe média, todas com média de idade de cinco anos. Os resultados sugerem que, sob as mesmas condições experimentais, crianças mexicanas associam com maior frequência o morfema de plural à noção de “mais de um”, uma vez que houve uma diferença estatisticamente significativa entre as crianças mexicanas e as crianças chilenas, mas não entre os dois grupos de crianças chilenas testadas (de classe média e de classe baixa).

Foram contrastados também os seguintes tipos de sentenças:

(146) *¿En cuál de las dos tarjetas hay una niña que está saltando?*

“Em qual da duas figuras tem uma menina pulando?”

(147) *¿En cuál de las dos tarjetas hay unas niñas que están saltando?*

“Em qual das duas figuras tem umas meninas que estão pulando?”

Essa tarefa foi também conduzida com a técnica de seleção de imagem, na qual eram contrastadas figuras com um ou mais de um agente. Participaram da atividade 13 crianças de cinco anos de idade provenientes da classe trabalhadora falantes do espanhol chileno (único grupo testado nessa tarefa, já que, nessa classe social, verificou-se maior omissão do morfema -s no DP). Os resultados sugerem que as crianças chilenas provenientes de classe baixa foram sensíveis à concordância verbal, uma vez que escolheram com sistematicidade a figura com “mais de um elemento” para as sentenças marcadas com morfemas de plural. Como no

primeiro experimento, os resultados sugerem que não houve diferença estatisticamente significativa na interpretação de crianças chilenas entre DPs indefinidos no singular e no plural, as autoras defendem que a informação robusta para as crianças identificarem uma sentença como se referindo a mais de um referente no segundo experimento foi o morfema verbal (*está-Ø* – 3ª pessoa do singular vs. *está-n* – 3ª pessoa do plural).

Em um estudo mais recente, Miller e Schmitt (2012) focaram na produção e na compreensão de DPs indefinidos. Em um primeiro experimento, as autoras compararam a produção de marcas de plural em DPs indefinidos para descrever imagens de conjuntos de elementos. Na tarefa de produção eliciada, eram apresentadas para as crianças imagens que continham um elemento (condição singular – uma vaca, por exemplo) ou três elementos (condição plural – três vacas). O experimentador perguntava para o participante o que havia na figura (ex.: *¿Qué hay acá?* – “O que tem aqui?”). Participaram do experimento 29 crianças mexicanas de classe baixa (com média de idade de 3 anos), 25 crianças chilenas de classe média (com média de 5 anos de idade) e 27 crianças chilenas de classe baixa (também com média de 5 anos de idade). Os autores destacam que a decisão acerca da diferença nas idades das crianças mexicanas e chilenas foi baseada em estudos prévios sobre a produção de morfemas flexionais em variedades do espanhol que apresentam marcação consistente de número (como o espanhol mexicano, por exemplo) e estudos conduzidos em variedades da língua que apresentam variação (como o espanhol chileno), nas quais a produção frequente de morfemas flexionais seria mais tardia. Foram consideradas duas análises iniciais dos dados: o tipo de DP produzido (nomes nus, DPs indefinidos, etc.) e a produção de marcação de plural na condição com mais de um elemento.

Grupos de adultos, tanto chilenos quanto mexicanos, foram testados e suas respostas foram consideradas como respostas-alvo e contrastadas com as respostas fornecidas pelas crianças. Na condição singular, 100% dos adultos produziram DPs indefinidos no singular (*una vaca*, por exemplo). As crianças chilenas, assim como as mexicanas, também produziram DPs indefinidos. No entanto, algumas crianças chilenas provenientes de classe social baixa produziram nomes nus para descrever a imagem (*vaca*). Já na condição plural, houve maior variedade no tipo de DP produzido pelas crianças. A diferença mais significativa foi que as crianças mexicanas apresentaram uma preferência significativa pelos DPs indefinidos (*unas vacas*), isto é, os participantes criaram pares mínimos com a produção na condição singular (*una vaca*). Por outro lado, diante de imagens com mais de um elemento, as crianças chilenas produziram nomes nus no plural (*vacas*) e nomes nus no singular (*vaca*), ao

que parece ser um uso genérico do singular. O comportamento das crianças chilenas difere não só do comportamento das crianças mexicanas, mas também das respostas dadas pelos adultos. Além de as crianças chilenas produzirem menos marcações de plural do que as crianças mexicanas, as autoras destacam que as crianças chilenas da classe baixa tem uma produção menor da marcação do plural do que as de classe média.

Em um segundo experimento, as autoras desenvolveram uma tarefa de encenação de ações em que, diante de dois conjuntos de brinquedos (por exemplo, seis flores e seis *muffins*) e de uma caixa, a criança ouvia um comando, como “Coloque uma flor/umas flores na caixa” (*Pon una flor/unas flores em la caja*). Participaram dessa atividade experimental 50 crianças chilenas e 11 crianças mexicanas. Ambos os grupos de participantes eram provenientes de classe social baixa. O objetivo da tarefa era o de verificar em que medida a pouca produção da marcação de plural em DPs indefinidos pelas crianças chilenas levaria a uma dificuldade em associar esse tipo de DP ao conceito de “mais de um”. Novamente, um grupo de adultos (composto por 12 mexicanos e 25 chilenos) foi utilizado como grupo controle e as respostas foram tomadas como respostas-alvo. Os adultos foram consistentes em colocar apenas um elemento dentro da caixa na condição singular e mais de um elemento na condição plural.

Na condição singular, as crianças mexicanas e chilenas, em mais de 90% dos *trials*, depositaram apenas um elemento dentro da caixa, ao passo que houve diferença no comportamento entre os dois grupos de crianças na condição plural. Os resultados estatísticos apontam para uma diferença significativa, segundo a qual as crianças mexicanas associaram o DP indefinido singular a “um” e o DP indefinido plural a “mais de um” de forma mais sistemática do que as crianças chilenas.

Segundo as autoras, a variedade de registro pode ser um fator que influencia a interpretação da marca de plural, já que, em contextos mais formais, haveria uma menor tendência ao uso de variantes locais (nesse caso, o processo de lenição). Para testar tal influência, foi conduzido um terceiro experimento com a técnica de seleção de imagem, no qual a leitura de histórias infantis foi empregada na tentativa de deixar o contexto experimental mais formal. Nas pequenas historinhas, as personagens (cinco crianças) ganhavam presentes. Desse modo, o experimentador perguntava “Qual criança tem um burro?” (*¿Cuál niño tiene un burro?*) ou “Qual criança tem uns burros?” (*¿Cuál niño tiene unos burros?*). Participaram dessa atividade experimental 12 crianças mexicanas de classe baixa (média de 5 anos de idade), 20 crianças chilenas de classe média (média de 6 anos de

idade) e 20 crianças chilenas de classe baixa (média de 6 anos de idade). Foi testado também um novo grupo de crianças (11 crianças chilenas de classe baixa e 9 crianças chilenas de classe média, todos com média de 5 anos de idade) cujos *trials* linguísticos tiveram como pronúncia da marcação de plural o fone aspirado [h] (e não o fone [s]).

Na condição singular, as crianças tiveram comportamento semelhante. Porém, na condição plural, houve diferença na *performance* dos participantes. Os resultados sugerem que as crianças chilenas, diferentemente das crianças mexicanas, não associaram a marcação [s] ao conceito de “mais de um”. Há indícios, no entanto, de que elas associem [h] ao conceito de pluralidade, uma vez que essa marcação, decorrente do processo de lenição, é mais frequente na produção espontânea dos adultos falantes do espanhol chileno.

Em uma comparação entre as crianças chilenas de classe média e de classe baixa, as autoras destacam que as provenientes de classe média têm um comportamento mais próximo à reposta-alvo do que as crianças de classe baixa. Isso se daria devido à variedade linguística da classe média apresentar mais sistematicamente a marcação de plural, se comparada à variedade da classe baixa, em que há mais omissão da marcação de plural. Entretanto, a frequência da produção do morfema no *input* não dá conta, sozinha, de explicar as diferenças encontradas, já que muitas vezes a presença da marcação de plural aspirada [h] parece não ser suficiente para indicar a associação de um DP ao conceito de pluralidade. Nesse sentido, Miller e Schmitt (2009, 2012) defendem que, ao comparar duas variedades de uma mesma língua (o espanhol), a variabilidade morfofonológica disponível no *input* pode ter um papel significativo na aquisição da morfologia gramatical, fazendo com que a aquisição em um ambiente no qual o *input* mostra-se variável seja afetada.

Como já mencionado, a presente pesquisa pretende investigar a identificação de morfemas verbais e a compreensão da informação de número manifesta no verbo por crianças adquirindo o PB, discutindo se a variabilidade encontrada no material linguístico disponível para a criança no que se refere à marcação redundante ou não redundante da concordância verbal afeta o reconhecimento da informação gramatical de numerosidade. A Hipótese do Atraso pela Variabilidade poderia mostrar-se interessante em um estudo comparativo acerca do processo de aquisição do morfema verbal de 3ª pessoa do plural em diferentes variedades do português, tais como o PB e o PE.

Na próxima seção, discutiremos estudos que investigaram a aquisição da linguagem a partir de *input* variável no PB.

3.5 A aquisição da linguagem a partir de um *input* variável

A variação presente no *input* ganhou destaque em estudos que abordam a aquisição/aprendizagem de L2, ao passo que ainda são escassos os trabalhos que investigam o processo de aquisição de primeira língua/L1 a partir de um *input* variável. Os estudos sobre aquisição de L1, em sua grande parte, investigam a aquisição de propriedades invariantes da língua. Nesse sentido, ainda são poucos os estudos que tomam como objeto de pesquisa a aquisição de propriedades linguísticas a partir de dados em que tais propriedades se mostram inconsistentes.

Segundo Lightfoot (2010), sistemas linguísticos complexos sofrem mudanças a partir de fenômenos emergentes e de pontos de inflexão que seriam marcas do processo de aquisição da linguagem a partir de padrões sintáticos variáveis manifestos na língua considerada como objeto externo e sociocultural (Língua-E), que desencadeariam mudanças na língua-I de uma nova geração de falantes, originando, assim, a mudança linguística a longo prazo. Aspectos linguísticos variáveis dentro de uma mesma língua podem ser tomados, portanto, como potenciais indícios de mudança linguística em progresso. Destaca-se a importância dos estudos acerca da variação linguística, uma vez que se entende que formas variantes tendem a se mostrar instáveis na língua, podendo uma forma se sobrepor à outra ao longo do tempo.

Determinados processos de mudança podem ser interpretados como resultado de uma alteração em um ou mais parâmetros da língua no processo de aquisição⁴⁵. Avelar (2006), ao analisar dois casos de variação linguística no PB, defende que o uso variável dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais (ex.: Tem/Há muitas praias bonitas no Rio de Janeiro) reflete a competição entre duas gramáticas (gramática periférica em oposição à gramática nuclear⁴⁶), ao passo que o uso variável de *de* e de *em* em sintagmas preposicionados (ex.: Todos os livros na/da biblioteca podem ser emprestados) resultaria de procedimentos morfossintáticos internos a uma mesma gramática (à gramática nuclear). De acordo com o autor, a análise das ocorrências desses elementos em fontes de produção de fala e de produção

⁴⁵Como veremos no próximo capítulo, a teoria gerativa compreende que a língua internalizada (Língua-I), que permite ao falante produzir e compreender sentenças, é composta por dois tipos de propriedades: i) propriedades invariantes que definem as línguas naturais – os princípios; e ii) propriedades variáveis que podem ser marcadas pelos valores positivo (+) e negativo (-) de acordo com o *input* ao qual a criança é exposta – os parâmetros (Chomsky, 1981; 1986).

⁴⁶Quando todos os valores dos parâmetros encontram-se fixados, temos como resultado uma *gramática nuclear*, ou seja, uma gramática naturalmente internalizada. Em oposição à gramática nuclear, a Língua-I também seria composta por uma *gramática periférica*, também chamada de *periferia marcada*, a qual abrigaria fenômenos relativos a empréstimos, resíduos de mudança, invenções, regras linguísticas aprendidas por meio do processo de escolarização etc., que poderiam aparecer de forma marginal na fala do indivíduo (KATO, 2005).

escrita permite verificar que a alternância uniforme entre *de* (73% na fala e 71% na escrita) e *em* (27% na fala e 29% na escrita) e a polarização no comportamento de *ter* (87% na fala e 14% na escrita) e *haver* (13% na fala e 86% na escrita) apontam para estatutos diferenciados de variação.

Lessa-de-Oliveira (2003; 2005), ao tratar da aquisição de estruturas-QU no PB, destaca que a variação dialetal encontrada na língua interfere no processo de aquisição. Ao comparar a aquisição de interrogativas-QU por crianças expostas a dialetos distintos (a saber, os dialetos paulista e baiano), a autora argumenta que o processo de aquisição não segue obrigatoriamente o mesmo itinerário. Os dados de produção de dois grupos de crianças, cada grupo exposto a um dos dois dialetos, indicam diferenças nas primeiras produções linguísticas no que diz respeito às interrogativas-QU: as crianças baianas produziram primeiramente estruturas interrogativas do tipo QU *in situ*, ao passo que, nos dados de fala das crianças paulistas, QU *in situ* é o tipo descrito como o último a aparecer nas amostras consideradas. As diferenças encontradas são compatíveis com as características verificadas no *input* a que as crianças dos dois dialetos estão expostas, sugerindo que a frequência dos tipos de interrogativas-QU e a posição em que essas estruturas aparecem no material linguístico disponível para as crianças seriam pontos relevantes no processo de aquisição.

A variação presente no *input* também se mostra importante na comparação feita por Castro e Ferrari-Neto (2007) entre crianças adquirindo o PB e o PE no que tange à concordância no DP. Os autores destacam que, enquanto as crianças brasileiras tratam DPs com marcação não redundante (ex.: *os dabo*∅) e DPs com marcação redundante (ex.: *os dabos*) de forma semelhante, inclusive registrando mais respostas plurais para a condição não redundante, as crianças portuguesas reconhecem *os dabo*∅ como plural, embora de maneira diferente da percepção de *os dabos*. As crianças portuguesas parecem identificar mais facilmente a noção de pluralidade na condição redundante, ao contrário do que acontece com as brasileiras, sugerindo que a exposição a estímulos linguísticos diferentes, no que se refere à sistematicidade da marcação morfofonológica de número (o PE teria, portanto, um sistema de marcação de número mais categórico do que o PB), parece afetar o modo como as crianças tratam a informação morfofonológica relativa a número no âmbito do DP.

O presente estudo busca investigar em que medida a aquisição e a compreensão das noções de singular e plural em verbos são afetadas pela variação encontrada na marcação verbal de número no *input* disponível para a criança. Cabe ressaltar que investigamos aqui a

aquisição de uma propriedade gramatical que se apresenta variável no *input*, isto é, não discutimos, necessariamente, a aquisição da variação propriamente dita. Como veremos nos resultados longitudinais obtidos nesta pesquisa, a variação entre marcação redundante e não redundante aparece precocemente na fala das crianças (aos três anos de idade já é atestada a alternância entre tais padrões de marcação de número – redundante e não redundante), o que sugere que, de algum modo, a alternância na marcação morfofonológica de número está representada na gramática da criança adquirindo o PB.

No próximo capítulo, apresentaremos a concepção de língua adotada neste trabalho – a da Teoria Gerativa. Em seguida, discutiremos como a marcação de número em verbos é analisada na perspectiva gerativista e apresentaremos algumas das abordagens formais propostas para o tratamento da marcação verbal variável sob o olhar desse arcabouço teórico.

4 ABORDAGENS FORMAIS PARA A CARACTERIZAÇÃO DA MARCAÇÃO MORFOFONOLÓGICA DE NÚMERO

No presente capítulo, discutiremos os pressupostos teóricos que norteiam as hipóteses desta pesquisa. Assumimos aqui o modelo de língua veiculado pelo arcabouço gerativista, principalmente em sua vertente minimalista (CHOMSKY, 1995; 1999; e trabalhos posteriores), que busca caracterizar em termos formais o conhecimento linguístico que possibilita ao falante produzir e compreender sentenças em uma língua natural. Discutimos, ainda, dentro da teoria, a proposta de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e as abordagens fornecidas para a análise da concordância de número, de maneira mais específica, sob o viés minimalista, a fim de caracterizar o conhecimento mental abstrato que permite à criança adquirir e processar, em especial, os mecanismos de concordância verbal.

4.1 A concepção de língua segundo a Teoria Gerativa

Ao buscar descrever, em termos teóricos, o conhecimento mental que permite ao ser humano gerar sentenças de sua língua, a Teoria Gerativa colocou a Linguística, em meados de 1950, no conjunto das denominadas *Ciências Cognitivas*. Até então, os estudos linguísticos consideravam exclusivamente os aspectos sociais, históricos e estruturais das línguas naturais. A revolução cognitiva, como o período ficou conhecido, proporcionou a retomada da busca por explicações sobre como a mente humana é capaz de adquirir e processar toda e qualquer língua natural, desde que o indivíduo receba o *input* linguístico necessário para tal, buscando explicitar a natureza, a origem e o uso da linguagem humana.

Em resposta ao livro *Verbal Behavior* (SKINNER, 1957), Chomsky argumenta que a visão defendida pelos behavioristas, segundo a qual a língua é “um comportamento condicionado pelo ambiente”, não sustenta o processo de aquisição de uma língua natural, uma vez que, em um pequeno período de observação de uma criança nos seus primeiros anos de vida, é facilmente constatado o caráter criativo da linguagem humana, ou seja, o fato de que a produção linguística da criança não se limita a uma simples repetição daquilo que ela ouve. Além disso, Chomsky (1986) destaca que o ser humano, desde que não haja comprometimento patológico nem privação social, adquire uma língua natural em um curto período de tempo (por volta dos cinco anos de idade a criança já possui a produção de estruturas linguísticas semelhante à de um falante adulto), sem instrução explícita e sem

esforço aparente, observando, ainda, que o uso da linguagem humana se caracteriza pela possibilidade de um *output* infinito a partir de um *input* finito.

Nesse sentido, Chomsky (1986) contra-argumenta a afirmação behaviorista de que o ser humano nasce sem nenhuma dotação cognitiva, ou seja, como uma “tábula rasa”. Contrário a tal pensamento, Chomsky formulou o que ficou conhecido como o problema lógico da aquisição da linguagem e o argumento da pobreza de estímulo. Grosso modo, o problema lógico da aquisição levanta o fato de, a partir de estímulos finitos, recebidos na fase de aquisição da língua, a criança adquirir a totalidade de um sistema linguístico que a permite produzir e compreender sentenças inéditas. Já o argumento da pobreza de estímulo pondera, originalmente, que os estímulos que a criança ouve apresentam-se, muitas vezes, “incompletos”, “parciais” e até mesmo “mal construídos”, ou seja, as produções linguísticas que a criança ouve estariam repletas de interrupções, hesitações, engasgos e demais tipos do que se convencionou chamar de “falhas de desempenho”. Atualmente, o argumento da pobreza de estímulo sustenta que, por mais ricos e elaborados que os estímulos sejam, o complexo conhecimento mental que a criança adquire não poderia ser deduzido exclusivamente a partir dos estímulos fornecidos, isto é, apenas com base em evidência positiva.

Em face dos questionamentos brevemente mencionados, a linguística gerativa defende a hipótese inatista da linguagem, segundo a qual todo ser humano nasce dotado biologicamente de um órgão mental, denominado *faculdade da linguagem*, que o capacita, a partir de sua experiência com dados linguísticos recebidos, a construir uma gramática mental da língua a que é exposto. O estágio inicial da faculdade da linguagem seria, portanto, comum a todos os membros da espécie humana.

Em suas sucessivas reformulações, a teoria gerativa passou a conceber o estágio inicial da aquisição da linguagem, ou seja, a predisposição biológica para adquirir uma língua natural, a partir do conceito de Gramática Universal (GU). O contato com um *input* quando da inserção do indivíduo em dada comunidade linguística permitirá ao ser humano desenvolver o conhecimento específico de uma ou mais línguas naturais, o que é conhecido no gerativismo como *Língua-I*⁴⁷. No início dos anos 1980, portanto, o gerativismo passa a compreender a

⁴⁷O conceito de *Língua-I* é definido na teoria como o conhecimento linguístico presente na mente do falante. A língua-I é considerada, portanto, como interna, individual e intensional. Em oposição, define-se o conceito de Língua-E: a língua considerada em seus aspectos sociocultural, histórico e político, sendo tratada, portanto,

língua internalizada (*língua-I*) como sendo composta por dois tipos de propriedades: a) propriedades inatas invariantes que definem as línguas naturais – os *princípios*; e b) propriedades variáveis com valores binários que podem ser marcados como positivo (+) ou negativo (-) de acordo com o *input* ao qual a criança é exposta – os *parâmetros* (CHOMSKY, 1981). O Modelo de Princípios e Parâmetros (P&P) busca, portanto, explicações teóricas para a universalidade da sintaxe e para os aspectos linguísticos que se mostram variáveis de maneira organizada e previsível em diferentes línguas, restringindo também as possibilidades das relações estruturais na aquisição. Dessa forma, a aquisição da linguagem é concebida como um processo de fixação de valores de parâmetros, que seriam as propriedades que variam de língua para língua. Segundo Kato (2001, p. 101), a teoria gerativa propõe que “o estado inicial já deve restringir o que é invariante nas línguas naturais, e, ainda, restringir as opções abertas para serem definidas pela experiência, isto é, pela variação linguística que a criança vai encontrar”.

Mais recentemente, a concepção de língua veiculada pelo Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), doravante PM, parte da concepção estabelecida em P&P, buscando remover do modelo tudo o que não for considerado estritamente necessário e que não atenda aos pressupostos de uniformidade e de economia para a teoria (FERRARI-NETO, 2009) e considerando a estrita articulação do sistema gerativo linguístico com sistemas de desempenho. Assume-se no PM que a faculdade da linguagem destina-se a gerar sentenças, produzindo expressões a partir de um conjunto de intenções definidas conceitualmente. De maneira semelhante, é necessário exteriorizar as intenções de fala, pressupondo-se também um sistema articulatório-perceptual ou sensorio-motor. Dessa forma, os sistemas conceitual-intencional e articulatório-perceptual são considerados sistemas de desempenho que viabilizam o uso da língua.

A arquitetura da linguagem na mente humana estaria estruturada, portanto, a partir de um léxico (adquirido) e de um sistema computacional estritamente linguístico (inato). O sistema computacional entra em contato com os sistemas de desempenho através dos níveis de interface – fonológico e semântico. O nível de interface com o sistema articulatório-perceptual é o nível de representação da Forma Fonética (PF, do inglês *Phonetic Form*), já o nível de interface com o sistema conceitual-intencional é o nível de representação da Forma Lógica (LF, do inglês *Logical Form*).

como externa e extensional (Chomsky, 1986). Nesse sentido, a Língua-I refere-se à dimensão cognitiva da linguagem, ao passo que a Língua-E refere-se ao entendimento coletivo e sociocultural das línguas.

Hauser, Chomsky e Fitch (2002) referem-se à faculdade da linguagem como sendo composta pela Faculdade da Linguagem em Sentido Estrito (FLN, do inglês *Faculty of Language – Narrow Sense*) e pela Faculdade da Linguagem em Sentido Amplo (FLB, *Faculty of Language – Broad Sense*). A FLN é composta pelo sistema computacional abstrato (exclusivamente linguístico), independente de outros sistemas. Já a FLB inclui a FLN combinada com os sistemas cognitivos de desempenho: articulatório-perceptual (ou sensório-motor) e conceitual-intencional (de pensamento).

Em Fitch, Hauser e Chomsky (2005), os autores destacam que a FLN deve ser entendida como um subconjunto de FLB que seria específico da linguagem e dos seres humanos. Assim, a FLN seria formada por componentes da FLB que seriam particulares dos seres humanos e especializados para a linguagem. Apesar de os autores não especificarem quais seriam os componentes da FLN, a propriedade de recursão da linguagem parece ser um componente-chave. A FLN seria constituída por um conjunto de mecanismos interconectados, o que poderia incluir os níveis de interface, enquanto que a FLB abrangeria todos os componentes compartilhados com outras espécies e/ou com domínios cognitivos não linguísticos nos humanos.

Na concepção minimalista de língua, tem-se, portanto, que uma representação sintática mental, entendida como uma expressão linguística composta pelo par (π, λ) – representação fonética (π) e representação lógica (λ) – é derivada a partir de um conjunto de itens selecionados do léxico, chamado de *Numeração*. Os itens do léxico (pertencentes às categorias lexicais ou funcionais⁴⁸) seriam compostos por matrizes de traços, que compreenderiam traços fonéticos, semânticos e formais. Os traços fonéticos e semânticos são enviados para os sistemas de desempenho, de modo que os traços fonológicos, responsáveis pelas relações estabelecidas entre a língua e o sistema articulatório-perceptual, são lidos pela PF, ao passo que os traços semânticos, que estabelecem a relação entre a língua e o sistema conceitual-intencional, são lidos pela LF. Já os traços formais, que permitem o funcionamento do sistema computacional, retratam propriedades gramaticais (como gênero, número, pessoa, Caso, QU, etc.) (AUGUSTO, 2005) e podem ser interpretáveis ou não interpretáveis. Dessa forma, os traços formais interpretáveis são lidos na interface semântica. Por outro lado, os traços formais não interpretáveis devem ser eliminados ao longo da derivação, uma vez que

⁴⁸“Lexical parts of speech provide the ‘content’ of the sentence. Nouns, verbs, adjectives, and adverbs are all lexical parts of speech. Functional parts of speech, by contrast, provide the grammatical information. Functional items are the ‘glue’ that holds a sentence together (...) Functional categories include determiners, prepositions, complementizers, conjunctions, negation, auxiliaries, and modals” (CARNIE, 2013, p. 52).

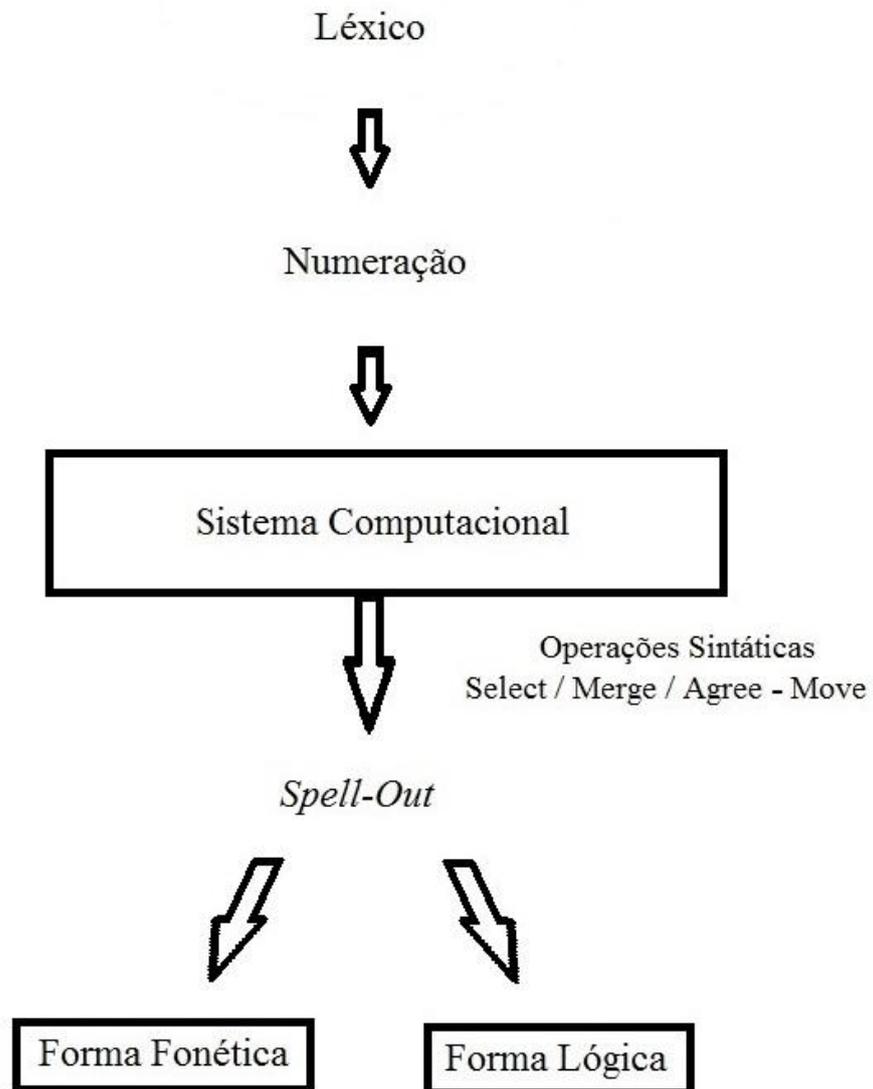
não podem ser interpretados em nenhuma interface. Assim, para que uma derivação linguística seja convergente, as representações produzidas pelo sistema computacional devem ser legíveis nas interfaces. Essa restrição é chamada de Princípio da Interpretabilidade Plena (PIP).

Ainda, os traços formais podem ser intrínsecos ou opcionais. Os traços formais intrínsecos estariam listados explicitamente nas entradas lexicais, sendo o caso, por exemplo, dos traços categoriais e do traço de gênero em alguns nomes no PB (ex.: o traço de gênero feminino no nome “cadeira”). Já os traços opcionais seriam adicionados quando um item do léxico entra na numeração, como é o caso, por exemplo, do traço de número na maioria dos nomes no PB (ex.: “carro-s”).

A derivação sintática seria, dessa forma, o resultado da atuação do sistema computacional sobre os traços formais dos itens selecionados pela numeração (conjunto de traços formais disponíveis para a atuação do sistema computacional). Por meio das operações sintáticas do sistema computacional (*Select*, *Merge*, *Agree/Move*), que atuam de maneira recursiva, arranjos lexicais são organizados hierarquicamente. A operação *Select* refere-se à seleção dos conjuntos de traços formais relativos a itens do léxico, disponibilizados na numeração, e a operação *Merge* é a responsável por concatená-los. Já a operação *Agree* elimina os traços não interpretáveis por meio da valoração dos traços interpretáveis já concatenados, os quais serão, posteriormente, lidos pelos sistemas de desempenho. *Move*, por sua vez, é a operação acionada quando um traço específico demanda o deslocamento de um elemento já presente na estrutura em derivação. A operação *Move*, por exemplo, é acionada pelo traço formal EPP (do inglês, *Extended Projection Principle*⁴⁹), que determina que a posição de especificador de um dado núcleo funcional seja projetada e, conseqüentemente, preenchida. Por fim, a passagem da estrutura sintática para as interfaces com os sistemas de desempenho é denominada *Spell-out*. É, portanto, no momento da derivação, denominado *Spell-out*, que as respectivas representações (fonética e semântica) são separadas e encaminhadas para cada uma das interfaces, gerando, assim, uma estrutura sintática provida de forma fônica e de conteúdo semântico. A arquitetura da linguagem, segundo o PM, pode ser ilustrada pela figura abaixo:

⁴⁹Princípio da Projeção Estendido, em português.

Figura 1: Esquema de uma derivação linguística, segundo o PM



Fonte: Elaborada pela autora.

Os traços formais do léxico, tais como gênero, número, pessoa, Caso e QU, seriam os responsáveis pelo funcionamento do Sistema Computacional e fonte, portanto, da heterogeneidade das línguas naturais.

Após essa apresentação geral acerca da concepção de língua veiculada pela teoria gerativa, passaremos à discussão relativa a como a marcação morfofonológica de número, especialmente no que se refere às relações de concordância verbal, tem sido abordada no gerativismo e no PM, em particular.

4.2 A marcação de número no verbo na perspectiva gerativista

A concepção de número gramatical tem se mantido ao longo do desenvolvimento e dos desdobramentos da teoria gerativa como um traço sintático formal, que mais tarde, foi caracterizado como parte do complexo de traços- ϕ (traços-*phi*), que inclui também os traços de gênero e pessoa. No entanto, o entendimento teórico para os mecanismos de concordância de número tem sofrido relevantes modificações se considerarmos a proposta apresentada pelo Modelo Padrão (CHOMSKY, 1965) até as reformulações mais recentes da teoria no PM (CHOSMKY, 1995; 1999; e trabalhos posteriores).

No modelo padrão da teoria gerativa (CHOMSKY, 1965), a gramática era caracterizada em função de um sistema de regras, que apresentavam grande abrangência, para que pudessem descrever qualquer fenômeno linguístico nas diferentes línguas. Tais regras poderiam ser sintagmáticas ou transformacionais. As regras sintagmáticas seriam as responsáveis pela “estrutura profunda” das sentenças, ao passo que as regras transformacionais atuariam sobre a estrutura profunda, gerando a “estrutura de superfície”.

O sistema flexional também era concebido como um conjunto de regras transformacionais que atuariam sobre os traços sintáticos. Nesse momento do desenvolvimento da teoria, os traços sintáticos, constantes na matriz de traços relativa aos nomes, seriam inseridos nos indicadores sintagmáticos, ou seja, estariam presentes na atuação das regras sintagmáticas. Dessa forma, regras transformacionais seriam responsáveis por detectar os traços sintáticos e distribuí-los pelos artigos, quantificadores, adjetivos e verbos, quando necessário.

Chomsky (1965) destaca que os traços categoriais e os traços de gênero nos nomes são inerentes e estariam, portanto, disponíveis na entrada lexical. Por outro lado, as especificações dos traços de número e de caso são introduzidas por regras gramaticais. Nesse sentido, as noções de traço intrínseco e de traço opcional parecem já estar presentes na teoria, apesar de ainda não haver tal distinção formal, que viria a ser postulada nas versões subsequentes.

Após a aplicação das regras gramaticais que atuariam na distribuição das especificações do traço sintático do nome aos elementos a ele relacionados, estabelecendo, portanto, os mecanismos de concordância, regras fonológicas traduziriam o valor do traço em expressões morfofonológicas. Ferrari-Neto (2009) afirma, em resumo, que processos flexionais podem ser entendidos, no modelo padrão da teoria gerativa, como aplicação de

regras transformacionais sobre traços sintáticos de itens lexicais. Logo, a concordância nesse viés é vista como o resultado da atribuição dos traços especificados no nome para os verbos, adjetivos, artigos etc.

Após o modelo padrão, a teoria gerativa ocupou-se substancialmente em reduzir a capacidade descritiva e o poder expressivo do modelo, buscando o aumento de sua capacidade explicativa. A esse segundo modelo, deu-se o nome de Teoria Padrão Estendida, segundo a qual a gramática apresentaria componentes distintos e autônomos, cada qual com uma organização de regras e princípios (FERRARI-NETO, 2009). Surge, então, deste modelo a descrição de estruturas linguísticas nos termos da Teoria X-Barra. No entanto, a reformulação da realização dos mecanismos de concordância de número, bem como as marcações morfofonológicas deles resultantes, volta a ser descrita de maneira mais robusta somente após a Teoria Padrão Estendida, no modelo de P&P (CHOMSKY, 1981).

Como vimos, o modelo de P&P, em suas reformulações, passa a compreender a faculdade da linguagem como sendo composta por princípios invariantes, que estariam presentes nas gramáticas de todas as línguas naturais, e por parâmetros, cujo valor dentre opções binárias é fixado durante o processo de aquisição de uma dada língua. No que se refere ao tratamento dos mecanismos de concordância, a flexão verbal é tratada com autonomia nas operações sintáticas, uma vez que é proposta a categoria I (flexão – do inglês, *inflection*). Tal categoria seria composta por T (tempo – do inglês, *tense*) e por Agr (concordância referente às noções de número e pessoa – do inglês, *agreement*). Nesse modelo, a especificação de número gramatical continua sendo concebida como um traço formal. No entanto, esse traço pertenceria aos traços de Agr presentes na categoria funcional I.

Pollock (1989), com base na comparação entre sentenças declarativas do francês e do inglês, no que tange ao posicionamento de quantificadores e advérbios em relação ao verbo, propõe o desdobramento da categoria funcional Infl em duas projeções sintáticas: AgrP, que funcionaria como um sintagma de concordância com as especificações de número e pessoa; e TP, sintagma de tempo. Nessa proposta, o verbo se moveria, sucessivamente, para cada um dos núcleos e, em cada projeção, receberia a flexão correspondente.

Deve-se ressaltar que a proposta de concordância como um mecanismo de movimento de núcleos lexicais para núcleos funcionais no modelo de P&P abrange particularmente a marcação flexional de verbos, seja considerando o núcleo I ou os núcleos T e Agr na representação sintática da derivação. Segundo Ferrari-Neto (2009), a visão de concordância

como movimento de núcleos lexicais foi formulada a partir do trabalho de Abney (1987) com vistas a descrever a concordância no âmbito do DP de maneira a estabelecer semelhanças estruturais entre o domínio de IP e o domínio de DP.

Já no âmbito do PM, Chomsky (1995) mantém que o número gramatical corresponde a um traço formal e propõe que a concordância seja analisada por meio do modelo de *checagem de traços*. Nessa perspectiva, os traços opcionais de um dado item (como o traço de caso acusativo e de número plural, por exemplo) devem ser acrescentados à derivação no momento em que a operação *Select* busca esse item no léxico para a numeração ou no momento em que o item é introduzido na derivação, isto é, os traços opcionais, assim como os traços intrínsecos, devem entrar na numeração com valor definido. Nessa concepção, a operação *Agree* é a responsável pela checagem de traços que ocorre quando um traço [- interpretável] busca um traço de mesma natureza [+ interpretável] em uma configuração de *c-comando*⁵⁰. Chomsky, considerando a relação de concordância verificada em algumas línguas naturais entre verbo e complemento, propõe a distinção entre *AgrS*, referente ao mecanismo de concordância entre sujeito e verbo, e *AgrO*, referente ao mecanismo de concordância entre verbo e objeto. Após a checagem de traços por meio da operação *Agree*, motivada pelo PIP, os traços não interpretáveis são eliminados, ao passo que os traços interpretáveis são encaminhados para as interfaces.

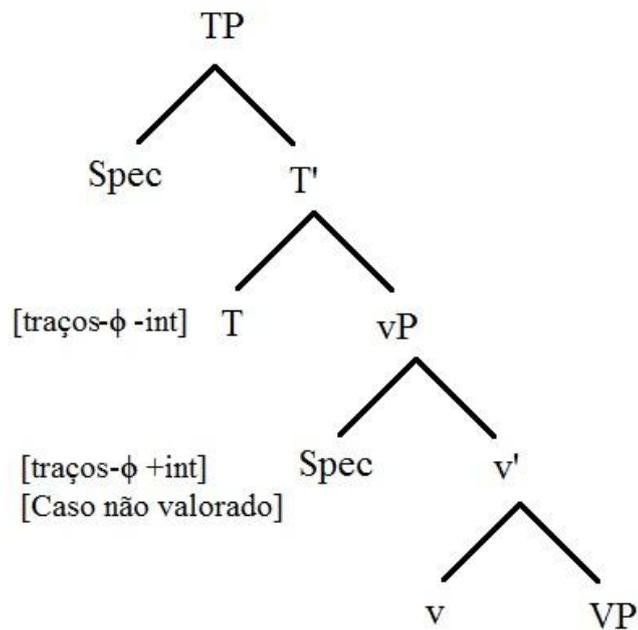
Mais recentemente, ocorre uma reformulação do entendimento acerca dos mecanismos de concordância como uma operação de *valoração de traços* (CHOMSKY, 1999). Nesta versão, considera-se que há traços (os morfossintáticos) que entram sem valor definido na derivação. Um traço [-interpretável], chamado de sonda (*probe*), busca um traço [+interpretável] de natureza idêntica, chamado de alvo (*goal*) e, por meio da operação *Agree*, o traço da sonda é valorado. Em outras palavras, a operação *Agree* estabelece a relação de concordância entre os traços do núcleo e do constituinte presentes em um mesmo domínio, de modo que, se o traço do alvo tiver um valor definido, o traço da sonda recebe esse mesmo valor.

Tem-se, portanto, que essa concepção da concordância verbal prevê que a operação *Agree* ocorre no domínio da sentença, quando um núcleo funcional T com traços não interpretáveis, a sonda (*probe*), busca, em seu domínio, um elemento alvo (*goal*) que contenha

⁵⁰A relação de *c-comando* (comando de constituinte) é definida como uma relação recíproca entre dois elementos com um nó estrutural comum. Um nó A c-comanda um nó B e um nó B c-comanda A se, e somente se, um nó de ramificação C dominar A e B e, ainda, se A não dominar B e B não dominar A (ADGER, 2002).

traços de mesma natureza já com valores definidos. Segundo Chomsky (1999), algumas condições devem ser satisfeitas para que a operação *Agree* se realize. São elas: a sonda deve possuir traços não interpretáveis e c-comandar o alvo; os traços da sonda e do alvo devem ser de dimensão idêntica; e o alvo deve estar ativo na computação, uma vez que seu traço de Caso ainda não foi valorado, conforme ilustrado pela figura abaixo (FERRARI-NETO, 2009, sem paginação):

Figura 2: Representação arbórea de valoração de traços



Fonte: Ferrari-Neto (2009, sem paginação).

Deve-se ressaltar que, nos moldes do que foi proposto em Chomsky (1995; 1999), a operação *Agree* parece considerar apenas os mecanismos de concordância entre sujeito e verbo. Quando é mencionado o mecanismo de concordância entre núcleo e complemento, como na relação entre determinante e nome, na qual não haveria a necessidade de alçamento do nome para a posição de especificador, Chomsky (1999) propõe a denominação *concord*, o que pressuporia que o mecanismo de valoração de traços no domínio do DP ocorreria apenas por meio da operação *Merge* (concatenação). Segundo essa visão, o traço de número seria interpretável em N e não interpretável em D, tendo em vista a realização da concordância nominal no inglês. Corbett (2003), no entanto, pondera que não há um consenso na literatura para a distinção dos mecanismos (concordância dentro do domínio do DP e entre sujeito-verbo) e de tal nomenclatura. Segundo o autor, muitos estudiosos utilizam os termos de maneira intercambiável.

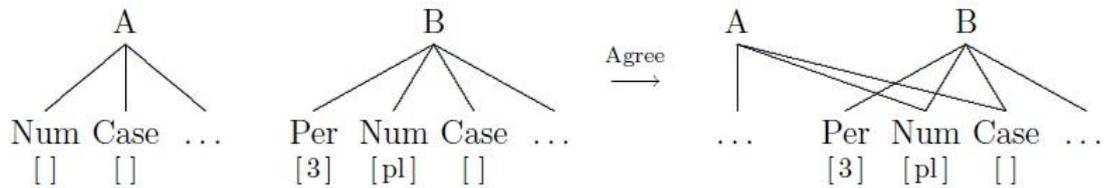
A partir de dados do PB, Magalhães (2004) defende, contrariamente ao que é apontado por Chomsky (1999), que, no âmbito da concordância no DP, o traço de número seria interpretável em D. Com base nos trabalhos de Abney (1987), Oslen (1989) e Longobardi (1994), Magalhães (2004) propõe que a valoração de traços em termos da operação *Agree* (Chomsky, 1999) é suficiente, não só para caracterizar a concordância no nível da sentença, mas também no nível do DP. Para a autora, o traço de número seria interpretável em D e não interpretável em N, ao passo que o traço de gênero seria não interpretável em D e interpretável em N. Nesse sentido, a proposta, que bem atende os casos de variação linguística do PB no que tange à concordância nominal, seria a de que o D é o *locus* de interpretabilidade do traço de número no DP, sendo N o *locus* da interpretabilidade do traço de gênero.

Magalhães (2004), retomando Abney (1987), afirma que existe uma relação seletional semântica no DP entre D e N semelhante à relação verificada no IP entre sujeito e verbo. Assim, a autora defende que:

No DP, D é o núcleo que seleciona o NP como complemento do mesmo modo que o VP funciona como complemento de Infl. Temos, assim, uma relação argumento / predicado entre D e N no sintagma nominal e sujeito e verbo no sintagma verbal. Na sentença, os traços de número são interpretáveis no sujeito (argumento) e não interpretável no verbo (predicado). O mesmo acontece no DP: traços de número são interpretáveis em D (argumento de N) e não interpretáveis em N (predicado) (MAGALHÃES, 2004, pág. 161).

Vale destacar também que, no que se refere à operação *Agree*, Frampton e Gutmann (2000) propõem, após uma revisão crítica de Chomsky (1999), que a concordância pode ser compreendida a partir do conceito de *compartilhamento de traços* (*feature sharing*). Segundo os autores, ao invés da noção de valoração, em que um traço valorado atribui o seu valor a uma contraparte não valorada, a computação sintática seria simplificada se um compartilhamento de um traço único com especificações definidas entre dois terminais sintáticos distintos fosse assumido como proposta. Nessa concepção, conforme ilustra a figura abaixo, A e B entram em relação de concordância com o nó sintático T, estabelecendo-se, assim, que todos os três nós sintáticos passam a compartilhar as especificações que antes eram exclusivas de um único traço:

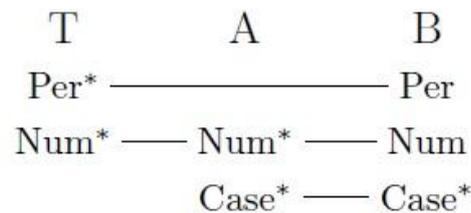
Figura 3: Esquema do mecanismo de concordância segundo a proposta de compartilhamento de traço



Fonte: FRAMPTON e GUTMANN (2000, p. 4).

Uma representação mais simples do mecanismo de concordância, que poderia ser tomada como uma síntese do mecanismo, também é sugerida:

Figura 4: Esquema simplificado do mecanismo de concordância segundo a proposta de compartilhamento de traço



Fonte: FRAMPTON e GUTMANN (2000, p. 4).

Os autores ressaltam dois pontos fundamentais sobre a proposta:

First, the unvalued features coalesce in exactly the same way that a valued feature coalesces with an unvalued feature. Agreement is feature sharing, independent of value. Agree is blind to feature values. Second, the linear order on the feature tier is of no hierarchical or linear significance. The representation is symbolic, with the features under each node label organized into a set (FRAMPTON; GUTMANN, 2000, pág. 04)⁵¹.

Segundo essa perspectiva, o traço de Caso permanece sem valor, sendo especificado pós-sintaticamente sobre a base de compartilhamento de traço. É defendido também que o requerimento de que os nominais são marcados para Caso é de natureza morfológica (SILVA; MOURA; CERQUEIRA, 2012).

Destaca-se, ainda, a perspectiva de Bejar (2003) sobre os mecanismos formais de concordância desenvolvida a partir da relação *probe* (sonda) – *goal* (alvo) da teoria

⁵¹“Primeiro, os traços não valorados são amalgamados exatamente da mesma maneira que um traço valorado é adjungido a um traço não valorado. Concordância é compartilhamento de traços. *Agree* é cega aos valores dos traços. Segundo, a ordem linear da fileira dos traços não tem relevância linear ou hierárquica. A representação é simbólica, com os traços localizados abaixo da indicação dos nós, organizados em conjunto” (tradução nossa).

minimalista. Segundo defendido pela autora, as noções de *subject agreement* e *object agreement* não dão conta de descrever sistemas complexos de concordância, uma vez que, dentre a diversidade linguística observada, há línguas nas quais a concordância é estabelecida ora com o sujeito, ora com o objeto (direto ou indireto), ora com vários argumentos. É o caso dos dialetos *Georgian* e *Nishnaabemwin*, estudados pela autora. A escolha pelo elemento com o qual será estabelecida a concordância dependerá das propriedades dos traços- ϕ dos coargumentos dentro do domínio da concordância (BEJAR, 2003, p. 1). A esse fenômeno, a autora denomina *Context-sensitive agreement* (doravante, CSA).

Bejar (2003) afirma que os sistemas de concordância sensíveis ao contexto “*are characterized by the appearance of intricate conditions on the identification of the controller within a paradigm, with crucial reference to the ϕ -properties of other arguments in the agreement domain*”⁵² (p.4). Nesse sentido, os sistemas CSA são caracterizados por uma concordância de deslocamento (*agreement displacement*) em que uma mesma concordância pode ser estabelecida com diferentes alvos, estabelecendo relações de concordância com NPs com diferentes funções gramaticais, por exemplo. A proposta de Bejar (2003) defende, portanto, a partir de uma perspectiva estritamente sintática, que os mecanismos sintáticos responsáveis pela concordância canônica podem gerar a concordância não canônica, o que poderia lançar luz ao caso da concordância não redundante observada em diferentes variedades do PB. É o que defendem Silva, Moura e Cerqueira (2012, p. 262) ao afirmarem que “*vários fenômenos de concordância poderão ser explicados como legitimamente decorrentes dos mecanismos centrais da teoria, sem que seja necessário lançar mão de uma explicação ad hoc para os casos até então interpretados como default*”.

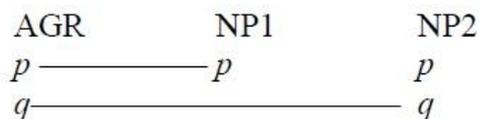
A perspectiva do CSA assume os traços formais como subcategorias privativas que entram crucialmente em relações intrínsecas inevitáveis umas com as outras, de maneira que tais traços não seriam previamente formados. Dessa forma, tem-se que a concordância seria resultante de uma combinação de traços formais e não da relação entre categorias, conforme defendido pela autora: “*the dependency between a target and a controller is a relation between features, not categories or position*”⁵³ (BEJAR, 2003, p. 18). Além disso, deve-se destacar que é proposta a decomposição de traços formais, possibilitando diferentes

⁵² “[...] são caracterizados nas condições intrincadas na identificação do controlador dentro do paradigma, com referência crucial às propriedades dos traços- ϕ de outros argumentos no domínio da concordância” (tradução nossa).

⁵³ “A dependência entre o alvo e o controlador [da concordância] é uma relação entre traços, e não entre categorias ou posições [sintáticas]” (tradução nossa).

combinações dos traços- ϕ do ponto de vista estritamente sintático, conforme ilustrado pela figura abaixo, na qual duas sondas (*probes* – *p* e *q*), ambas em relação com o mesmo alvo, têm diferentes efeitos de localidade, em função das propriedades dos argumentos no domínio da concordância:

Figura 5: Esquema da proposta de concordância sensível ao contexto de Bejar (2003)



Fonte: BEJAR (2003, p. 18).

A principal proposta, portanto, é a de que os efeitos de CSA são observados quando há uma falha em *match* (identidade de traços entre sonda e alvo) ou *value* (valoração de uma sonda), reinterpretadas pela autora no âmbito da operação *Agree*. Segundo essa visão, falha para *value* é uma consequência de subespecificação relativa de traços, ao passo que falha *match* é uma consequência de subespecificação total. Segundo Bejar (2003), a formulação de *match* fornece uma base uniforme para a computação de localidade ao passo que a formulação de *value* fornece uma base uniforme para a definição de efeitos de (anti)intervenção. Ainda segundo a autora, “*the locus of variation between languages resides in the specification and distribution of uninterpretable ϕ -features on AGR-heads*⁵⁴” (BEJAR, 2003, p. 23).

Bejar (2003) assume, ainda, uma distinção entre itens lexicais (*Lexical Items* - LIs), objetos que entram na computação, e itens de Vocabulário (*Vocabulary Items* – VIs), objetos que substituem os LIs por meio da operação *inserção vocabular* (*vocabulary insertion operation*). Nesse sentido, a autora assume um componente morfológico após a sintaxe, nos moldes do que é proposto pela Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993). Logo, a inserção vocabular seria realizada nos nós terminais da sintaxe após a manipulação das estruturas sintáticas no componente computacional.

Embora a própria autora afirme que certas suposições acerca da interface morfologia-sintaxe sejam cruciais para a teoria de CSA e que as restrições que o ocorrem sobre as operações sintáticas precisem ser melhor descritas para que se apliquem a todos os sistemas de concordância, sendo parte integrante da computação sintática, Silva, Moura e Cerqueira (2012) destacam que:

⁵⁴“O *locus* da variação entre as línguas reside na especificação e na distribuição de traços- ϕ não interpretáveis em núcleos-AGR” (tradução nossa).

Diferentemente de perspectivas que buscam explicações na interface sintaxe-morfologia, a exemplo de trabalhos fundamentados na Morfologia Distribuída, a autora irá argumentar que padrões de concordância não canônica [...] são, na verdade, manifestações dos mesmos mecanismos sintáticos centrais, defendendo a ideia de que tais padrões refletem condições muito gerais sobre concordância que até agora não têm sido articuladas (SILVA; MOURA; CERQUEIRA, 2012, p. 262).

Nesta subseção, destacamos algumas perspectivas para o tratamento dos mecanismos de concordância na teoria gerativa, especialmente no âmbito do PM. Na próxima subseção, veremos com mais detalhes as propostas de análise que buscam descrever a concordância de número variável observada em vários dialetos do PB, tratando, especialmente, da oscilação entre marcação redundante e marcação não redundante encontrada na forma verbal quando acompanhada de sujeito plural.

4.2.1 A concordância verbal variável sob a ótica gerativista

Além da visão diacrônica, discutida no capítulo 2 deste trabalho, que busca descrever e analisar o enfraquecimento do paradigma verbal no PB, alguns estudos, de cunho gerativista, objetivam explicar a opcionalidade da marcação de plural no verbo observada em diferentes variedades do PB. Como vimos, a proposta de Magalhães (2004) para a descrição da valoração de traços de concordância no DP, que assume que traços de número são interpretáveis em D (argumento de N) e não interpretáveis em N (predicado), pretende lançar luz sobre as ocorrências de marcação não redundante de número. Segundo a autora, no que se refere à concordância entre sujeito e verbo, tendo em vista que a flexão de número começou a enfraquecer no predicado, tal perspectiva assume que o traço de número seria interpretável no argumento verbal que recebe caso Nominativo na sentença. Assim, seriam explicadas as ocorrências ilustradas pelos exemplos abaixo:

(148) Nós vai.

(149) As menina.

Dessa forma, quando se considera que há uma perda da realização da flexão de número em itens do sintagma, o traço de número seria manifestado no núcleo onde é interpretável, ou seja, em D, no caso de concordância nominal, e no argumento que recebe caso Nominativo, no caso de concordância verbal.

Outra proposta para explicar a variação na marcação da concordância verbal no PB é apresentada por Lopes (2014). A autora propõe que, além da perda do traço de pessoa e do conseqüente enfraquecimento do paradigma flexional verbal no PB, já apontados por Galves (1996) e Duarte (1996)⁵⁵, teria havido uma mudança no *status* do traço de número na língua, de maneira que a pluralidade, em alguns contextos, pode ser definida apenas semanticamente, sem marcação morfológica explícita. Sob o viés minimalista, é discutido se o traço formal de número faz parte dos traços que devem ser necessariamente valorados para que a derivação sintática convirja. A hipótese explorada é a de que a variação na concordância verbal é resultante de uma gramática na qual a interpretabilidade do traço de número é opcional.

Para o desenvolvimento de sua proposta, Lopes (2014) levanta dois possíveis questionamentos: ou [número] não é um traço formal, interpretável apenas em Spec de TP, ou é um traço que não necessariamente precisa ser interpretável. A opcionalidade do traço de número no PB traria problemas, *a priori*, para a proposta de checagem de traços de Chomsky (1995; 2005), segundo a qual os traços não interpretáveis devem ser valorados. Contudo, a autora, baseando-se no trabalho de Preminger (2010) com dados do hebraico, argumenta que nem sempre todos os traços não interpretáveis precisam ser valorados/checados para a derivação convergir. Tem-se, assim, que a falta de valoração de um traço não resultaria na não convergência da derivação. Para a autora, [número], apesar de ser um traço sintático no PB, pode ser valorado opcionalmente. Considera-se, ainda, que apenas a falha de concordância de [pessoa] acarretaria em falha na derivação. Se por um lado, no âmbito da sociolinguística, Scherre (1994) argumenta que a marcação de número se perde em verbos em algumas variedades do PB por questões fonológicas, por outro, Lopes (2014) defende que o fenômeno de marcação não redundante é motivado por questões morfológicas e sintáticas e que há uma mudança em curso em todas as variedades do PB. Nessa visão, existiria apenas “*uma gramática que permite a interpretabilidade de um traço opcionalmente*” (LOPES, 2014, p. 10).

Outro trabalho que aborda a questão da marcação não redundante de plural e merece destaque é o de Viotti (2005). A autora investiga os contextos do PB em que DPs são marcados com o Caso *default*. Dentre os casos analisados, está o de sentenças construídas com verbos inacusativos e DPs em posição pós-verbal, como nos exemplos citados pela autora (VIOTTI, 2005, p. 54) e reportados abaixo:

⁵⁵Ver capítulo 2 desta tese.

(150) Chegaram várias pessoas na festa.

(151) Chegou várias pessoas na festa.

É discutido, portanto, que, em ambas as sentenças, o Caso do argumento do verbo inacusativo “chegar” é nominativo. No entanto, propõe-se que existe uma diferença entre o Caso nominativo da sentença em (150) e em (151). No primeiro exemplo, o Caso nominativo seria licenciado pela sintaxe, ao passo que, no segundo exemplo, em que o verbo não exibe marcas de concordância com seu argumento, o Caso nominativo seria *default*.

De acordo com a autora, que retoma o trabalho de Schütze (2001), “*é necessário tratar licenciamento sintático de Caso e marcação morfológica de Caso separadamente*” (VIOTTI, 2005, p. 55). Essa visão, baseada na Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993), assume que existe um componente morfológico pós-*spell-out*, no qual é feita a inserção do vocabulário. Assim, quando o sintagma nominal não tem seu traço de Caso determinado pela sintaxe, o DP chegaria ao componente morfológico sem indicação sobre a forma de Caso que deveria ser realizada foneticamente, de modo que a morfologia atribuiria ao sintagma a forma do Caso *default* na língua em questão (no caso do PB, o nominativo). Logo, as formas de Caso *default* de uma língua “*são aquelas usadas para a realização de sintagmas nominais que não são associados a nenhum traço de Caso a eles atribuído ou checado por mecanismos sintáticos*” (VIOTTI, 2005, p. 55).

Conforme apontado pela autora, no PB, verbos inacusativos podem exibir ou não concordância morfológica de número com o seu argumento interno, quando em posição pós-verbal. Nesse sentido, para dar conta de construções de sentenças como a de (151), em que não há concordância morfológica de número entre o verbo inacusativo e seu argumento, assume-se que a atribuição do Caso nominativo *default* ocorre após *spell-out*, no componente morfológico, em função de o argumento interno entrar na sintaxe sem especificação de Caso. Tal proposta assume uma dissociação dos traços associados à flexão T, de modo que T não precisaria ter necessariamente traços- ϕ (que desencadeariam a concordância morfológica) nem traço EPP (que desencadearia o movimento do sujeito para a posição pré-verbal). Dessa forma, sentenças com sujeito pós-verbal, com marcação redundante e não redundante de número plural no verbo poderiam ser descritas pela teoria gerativa.

Como evidências de que o Caso *default* no PB é o nominativo, a autora cita a gramaticalidade de sentenças, como as reportadas abaixo:

(152) **Eu**, o João gosta de me encontrar.

(153) – Quem o João gosta de encontrar?
– **Eu**.

No exemplo (152), o pronome nominativo (*eu*) estaria em posição não-argumental, na qual foi gerado, ou seja, tal posição não licencia a atribuição de Caso por meio de mecanismos sintáticos. Assim, a autora defende que o DP (*eu*) teria sido marcado com Caso *default* nominativo. Já no exemplo (153), por se tratar de um enunciado elíptico, em que não há nenhum núcleo atribuidor de Caso, como I ou V, o pronome é marcado com a forma nominativa, mesmo quando corresponde ao complemento de um verbo que, em geral, recebe marcas de Caso acusativo, quando seu licenciamento é realizado por mecanismos sintáticos. Essas seriam, portanto, evidências de que, no PB, o Caso *default* é o nominativo.

Apesar de a proposta de Viotti (2005) ter sido formulada particularmente para discutir construções com verbos inacusativos, parece-nos interessante a argumentação de que traços relacionados à concordância, e tipicamente vinculados à flexão verbal (T), tais como traços- ϕ , Caso e EPP, sejam tratados como relativamente independentes entre si. Embora fuja aos objetivos deste trabalho verificar a aplicabilidade dessa proposta em construções transitivas e inergativas, destaca-se tal análise tendo em vista que, em dados de produção espontânea, principalmente na produção linguística de crianças em fase de aquisição da língua, foi verificada a influência do fator posição do sujeito e tipo do verbo para a produção de flexão não redundante no verbo (ver capítulo 5 desta tese).

Costa e Figueiredo Silva (2003) também ponderam que a variação na marcação de número encontrada em diferentes variedades do português não pode ser explicada estritamente em termos sintáticos. Ao considerar o Português Europeu (PE) e duas variedades do PB – PB1 e PB2⁵⁶, os autores afirmam que não há evidências de que, nas diferentes variedades, haja movimento diferenciado do verbo que possa dar conta da diferença de marcação de número. Nesse sentido, assume-se que, em todas as variedades analisadas, o verbo se move de V para T. Nos moldes, portanto, da perspectiva teórica da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; EMBICK; NOYER, 2001), Costa e Figueiredo

⁵⁶De modo geral, os autores consideram que a marcação de número no PE é categórica, tanto no âmbito do DP quanto na relação sujeito-verbo. Já nas variedades do PB, PB1 apresentaria concordância redundante entre sujeito e verbo, mas não no DP, ao passo que PB2 apresentaria concordância não redundante tanto no âmbito do DP quanto na relação sujeito-verbo, ou seja, com marcação de plural apenas em D (ver COSTA; FIGUEIREDO SILVA, 2003).

Silva assumem que a manifestação de um morfema específico seria a consequência da visibilidade da configuração especificador-núcleo ou do resultado de processos morfológicos.

É proposto, assim, que a diferença entre o PE (marcação redundante de número) e as duas variedades do PB (marcação não redundante de número) estaria relacionada ao tipo de morfema associado à pluralidade: [plural] seria um morfema dissociado (*dissociated morpheme*) em PE, inserido pós-sintaticamente na componente morfológica da gramática, de modo que todos os elementos passíveis de serem flexionados em número recebem a marcação morfofonológica, independentemente da realização de movimento sintático ou das configurações especificador-núcleo. Já no PB, [plural] seria um morfema do tipo *singleton*, previsto a partir de um nó sintático, sendo atrelado apenas ao elemento que viabiliza a interpretação de número (no caso do PB, D seria o *locus* da interpretação). Assume-se, ainda, que podem ser manifestados morfológicamente reflexos da visibilidade das configurações especificador-núcleo, como seria o caso da variedade PB1, que, além da marcação em D, apresenta marcação de plural no verbo. No entanto, tal processo não seria obrigatório, segundo essa análise.

Reanalizando a proposta de Costa e Figueiredo Silva (2003) e considerando estudos sociolinguísticos que apontam para a variação entre marcação redundante e marcação não redundante de número no DP sujeito e na flexão verbal (ver SCHERRE; NARO, 1998 e capítulo 2 deste trabalho), Silva e Magalhães (2014) argumentam que os dois tipos de morfema (*singleton* e dissociado) são encontrados nas variedades do PB. Além disso, ao revisar dados de produção de marcação não redundante no PE, as autoras afirmam que, mesmo que em pouca frequência, é possível também encontrar morfema *singleton* em PE.

As autoras questionam a análise de Costa e Figueiredo Silva (2003) de que no PB o morfema relacionado à pluralidade seria apenas do tipo *singleton* e defendem, portanto, que tanto o morfema dissociado quanto o *singleton* estão disponíveis na gramática da língua. Segundo tal análise, haveria, no PB, tanto no âmbito da concordância verbal, quanto no âmbito da concordância nominal, gramáticas em competição.

Nesse sentido, o que é defendido por Silva e Magalhães (2014) é que a proposta de Costa e Figueiredo Silva (2003) de que no PB o morfema de número é *singleton* não se sustenta e que qualquer proposta de análise de marcação de número deve levar em consideração a realidade variável da língua. As autoras argumentam ainda que a variação encontrada no fenômeno da concordância na gramática do PB pode estar levando a criança

brasileira a fixar uma gramática em que coexistam dois valores para a realização da concordância.

Nossos dados longitudinais, como veremos, são compatíveis com a proposta de que a alta variação observada na gramática dos adultos faz com que a criança, no momento da aquisição, selecione dois valores para o mesmo fenômeno. Em outras palavras, a criança parece ter mapeado a alternância de padrões de marcação de plural, sendo ela própria capaz de gerar ora a marcação redundante ora a marcação não redundante. No entanto, não é possível, a partir dos nossos dados e da literatura aqui discutida, sugerir motivações para a realização de um ou outro padrão de concordância. Acreditamos que a informação disponível no *input*, mesmo que variável em muitas variedades do PB, seja suficiente para a aquisição da marcação morfofonológica redundante de número. Por outro lado, a possibilidade de não marcação redundante de número nos elementos passíveis de serem flexionados faria parte da gramática do falante.

No próximo capítulo, apresentaremos os resultados da pesquisa longitudinal que buscou descrever a marcação morfofonológica de número em verbos quando em contextos de sujeito plural na fala de adultos com alto nível de escolarização e de crianças residentes em áreas rural e urbana e pertencentes a classes socioeconômicas distintas, em contextos de interação. Os dados de produção espontânea visam a evidenciar o caráter variável da marcação morfofonológica de plural durante a fase de aquisição, uma vez que, como já mencionado, apesar de não tratarmos da aquisição do padrão não redundante, investigamos a aquisição da marcação de número que apresenta caráter variável na língua.

5 A MANIFESTAÇÃO DA 3ª PESSOA DO PLURAL EM VERBOS NA FALA ESPONTÂNEA DE CRIANÇAS E DE SEUS CUIDADORES

Como já discutido, a realização da marcação morfofonológica de número plural em verbos no PB apresenta um caráter variável. Em contextos em que o sujeito está, ou é subentendido, na terceira pessoa do plural (ou na segunda pessoa indireta do plural), o verbo pode ou não ser marcado morfológicamente para número plural. Como visto no capítulo 2 (subseção 2.2), estudos sociolinguísticos, de cunho variacionista, descrevem o fenômeno variável da concordância no PB, tanto nominal, quanto verbal, a partir de dados de falantes com diferentes características socioeconômicas. No entanto, trata-se, em geral, de falantes adultos cujas produções são registradas em situações de entrevista.

Gomes e colaboradoras (2011) destacam alguns motivos pelos quais estudos variacionistas possivelmente não tenham focalizado mais a fala das crianças. Segundo as autoras, a aquisição da linguagem tem sido abordada em quadros teóricos que não consideram a variação do escopo da gramática, ao passo que os estudos variacionistas não abriram espaço para a aquisição. Desse modo, as crianças são vistas, meramente, como as que adquirem a língua e não como agentes de manutenção ou mudança linguística. Ainda segundo as autoras, mais recentemente, principalmente a partir do final da década de 90, a variação sociolinguística e a importância de sua aquisição têm sido temas de discussões que apontam para a importância de crianças e adolescentes na transmissão de padrões sociolinguísticos tanto em comunidades de fala estáveis, como na formação de novos dialetos.

Um dos objetivos da presente pesquisa é investigar o *input* que a criança recebe, com vistas a verificar se a marcação morfofonológica em verbos de terceira pessoa no PB é frequente na fase de aquisição da linguagem e quais fatores linguísticos favorecem ou desfavorecem a marcação redundante de plural no verbo em contextos de interação com a criança. Busca-se, ainda, investigar em que medida a produção espontânea das crianças espelha o *input* que elas recebem. Além disso, tivemos como objetivo averiguar se os fatores linguísticos que influenciam a alternância na marcação morfofonológica nos verbos em contextos de plural na fala do adulto atuam de maneira similar na fala da criança. Nesse sentido, inicialmente foi conduzido um estudo longitudinal com a participação de quatro crianças, com idades compreendidas entre três e seis anos, provenientes de escolas privadas e residentes na zona urbana da cidade de Juiz de Fora/MG.

Tendo em vista, ainda, os apontamentos da literatura sociolinguística variacionista no que diz respeito a diferenças socioeconômicas e à dicotomia rural-urbano (ver capítulo 2 deste trabalho), investigamos também, a partir de três gravações pontuais realizadas em escola pública, a marcação de 3ª pessoa do plural em verbos por crianças com idades entre 4 e 6 anos residentes na zona rural de Juiz de Fora/MG.

A seguir, descreveremos a metodologia empregada nesse estudo, o tratamento dos dados e os resultados obtidos.

5.1 Gravação de áudio em ambiente familiar – crianças de classe média, residentes em área urbana

5.1.1 Metodologia

Os estudos longitudinais, no âmbito das pesquisas em aquisição da linguagem, são conduzidos com o intuito de observar um determinado comportamento linguístico ao longo de um período de tempo. Em geral, tais estudos são desenvolvidos com um número reduzido de crianças, visto que pressupõe uma coleta de dados regular realizada, mais comumente, no ambiente familiar do participante. Espera-se que haja pouca ou nenhuma interferência do pesquisador, o qual é visto como mero observador da interação adulto-criança. No caso específico da pesquisa descrita nesta seção, a pesquisadora não atuou nem mesmo como observador, já que as gravações de áudio foram feitas pelos próprios cuidadores.

Foram coletados dados de quatro crianças, cujas idades abarcaram, de maneira complementar, a faixa etária de três a seis anos. As sessões de gravação da interação adulto-criança foram realizadas mensalmente durante o período de seis meses, sempre no ambiente familiar da criança. Tem-se, assim, seis gravações de áudio de cada participante, perfazendo um total de 24 gravações. O material coletado soma 15 horas, 49 minutos e 44 segundos de áudio.

5.1.2 Participantes e procedimentos de coleta de dados

Os participantes foram quatro crianças brasileiras monolíngues, filhas de pais também brasileiros, falantes nativos do PB, sendo três meninas e um menino, em faixas etárias distintas. As faixas etárias acompanhadas buscaram abarcar as idades entre três e seis anos – idades investigadas nos diversos estudos, em diferentes línguas, sobre a marcação morfofonológica de número em verbos e sua compreensão (ver capítulo 3, subseção 3.4.3, deste trabalho). A idade inicial de três anos de idade justifica-se ainda a partir do estudo longitudinal conduzido por Ferrari-Neto (2003). O autor destaca que, ao desenvolver um estudo longitudinal com crianças com média de idade de dois anos⁵⁷, foram observadas apenas produções de nomes flexionados, não sendo produzidos DPs complexos que sugerissem a aquisição das relações de concordância entre os elementos do DP. Além disso, Perroni-Simões e Stoel-Gammon (1979) não atestam marcação de plural em verbos na produção linguística infantil em um estudo de caso na faixa etária entre 2;1 e 2;8. Em geral, estudos longitudinais indicam que a produção das crianças durante a fase da aquisição da linguagem que compreende o período de vinte e quatro meses (dois anos) a trinta meses (dois anos e meio) é o início da produção de sentenças com estrutura nome-verbo-nome (N-V-N). Essa fase é chamada de “fase telegráfica”, uma vez que não apresenta a produção de itens funcionais, como a flexão verbal. Seria entre os trinta (dois anos e meio) e os trinta e seis meses (três anos) que surgem as estruturas mais complexas, havendo uma produção mais significativa de flexões, tanto verbais quanto nominais. Deve-se considerar, no entanto, que o início da produção linguística da criança é centrado na 1ª pessoa ou na 3ª pessoa do singular (ex.: “eu”, “mamãe”, “papai”, “cachorro” etc.). De acordo com Barbosa (2005), o uso mais sistemático das flexões verbais é observado entre os quarenta e dois (três anos e meio) e os cinquenta e quatro meses (quatro anos e meio). A previsão era, portanto, a de que, a partir dos três anos de idade, houvesse a produção de verbos flexionados em número plural.

O quadro abaixo indica o período de idade das crianças participantes do estudo e o período em que a coleta de dados foi realizada, além de apontar o nível de escolaridade das mães das crianças (principais interlocutoras dos participantes).

⁵⁷Estudo resenhado no capítulo 3, seção 3.4.2, deste trabalho.

Quadro 5: Informações dos participantes do estudo longitudinal

Criança	Faixa etária	Período da coleta de dados	Escolaridade da mãe
A (menino)	3;4 a 3;8	setembro/2015 a fevereiro/2016	Ensino superior completo
B (menina)	4;7 a 5	agosto/2015 a janeiro/2016	Ensino médio completo
C (menina)	5;4 a 5;9	agosto/2015 a janeiro/2016	Ensino superior completo
D (menina)	5;9 a 6;2	agosto/2015 a janeiro/2016	Ensino superior completo

Vale destacar que a ordenação das crianças por meio das letras A, B, C e D é apenas para fins descritivos, seguindo a apresentação da criança mais nova com a letra A, até chegar à criança mais velha, aqui apresentada com a letra D⁵⁸. Segundo relatado pelos pais, as crianças participantes do estudo não possuem histórico de queixas de linguagem na família e não apresentam nenhum diagnóstico clínico que possa comprometer o desenvolvimento da linguagem.

Conforme apresentado no quadro acima, as mães, principais interlocutoras das crianças, apresentam alto nível de escolaridade, de forma que a variedade esperada é a variedade (próxima à) culta da língua. Na ocasião das gravações, todas as mães participantes do estudo trabalhavam fora de casa e possuíam idades entre 27 e 40 anos. Somente nas gravações da criança B, há a participação de outros adultos, como o pai, a babá e a tia. Além disso, destacamos que as famílias participantes deste estudo são residentes de áreas urbanas e pertencentes à classe média.

Com a prévia autorização dos pais, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁵⁹, as sessões de coleta de dados foram realizadas uma vez por mês, durante o período de seis meses (conforme quadro acima). O estudo conta, portanto, com 24 arquivos de áudio, perfazendo um total de 15 horas, 50 minutos e 44 segundos de gravação. Para as sessões, foi utilizado um aparelho Gravador de Áudio Portátil Profissional Sony PCM-D50 com qualidade de gravação digital. Para minimizar qualquer possível interferência do pesquisador, mesmo que involuntária, as mães receberam instruções de como manusear e operar o aparelho gravador e ficavam à vontade para fazer as gravações em suas casas. Os responsáveis foram orientados a realizarem a gravação de áudio em momentos de atividades cotidianas com seus filhos, como, por exemplo, enquanto estivessem brincando, ajudando-os com as lições de casa, como de costume, ou durante as refeições.

⁵⁸Destacamos que a opção por representar os participantes por meio de letras sequenciais visa a preservar sua identidade, não havendo nenhuma relação do nome da criança, nem motivações de outra natureza, para a escolha das letras. As idades foram tomadas como base para a ordenação apenas para fins descritivos.

⁵⁹O modelo do TCLE utilizado para esta pesquisa encontra-se nos anexos desta tese.

As gravações consistem, portanto, em situações de interação, majoritariamente, entre mãe e criança durante brincadeiras. Apenas no caso de um participante, há situações de interação com outros membros da família, como o pai e a babá. Apesar de o adulto estar consciente a todo o momento de que o áudio está sendo gravado, acreditamos que as brincadeiras, bem como as demais atividades cotidianas, proporcionem uma maior espontaneidade para a produção linguística.

5.1.3 Transcrição dos dados

Os arquivos dos áudios gravados foram digitalizados e passaram por um processo de transcrição. As transcrições buscaram representar, o mais fielmente possível, os aspectos estruturais e foneticamente salientes da fala dos interlocutores, apesar de a transcrição fonética não ter sido adotada. Buscou-se, portanto, transpor o discurso oral para dados escritos. Não foram utilizados recursos gráficos para o registro de aspectos prosódicos, tais como truncamentos, entonação, prolongamento de vogal e/ou consoante e sândi vocálico, por não serem relevantes para o presente trabalho. Por outro lado, observou-se com atenção a pronúncia dos finais das palavras, com vistas a registrar de maneira objetiva a produção linguística dos participantes no que concerne às relações de concordância de número. Foram anotadas observações contextuais, entre parênteses, como ((espirrou)), ((risos)), ((barulho do brinquedo)), bem como pausas longas (registradas por meio de parênteses vazios “()”) e enunciados incompreensíveis (registrados por meio de colchetes vazios “[]”). Além disso, a produção linguística das crianças que diferia da do adulto era destacada entre aspas (ex.: criança - *isso é “amalelo”?*). Vale destacar, ainda, que mais de um pesquisador esteve envolvido no procedimento de transcrição, garantindo maior imparcialidade no registro escrito do material coletado⁶⁰.

5.1.4 Objetivo das gravações

As pesquisas sociolinguísticas, principalmente as desenvolvidas no âmbito da Sociolinguística Variacionista, buscam descrever, a partir de dados de produção linguística de falantes adultos, o caráter variável da marcação de plural no PB, apontando possíveis fatores

⁶⁰Agradecemos o auxílio dos alunos de Iniciação Científica do NEALP no trabalho de transcrição de áudio para a criação do *corpus* aqui analisado.

linguísticos e sociais que influenciam a aplicação ou não das regras de concordância observadas na língua padrão. No entanto, quando se olha para a aquisição da linguagem, torna-se essencial investigar não só a produção da criança, mas também o *input* ao qual ela está exposta, com vistas a verificar se a concordância verbal apresenta um caráter variável nesse material linguístico e, conseqüentemente, verificar a frequência da marcação morfofonológica de número nos verbos e os fatores que a influenciam.

Nesse sentido, buscamos identificar os contextos de realização de sujeitos na 3ª pessoa do plural (foneticamente realizados ou nulos), verificando se o verbo recebia flexão redundante de número. Observou-se se o sujeito era, portanto, preenchido ou nulo, destacando, no caso de sujeito foneticamente preenchido, se o sujeito era lexical com concordância redundante entre os elementos do DP, lexical com concordância não redundante, composto, pronominal ou, ainda, formado por quantificador, pronome indefinido ou pronome demonstrativo. Considerou-se, ainda, a posição do sujeito em relação ao verbo: sujeito posposto ou sujeito anteposto, a animacidade do sujeito e a distância entre o sujeito e o verbo. Os fatores linguísticos tempo verbal, saliência fônica e tipo de verbo também foram analisados.

Vale destacar que, como o objetivo desta pesquisa é investigar a marcação morfofonológica de plural no verbo, todas as ocorrências de sujeito na segunda pessoa indireta do plural foram consideradas (ex.: *vocês trocam?*– adulto: gravação D Nov./2015). No entanto, formas verbais homófonas foram excluídas da análise de dados, uma vez que as formas de singular e plural de alguns verbos são distintas apenas na escrita por meio do acento gráfico, ou seja, por uma convenção meramente ortográfica (ex.: *as duas têm (tem) cinquenta (anos)*...– criança: gravação D 5a9m8d).

Também foram desconsideradas, na análise de dados, marcações morfofonológicas de número, explícitas ou não, resultantes dos seguintes casos:

- Formas verbais repetidas do enunciado anterior

CRIANÇA: - é assim que os aviões *dizem*... (A 3a5m16d) (considerada)

ADULTO: - é mesmo? é assim que os aviões *dizem*? é assim que eles *dizem*? (descartada)

CRIANÇA: - mamãe...esses *são* tão lindos não é? (B 4a8m28d) (considerada)

ADULTO: - *são*... (descartada)

- Concordância com o predicativo

ADULTO: - esse livrinho *são...são* de bichinhos... (A 3a5m16d)

CRIANÇA: - (leva as encomendas) pra um lugar que *são* deles... (A 3a4m18d)

- Formas verbais presentes em letras de músicas:

CRIANÇA: ((cantou)) “me...na...meninos e meninas...de todas as nações...*comemoram* este dia...Natal é muito bom...” (D 6a16d)

- Enunciados lidos:

ADULTO: ((lendo)) “os arquivos do seu computador... não *foram* alterados...” (gravação 5 – criança D)

- Construções de tópico:

CRIANÇA: os coque não dá pra por chapéu nela... (D 5a9m8d)

A análise dos dados é apresentada a seguir.

5.1.5 Análise dos dados de produção

Conforme já discutido, o PB é caracterizado por apresentar variação na realização da concordância de número no Sintagma Verbal (SV). No caso de sujeitos que expressam pluralidade, o verbo pode apresentar marcação morfofonológica redundante ou a não realização da marcação morfofonológica de plural. O presente estudo busca verificar se formas verbais flexionadas na 3ª pessoa do plural (marcação redundante) mostram-se frequentes no *input* recebido pelas crianças e em sua produção linguística.

5.1.5.1 Análise dos dados de produção linguística dos adultos

Foram contabilizadas 207 ocorrências de sentenças em contextos de sujeito plural (foneticamente realizados ou não) em que, na variedade padrão, o verbo receberia a marcação

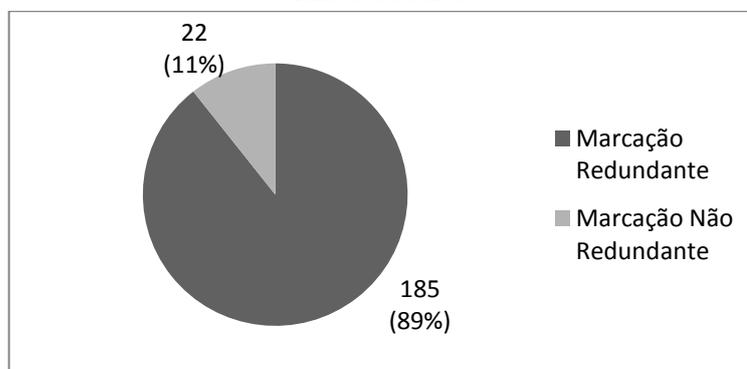
morfofonológica explícita de terceira pessoa do plural. Das 207 ocorrências contabilizadas, 185 apresentam marcação redundante de plural no verbo (89%) e apenas 22 apresentam marcação não redundante (11%), conforme mostram os exemplos abaixo, respectivamente:

(154) As minhas orelhas ficam em cima da minha cabeça...

(155) elas duas aparece na quarta temporada...

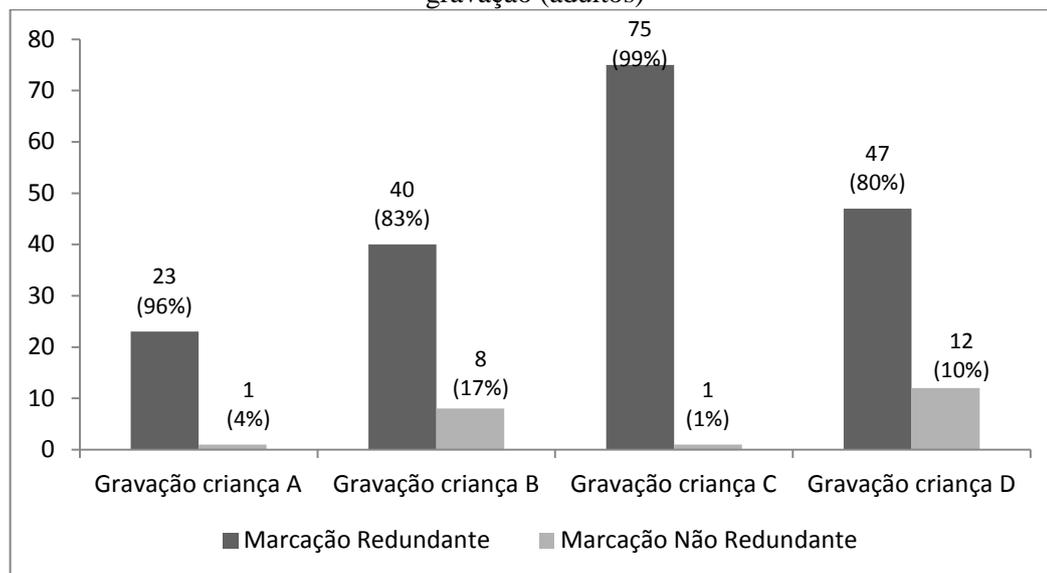
Conforme ilustrado no gráfico a seguir, a marcação redundante de plural no verbo mostrou-se frequente no *input* recebido pelas crianças participantes deste estudo, apesar de a marcação não redundante também ocorrer em uma pequena parte dos enunciados.

Gráfico 1: Proporção das ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante na fala dos adultos



Foram contabilizados, ainda, o número de ocorrências e o percentual de marcação redundante e não redundante produzidos pelos adultos em cada gravação. Como já mencionado, no áudio da criança B, há a participação de outros adultos além da mãe, possibilitando, assim, a presença de diferentes variedades da língua, já que desconhecemos a escolaridade exata de todos os participantes da gravação. No entanto, por considerar que todos os adultos fazem parte do convívio da criança, acreditamos que a gravação reflete, potencialmente, a diversidade do *input* disponível para a criança, de maneira que toda a produção linguística desses adultos foi considerada. O gráfico abaixo ilustra as ocorrências por gravação:

Gráfico 2: Proporção das ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante por gravação (adultos)



Considerando as 207 ocorrências totais em que há contexto de sujeito plural, foram analisadas a realização e a posição do sujeito em relação à marcação redundante (MR) ou à marcação não redundante (MNR) no verbo, isto é, observou-se se o sujeito era preenchido em anteposição ao verbo, preenchido posposto em relação ao verbo ou foneticamente não realizado (nulo) nos casos em que a forma verbal era marcada ou não para plural. Os enunciados abaixo ilustram os fatores linguísticos por ora considerados:

(156) Sujeito preenchido anteposto:

MR: os sons vinham com toca fitas...

MNR: esses armário (es)tá tão cheio de coisa...

(157) Sujeito preenchido posposto:

MR: como que são esses personagens?

MNR: (es)tá todo quebrado seus lápis...

(158) Sujeito foneticamente não realizado:

MR: já (es)tão dançando já ué? (elas)

MNR: é umas cores diferentes... (os lápis fluorescentes)

Os resultados da análise estão dispostos na tabela a seguir:

Tabela 1: Distribuição dos fatores linguísticos *realização e posição do sujeito* em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (adultos)

Posição e Realização do Sujeito	Marcação Redundante		Marcação Não Redundante	
	n ^o	% ⁶¹	n ^o	%
Preenchido anteposto	138	75%	11	50%
Preenchido posposto	21	11%	08	36%
Foneticamente não realizado	26	14%	03	14%
Total	185	100%	22	100%

Os dados podem também ser analisados do ponto de vista da marcação redundante ou não redundante, como disposto na tabela abaixo:

Tabela 2: Distribuição da variação entre marcação morfofonológica no verbo em relação aos fatores linguísticos *realização e posição do sujeito* (adultos)

Marcação Morfofonológica no Verbo	Sujeito preenchido anteposto		Sujeito preenchido posposto		Sujeito não realizado foneticamente	
	n ^o	%	n ^o	%	n ^o	%
Redundante	138	93%	21	72%	26	89%
Não redundante	11	7%	08	28%	03	11%
Total	149	100%	29	100%	29	100%

Em consonância com a ordenação sintática canônica do português, a grande parte das ocorrências apresenta sujeito preenchido anteposto ao verbo, tanto para os casos de marcação redundante (75%), quanto para os casos de marcação não redundante (50%). Ao se considerar o número de ocorrências de sujeito preenchido anteposto ao verbo encontrado nos dados (149 no total), pode-se observar que o preenchimento da posição do sujeito anteposto ao verbo parece ser um fator linguístico que favorece a marcação morfofonológica explícita de plural, uma vez que se trata do contexto com maior número de ocorrências de marcação redundante ao se considerar a posição e a realização do sujeito – 138 ocorrências de marcação redundante no verbo (93%) e apenas 11 ocorrências de marcação não redundante (7%).

Os gráficos abaixo auxiliam na visualização dos dados levantados:

⁶¹Os percentuais apontados nas tabelas a seguir são valores aproximados.

Gráfico 3: Proporção do fator *realização* e *posição do sujeito* em ocorrências de marcação redundante de plural no verbo (adultos)

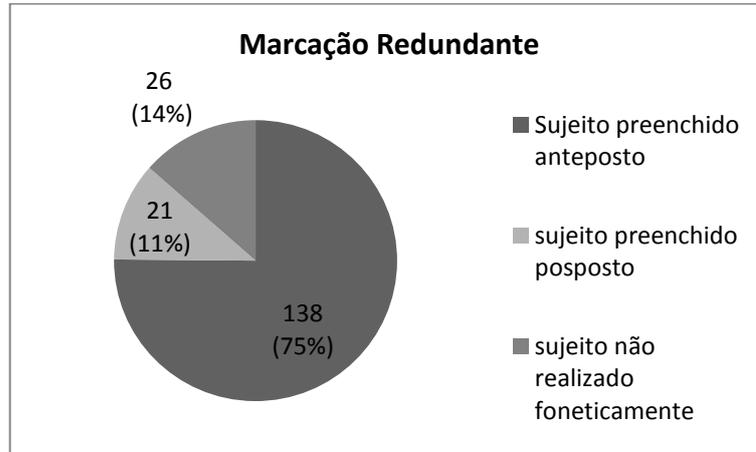


Gráfico 4: Proporção do fator *realização* e *posição do sujeito* em ocorrências de marcação não redundante de plural no verbo (adultos)

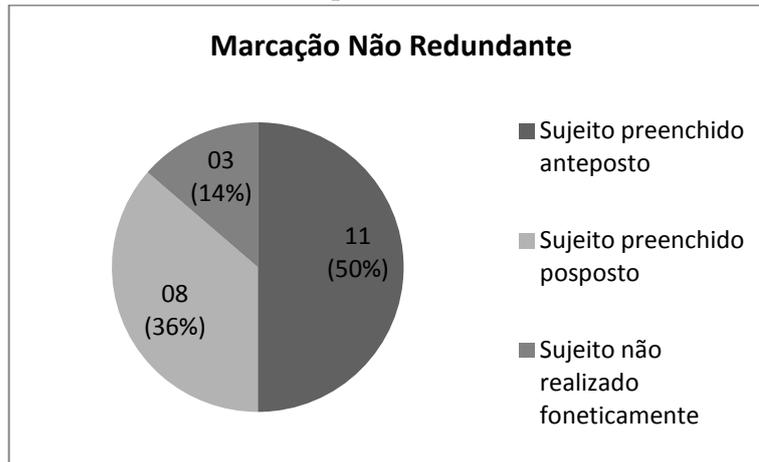
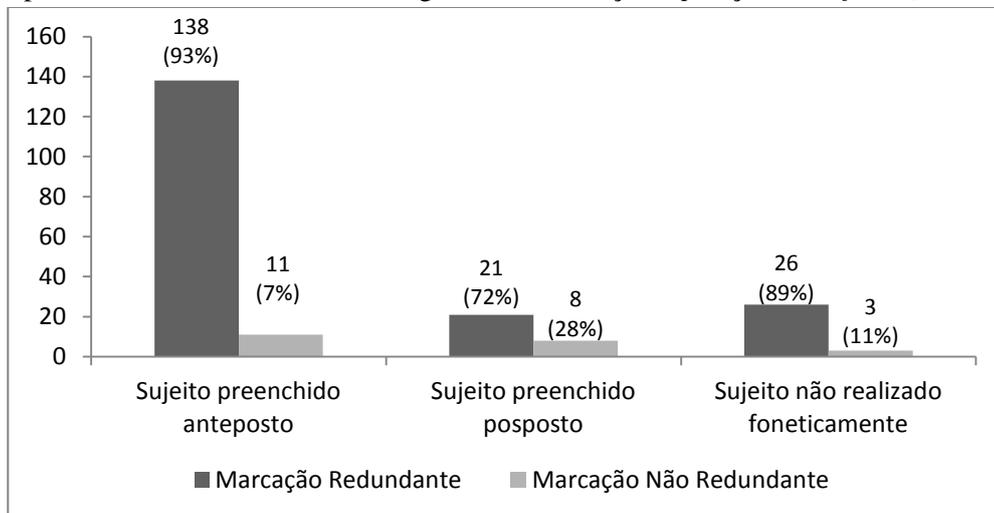


Gráfico 5: Comparação entre o número de ocorrências de marcação redundante e não redundante de plural ao se analisar os fatores linguísticos *realização* e *posição do sujeito* (adultos)



Nos dados obtidos, tem-se, portanto, a predominância da ordem sujeito-verbo e a prevalência do sujeito preenchido, se comparado ao sujeito nulo, tanto para as ocorrências de presença de marcação flexional explícita no verbo quanto para as ocorrências de ausência de marcação flexional explícita. Os dados levantados apontam, portanto, para uma tendência ao preenchimento da posição do sujeito, mesmo em contextos em que o sujeito não realizado foneticamente é licenciado pela língua. Tal resultado vai ao encontro do que foi discutido no capítulo 2, na seção 2.3 deste trabalho.

Ao se considerarem as ocorrências em que o sujeito apresenta-se foneticamente preenchido, foi feito um levantamento acerca do tipo de sujeito produzido pelos adultos. Para tanto, assumimos cinco variáveis para o tipo de sujeito: (i) *lexical com concordância redundante*, isto é, sujeito formado por um DP em que há marcação morfofonológica de plural em todos os elementos passíveis de receber a flexão de número; (ii) *lexical com concordância não redundante*, em que se verifica a ausência de marcação morfofonológica redundante em pelo menos um elemento passível de receber a flexão de número, considerando a variedade padrão da língua; (iii) *sujeito composto*, ou seja, em que há dois ou mais núcleos nominais; (iv) *sujeito pronominal*, no qual a posição de sujeito é preenchida por um pronome e, por fim, (v) sujeitos formados por *quantificador*, *pronome indefinido* ou *pronome demonstrativo*. Os exemplos citados abaixo ilustram os tipos de ocorrências:

(159) Lexical com concordância redundante no DP:

MR: **esses cílios dela** são impressionantes...

MNR: **as coisas de computador** é demorada assim mesmo...

(160) Lexical com concordância não redundante no DP:

MR: ué? mas **as pena** são amarela...

MNR: lá em casa **as minha sala** sempre foi pequena...

(161) Sujeito Composto:

MR: **você e o NP** não brigam né?

MNR: *não há ocorrência.*

(162) Sujeito Pronominal:

MR: **eles** cantam um monte de musiquinha né?

MNR: **elas** pode deitar...

(163) Quantificador + Pronome indefinido + Pronome demonstrativo:

MR: **todos** estão olhando pra cima...

MNR: **esses** (es)tá no lugar errado né?

Os dados absolutos e percentuais são apontados nas tabelas que seguem:

Tabela 3: Distribuição do fator linguístico *tipo do sujeito* em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (adultos)

Tipo de Sujeito Preenchido	Marcação Redundante		Marcação Não Redundante	
	n°	%	n°	%
Lexical com concordância redundante	54	34%	07	36%
Lexical com concordância não redundante	04	3%	06	32%
Composto	02	1%	-	-
Pronominal	82	51%	03	16%
Quantificador + Pronome indefinido + Pronome demonstrativo	17	11%	03	16%
Total	159		19	

Tabela 4: Distribuição da variação entre marcação morfofonológica no verbo em relação ao fator linguístico *tipo do sujeito* (adultos)

Marcação Morfofonológica no Verbo	Sujeito Lexical Marcação Redundante		Sujeito Lexical Marcação Não Redundante		Sujeito composto		Sujeito Pronominal		Sujeito Quantificador + Indefinido + Demonstrativo	
	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%
Redundante	54	89%	04	40%	02	100%	82	96%	17	86%
Não redundante	07	11%	06	60%	-	-	03	4%	03	14%
Total	61	100%	10	100%	02	100%	85	100%	20	100%

Pode-se observar que a maior parte dos enunciados produzidos pelos adultos apresentou a posição do sujeito preenchida por meio de um pronome, já que esse caso corresponde a 85 ocorrências de um total de 178, ou seja, 48% do total de ocorrências de sujeito preenchido. Os dados sugerem, ainda, que o sujeito pronominal favorece a marcação redundante de plural no verbo, uma vez que, das 85 ocorrências de sujeito pronominal, não houve marcação morfofonológica explícita de número em apenas 03 ocorrências (4%). De maneira semelhante, os sujeitos constituídos por quantificadores, pronomes indefinidos e pronomes demonstrativos também parecem favorecer a marcação redundante no verbo, haja vista a predominância de marcação explícita no verbo (86% das ocorrências) se comparada com as ocorrências em que não houve marcação explícita na forma verbal (14%).

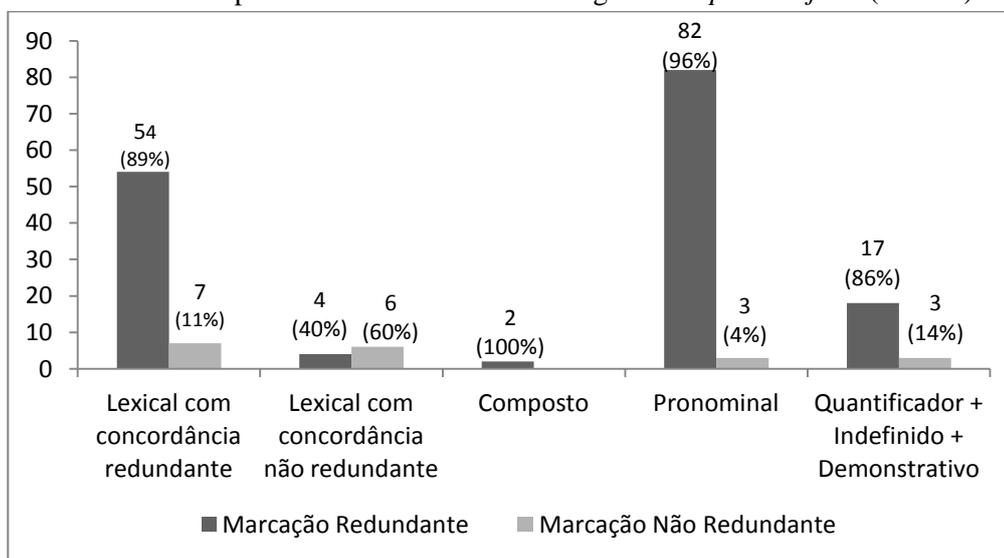
Em consonância com o que é discutido na literatura sociolinguística acerca do fator “paralelismo linguístico” (ver capítulo 2, seção 2.2 deste trabalho), o sujeito lexical com concordância redundante também parece favorecer a marcação morfofonológica de plural no verbo, tendo em vista que, em um total de 61 ocorrências desse tipo de sujeito, em apenas 07

(11%), não houve marcação redundante de número no verbo. Nesse sentido, os dados obtidos neste estudo sugerem que marcas em elementos precedentes parecem aumentar a probabilidade de haver a marcação explícita de número em elementos subsequentes. Por outro lado, nos casos em que o preenchimento da posição do sujeito é lexical com concordância não redundante, houve uma equiparação entre a marcação redundante e a marcação não redundante de número no verbo (04 ocorrências de marcação explícita e 06 ocorrências de marcação não explícita), o que pode sugerir que a variação na marcação explícita de número dentro do DP leva a uma maior variação na marcação morfofonológica de número no verbo.

No que diz respeito ao sujeito composto, não há dados suficientes para que se possa propor uma análise mais geral, uma vez que, no *corpus* analisado, houve apenas duas ocorrências desse tipo de sujeito. No entanto, pode-se apontar que, em ambas as ocorrências (100% dos casos), houve a produção da marcação redundante no verbo.

O gráfico a seguir traz uma visualização geral do fator analisado:

Gráfico 6: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator linguístico *tipo de sujeito* (adultos)



Vale destacar que o fator linguístico traço [\pm animado] do sujeito combinado com o fator posição do sujeito também se mostra relevante na presente análise. Os exemplos abaixo ilustram as variáveis consideradas:

(164) Sujeito anteposto [+animado]:

MR: **as bruxas** são sempre más né?

MNR: **as menina** lá da NP ((nome da loja)) falou que você não ia gostar...

(165) Sujeito anteposto [-animado]:

MR: **esses plástico são** chato...

MNR: **as plantinha** (es)tava tudo sequinha...

(166) Sujeito posposto [+animado]:

MR: **foram muitas pessoas** lá pra visitá?

MNR: **foi só vocês duas?**

(167) Sujeito posposto [-animado]:

MR: só **voam os aviões de verdade...**

MNR: (es)tava **todos os documento** certo...

Os dados encontrados para tais variáveis são apontados nas tabelas abaixo:

Tabela 5: Distribuição dos fatores linguísticos *posição* e *animacidade do sujeito* em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (adultos)

Posição e Animacidade do sujeito		Marcação redundante		Marcação não redundante	
		n°	%	n°	%
Sujeito anteposto	[+ animado]	103	65%	04	21%
	[- animado]	35	22%	07	37%
Sujeito posposto	[+ animado]	07	4%	01	5%
	[- animado]	14	9%	07	37%
Total		159	100%	19	100%

Tabela 6: Distribuição da variação entre marcação morfofonológica no verbo em relação aos fatores linguísticos *posição* e *animacidade do sujeito* (adultos)

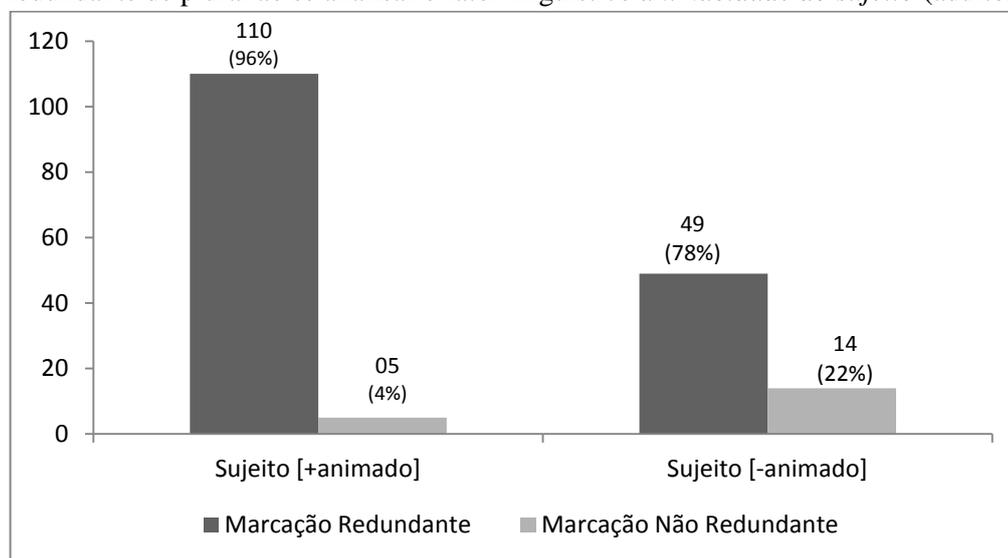
Marcação Morfofonológica no Verbo	Sujeito anteposto				Sujeito posposto			
	[+animado]		[-animado]		[+animado]		[-animado]	
	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%
Redundante	103	96%	35	83%	07	87%	14	67%
Não redundante	04	4%	07	17%	01	13%	07	33%
Total	107	100%	42	100%	08	100%	21	100%

Como visto anteriormente, a taxa de marcação redundante de número no verbo é bastante alta na fala dos adultos, e o fator posição do sujeito em relação ao verbo parece influenciar na variação entre marcação redundante e não redundante na forma verbal, com maiores índices de marcação redundante em sentenças nas quais o sujeito é produzido em anteposição ao verbo. É possível observar que a animacidade do sujeito atrelada à sua posição na sentença também parece ser de grande influência na marcação redundante de plural no verbo. Nos casos em que o sujeito possui o traço [+animado] e é anteposto ao verbo, a taxa de marcação redundante no verbo é de 96%, ou seja, é o caso com maior taxa de marcação redundante na forma verbal.

Ao se considerar as sentenças com marcação não redundante no verbo, as maiores taxas encontram-se nos sujeitos com traço [-animado], sendo a taxa equivalente para sujeitos antepostos e sujeitos pospostos (37%). Os dados vão ao encontro do que apontam pesquisas sociolinguísticas de cunho variacionista, ou seja, sujeitos com traço [+animado] tendem a levar à marcação redundante no verbo, ao passo que sujeitos [-animados] influenciam na não marcação do verbo.

O gráfico abaixo auxilia na visualização da comparação dos dados ao se considerar o fator linguístico *animacidade do sujeito* de maneira isolada:

Gráfico 7: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator linguístico *animacidade do sujeito* (adultos)



Apesar de a presença de marcação redundante ser predominante em ambos os grupos - sujeito [+animado] e sujeito [-animado], os percentuais apontam para maior taxa de marcação redundante nos casos de sujeito [+animado] (96%), contra 78% nos casos de sujeito [-animado].

Considerou-se, ainda, para a análise, o fator linguístico distância linear entre o sujeito e o verbo em duas variáveis: distância de 0 sílaba e distância de 1-5 sílabas, conforme ilustram os exemplos abaixo retirados do *corpus* em análise:

(168) Distância 0 sílaba:

MR: vocês tocaram a flauta?

MNR: nossa...essas coisa dá uma confusão...

(169) Distância 1-5 sílabas:

MR: eles só **fazem** apartamento pequeno agora...

MNR: lá em casa as minha sala sempre **foi** pequena...

Os resultados são apresentados nas tabelas a seguir⁶²:

Tabela 7: Distribuição dos fatores linguísticos *posição do sujeito* e *distância entre sujeito e verbo* em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (adultos)

Distância do sujeito em relação ao verbo	Marcação Redundante				Marcação Não Redundante			
	anteposto		Posposto		anteposto		Posposto	
	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%
0 sílaba	104	75%	19	90%	08	73%	06	75%
1-5 sílabas⁶³	34	25%	02	10%	03	27%	02	25%
Total	138	100%	21	100%	11	100%	08	100%
	159				19			

Tabela 8: Distribuição da variação entre marcação morfofonológica no verbo em relação aos fatores linguísticos *posição do sujeito* e *distância entre sujeito e verbo* (adultos)

Marcação Morfofonológica no verbo	Distância do sujeito em relação ao verbo							
	0 sílaba anteposto		0 sílaba Posposto		1-5 sílabas anteposto		1-5 sílabas Posposto	
	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%
Redundante	104	93%	19	76%	34	92%	02	50%
Não Redundante	08	7%	06	24%	03	8%	02	50%
Total	112	100%	25	100%	37	100%	04	100%
	137				41			

Como se pode observar, a maior parte das ocorrências de marcação de número redundante no verbo apresenta-se em casos em que o sujeito está posicionado imediatamente próximo ao verbo, seja anteposto ao verbo (75% das ocorrências, ou seja, 104 SVs de 138), seja posposto ao verbo (90% das ocorrências, ou seja, 19 SVs de 21).

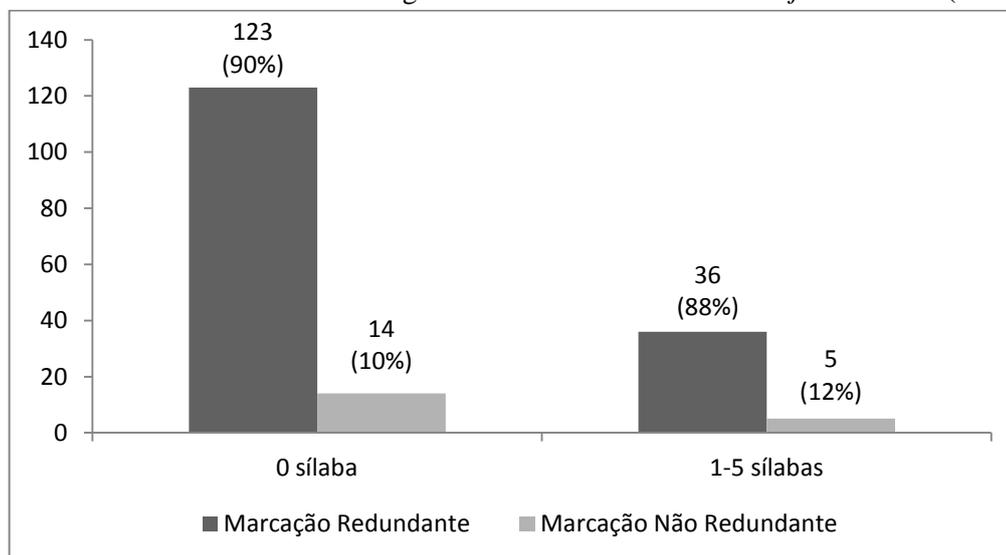
A marcação redundante de 3ª pessoa do plural mostra-se frequente, apesar da distância linear entre sujeito e verbo. Nos casos de maior distância (1-5 sílabas), o número de ocorrências da marcação morfofonológica explícita no verbo (36 ocorrências) supera o número de todos os outros casos de marcação não redundante (19 ocorrências apenas). Dessa forma, embora a aproximação entre sujeito e verbo pareça favorecer a marcação explícita de número na forma verbal, a marcação redundante mostra-se frequente na produção linguística dos adultos mesmo quando é constatada uma maior distância linear entre tais elementos.

⁶²As ocorrências de sujeito foneticamente não realizado não foram consideradas para esta análise.

⁶³Não houve, no *corpus* analisado, ocorrências nas quais a distância linear entre sujeito e verbo fosse superior a cinco sílabas.

O gráfico a seguir ilustra os dados encontrados quando o fator *distância linear* entre sujeito e verbo é tratado de maneira isolada:

Gráfico 8: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante ao se analisar o fator linguístico *distância linear entre sujeito e verbo* (adultos)



Embora haja uma diferença quantitativa dos dados em número de ocorrências, a distância linear entre sujeito e verbo não se mostrou relevante nos dados obtidos da fala dos adultos, uma vez que, em termos percentuais, a marcação redundante predomina tanto nas ocorrências de distância 0 sílaba (90%) quanto em casos de distâncias maiores, entre 1-5 sílabas (88%).

Com vistas a verificar quais formas verbais apresentam-se mais frequentes na produção linguística de adultos em interação com crianças, foi feito um levantamento do tempo verbal das formas encontradas em contexto de 3ª pessoa do plural. A análise da flexão verbal de tempo e modo (e aspecto em alguns casos) permite-nos avaliar em que medida a marcação flexional é saliente em termos perceptuais para a criança.

Os tempos verbais encontrados na amostra de fala dos adultos são exemplificados abaixo:

(170) Presente do Indicativo

MR: (vo)cês não trabalham de manhã...não?

MNR: elas duas aparece na quarta temporada...

(171) Pretérito Perfeito do Indicativo

MR: aí elas brincaram...sabe?

MNR: sobrou duas...

(172) Pretérito Imperfeito do Indicativo

MR: acho que eles não gostavam mais um do outro...

MNR: as plantinha (es)tava tudo sequinha morrendo tadinhas...

(173) Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

MR: se eles me pagassem...

MNR: e fizesse a recisão...(depois de "se eles me pagassem")

(174) Infinitivo Pessoal

MR: eu vou ligar pras mães das coleguinhas dela pra trazerem as meninas...

MNR: *não há ocorrências.*

Para fins descritivos, optamos por representar graficamente o morfema de 3ª pessoa do plural por meio de *-m* (ex.: *come-m*; *comera-m*). No entanto, ao se compararem formas verbais de singular e plural em alguns tempos verbais, como no pretérito perfeito do indicativo (ex.: *comeu/comeram*), não é trivial considerar que, na forma verbal de 3ª pessoa do plural, apenas a nasalização da vogal final indica as noções de número e pessoa. Em outras palavras, apesar de estudos normativos e descritivos considerarem que o morfema *-ra*, na palavra “*come-ra-m*”, por exemplo, atribui as noções de tempo e modo (e aspecto) à raiz verbal, em termos perceptuais, tal morfema, juntamente com a nasalização da vogal (*-ram*), pode ser tomado como um único “bloco” indicativo das noções cumulativas de número e pessoa, bem como de tempo, modo e aspecto. Além disso, deve-se destacar que um mesmo verbo pode apresentar uma forma verbal mais saliente foneticamente em alguns tempos verbais e uma forma menos saliente em outros tempos verbais, como é o caso do verbo “*estar*”, que, no presente do indicativo, apresenta uma forma considerada [+ saliente] (*está/estão*) e, no pretérito imperfeito, apresenta uma forma [- saliente] (*estava/estavam*). Nesse sentido, o fator *saliência fônica* na análise da oposição de singular e plural das formas verbais, por si só, não seria informativo quanto ao tipo de morfema frequente para a criança, de maneira que nos deteremos com maiores detalhes na análise dos morfemas flexionais frequentes nos dados de produção levantados neste estudo.

A esse respeito, primeiramente, foi feita a análise dos tempos verbais em que aparecem as formas verbais produzidas em contextos de sujeito na terceira pessoa do plural ou na segunda pessoa indireta do plural. Os dados são apresentados nas tabelas que seguem:

Tabela 9: Distribuição dos tempos verbais em relação à variação na marcação morfofonológica de número no verbo (adultos)

Tempo Verbal	Marcação Redundante		Marcação Não Redundante	
	n°	%	n°	%
Presente do Indicativo	114	62%	15	68%
Pretérito Perfeito do Indicativo	55	30%	04	18%
Pretérito Imperfeito do Indicativo	12	6%	02	9%
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	01	0,5%	01	5%
Infinitivo Pessoal	03	1,5%	-	-
Total	185		22	

Tabela 10: Distribuição da variação na marcação morfofonológica de número no verbo em relação ao fator linguístico *tempo verbal* (adultos)

Marcação Morfofonológica no Verbo	Presente do Indicativo		Pretérito Perfeito do Indicativo		Pretérito Imperfeito do Indicativo		Pretérito Imperfeito do Subjuntivo		Infinitivo Pessoal	
	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%
Marcação Redundante	114	88%	55	93%	12	86%	01	50%	03	100%
Marcação não redundante	15	12%	04	7%	02	14%	01	50%	-	-
Total	129	100%	59	100%	14	100%	02	100%	03	100%

Como demonstra a tabela, os tempos verbais mais produzidos em contextos de sujeito plural de terceira pessoa e/ou de segunda pessoa indireta pelos adultos foram o presente e o pretérito perfeito, ambos do modo indicativo. As formas verbais flexionadas no modo indicativo são, segundo os estudos longitudinais desenvolvidos no âmbito dos estudos em aquisição da linguagem, as primeiras a serem produzidas pelas crianças. Nesse sentido, é de se esperar que sejam as mais frequentes no *input* ao qual a criança está exposta. Mais uma vez, a marcação redundante mostra-se consistente na produção linguística do adulto, predominando as formas flexionadas no presente (114 ocorrências de um total de 185, o que corresponde a 62% dos casos) e no pretérito perfeito do indicativo (55 ocorrências, ou seja, 30% dos casos), seguidas do pretérito imperfeito, também do modo indicativo (12 ocorrências, que correspondem a 6%). Já os tempos verbais do pretérito imperfeito do subjuntivo e o infinitivo flexionado representam apenas produções isoladas (01 ocorrência – 0,5% dos casos e 03 ocorrências – 1,5% dos casos, respectivamente).

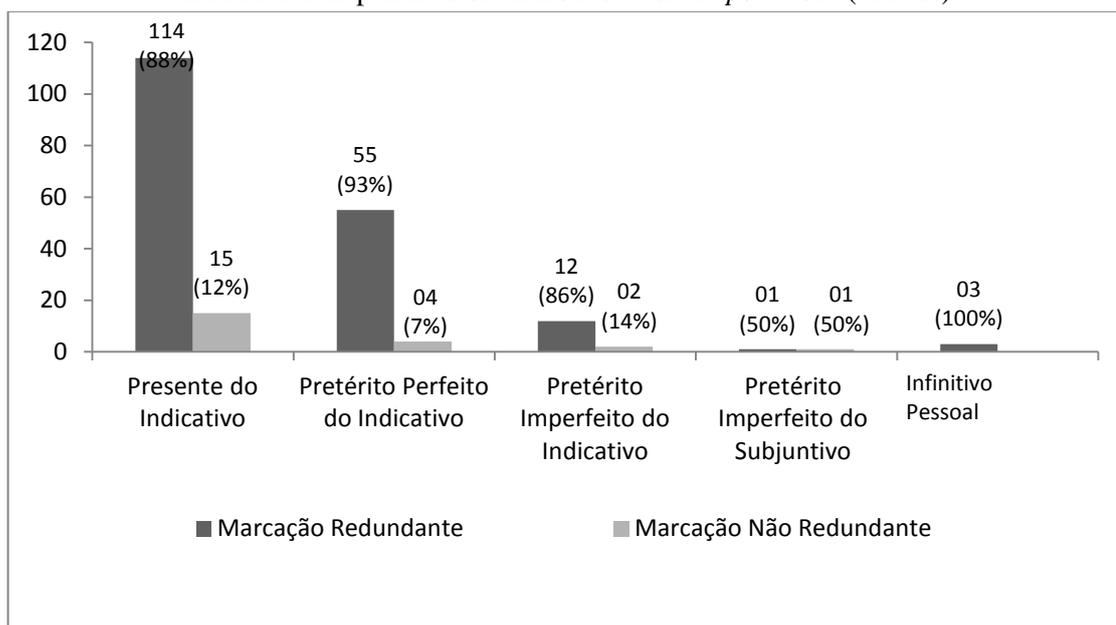
Ao se considerarem os casos de marcação não redundante, constata-se o predomínio do presente do indicativo (15 ocorrências, ou seja, 68% dos casos), seguido de produções

isoladas do pretérito perfeito do indicativo (04 ocorrências – 18%), do pretérito imperfeito do indicativo (02 ocorrência – 9%) e do pretérito imperfeito do subjuntivo (01 ocorrência – 5%).

Da perspectiva dos tempos verbais, o pretérito perfeito do indicativo concentrou a maior taxa de marcação redundante (93%), seguido do presente do indicativo (88%) e do pretérito imperfeito, também do indicativo (86%). A alta taxa de marcação redundante do pretérito perfeito parece coincidir com o fator *saliência fônica*, uma vez que as formas verbais de singular e plural desse tempo verbal conteriam as distinções fônicas mais proeminentes. Já a maior taxa de marcação não redundante foi verificada no pretérito imperfeito do subjuntivo (50%), em que a comparação entre as formas verbais de singular e de plural seria menos proeminente do ponto de vista fonológico.

O gráfico a seguir auxilia em uma visualização dos dados levantados nesta análise:

Gráfico 9: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator *tempo verbal* (adultos)



Uma análise, portanto, acerca do fator *saliência fônica* ([+saliente] versus [-saliente]) pode apontar para uma possível predominância da marcação não redundante em formas verbais no presente do indicativo baseada na menor saliência fônica observada na oposição singular/plural em verbos regulares, tais como “ganha/ganham” ou “cabe/cabem”. De qualquer forma, até mesmo no presente do indicativo, considerando a sutileza, em um nível perceptual, das formas verbais regulares flexionadas em singular/plural, houve predomínio da marcação morfofonológica redundante de número no verbo (50 ocorrências de marcação redundante versus 13 ocorrências de marcação não redundante).

Quanto às formas verbais flexionadas no pretérito perfeito, era previsto que houvesse maior número de marcações redundantes de número, haja vista a maior saliência fônica entre a oposição das formas verbais de singular/plural, tais como “cantou/cantaram” e “caiu/caíram”. Dessa forma, os dados da produção linguística de adultos em situação de interação apontam para o predomínio da marcação redundante de número em verbos flexionados no pretérito perfeito do indicativo (55 ocorrências de marcação redundante contra apenas 04 ocorrências de marcação não redundante).

Deve-se destacar, ainda, que, mesmo em formas verbais em que a oposição entre singular/plural apresenta-se de maneira menos saliente do ponto de vista perceptual, como é o caso dos verbos no pretérito imperfeito do indicativo (tais como “estava/estavam” e “sabia/sabiam”), houve a predominância da marcação redundante no verbo (12 ocorrências de marcação redundante de número contra apenas 02 ocorrências de marcação não redundante).

Com o intuito de se ter uma visão mais clara do fator saliência fônica, os dados foram analisados considerando-se a oposição entre as formas de singular/plural. Assim como no trabalho de Monguilhott e Coelho (2002), foram considerados dois níveis de saliência fônica: nível 1 – oposição não acentuada; e nível 2 – oposição acentuada. Assumimos uma única diferença em relação ao trabalho anteriormente citado: consideramos a oposição que envolve acréscimo de segmentos na forma plural, como nos casos *diz/dizem* e *quer/querem*, como uma oposição acentuada do ponto de vista perceptual, preservando como oposição não acentuada apenas a nasalização da vogal na forma plural, conforme os exemplos abaixo:

(175) Nível 1 – oposição não-acentuada

- a. não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural
ex.: conhece/conhecem, corre/correm, vive/vivem, sabe/sabem;
- b. envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural
ex.: ganha/ganham, era/eram, gosta/gostam;

(176) Nível 2 – oposição acentuada

- a. envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural
ex.: tá/tão, vai/vão;
- b. envolve acréscimo de segmentos na forma plural
ex.: diz/dizem, quer/querem;

- c. envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural ex.: bateu/bateram, viu/viram, incluindo o par foi/foram que perde a semivogal;
- d. envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: mudanças vocálicas na desinência, mudanças na raiz, e até mudanças completas ex.: veio/vieram, é/são, disse/disseram.

Os dois níveis de saliência fônica considerados são exemplificados abaixo com ocorrências retiradas da amostra de fala dos adultos:

(177) [+saliente]:

MR: eles vão voltar de táxi... (vai x vão)

MNR: esses (es)tá no lugar errado né? ((es)tá x (es)tão)

(178) [-saliente]:

MR: mas elas continuam juntas? (continua x continuam)

MNR: não cabe elas deitada ali no sofá não? (cabe x cabem)

Os dados da análise estão dispostos nas tabelas abaixo:

Tabela 11: Distribuição do fator *saliência fônica* em relação à variação na marcação morfofonológica de número no verbo (adultos)

Saliência Fônica	Marcação Redundante		Marcação Não Redundante	
	n°	%	n°	%
[+ saliência]	135	73%	13	59%
[- saliência]	50	27%	09	41%
Total	185	100%	22	100%

Tabela 12: Distribuição da variação na marcação morfofonológica de número no verbo em relação ao fator linguístico *saliência fônica* (adultos)

Marcação Morfofonológica no Verbo	[+ saliência]		[- saliência]	
	n°	%	n°	%
Marcação Redundante	135	91%	50	85%
Marcação Não Redundante	13	9%	09	15%
Total	148	100%	59	100%

As formas verbais mais salientes, se considerada a oposição entre singular/plural, são as mais frequentes em nosso levantamento de dados (148 formas [+ saliente] e 59 ocorrências de formas [- saliente]). Os verbos irregulares “ser”, “estar” e “ir” no presente do indicativo, cuja oposição entre as formas de singular e de plural é considerada mais saliente foneticamente (ex.: está/estão; é/são; vai/vão), são bastante frequentes nos dados da produção

linguística dos adultos e representam números significativos no levantamento acerca da saliência fônica. O verbo “ser” aparece em 42 ocorrências flexionado em número (“são”). Já o verbo “estar” corresponde a 20 ocorrências dos casos de marcação redundante e o verbo “ir” contabiliza 10 ocorrências, ou seja, em formas consideradas mais salientes (“estão” e “vão”). Dessa maneira, somente esses três verbos representam 72 ocorrências das formas mais salientes.

Se consideradas as ocorrências de marcação não redundante no verbo, as formas verbais aparecem de maneira mais homogênea, uma vez que o verbo com o maior número de ocorrências é o verbo “estar” flexionado no pretérito imperfeito do indicativo (estavam/estava), que aparece, nos dados, em 07 ocorrências (das 59 levantadas).

Do total de ocorrências de formas verbais caracterizadas por serem mais saliente foneticamente (148), 135 receberam a flexão redundante de plural, o que equivale a 91% do total. A consistência da marcação redundante se mantém na produção linguística dos adultos, já que, do total de 59 formas verbais consideradas menos salientes foneticamente, 50 apresentaram a marcação morfofonológica redundante de número (85% do total). Em ambos os casos, a marcação redundante no verbo mostra-se frequente.

Vale destacar que um levantamento mais apurado das ocorrências de marcação não redundante revela que os enunciados nos quais as formas verbais com oposição entre singular/plural mais saliente não receberam a marcação morfofonológica explícita de número apresentam, no DP, marcação de plural apenas no D e não em N, ou seja, o DP sujeito apresenta concordância não redundante, como nos exemplos:

(179) *esses* armário (es)tá tão cheio de coisa...

(180) lá em casa *as* minha sala sempre foi pequena...

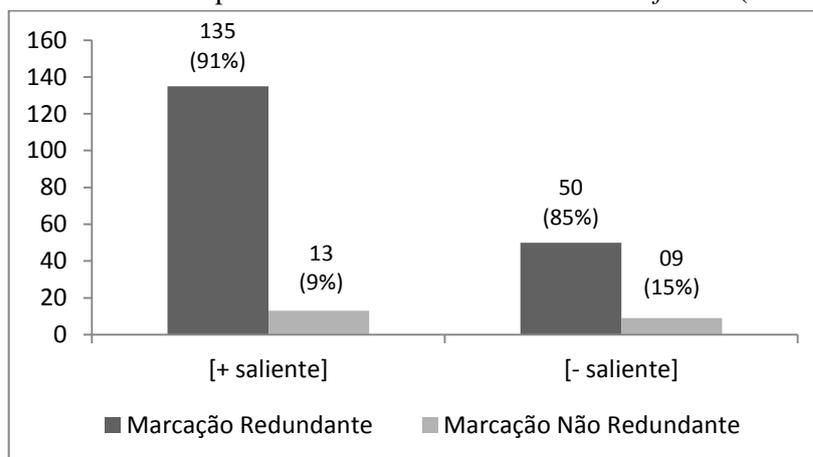
(181) nossa...*essas* coisa dá uma confusão...

Além disso, há enunciados nos quais um adjunto no singular compõe o sujeito, o que pode influenciar a produção da forma verbal também no singular, tais como:

(182) *as coisas* de computador é demorada assim mesmo...

O gráfico abaixo permite a visualização acerca do fator *saliência fônica* nos dados de produção linguística dos adultos:

Gráfico 10: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator *saliência fônica* (adultos)



Como é possível observar no gráfico acima, em ambos os casos (formas verbais [+saliente] e [-salientes]), houve a predominância da marcação redundante de plural no verbo, com maior taxa de marcação redundante nas formas consideradas [+salientes] (91%), em comparação com as formas [-salientes] (85%).

Por fim, foram analisadas as ocorrências de marcação de plural em função do tipo de verbo. Com base em Monguilhott e Coelho (2002), os tipos de verbos a serem analisados foram subdivididos em:

(183) inacusativos (selecionam um argumento interno, gerado na posição de complemento do verbo, com *chegar, sair, existir, morrer*);

MR: chegaram as...as sandálias que você encomendou...

MNR: não cabe elas deitada ali no sofá não?

(184) inergativos (selecionam um argumento externo, concatenado na posição de especificador do verbo, Spec v, como *trabalhar, brincar, comer, chorar, telefonar*);

MR: (vo)cês não trabalham de manhã...não?

MNR: (as formigas) enxerga preto...

(185) transitivos (selecionam argumento externo e interno, como *falar, dar, querer*);

MR: as pessoas gostam de abraçar a gente...

MNR: “as menina lá da NP ((loja)) falou que você não ia gostar”...

(186) cópula (selecionam uma SC, do Inglês *small clause*, mini oração, como *parecer, ser, andar*);

MR: eles (es)tão todos fora do lugar...

MNR: esses (es)tá no lugar errado né?

Os dados em análise estão dispostos nas tabelas abaixo:

Tabela 13: Distribuição do fator *tipo de verbo* em relação à variação na marcação morfofonológica de número (adultos)

Tipo de verbo	Marcação Redundante		Marcação Não Redundante	
	n°	%	n°	%
Cópula	99	54%	14	64%
Transitivo	45	24%	04	18%
Inergativo	23	12%	02	9%
Inacusativo	18	10%	02	9%
Total	185	100%	22	100%

Tabela 14: Distribuição da variação na marcação morfofonológica de número no verbo em relação ao tipo de verbo (adultos)

Marcação Morfofonológica no Verbo	Cópula		Transitivo		Inergativo		Inacusativo	
	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%
Marcação Redundante	99	88%	45	92%	23	92%	18	90%
Marcação Não Redundante	14	12%	04	8%	02	8%	02	10%
Total	113	100%	49	100%	25	100%	20	100%

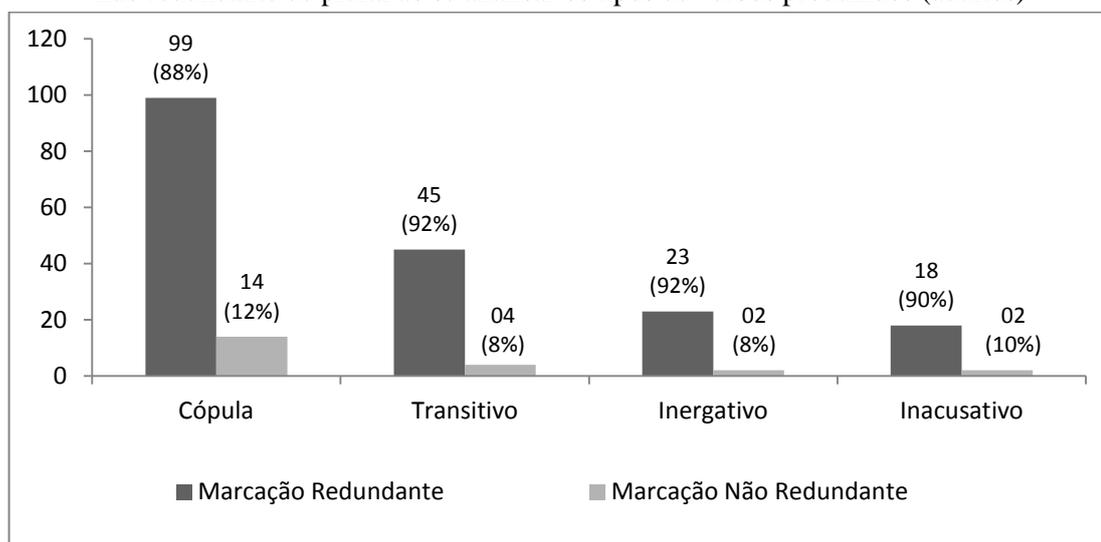
O maior número de ocorrências, considerando-se o tipo de verbo, foi de cópula (113 ocorrências de um total de 207), seguido de verbos transitivos (49 ocorrências), inergativos (25 ocorrências) e Inacusativos (20 ocorrências). Ao se observar as formas verbais com marcação redundante (gráfico 10), tem-se que o tipo cópula foi o mais produzido. O mesmo ocorre com as ocorrências de marcação não redundante, ou seja, a cópula também concentra a maior taxa de ocorrências. Por outro lado, da perspectiva das ocorrências de cópula (gráfico 10), a marcação redundante predomina (88% das ocorrências são marcadas morfofonologicamente para plural).

A marcação redundante predomina em todos os tipos de verbo, bem como na fala do adulto de maneira geral. Os percentuais mais altos de marcação redundante foram encontrados nos verbos transitivo e inergativo (92%), o que vai ao encontro da hipótese de que, ao selecionarem argumentos externos agentivos, geralmente, com traço mais humano, há a tendência de uma maior taxa de marcação redundante. Ao contrário do que se espera dos verbos inacusativos, os quais selecionam argumento interno mais ou menos humano para figurar como sujeito da sentença com tendência à posposição em relação ao verbo, favorecendo, portanto, a marcação não redundante. Os dados da amostra em análise, no entanto, não são claros em relação à influência exercida na marcação morfofonológica verbal

pelo tipo de verbo, uma vez que, em todos os tipos verbais, houve a predominância equilibrada da marcação redundante.

O gráfico abaixo auxilia na visualização do fator *tipo de verbo* nos dados analisados:

Gráfico 11: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar os tipos de verbos produzidos (adultos)



O levantamento dos dados revela que a marcação morfofonológica de terceira pessoa do plural apresenta-se frequente no *input* das crianças participantes da pesquisa, apesar de apresentar variação, isto é, apesar de apresentar, em alguns casos, ausência de marcação explícita de número em contextos de sujeito plural.

É importante destacar que, das 185 ocorrências de formas verbais com marcação morfofonológica redundante de 3ª pessoa do plural observadas na produção linguística dos adultos, 110 apresentam o morfema representado graficamente como *-m* (61%), sendo 37 no presente do indicativo (ex.: abrem, trabalham, chegam), 12 no pretérito imperfeito do indicativo (ex.: gostavam, podiam, sabiam), 55 no pretérito perfeito do indicativo (ex.: tocaram, cantaram, saíram) e 01 no pretérito imperfeito do subjuntivo (ex.: pagassem). Das 22 ocorrências de formas verbais com marcação não redundante, de acordo com a variedade padrão da língua, 13 deveriam receber o morfema *-m* (59%).

Nesse sentido, o morfema *-m* parece ser frequente para a criança, já que, do total de 123 contextos em que o morfema de 3ª pessoa do plural *-m* deveria aparecer no SV, o morfema foi produzido em 89% dos casos. Cabe lembrar que 89% foi também o valor encontrado para os casos de marcação redundante de número na totalidade dos casos analisados. Tal percentual, por outro lado, aponta para uma regra variável na amostra

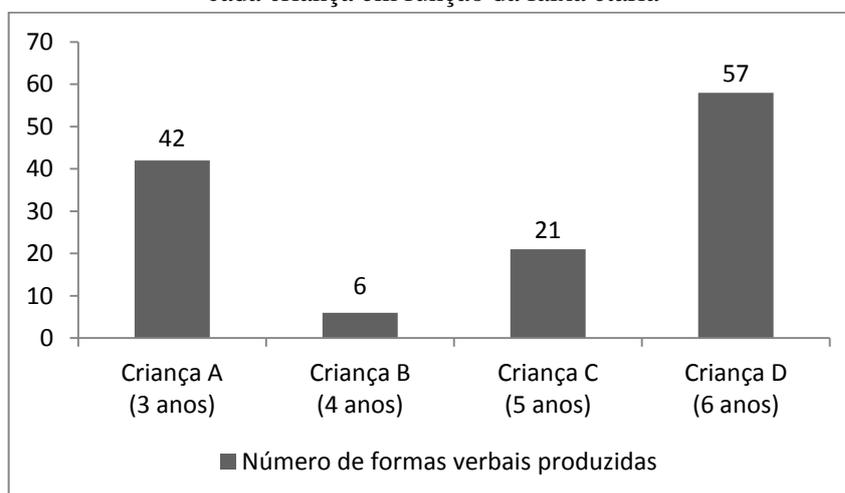
analisada, tendo em vista os pressupostos de Labov (2003), ao considerar que os fenômenos variáveis apresentam frequências de variação superiores a 5% e inferiores a 95%.

Passamos agora à análise da produção linguística de crianças com idades complementares de três a seis anos, com vistas a verificar em que medida as formas verbais produzidas por elas apresentam variação entre marcação morfofonológica de número em contextos nos quais o sujeito denota pluralidade e quais fatores mostram-se relevantes para a análise proposta.

5.1.5.2 Análise dos dados de produção linguística das crianças

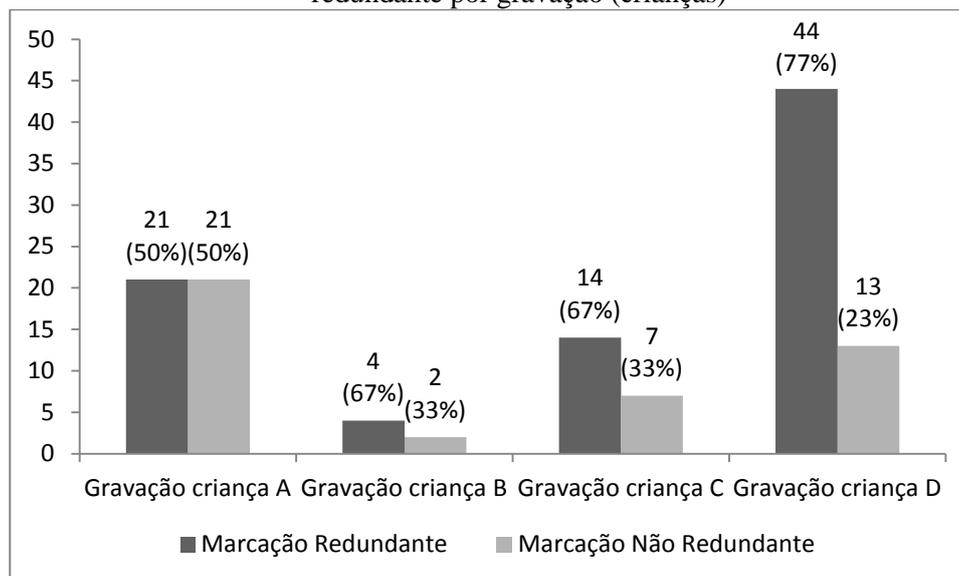
Foram contabilizadas 126 ocorrências de formas verbais produzidas em contextos de sujeito na 3ª pessoa do plural ou na segunda pessoa indireta do plural (foneticamente realizados ou não), ou seja, em contextos nos quais, na variedade padrão, o verbo recebe a flexão verbal de terceira pessoa do plural. A distribuição do número de verbos produzidos por cada participante em função das distintas faixas etárias está apresentada no gráfico que segue:

Gráfico 12: Número de formas verbais produzidas em contextos de sujeito de 3ª pessoa do plural por cada criança em função da faixa etária



Foram contabilizados também o número de ocorrências e o percentual de marcação redundante e não redundante na produção de cada criança, conforme apresentado no gráfico abaixo:

Gráfico 13: Proporção do número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante por gravação (crianças)



Em termos percentuais, há um crescimento na taxa de marcação redundante em função da faixa etária, o que poderia ser justificado pelo efeito de anos de escolarização. No entanto, a disparidade do número total de produções por criança e a falta de informações sobre a idade em que cada criança iniciou o processo de escolarização inviabilizam uma análise mais aprofundada. Além disso, a ampliação da amostra (do número de crianças por faixa etária) auxiliaria essa análise.

Cabe destacar que a criança A, em um dos áudios, conta, a pedido da mãe, duas historinhas para seus bonecos de brinquedo. Uma das histórias é sobre “um menino e uma menina” e outra sobre “os marujos de um navio”, o que justifica o expressivo número de produção de sentenças em contextos de sujeito plural pelo participante. Apenas no áudio em que há o ato de contar as histórias, o participante produziu 29 formas verbais em contexto de 3ª pessoa do plural. Já a criança B mostrou-se mais tímida do que os demais participantes.

Das 126 ocorrências, 83 formas verbais apresentam flexão redundante de número (66%), ao passo que 43 verbos foram produzidos com concordância não redundante (34%). O levantamento dos dados da produção linguística das crianças aponta, portanto, para a predominância da marcação redundante de plural no verbo em contextos de sujeito plural. Em uma comparação com a produção linguística dos adultos, pode-se observar uma maior variação entre a marcação redundante e a marcação não redundante no verbo na fala das crianças, já que os adultos apresentaram marcação redundante no verbo mais consistente em contextos de sujeito plural, ou seja, em 89% das ocorrências o verbo foi flexionado no plural.

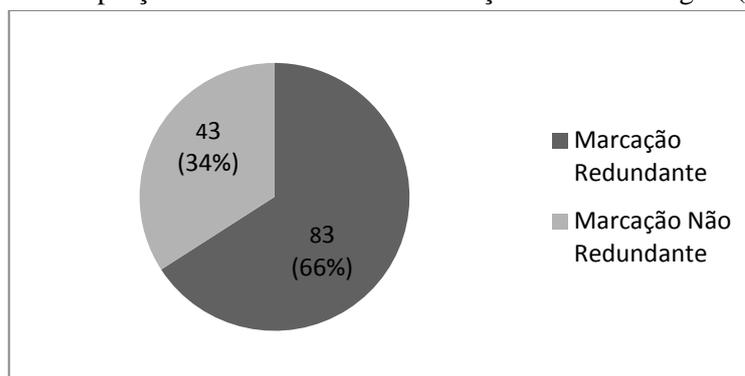
Os exemplos abaixo ilustram as produções linguísticas das crianças no que se refere à marcação redundante e marcação não redundante de número no verbo, respectivamente:

(187) eles estão alegres...

(188) elas só fica em casa...

O gráfico a seguir ilustra a proporção da presença e da ausência de marcação morfofonológica explícita nos verbos pelas crianças:

Gráfico 14: Proporção das ocorrências de marcação morfofonológica (crianças)



Considerando os fatores linguísticos *realização* e *posição do sujeito*, assim como a análise feita com os dados dos adultos, observou-se se o sujeito era preenchido em anteposição ao verbo, preenchido posposto em relação ao verbo ou foneticamente não realizado, conforme ilustrado respectivamente nos exemplos abaixo:

(189) Sujeito preenchido anteposto:

MR: **minhas formigas** sabem voar...

MNR: **as formigas** faz assim pra carregar o bolo...

(190) Sujeito preenchido posposto:

MR: olha aqui ó...já (es)tão **as quatro** aqui...

MNR: mas só desmonta **algumas coisas**...

(191) Sujeito foneticamente não realizado:

MR: aí cantam um pouquinho mais... (eles)

MNR: foi em casa... (eles)

Das 126 ocorrências em que há contexto de sujeito plural, temos que, em 93 casos, a estrutura sintática produzida obedece à ordem canônica do português (sujeito-verbo). Os

resultados da análise dos fatores *realização* e *posição do sujeito* estão dispostos nas tabelas a seguir:

Tabela 15: Distribuição dos fatores linguísticos *realização* e *posição do sujeito* em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (crianças)

Posição e Realização do Sujeito	Marcação Redundante		Marcação Não Redundante	
	n°	%	n°	%
Preenchido anteposto	67	81%	26	60%
Preenchido posposto	01	1%	08	19%
Foneticamente não realizado	15	18%	09	21%
Total	83	100%	43	100%

Tabela 16: Distribuição da variação na marcação morfofonológica no verbo em relação aos fatores linguísticos *realização* e *posição do sujeito* (crianças)

Marcação Morfofonológica no Verbo	Sujeito preenchido anteposto		Sujeito preenchido posposto		Sujeito não realizado foneticamente	
	n°	%	n°	%	n°	%
Redundante	67	72%	01	11%	15	62%
Não redundante	26	28%	08	89%	09	38%
Total	93	100%	09	100%	24	100%

Assim como na produção linguística dos adultos, o levantamento dos dados de fala das crianças aponta para a predominância da ordenação sintática canônica do português. Grande parte das ocorrências apresenta sujeito preenchido anteposto ao verbo, tanto para os casos de marcação redundante no verbo (81%) quanto para os casos de marcação não redundante (60%).

Ao se considerarem apenas os casos em que a posição de sujeito foi preenchida antes do verbo, tem-se que, de um total de 93 ocorrências, 67 apresentam marcação redundante (72%) e 26 apresentam marcação não redundante (28%). Pode-se notar ainda que, em 89% dos casos em que o sujeito foi produzido posposto ao verbo (08 ocorrências de um total de 09), a forma verbal apresenta ausência de marcação redundante de plural, ou seja, a posposição do sujeito mostrou-se relevante na fala das crianças, já que parece influenciar a marcação não redundante no verbo. Nesse sentido, bem como o apontado pela literatura sociolinguística, na fala das crianças, o sujeito anteposto ao verbo, assim como o observado na fala dos adultos, parece favorecer a marcação redundante de plural na forma verbal. Por outro lado, o sujeito posposto ao verbo parece favorecer a marcação não redundante de plural no verbo apenas na fala das crianças, já que, nos dados dos adultos, a marcação redundante predominou mesmo quando o sujeito foi produzido em posposição ao verbo.

A marcação não redundante no verbo nas ocorrências de sujeito posposto pelos participantes da amostra analisada corrobora com a pressuposição de que as construções de inversão sujeito/predicado teriam sido reanalisadas pelos falantes da língua como construções impessoais, conforme discutido por Kato (2005) (ver capítulo 3 deste trabalho, subseção 2.3). Já a predominância da marcação redundante no verbo em ocorrências de sujeito posposto na fala dos adultos poderia ser explicada pelo monitoramento consciente da fala e/ou pelo grau de escolaridade dos participantes da amostra.

Nos casos em que se observa a não realização fonética do sujeito, houve variação na marcação de plural no verbo, apesar de a marcação redundante ainda prevalecer nos casos de sujeito nulo (15 ocorrências de marcação redundante – 62% e 09 de marcação não redundante – 38%).

Os gráficos que seguem auxiliam em uma visualização geral da proporção do fator posição e realização do sujeito em contextos de 3ª pessoa do plural (ou 2ª pessoa indireta do plural):

Gráfico 15: Proporção do fator *posição e realização do sujeito* em ocorrências de marcação morfofonológica redundante de plural no verbo (crianças)

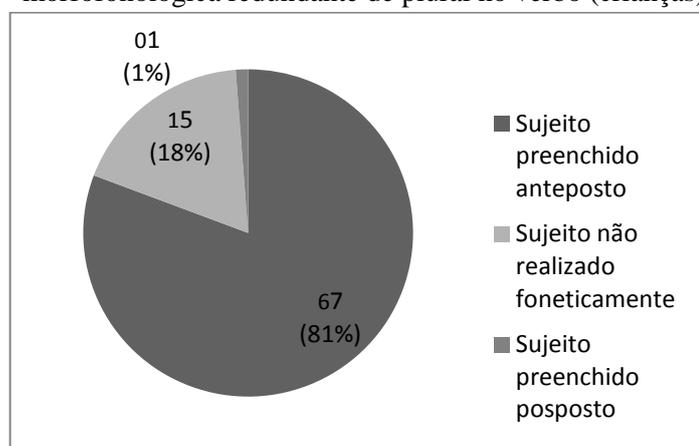


Gráfico 16: Proporção do fator *posição* e *realização do sujeito* em ocorrências de marcação morfofonológica não redundante de plural no verbo (crianças)

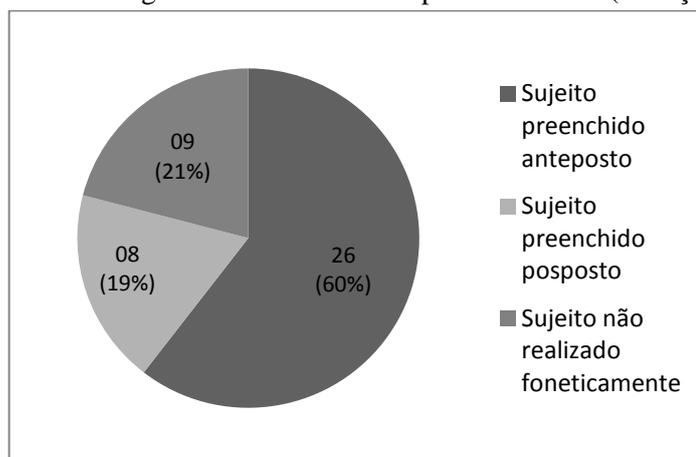
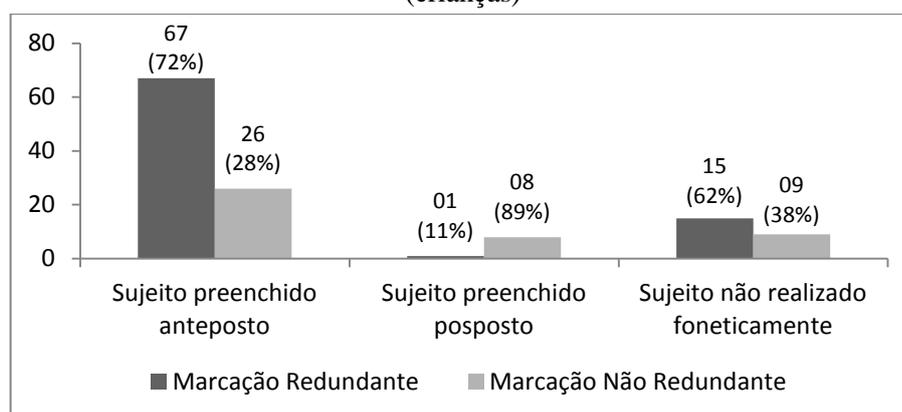


Gráfico 17: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar os fatores linguísticos *posição* e *realização do sujeito* (crianças)



De forma semelhante ao que foi observado na fala dos adultos, as crianças produziram mais sentenças na ordem canônica do português (sujeito-verbo), prevalecendo a realização do sujeito foneticamente preenchido (102 ocorrências contra 24 ocorrências de sujeito nulo). Os dados de fala das crianças, bem como os dados da fala dos adultos participantes deste estudo, corroboram a tendência ao preenchimento da posição do sujeito, mesmo quando o sujeito não realizado foneticamente é licenciado pela língua.

A partir das ocorrências de sujeito preenchido, foi analisado o tipo de sujeito produzido pelas crianças. Como assumido na análise da produção linguística dos adultos, assumimos cinco variáveis para o tipo de sujeito: (i) *lexical com concordância redundante*; (ii) *lexical com concordância não redundante*; (iii) *composto*; (iv) *pronominal* e (v) sujeitos caracterizados por *quantificadores*, *pronomes indefinidos* e *pronomes demonstrativos*. Para cada variável, apresentamos abaixo dois exemplos de ocorrências retirados do *corpus* em

análise – um em que o verbo recebeu a marcação redundante e outro em que o verbo aparece com marcação não redundante:

(192) Lexical com concordância redundante no DP:

MR: **as bonequinhas** estão quase prontas...

MNR: e **as suas amigas** também vai...todas...

(193) Lexical com concordância não redundante no DP:

MR: **aquelas mecha...**são muito legal né?

MNR: **as coisa** que eu não guardei... tá em cima da mesa...

(194) Composto:

MR: *não há ocorrência.*

MNR: **o tubarão e o polvo** te comeu?

(195) Pronominal:

MR: **eles** são primos...

MNR: **eles** nem tá em casa...

(196) Quantificador + Pronome indefinido + Pronome demonstrativo:

MR: **esses** são diferentes um do outro...

MNR: **essas três aqui** é muito fácil...

Os dados estão dispostos nas tabelas abaixo:

Tabela 17: Distribuição do fator linguístico *tipo do sujeito* em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (crianças)

Tipo de Sujeito Preenchido	Marcação Redundante		Marcação Não Redundante	
	nº	%	nº	%
Lexical com concordância redundante	12	18%	10	29%
Lexical com concordância não redundante	03	4%	02	6%
Composto	-	-	08	24%
Pronominal	44	65%	09	26%
Quantificador + Pronome indefinido + Pronome demonstrativo	09	13%	05	15%
Total	68	100%	34	100%

Tabela 18: Distribuição da variação na marcação morfofonológica no verbo em relação ao fator linguístico *tipo do sujeito* (crianças)

Marcação Morfofonológica no Verbo	Lexical Marcação Redundante		Lexical Marcação Não Redundante		Composto		Pronominal		Quantificador + indefinido + demonstrativo	
	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%
Marcação Redundante	12	55%	03	60%	-	-	44	83%	09	64%
Marcação não redundante	10	45%	02	40%	08	100%	09	17%	05	36%
	22	100%	05	100%	08	100%	53	100%	14	100%

Na fala das crianças, assim como na fala dos adultos, foi constatado o predomínio do preenchimento da posição de sujeito por meio de um pronome (52% do total de ocorrências de sujeito preenchido), sendo o sujeito pronominal o tipo de sujeito que concentrou o maior número de ocorrências com marcação redundante (65%). Já os percentuais de tipo de sujeito em ocorrências com o verbo sem marcação redundante variaram, em grande parte, entre o sujeito lexical com concordância redundante (29%), composto (24%) e pronominal (26%).

Considerando o preenchimento do sujeito por meio de um DP⁶⁴ com concordância redundante (22 ocorrências), observa-se que há variação entre a presença e a ausência de marcação redundante no verbo: 12 ocorrências registram marcação redundante (55%), ao passo que 10 apresentam marcação não redundante (45%). Variação observada também no caso do sujeito lexical com concordância não redundante, em que, das 05 ocorrências, 03 apresentam marcação redundante no verbo (60%) e 02 apresentam marcação não redundante (40%). Dessa forma, quando o sujeito foi preenchido pelas crianças por um DP (seja com concordância redundante ou com concordância não redundante), foi observada uma grande variação na marcação morfofonológica de plural no verbo (15 casos de marcação redundante e 12 casos de marcação não redundante).

A flexão redundante de número no verbo apresenta-se mais sistemática nos casos em que a posição do sujeito foi preenchida por um pronome, uma vez que, das 53 ocorrências, 44 apresentaram marcação morfofonológica redundante de número (83%) e apenas 09 apresentaram marcação não redundante no verbo (17%). No que diz respeito ao preenchimento da posição de sujeito por pronomes, portanto, os dados das crianças parecem

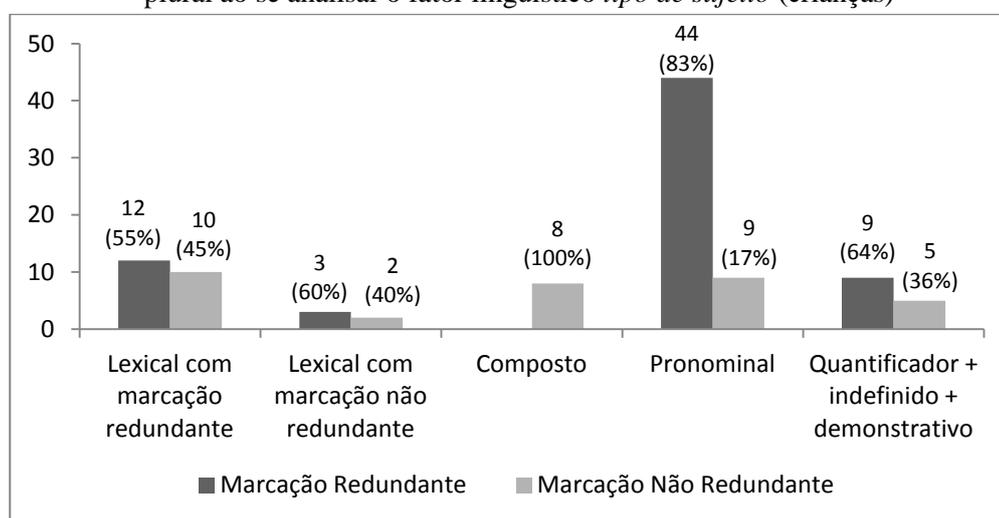
⁶⁴No *corpus* analisado, encontramos, na fala das crianças, apenas duas ocorrências de nomes nus, a saber “aviões voa...” e “gigantes pisam...”. Dessa forma, julgamos não ser informativa uma diferenciação entre DPs e NPs. Optamos, assim, por utilizar a denominação “sujeito lexical”.

sugerir, assim como os dos adultos, que há o favorecimento da marcação redundante de plural no verbo.

Cabe destacar, ainda, que, em todos os casos de sujeito composto na fala das crianças (08 ocorrências), o verbo apresentou marcação não redundante de plural. Já nos casos de sujeitos constituídos por quantificadores, pronomes indefinidos e/ou demonstrativos, houve variação, sendo 64% das ocorrências marcadas de maneira redundante no verbo (09 ocorrências) e 36% com marcação não redundante (05 ocorrências).

O gráfico a seguir traz uma visualização geral do fator analisado:

Gráfico 18: Comparação entre o número de ocorrências de marcação redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator linguístico *tipo de sujeito* (crianças)



Em comparação à análise de dados de fala dos adultos, pode-se destacar que o sujeito pronominal parece favorecer a marcação redundante no verbo nas duas amostras. As ocorrências de sujeitos compostos por quantificadores, pronomes indefinidos e demonstrativos também parecem favorecer a marcação redundante do verbo, apesar de a marcação redundante ser mais sistemática na fala dos adultos. Por outro lado, as ocorrências de sujeitos compostos apresentaram tendência oposta: na fala dos adultos, os verbos que acompanhavam sujeitos compostos foram todos marcados de maneira redundante, ao passo que, na fala das crianças, todas as ocorrências de sujeito composto foram marcadas de maneira não redundante. O sujeito lexical apresentou maior variação na fala das crianças, apesar da predominância de marcação redundante nas duas amostras.

Passamos à análise do fator linguístico *traço* [\pm animado] do sujeito combinado com o fator *posição do sujeito* a fim de verificar se tais variáveis também se mostram relevantes na análise da fala das crianças.

Os exemplos abaixo ilustram as ocorrências encontradas:

(197) Sujeito anteposto [+animado]:

MR: **minhas formigas** sabem voar...né?

MNR: era uma vez **uma menina e um menino...** que...estava apertados...

(198) Sujeito anteposto [-animado]:

MR: **as bonequinhas** estão quase prontas...

MNR: **as rodinhas** “caixa” (encaixa) só nas rodinha...

(199) Sujeito posposto [+animado]:

MR: *não há ocorrências*

MNR: quando cho...veu “apassou” (passou) **três porquinhos...**

(200) Sujeito posposto [-animado]:

MR: olha aqui ó...já (es)tão **as quatro** aqui... (com referência às pecinhas do brinquedo)

MNR: (es)tá **todos** ligados...(com referência aos fios do telefone)

Os dados estão distribuídos nas tabelas que seguem:

Tabela 19: Distribuição dos fatores linguísticos *posição* e *animacidade do sujeito* em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (crianças)

Posição e Animacidade do sujeito		Marcação redundante		Marcação não redundante	
		n°	%	n°	%
Sujeito anteposto	[+ animado]	40	59%	17	50%
	[- animado]	27	40%	09	26%
Sujeito posposto	[+ animado]	-	-	03	9%
	[- animado]	01	1%	05	15%
Total		68	100%	34	100%

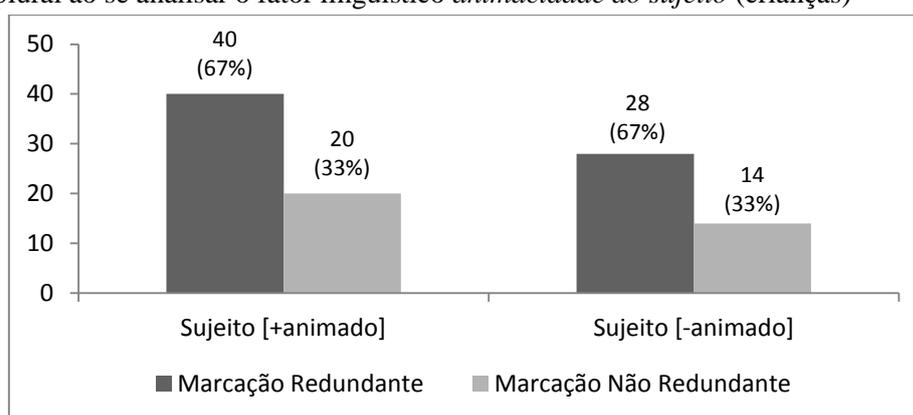
Tabela 20: Distribuição da variação na marcação morfofonológica no verbo em relação aos fatores linguísticos *posição* e *animacidade do sujeito* (crianças)

Marcação Morfofonológica no Verbo	Sujeito anteposto				Sujeito posposto			
	[+animado]		[-animado]		[+animado]		[-animado]	
	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%
Marcação redundante	40	70%	27	75%	-	-	01	17%
Marcação não redundante	17	30%	09	25%	03	100%	05	83%
Total	57	100%	36	100%	03	100%	06	100%

Como é possível observar, o sujeito anteposto com o traço [+animado] apresenta a maior taxa de marcação redundante no verbo (59%). Por outro lado, o sujeito anteposto [-animado] aparece com a segunda maior taxa de marcação redundante (40%). Em outra perspectiva, o sujeito anteposto, seja com o traço [+animado] ou [-animado], concentrou os índices de 70% e 75% de marcação redundante, respectivamente, o que parece sugerir que o fator *posição do sujeito* teve maior influência do que o fator *animacidade*. Outra evidência é a de que, no que se refere à marcação não redundante, os sujeitos pospostos, tanto com traço [+animado] quanto com traço [-animado] tiveram altos índices de marcação não redundante (100% e 83%, respectivamente).

Vejamos o comportamento do fator *animacidade do sujeito* em análise isolada:

Gráfico 19: Comparação entre o número de ocorrências de marcação redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator linguístico *animacidade do sujeito* (crianças)



Contrariamente ao que foi verificado na fala dos adultos, a animacidade do sujeito parece não ter influenciado a marcação morfofonológica no verbo na fala das crianças, uma vez que, quando o fator foi tratado de maneira isolada, os percentuais mostram-se exatamente iguais para os sujeitos com traço [+animado] e para os sujeitos com traço [-animado] (67% com marcação redundante no verbo e 33% com marcação não redundante). Já na fala dos adultos, os sujeitos [+animados] concentraram maior percentual de marcação redundante (96%) em comparação ao percentual dos sujeitos [-animados] (78%).

O fator *distância linear entre o sujeito e o verbo* foi também analisado na fala das crianças. Abaixo, citamos alguns exemplos retirados do *corpus* da fala infantil que ilustram as duas variáveis consideradas:

(201) Distância 0 sílaba:

MR: **eles são** primos...

MNR: só que **elas** usa óculos...

(202) Distância 1-5 sílabas:

MR: por isso que (vo)**cês** não me viram...

MNR: **as coisa** que eu não guardei... (es)tá em cima da mesa...

Os resultados da análise são apresentados nas tabelas a seguir:

Tabela 21: Distribuição dos fatores linguísticos *posição do sujeito e distância entre sujeito e verbo* em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (crianças)

Distância do sujeito em relação ao verbo	Marcação Redundante				Marcação Não Redundante			
	anteposto		Posposto		anteposto		Posposto	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
0 sílaba	61	91%	01	100%	15	58%	08	100%
1-5 sílabas⁶⁵	06	9%	-	-	11	42%	-	-
Total	67	100%	01	100%	26	100%	08	100%
	68				34			

Tabela 22: Distribuição da variação entre marcação morfofonológica no verbo em relação aos fatores linguísticos *posição do sujeito e distância entre sujeito e verbo* (crianças)

Marcação Morfofonológica no verbo	Distância do sujeito em relação ao verbo							
	0 sílaba anteposto		0 sílaba Posposto		1-5 sílabas anteposto		1-5 sílabas Posposto	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Redundante	61	80%	01	11%	06	35%	-	-
Não Redundante	15	20%	08	89%	11	65%	-	-
Total	76	100%	09	100%	17	100%	-	-

Os casos em que há a marcação de número redundante no verbo representam quase a totalidade da realização do sujeito imediatamente anteposta ao verbo (61 ocorrências do total de 68, ou seja, 91%). Esses dados sugerem, assim como descrito na literatura sociolinguística, que, na fala da criança, a posição canônica de sujeito-verbo e a proximidade do sujeito plural com o verbo favorecem a produção da marcação redundante de número no SV.

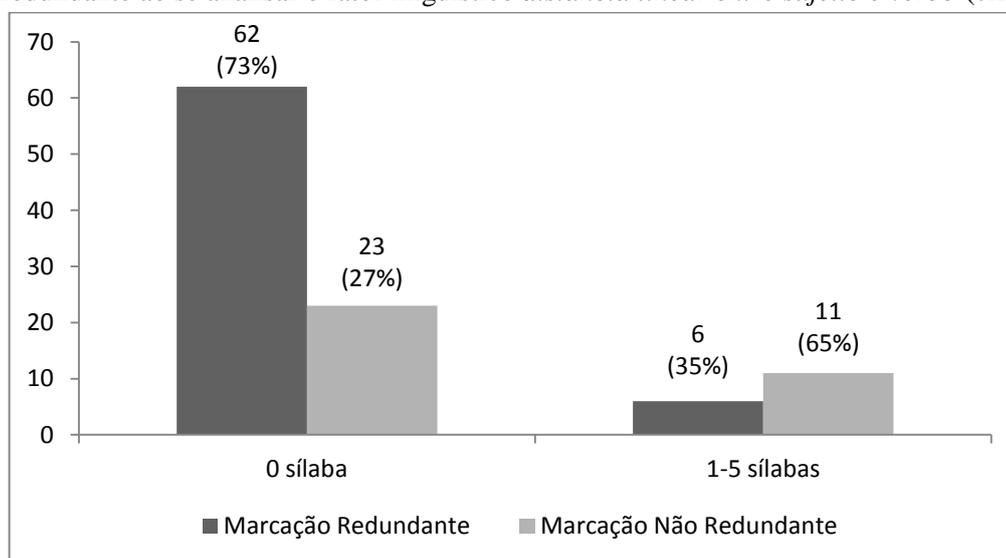
Deve-se destacar, ainda, que o que se observa na fala das crianças é o desfavorecimento da marcação redundante de plural no verbo quando o sujeito é posicionado após o verbo, uma vez que, dos 09 casos de sujeito posposto, todos posicionados imediatamente após o verbo, ou seja, com distância de 0 sílaba, 08 não apresentam marcação explícita de plural no verbo.

⁶⁵Não houve, no *corpus* analisado, ocorrências nas quais a distância linear entre sujeito e verbo fosse superior a cinco sílabas.

Em outra perspectiva (tabela 22), pode-se destacar que, mesmo quando o sujeito é anteposto, a maior distância linear entre sujeito e verbo parece influenciar a marcação morfofonológica no verbo, de maneira que, das 17 ocorrências de sujeito anteposto com distância entre 1-5 sílabas, 11 apresentaram marcação não redundante no verbo, o que corresponde a 65% do total de casos.

O gráfico a seguir ilustra os dados encontrados quando o fator distância linear entre sujeito e verbo é tratado de maneira isolada:

Gráfico 20: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante ao se analisar o fator linguístico *distância linear entre sujeito e verbo* (crianças)



A análise do fator distância linear entre sujeito e verbo na fala da criança revela uma diferença expressiva em relação à fala do adulto. Se por um lado, tal fator não se mostrou relevante na marcação morfofonológica do verbo na fala dos adultos, predominando a marcação redundante tanto nas ocorrências de distância de 0 sílaba quanto nas ocorrências de 1-5 sílabas, na fala das crianças, a marcação redundante predominou apenas nos casos de proximidade entre sujeito e verbo (73%). Quando o sujeito encontrava-se distante do verbo, a marcação não redundante na forma verbal foi a mais produzida (65%) no *corpus* analisado.

Também na produção linguística das crianças, foi feito o levantamento do tempo verbal das formas verbais em contexto de 3ª pessoa do plural. Como ressaltado anteriormente, a análise da flexão verbal de tempo e modo (e aspecto em alguns casos) permite-nos avaliar em que medida a marcação flexional produzida pela criança espelha o *input* que ela recebe.

Ilustramos abaixo os tempos verbais encontrados na fala das crianças:

(203) Presente do Indicativo:

MR: elas usam óculos...

MNR: elas só fica em casa...

(204) Pretérito Perfeito do Indicativo:

MR: eles bateram no NP...

MNR: e aí (eles) pediu pra ir no banheiro...

(205) Pretérito Imperfeito do Indicativo:

MR: e aí eles pulavam...

MNR: era uma vez uma menina e um menino que estava apertados...

(206) Futuro do Subjuntivo:

MR: quando elas forem dormir...(vo)cê fecha...

MNR: *Não há ocorrências.*

(207) Infinitivo Pessoal:

MR: esse negócio aí pra elas entrarem...tá muito legal...

MNR: *Não há ocorrências.*

Os dados são apresentados nas tabelas que seguem:

Tabela 23: Distribuição dos tempos verbais em relação à variação na marcação morfofonológica de número no verbo (crianças)

Tempo Verbal	Marcação Redundante		Marcação Não Redundante	
	nº	%	nº	%
Presente do Indicativo	59	71%	26	60%
Pretérito Perfeito do Indicativo	13	16%	13	30%
Pretérito Imperfeito do Indicativo	06	7%	04	10%
Futuro do Subjuntivo	01	1%	-	-
Infinitivo Pessoal	04	5%	-	-
Total	83	100%	43	100%

Tabela 24: Distribuição da variação na marcação morfofonológica de número no verbo em relação ao fator *tempo verbal* (crianças)

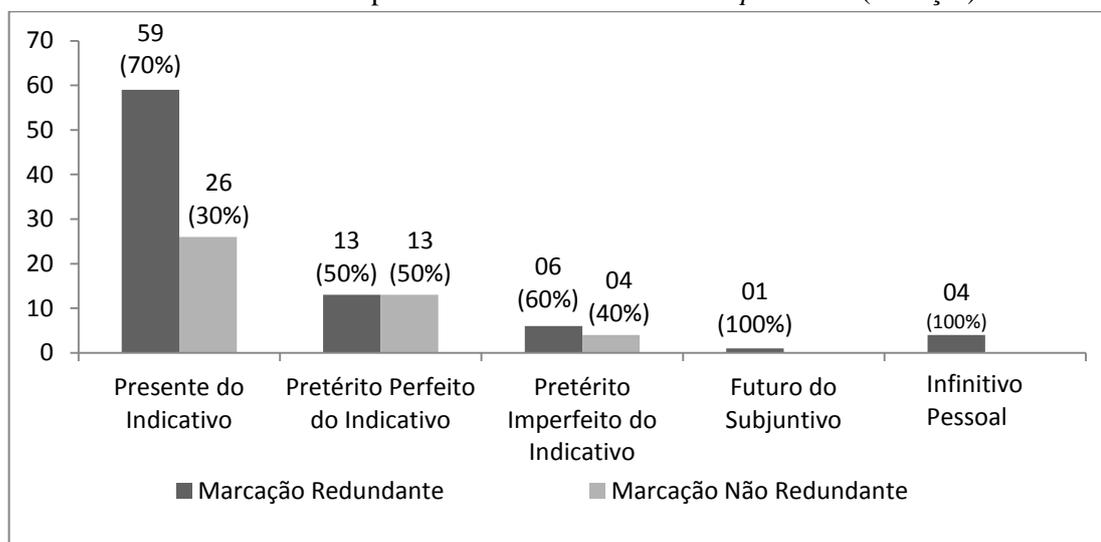
Marcação Morfofonológica no Verbo	Presente do Indicativo		Pretérito Perfeito do Indicativo		Pretérito Imperfeito do Indicativo		Futuro do Subjuntivo		Infinitivo Pessoal	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Marcação Redundante	59	70%	13	50%	06	60%	01	100%	04	100%
Marcação não redundante	26	30%	13	50%	04	40%	-	-	-	-
Total	85	100%	26	100%	10	100%	01	100%	04	100%

Conforme indicado na tabela, o tempo verbal predominante na fala das crianças foi o presente do modo indicativo, assim como mostraram os dados dos adultos. Considerando os casos de marcação redundante no verbo, 71% eram formas verbais flexionadas no presente do indicativo, 16% no pretérito perfeito e 7% no pretérito imperfeito. Foram observadas também uma ocorrência de futuro do subjuntivo (1%) e quatro formas no infinitivo pessoal (5%). Ao se considerar as formas verbais não marcadas morfofonologicamente para número plural, 60% eram formas verbais no presente do indicativo, 30% no pretérito perfeito e 10% no pretérito imperfeito, não sendo observadas ocorrências de futuro do subjuntivo e de infinitivo pessoal em que houvesse a ausência da marcação de plural.

Do total de 126 ocorrências de verbos produzidos em contextos de sujeito plural, 85 foram produzidos no presente do indicativo, dos quais 59 receberam marcação redundante (70%) e 26 apresentaram marcação não redundante (30%). Já as formas verbais flexionadas no pretérito perfeito do indicativo (um total de 26) apresentam variação na marcação morfofonológica de número, sendo 13 marcadas morfofonologicamente para plural (50%) e 13 não marcadas morfofonologicamente para plural (50%). As formas verbais flexionadas no pretérito imperfeito (um total de 10 ocorrências) apresentam também alta taxa de variação, com predomínio da marcação redundante, sendo 06 com marcação redundante (60%) e apenas 04 (40%) com marcação não redundante.

O gráfico a seguir auxilia na visualização dos dados levantados nesta análise:

Gráfico 21: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator *tempo verbal* (crianças)



Vale ressaltar que a marcação morfofonológica de plural nos tempos verbais pretérito perfeito e imperfeito do modo indicativo mostrou-se variável, diferentemente do observado na fala dos adultos, em que a marcação redundante foi predominante, com taxas de 93% e 86%, respectivamente. A taxa de marcação redundante foi mais alta também na fala do adulto em ocorrências de formas verbais no presente do indicativo (88% na fala dos adultos e 70% na fala das crianças).

Em geral, considerando-se a oposição entre singular e plural, as formas verbais no pretérito imperfeito são consideradas menos salientes foneticamente, como em “tinha/tinham, era/eram, estava/estavam”, o que poderia influenciar a maior variação encontrada na fala da criança. Por outro lado, no pretérito perfeito, tal oposição mostra-se mais saliente, como em “brincou/brincaram, comeu/comeram, deu/deram”, e a variação na fala da criança também é bastante alta. Nesse sentido, não descartamos que os adultos, por terem passado pelo processo de escolarização e por estarem cientes da gravação de áudio, monitorem suas falas, produzindo mais formas verbais com marcação redundante, principalmente em contextos de formas verbais consideradas [+salientes], uma vez que a marcação não redundante nesses casos é estigmatizada do ponto de vista sociocultural.

Como já discutido anteriormente, uma análise acerca do fator saliência fônica ([+saliente] *versus* [-saliente]) pode apontar para uma possível predominância da marcação redundante em formas verbais consideradas mais proeminentes foneticamente se considerada

a comparação entre as formas de singular e plural. Já formas verbais menos salientes foneticamente poderiam favorecer a marcação não redundante de número no SV.

Considerando os dois níveis de saliência já apresentados, ilustramos abaixo os tipos de ocorrências encontrados na fala das crianças:

(208) [+saliente]:

MR: eles são primos... (é x são)

MNR: elas fez um porco pra gente... (fez x fizeram)

(209) [-saliente]:

MR: “minhas ‘*tubinas*’ não funcionam...” (funciona x funcionam)

MNR: é... eles não pode vir pra fora né? (pode x podem)

Os dados acerca do fator saliência fônica estão dispostos na tabela abaixo:

Tabela 25: Distribuição do fator *saliência fônica* em relação à variação na marcação morfofonológica de número no verbo (crianças)

Saliência Fônica	Marcação Redundante		Marcação Não Redundante	
	n°	%	n°	%
[+ saliência]	60	72%	23	53%
[- saliência]	23	28%	20	47%
Total	83	100%	43	100%

Tabela 26: Distribuição da variação na marcação morfofonológica de número no verbo em relação ao fator *saliência fônica* (crianças)

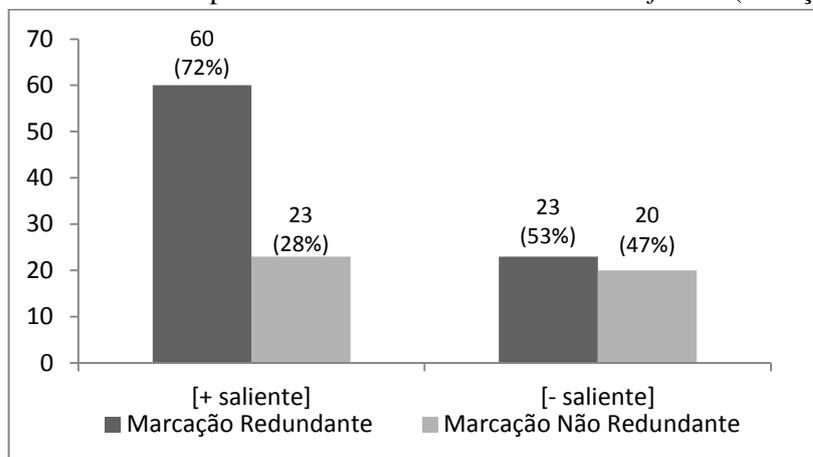
Marcação Morfofonológica no Verbo	[+ saliência]		[- saliência]	
	n°	%	n°	%
Marcação Redundante	60	72%	23	53%
Marcação Não Redundante	23	28%	20	47%
Total	83	100%	43	100%

Conforme disposto na tabela, as formas mais salientes foneticamente representam 72% das ocorrências em que houve a marcação morfofonológica redundante no verbo (60 das 83 ocorrências), ao passo que as formas menos salientes representam 28% da marcação redundante (23 das 83 ocorrências). No caso das formas verbais em que não houve marcação redundante, a saliência fônica é um fator mais equilibrado, visto que, em 53% dos casos, as formas não marcadas morfofonologicamente eram mais salientes (23 das 43 ocorrências), ao passo que 47% eram menos salientes (20 das 43 ocorrências).

Considerando apenas as formas verbais consideradas foneticamente mais salientes, temos um total de 83 ocorrências, das quais 60 foram marcadas morfofonologicamente para plural (72%) e 23 não receberam marcação redundante (28%). Ao se considerar apenas as formas verbais consideradas menos salientes, das 43 ocorrências levantadas, 23 foram marcadas de maneira redundante no SV (53%) e 20 apresentam marcação não redundante (47%).

O gráfico abaixo auxilia na visualização geral do fator *saliência fônica* ao se comparar o número de ocorrências de marcação redundante e de marcação não redundante:

Gráfico 22: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator *saliência fônica* (crianças)



O que se pode observar dos dados de produção das crianças quanto à saliência fônica, portanto, é que as formas menos salientes apresentam maior variação entre a presença e a ausência da flexão explícita de número, ao passo que as formas verbais mais salientes foneticamente apresentam marcação explícita de plural de maneira mais sistemática. Já na fala dos adultos, o fator saliência fônica mostrou-se pouco relevante, uma vez que houve predomínio, em termos percentuais similares, da marcação redundante tanto para formas verbais [+salientes] (91%) quanto para formas [-salientes] (85%).

Por fim, considerando os tipos de verbo já apresentados na análise da fala dos adultos, exemplificamos abaixo as ocorrências encontradas na fala das crianças:

(210) inacusativos:

MR: por isso que caem (as peças) tudo em mim...

MNR: e aí “*apagueceu*” (apareceu) uma vó e um vô...

(211) inergativos:

MR: aí eles brincaram...

MNR: e a mãe e o pai também brincô...

(212) transitivos:

MR: as peças acham que eu sou pula-pula...

MNR: e aí eles limpô o convés tristes...

(213) cópula:

MR: elas não são Barbies...

MNR: eles nem (es)tá em casa...

Os dados em relação ao tipo de verbo são apresentados nas tabelas abaixo:

Tabela 27: Distribuição do fator *tipo de verbo* em relação à variação na marcação morfofonológica de número (crianças)

Tipo de verbo	Marcação Redundante		Marcação Não Redundante	
	nº	%	nº	%
Cópula	51	61%	15	35%
Transitivo	09	11%	14	32%
Inergativo	20	24%	06	14%
Inacusativo	03	4%	08	19%
Total	83	100%	43	100%

Tabela 28: Distribuição da variação na marcação morfofonológica de número no verbo em relação ao tipo de verbo (crianças)

Marcação Morfofonológica no Verbo	Cópula		Transitivo		Inergativo		Inacusativo	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Redundante	51	77%	09	39%	20	77%	03	27%
Não Redundante	15	23%	14	61%	06	23%	08	73%
Total	66	100%	23	100%	26	100%	11	100%

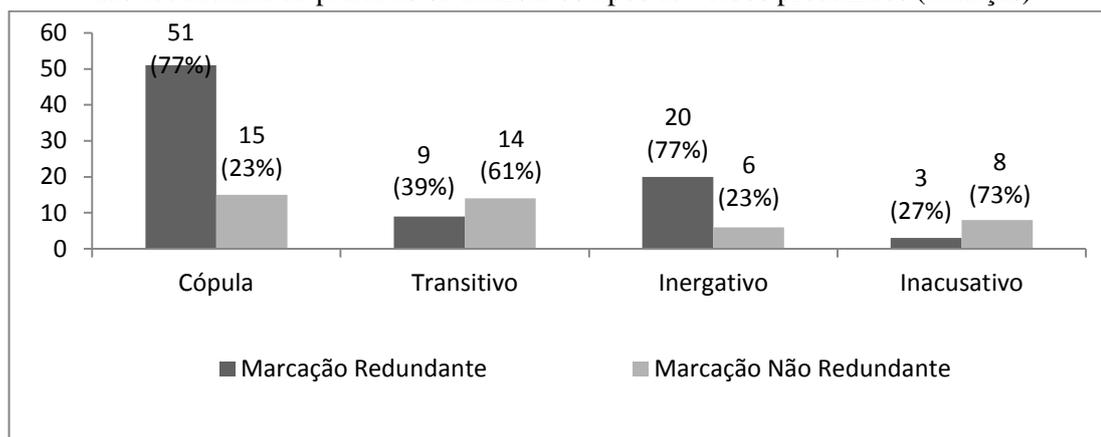
Os verbos do tipo cópula foram também os mais produzidos pelas crianças (66 ocorrências de um total de 126), sendo o tipo verbal que mais concentrou marcações redundantes (61%). Ao se considerarem os casos de marcação não redundante, os verbos do tipo cópula e transitivo foram os que registraram maior número de ocorrências (15 e 14, respectivamente).

Os dados da fala das crianças apresentaram maior variação quando analisado o fator linguístico tipo de verbo. Os verbos do tipo cópula e inergativo apresentaram maiores taxas de marcação redundante (ambos com 77%), ao passo que os verbos do tipo transitivo e inacusativo apresentaram maior taxa de marcação não redundante (61% e 73%,

respectivamente). Pode-se notar, portanto, uma diferença relevante em comparação com os dados dos adultos, já que, na fala adulta, todos os tipos de verbo apresentaram maior taxa de marcação redundante.

O gráfico a seguir auxilia na visualização dos dados discutidos:

Gráfico 23: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar os tipos de verbos produzidos (crianças)



Os verbos do tipo cópula englobam verbos frequentes considerados mais salientes foneticamente, tais como “é/são” e “está/estão”, o que pode favorecer a marcação redundante nesses casos. Além disso, os verbos do tipo inergativo tendem a selecionar um argumento externo com traço mais animado, favorecendo também a marcação redundante. Por outro lado, os verbos do tipo inacusativo tendem a selecionar um argumento interno com traço menos animado, favorecendo também a posposição do sujeito, o que, em conjunto, parece influenciar a marcação morfofonológica no verbo, ou seja, favorecendo a marcação não redundante. Os dados das crianças são compatíveis com tal análise e parece, portanto, ser um fator relevante na variação entre marcação redundante e não redundante de plural.

Ressaltamos, ainda, que, das 83 ocorrências de formas verbais marcadas morfofonologicamente para plural observadas na produção linguística das crianças, 36 apresentam o morfema de 3ª pessoa do plural representado graficamente como *-m* (49%), sendo 17 no presente do indicativo (ex.: sabem, usam, demoram), 06 no pretérito imperfeito do indicativo (ex.: estavam, ficavam, pulavam) e 13 no pretérito perfeito do indicativo (ex.: bateram, apresentaram, sumiram). Das 43 ocorrências de formas verbais com marcação não redundante, de acordo com a variedade padrão, 33 deveriam receber o morfema *-m* (77%). Considerando, portanto, que temos 69 casos em que, de acordo com a variedade padrão, o verbo deveria ser marcado morfofonologicamente para plural e que tivemos 36 ocorrências de

marcação redundante (52%) e 33 ocorrências de marcação não redundante (48%), pode-se dizer que a produção linguística das crianças apresenta maior variação nos contextos de formas verbais flexionadas em 3ª pessoa do plural *-m* do que a fala dos adultos, que apresentou, em 89% dos casos, o morfema *-m* no SV.

A análise dos dados revela, portanto, que a marcação morfofonológica de terceira pessoa do plural é frequente na produção linguística das crianças participantes da pesquisa, apesar de apresentar uma variação entre marcação redundante e não redundante de plural no SV maior do que a observada na fala dos adultos. Em outras palavras, na amostra analisada, a flexão de terceira pessoa do plural é mais frequente no *input* que as crianças recebem do que na produção linguística delas. Não descartamos, porém, a influência de fatores extralinguísticos na produção linguística dos adultos, tais como nível de escolarização e idade. Destacamos também que o adulto estaria consciente da gravação de áudio, o que poderia levá-lo a certo monitoramento da fala mesmo quando envolvido em atividades corriqueiras. De qualquer forma, a análise da fala de crianças e adultos em interação aponta para uma produção mais sistemática da flexão verbal de terceira pessoa do plural pelos adultos, o que sugere que, apesar de apresentar variação, a flexão mostra-se frequente como *input* para as crianças desse grupo socioeconômico.

Como a análise apresentada anteriormente corresponde a uma amostra da produção de um grupo de crianças que frequentam escolas privadas, residentes em área urbana, pertencentes a famílias de classe média e cujas mães possuem alto nível de escolarização, assume-se que tais crianças estariam expostas à variedade urbana culta da língua. Nesse sentido, uma amostra de participantes com características socioeconômicas distintas poderia ser informativa quanto à influência do *input* que a criança recebe quando considerado um fenômeno variável na língua. Desse modo, foram feitas três gravações de áudio em uma escola pública da zona rural da cidade de Juiz de Fora/MG com vistas a descrever a produção de crianças de duas amostras distintas.

5.2 Gravação de áudio em ambiente escolar – crianças de classe baixa, residentes em área rural

5.2.1 Metodologia

As gravações de áudio no ambiente escolar foram feitas de maneira pontual mediante a prévia autorização da direção da escola. Foram coletados dados de três turmas: 1º e 2º períodos da Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental I – que correspondem, respectivamente, às faixas etárias de quatro, cinco e seis anos de idade. Em todas as turmas, as gravações foram realizadas durante o horário do projeto de “Contação de histórias” na biblioteca da instituição escolar, desenvolvido com as três turmas pela mesma professora.

De maneira semelhante ao realizado nas gravações entre mães/cuidadores e crianças, a professora da escola recebeu as instruções para manusear e operar o aparelho gravador a fim de que não houvesse a interferência da pesquisadora em sala de aula. Foram coletadas, portanto, três gravações: uma gravação (com média de 37 minutos) em cada turma. O material coletado totaliza 1 hora, 52 minutos e 33 segundos de áudio.

5.2.2 Participantes e procedimentos de coleta de dados

Com a devida autorização da direção da escola e da professora, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁶⁶, todos(as) os(as) alunos(as) presentes em sala de aula no dia da gravação participaram da coleta de dados.

O quadro abaixo indica as turmas participantes do estudo, a quantidade de alunos presentes e a data de coleta dos dados:

Quadro 6: Informações dos participantes do estudo em ambiente escolar

Turma	Idade	Alunos(as) presentes	Data de coleta dos dados
1º período	4 anos	11 (7 meninas e 4 meninos)	15 de maio de 2017
2º período	5 anos	15 (7 meninas e 8 meninos)	17 de maio de 2017
1º ano	6 anos	16 (8 meninas e 8 meninos)	15 de maio de 2017

Para as sessões, foi utilizado o mesmo aparelho do estudo anteriormente descrito: Gravador de Áudio Portátil Profissional Sony PCM-D50 com qualidade de gravação digital. As três gravações foram feitas em contextos similares durante as aulas do projeto de contação de histórias: a professora lia uma história infantil e tecia comentários e reflexões com a turma ao pedir a opinião de seus alunos sobre os fatos narrados. Todas as histórias trabalhadas em sala de aula tinham fim educativo/pedagógico.

⁶⁶O modelo de TCLE apresentado à direção da escola encontra-se disponível nos anexos deste trabalho.

5.2.3 Transcrição dos dados

Os arquivos dos áudios gravados no ambiente escolar foram digitalizados e passaram por um processo de transcrição nos moldes do realizado com os áudios capturados no ambiente familiar. Por outro lado, não foram consideradas as produções linguísticas da professora, uma vez que o monitoramento da fala é previsível por docentes em situação de sala de aula. Considerou-se, assim, apenas a produção linguística das crianças.

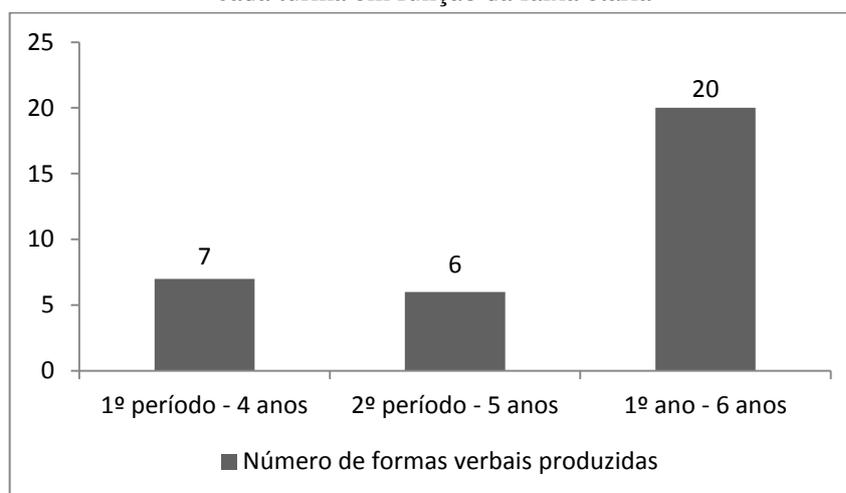
5.2.4 Objetivo das gravações

Apesar de as gravações em ambiente escolar rural serem em menor número do que as realizadas em ambiente familiar urbano, pretendeu-se verificar se haveria, conforme apontado pela literatura sociolinguística de cunho variacionista, diferença entre as duas variedades na fala das crianças. Embora não seja possível fazer uma comparação entre duas amostras distintas, julgamos que seria possível verificar, a partir de percentuais, a tendência à marcação redundante ou não redundante da 3ª pessoa do plural no verbo em contexto de sujeito plural por crianças com um perfil socioeconômico diferente do anteriormente descrito. De maneira indireta, a fala das crianças residentes em área rural poderia refletir características do *input* que recebem, fornecendo, assim, pistas sobre o papel do *input* na aquisição da linguagem.

5.2.5 Análise dos dados de produção das crianças (zona rural)

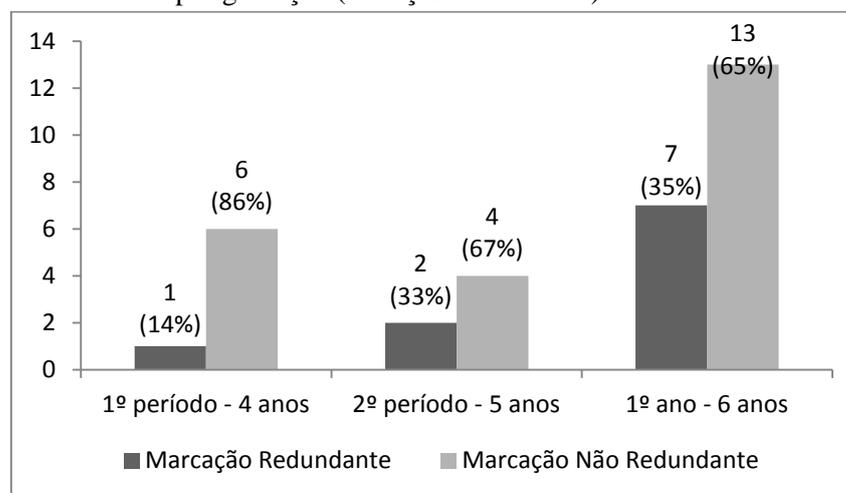
Foram contabilizadas 33 ocorrências de verbos em contextos de sujeitos na 3ª pessoa do plural (foneticamente realizados ou não). A distribuição do número de verbos produzidos por cada turma em função das distintas faixas etárias está apresentada no gráfico que segue:

Gráfico 24: Número de formas verbais produzidas em contextos de sujeito de 3ª pessoa do plural por cada turma em função da faixa etária



O número de ocorrências e o percentual de marcação redundante e não redundante por gravação estão dispostos no gráfico abaixo:

Gráfico 25: Proporção das ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante por gravação (crianças – zona rural)



Das 33 ocorrências, 10 receberam a marcação redundante de plural (30%), ao passo que 23 apresentaram marcação não redundante (70%), ou seja, na amostra da fala de crianças residentes em zona rural, predominou a marcação não redundante, ao contrário do que foi verificado na amostra da fala de crianças residentes em zona urbana, em que 66% dos enunciados foram marcados de maneira redundante e apenas 34% das ocorrências apresentaram marcação não redundante.

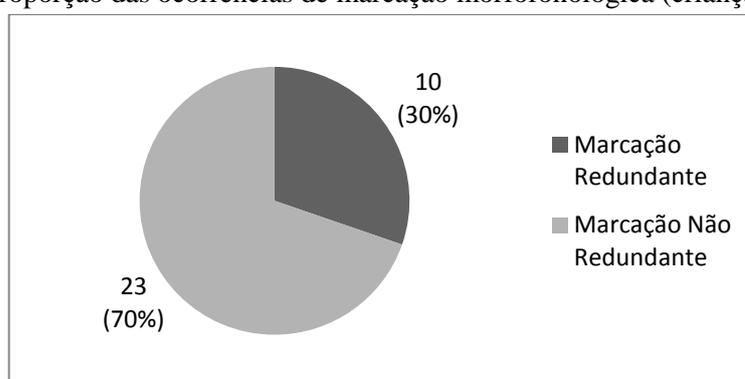
Os exemplos abaixo ilustram as produções linguísticas das crianças residentes em área rural no que se refere à marcação redundante e não redundante de número no verbo, respectivamente:

(214) eles brincam no parquinho de escorregador...

(215) é porque eles mora no fogo...

O gráfico a seguir ilustra a proporção da presença e da ausência de marcação morfofonológica explícita nos verbos pelas crianças:

Gráfico 26: Proporção das ocorrências de marcação morfofonológica (crianças – zona rural)



Como já mencionado, apesar da diferença quantitativa de ocorrências, as amostras apresentam uma tendência inversamente proporcional no que se refere à marcação flexional de 3ª pessoa do plural, uma vez que, na fala das crianças da zona urbana, predominou a marcação redundante no verbo, e, na fala das crianças da zona rural, a marcação não redundante prevalece na amostra analisada.

Em relação aos fatores linguísticos *realização* e *posição do sujeito*, foram verificadas ocorrências apenas de sujeito preenchido anteposto e sujeito não realizado foneticamente, como ilustram os exemplos abaixo:

(216) Sujeito preenchido anteposto:

MR: porque **eles** (es)tão carregando mochila...

MNR: e **eles** ficava em cima da mãe...no nariz dela...

(217) Sujeito foneticamente não realizado:

MR: são pequenininhos... (em resposta a “como é o pato lá da sua casa?”)

MNR: dança... (em resposta a “as pessoas fazem o quê?”)

Os resultados da análise dos fatores *realização* e *posição do sujeito* estão dispostos nas tabelas a seguir:

Tabela 29: Distribuição dos fatores linguísticos *realização* e *posição do sujeito* em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (crianças – zona rural)

Posição e Realização do Sujeito	Marcação Redundante		Marcação Não Redundante	
	n°	%	n°	%
Preenchido anteposto	09	90%	16	70%
Foneticamente não realizado	01	10%	07	30%
Total	10	100%	23	100%

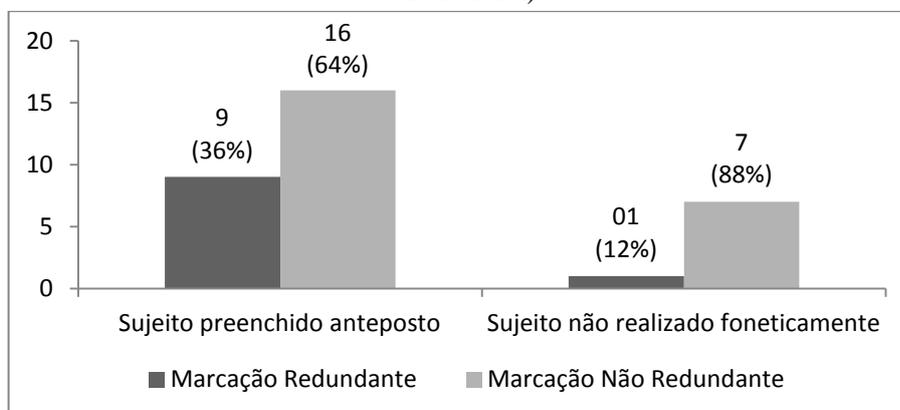
Tabela 30: Distribuição da variação na marcação morfofonológica no verbo em relação aos fatores linguísticos *realização* e *posição do sujeito* (crianças – zona rural)

Marcação Morfofonológica no Verbo	Sujeito preenchido anteposto		Sujeito não realizado foneticamente	
	n°	%	n°	%
Redundante	09	36%	01	12%
Não redundante	16	64%	07	88%
Total	25	100%	08	100%

Como indicado nas tabelas, não houve ocorrências de sujeito posposto. Tanto nas ocorrências de sujeito anteposto, quanto nos casos de sujeito não realizado foneticamente, a marcação não redundante foi a mais produzida, o que revela uma diferença significativa para a amostra de fala das crianças do primeiro grupo.

O gráfico abaixo auxilia em uma visualização geral da proporção do fator posição e realização do sujeito em contextos de 3ª pessoa do plural:

Gráfico 27: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar os fatores linguísticos *posição* e *realização do sujeito* (crianças – zona rural)



Considerou-se, ainda, o tipo de sujeito, nos casos em que o sujeito foi preenchido foneticamente (25 ocorrências). Na amostra analisada, foram observados os seguintes tipos de

sujeito: (i) *lexical com concordância redundante*; (ii) *lexical com concordância não redundante*; (iii) *pronominal* e (iv) sujeitos caracterizados por *quantificadores*, *pronomes indefinidos* e *pronomes demonstrativos*. Não houve a ocorrência de sujeitos compostos. Os exemplos abaixo ilustram os enunciados produzidos em relação ao tipo de sujeito:

(218) Lexical com concordância redundante no DP:

MR: **os três jacarezinhos** vão se mudar...

MNR: **dez ratinhos** come queijo...

(219) Lexical com concordância não redundante no DP:

MR: *não há ocorrências.*

MNR: **os peixe** fica correndo em volta da piscina...

(220) Pronominal:

MR: mas **eles** são pequenos...

MNR: depois...**eles** vai pra casa do irmão...

(221) Quantificador + Pronome indefinido + Pronome demonstrativo:

MR: *não há ocorrências.*

MNR: **esses dois** aí vai correr pro outro irmão...

Os dados estão dispostos nas tabelas abaixo:

Tabela 31: Distribuição do fator linguístico *tipo do sujeito* em relação à variação na marcação morfofonológica no verbo (crianças – zona rural)

Tipo de Sujeito Preenchido	Marcação Redundante		Marcação Não Redundante	
	n ^o	%	n ^o	%
Lexical com concordância redundante	02	22%	02	12,5%
Lexical com concordância não redundante	-	-	02	12,5%
Pronominal	07	78%	10	62,5%
Quantificador + Pronome indefinido + Pronome demonstrativo	-	-	02	12,5%
Total	09	100%	16	100%

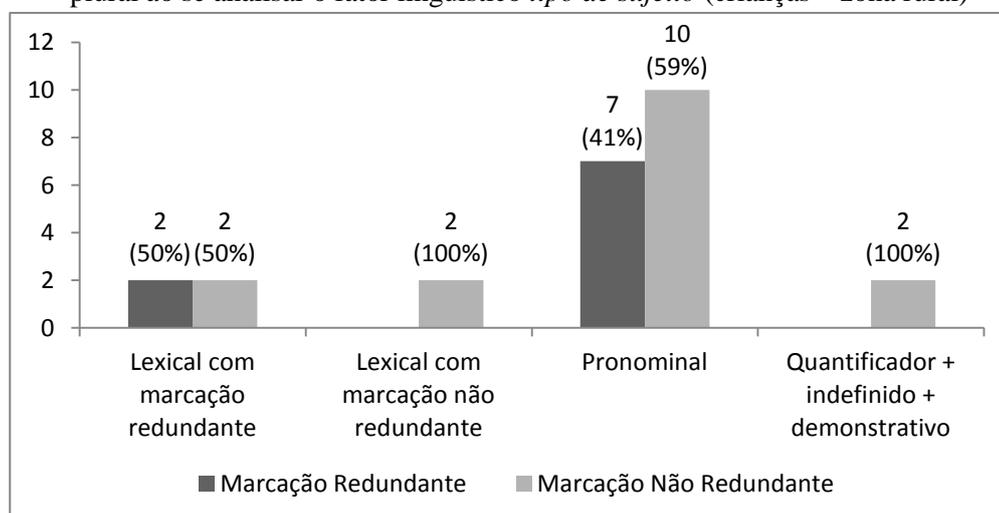
Tabela 32: Distribuição da variação na marcação morfofonológica no verbo em relação ao fator linguístico *tipo do sujeito* (crianças – zona rural)

Marcação Morfofonológica no Verbo	Lexical Marcação Redundante		Lexical Marcação Não Redundante		Pronominal		Quantificador + indefinido + demonstrativo	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Redundante	02	50%	-	-	07	41%	-	-
Não redundante	02	50%	02	100%	10	59%	02	100%
Total	04	100%	02	100%	17	100%	02	100%

Como é possível observar nas tabelas, nos casos de marcação redundante, o sujeito pronominal foi o que mais registrou ocorrências (78%). Verificamos nas falas dos adultos e das crianças em interação que o sujeito quando preenchido por um pronome tende a favorecer a marcação redundante no verbo. Na fala das crianças residentes em zona rural, apesar de o sujeito pronominal ser o que mais registrou a marcação redundante, quando analisado de outra perspectiva, até mesmo com os sujeitos pronominais houve o predomínio da marcação não redundante em 59% das ocorrências. Já nos sujeitos lexicais, quando marcados morfofonologicamente em todos os elementos, houve variação entre marcação redundante e não redundante (50%). Por outro lado, os sujeitos lexicais com marcação não redundante parecem ter favorecido a não marcação redundante no verbo, o que sugere a influência do paralelismo linguístico, já que a ausência de marcas no sujeito favoreceria a não marcação também no verbo. A não marcação redundante no verbo predominou, ainda, nos sujeitos formados por quantificadores, pronomes indefinidos e demonstrativos, o que diverge também da tendência encontrada na fala das crianças residentes em zona urbana.

O gráfico a seguir traz uma visualização geral do fator analisado:

Gráfico 28: Comparação entre o número de ocorrências de marcação redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator linguístico *tipo de sujeito* (crianças – zona rural)



Como os áudios foram gravados em contexto de contação de histórias e, nas três turmas, as histórias apresentavam personagens animadas, houve apenas a produção de um enunciado com o sujeito [-animado]: “aí assim...as pedras...eu acho que as pedras que vão aguentar...”. Desse modo, o fator linguístico *animacidade do sujeito* não se mostrou informativo para esta análise.

De maneira semelhante, o fator linguístico *distância linear entre sujeito e verbo* também não se mostrou informativo, uma vez que, do total de ocorrências (33), apenas três apresentaram distância de uma sílaba (por meio das partículas “não” e “que”), não revelando, assim, influência desse fator na marcação morfofonológica no verbo nesta amostra.

O levantamento dos tempos verbais encontrados nas ocorrências de 3ª pessoa do plural, por outro lado, seria informativo quando observada também a saliência fônica das formas verbais. Na amostra em análise, foi verificada a produção de três tempos verbais distintos: presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito do modo indicativo.

Ilustramos abaixo os tempos verbais encontrados na fala das crianças desta amostra:

(222) Presente do Indicativo:

MR: eles brincam no parquinho de escorregador

MNR: dez ratinhos... come queijo

(223) Pretérito Perfeito do Indicativo:

MR: e eles não esperaram?

MNR: (eles) comeu aquilo... (em resposta a “o que eles fizeram?”)

(224) Pretérito Imperfeito do Indicativo:

MR: *não há ocorrências.*

MNR: e eles não fazia (nada)...

Os dados são apresentados nas tabelas que seguem:

Tabela 33: Distribuição dos tempos verbais em relação à variação na marcação morfofonológica de número no verbo (crianças – zona rural)

Tempo Verbal	Marcação Redundante		Marcação Não Redundante	
	nº	%	nº	%
Presente do Indicativo	06	60%	16	70%
Pretérito Perfeito do Indicativo	04	40%	02	9%
Pretérito Imperfeito do Indicativo	-	-	05	21%
Total	10	100%	23	100%

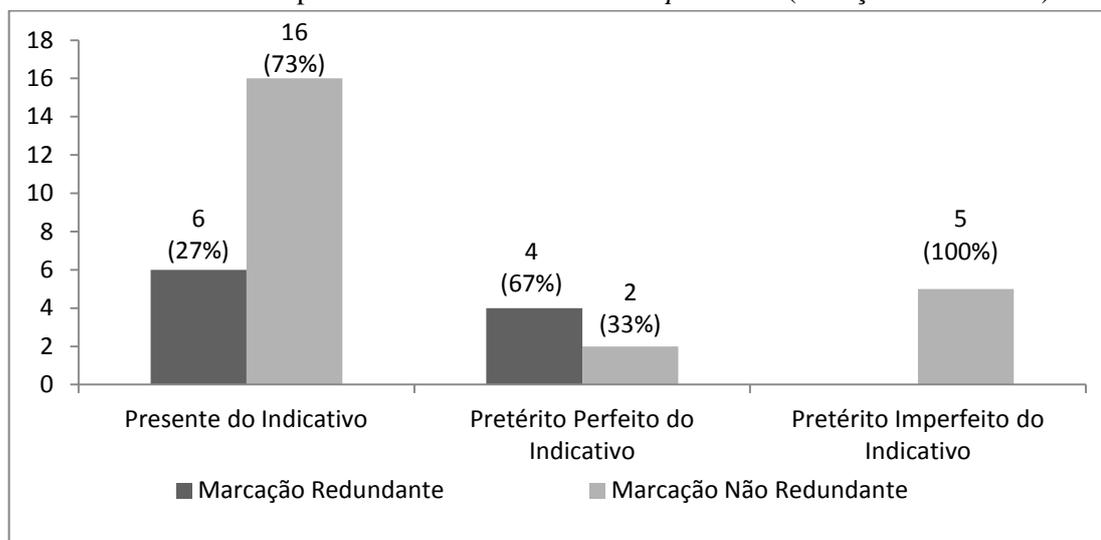
Tabela 34: Distribuição da variação na marcação morfofonológica de número no verbo em relação ao fator *tempo verbal* (crianças – zona rural)

Marcação Morfofonológica no Verbo	Presente do Indicativo		Pretérito Perfeito do Indicativo		Pretérito Imperfeito do Indicativo	
	nº	%	nº	%	nº	%
Marcação Redundante	06	27%	04	67%	-	-
Marcação não redundante	16	73%	02	33%	05	100%
Total	22	100%	06	100%	05	100%

O presente do indicativo foi a forma mais produzida pelas crianças (22 ocorrências), seguido do pretérito perfeito (06) e do pretérito imperfeito (05). Cabe ressaltar que todas as formas verbais no pretérito imperfeito apresentaram marcação não redundante, o que teria influência do fator saliência fônica, uma vez que todas as cinco formas produzidas seriam [-salientes] (ex.: fazia/faziam; ajudava/ajudavam). Quando observadas as ocorrências no pretérito perfeito, houve o predomínio da marcação redundante (67%), o que sugere também a influência do fator saliência fônica (ex.: cresceu/cresceram; virou/viraram). Por outro lado, o verbo “ir” no presente foi produzido em oito enunciados, sendo que, em seis deles, aparece sem marcação redundante (“eles vai” x “eles vão”), apesar de a oposição entre as formas de singular e de plural ser considerada [+saliente].

O gráfico a seguir auxilia na visualização dos dados levantados nesta análise:

Gráfico 29: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator *tempo verbal* (crianças – zona rural)



A amostra das crianças residentes em zona rural apresenta pontos divergentes com os dados da amostra das crianças residentes em zona urbana. As formas verbais flexionadas no presente do indicativo tiveram mais marcações não redundantes de plural nesta amostra (73%), ao passo que a marcação redundante predominou na amostra das crianças residentes em zona urbana (70%). Além disso, as formas verbais flexionadas no pretérito imperfeito apresentaram marcação não redundante em todas as ocorrências nesta análise (100%) enquanto que, no primeiro grupo, houve variação entre marcação redundante (60%) e não redundante de plural (40%). Já as ocorrências de pretérito perfeito apresentaram variação nas duas análises de fala infantil, com maior variação (talvez pelo maior número de ocorrências) na fala de crianças residentes em zona urbana (50%). Já na fala dos adultos, houve predominância de marcação redundante em todos os três tempos verbais.

Atrelado à análise do tempo verbal, está, como já discutido, o fator saliência fônica. Considerando os dois níveis de saliência já apresentados anteriormente, ilustramos abaixo os tipos de ocorrências encontradas na fala das crianças:

(225) [+saliente]:

MR: mas eles são pequenos... (é x são)

MNR: os (patos) grandes é branco... (é x são)

(226) [-saliente]:

MR: eles brincam no parquinho de escorregador... (brinca x brincam)

MNR: ué...(eles) ficava fazendo bagunça (ficava x ficavam)

Os dados acerca do fator *saliência fônica* estão dispostos na tabela abaixo:

Tabela 35: Distribuição do fator *saliência fônica* em relação à variação na marcação morfofonológica de número no verbo (crianças – zona rural)

Saliência Fônica	Marcação Redundante		Marcação Não Redundante	
	nº	%	nº	%
[+ saliência]	09	90%	11	48%
[- saliência]	01	10%	12	52%
Total	10	100%	23	100%

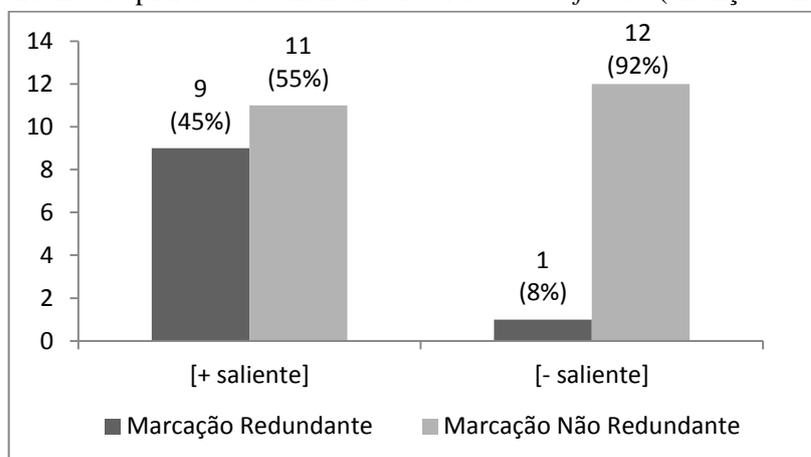
Tabela 36: Distribuição da variação na marcação morfofonológica de número no verbo em relação ao fator *saliência fônica* (crianças – zona rural)

Marcação Morfofonológica no Verbo	[+ saliência]		[- saliência]	
	nº	%	nº	%
Redundante	09	45%	01	8%
Não redundante	11	55%	12	92%
Total	20	100%	13	100%

O fator *saliência fônica* mostra-se relevante na presente análise, tendo em vista que, dos casos de marcação redundante, 90% eram formas verbais consideradas [+salientes]. Nos casos de marcação não redundante, houve maior variação entre as ocorrências de formas [+salientes] (48%) e [-salientes] (52%). Do ponto de vista da saliência fônica, houve a predominância da marcação não redundante, com maior variação para as formas mais salientes (45% com marcação redundante e 55% com marcação não redundante). Já para as formas menos salientes, houve grande sistematicidade de marcação não redundante, já que, em 92% dos casos, o verbo foi produzido no singular.

O gráfico abaixo auxilia na visualização geral do fator *saliência fônica*:

Gráfico 30: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator *saliência fônica* (crianças – zona rural)



Os dados de fala das crianças residentes em zona rural diferenciam-se dos dados de produção das crianças residentes em zona urbana no que se refere à saliência fônica. Tal fator mostrou-se relevante de maneiras distintas nas duas amostras, já que, nesta análise, as formas [-salientes] apresentaram sistematicamente a marcação não redundante (92%), ao passo que, na amostra de fala do primeiro grupo, houve variação entre marcação redundante (53%) e marcação não redundante (47%) nas formas [-salientes]. No que se refere às formas [+salientes], houve variação na fala das crianças da zona rural (45% com marcação redundante e 55% com marcação não redundante) e maior sistematicidade na marcação redundante na fala das crianças da zona urbana (72%). Já na fala dos adultos, como vimos, tal fator não se mostrou significativo.

Por fim, considerando os tipos de verbo já apresentados anteriormente, exemplificamos abaixo as ocorrências encontradas na presente análise:

(227) inergativos:

MR: e eles não esperaram?

MNR:(as pessoas) dança...

(228) transitivos:

MR: *não há ocorrências.*

MNR: dez ratinhos come queijo...

(229) cópula:

MR: os três jacarezinhos vão se mudar...

MNR: eles vai voltar...

Os dados em relação ao tipo de verbo são apresentados nas tabelas abaixo:

Tabela 37: Distribuição do fator *tipo de verbo* em relação à variação na marcação morfofonológica de número (crianças – zona rural)

Tipo de verbo	Marcação Redundante		Marcação Não Redundante	
	nº	%	nº	%
Cópula	07	70%	15	65%
Transitivo	-	-	07	30%
Inergativo	03	30%	01	5%
Total	10	100%	23	100%

Tabela 38: Distribuição da variação na marcação morfofonológica de número no verbo em relação ao tipo de verbo (crianças – zona rural).

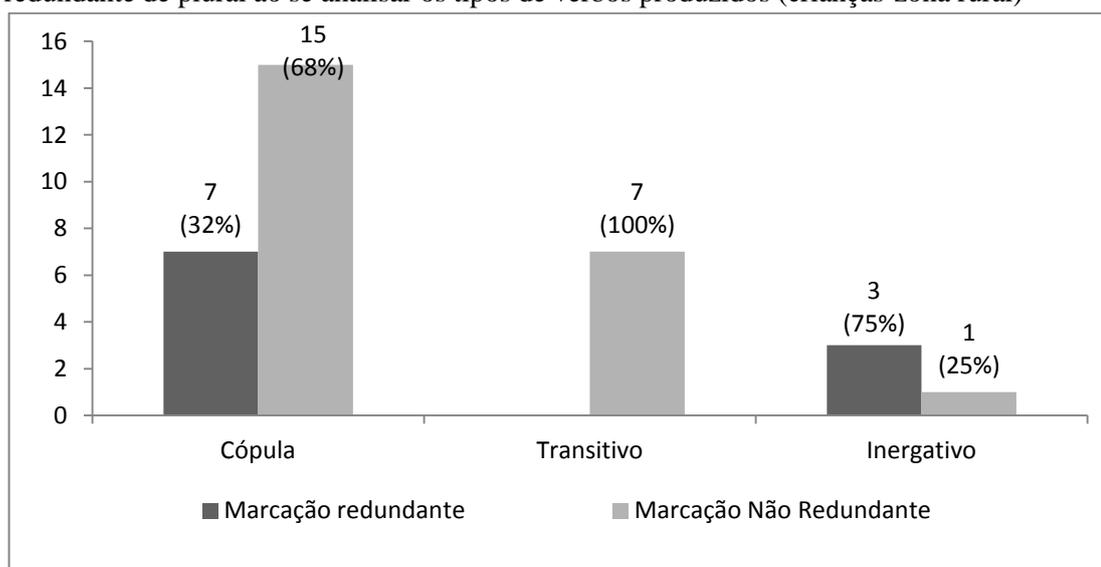
Marcação Morfofonológica no Verbo	Cópula		Transitivo		Inergativo	
	nº	%	nº	%	nº	%
Marcação Redundante	07	32%	-	-	03	75%
Marcação Não Redundante	15	68%	07	100%	01	25%
Total	22	100%	07	100%	04	100%

Os verbos do tipo cópula foram os mais produzidos pelas crianças da zona rural (22 ocorrências de um total de 33), sendo o tipo verbal com maior número de marcação redundante (70%). Os verbos do tipo cópula concentraram também o maior número de ocorrências de marcação não redundante (65%), seguidos dos verbos do tipo transitivo (30%).

Diferentemente do que foi observado na fala das crianças do primeiro grupo, o verbo do tipo cópula teve mais marcações não redundantes (68%). Por outro lado, os verbos dos tipos transitivo e inergativo apresentaram tendência mais similar ao que foi registrado no primeiro grupo, ou seja, predominância da marcação não redundante nos verbos transitivos (100% dos casos na fala das crianças da zona rural e 61% na fala das crianças da zona urbana) e marcação redundante nos verbos inergativos (75% neste grupo e 77% na fala do primeiro grupo de crianças analisado).

O gráfico a seguir auxilia na visualização dos dados discutidos:

Gráfico 31: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar os tipos de verbos produzidos (crianças-zona rural)



Os verbos do tipo inergativo parecem favorecer a marcação redundante de plural, como já discutido, e os dados da fala das crianças da zona rural vão ao encontro de tal premissa. Já os verbos dos tipos cópula e transitivo, nesta amostra, aparecem

predominantemente sem a marcação redundante de número, o que difere dos resultados encontrados na fala dos adultos, na qual houve predomínio da marcação redundante.

5.3 Conclusão

A análise de duas amostras de fala de crianças com características distintas do ponto de vista socioeconômico permite-nos descrever como se manifesta a variação na marcação de terceira pessoa do plural em cada grupo e quais fatores se mostram influenciadores do fenômeno. A partir, portanto, das análises apresentadas, é possível verificar que houve diferenças claras no que se refere à frequência da marcação redundante no verbo, conforme era esperado com base em estudos sociolinguísticos de cunho variacionista.

Presume-se que haveria diferenças igualmente significativas caso fosse analisado o *input* recebido pelas crianças da zona rural em ambiente familiar, tendo em vista suas características socioeconômicas, tais como anos de escolarização e classe socioeconômica dos pais e cuidadores. Vale ressaltar, para os fins deste estudo, que a fala das crianças mostrou-se variável no que tange à marcação flexional de terceira pessoa do plural no verbo, podendo a variação se mostrar ainda mais evidente em função de características socioeconômicas como nos casos das amostras analisadas.

Em síntese, os dados da produção linguística dos adultos residentes em área urbana e com alto nível de escolarização apontam para a predominância da marcação redundante no verbo em contextos de 3ª pessoa do plural, apesar de apresentar variação. Os fatores linguísticos posição e realização do sujeito, tipo de sujeito preenchido e animacidade do sujeito mostraram-se influenciadores na marcação morfofonológica do verbo. Já a análise da produção linguística das crianças residentes em zona urbana aponta para predominância da marcação redundante, embora as crianças tenham produzido mais ocorrências de marcação não redundante quando comparado com a fala dos adultos. Para esse grupo, os fatores linguísticos posição e realização do sujeito, tipo de sujeito preenchido, distância linear entre sujeito e verbo, tempo verbal, saliência fônica e tipo de verbo mostram-se relevantes (apenas o fator animacidade do sujeito não se mostrou informativo). A análise da amostra da produção linguística das crianças residentes em zona rural apontou algumas divergências em relação à relevância de alguns fatores linguísticos para a marcação morfofonológica de plural no verbo. Os fatores linguísticos posição e realização do sujeito, tipo de sujeito preenchido, tempo

verbal, saliência fônica e tipo de verbo mostraram-se relevantes para a análise. Nesse grupo, os fatores animacidade do sujeito e distância linear entre sujeito e verbo não foram informativos.

Considerando a fala das crianças de modo geral, mesmo quando diante de um *input* em que a marcação redundante mostra-se frequente, apesar de variável (como na fala dos adultos e cuidadores em ambiente familiar e da professora em ambiente escolar), a fala infantil apresentou grande variação entre marcação redundante e não redundante. Deve-se destacar, no entanto, que a variação segue padrões que, como visto na amostra de fala das crianças, parecem ter sido adquiridos já por volta dos três anos de idade. Além disso, as crianças são capazes de reconhecer uma marcação não consistente em sua língua materna, como sugere o diálogo entre mãe e criança em um dos áudios analisados nesta pesquisa, no qual a mãe produz um verbo no plural com o sujeito aparentemente no singular:

- (230) CRIANÇA: o NP...o NP vai? (na festa de aniversário da criança)
 ADULTO: eu não sei quem é quem...
 C: aquele...
 A: quem é...o NP?
 C: lembra...do nosso grupinho?
 A: ah...o do nosso grupo **vão**...
 C: **vão não né? vai**...[...]
 A: vai...ele vai...agora todos vão...irão...

Como já mencionado, algumas das ocorrências registradas ilustram o fato de que a variação linguística pode ser encontrada na fala do mesmo indivíduo, em um mesmo enunciado, como no exemplo abaixo:

- (231) CRIANÇA: **aquelas mecha**...são muito legal né? **aquelas mechas**...assim...da Draculaura olha...aqui **as mecha**...eu nasci pra ser a Draculaura...nasci...

Vimos, portanto, que a variação linguística está presente no *input* que a criança recebe, mesmo quando exposta à variedade urbana culta da língua, e na fala das próprias crianças desde os seus primeiros anos de vida, ainda na fase de aquisição da linguagem. A coexistência da realização de marcação redundante e não redundante de plural no verbo em contextos de sujeito plural (e a marcação de número de maneira mais ampla) pode sugerir que a variação está, de alguma forma, representada na gramática da criança adquirindo o PB. Nesse sentido, a presente pesquisa busca investigar experimentalmente a identificação da marcação de número e como o conceito de numerosidade é interpretado pelas crianças, tendo em vista a

variação na marcação de plural encontrada na língua e verificada no *input* e na fala das crianças. Passemos, então, à apresentação das atividades experimentais conduzidas com o objetivo de investigar o reconhecimento da marcação morfofonológica de número e a compreensão da noção de numerosidade veiculada pelo morfema de 3ª pessoa do plural por crianças adquirindo o PB.

6 EXPERIMENTOS

Constatamos, no capítulo anterior, a partir da gravação, da transcrição e da análise da produção espontânea de crianças e adultos, que a realização da marcação morfofonológica de terceira pessoa do plural mostra-se variável no PB. Observamos, ainda, que, nas amostras analisadas, a fala das crianças apresentou índices menores de marcação redundante de plural em comparação com o encontrado na fala dos adultos de classe média. Com o intuito de investigar a identificação e a compreensão do morfema verbal de número por crianças adquirindo o PB, conduzimos um estudo experimental a fim de inserir nossa pesquisa no conjunto de estudos que investiga a compreensão da morfologia de número em diferentes línguas (ver capítulo 3, seção 3.4.3). Nesse sentido, objetivou-se investigar o reconhecimento da distinção entre formas verbais no singular e no plural, bem como a compreensão desses enunciados no que diz respeito ao conceito de numerosidade (noções de “um” - singular e “mais de um” - plural).

Para a investigação de cunho experimental acerca da morfologia verbal de número no PB, buscamos comparar a identificação e a compreensão das noções de *número* e *pessoa* veiculadas pelo morfema verbal representado ortograficamente por *-m* (ex.: *lava-m*) e por um morfema zero (ex.: *lava-Ø*). Em uma primeira etapa, o objetivo foi comparar estímulos linguísticos no presente do indicativo, nos quais a ausência de um morfema flexional verbal explícito (morfema zero) é contrastada com uma marcação explícita mínima no que se refere à flexão número-pessoal, de modo que o experimento no PB seguisse a linha de investigação dos trabalhos já desenvolvidos em outras línguas. Considerando a flexão verbal variável observada no PB, buscou-se investigar, portanto, se as crianças brasileiras apresentariam um desempenho distinto do encontrado em línguas, como o inglês e o espanhol, naquelas variedades nas quais a marcação de número ocorre de modo consistente.

Em uma segunda etapa, portanto, estímulos linguísticos com a forma verbal flexionada no pretérito perfeito do indicativo também foram testados (ex.: *lavou/lavara-m*). Apesar da maior saliência fônica observada na comparação entre as formas verbais de singular e de plural no pretérito perfeito, considerou-se que o presente do indicativo é pouco frequente no PB, sendo mais utilizado o presente contínuo (ex.: *está/estão lavando*), além de favorecer uma leitura genérica da ação verbal, o que poderia levar a diferentes interpretações, como a uma leitura distributiva, principalmente, nos enunciados apresentados no singular.

Em uma terceira etapa, com vistas a minimizar a possível leitura genérica do presente do indicativo e amenizar a saliência fônica encontrada no contraste entre as formas singular e plural no pretérito perfeito do indicativo, o pretérito imperfeito também foi avaliado (ex.: *lavava-Ø/ lavava-m*) por considerarmos que tal tempo verbal favoreceria uma leitura mais referencial do enunciado e manteria a oposição mínima desejada entre presença e ausência de uma marcação flexional explícita de número e pessoa. Como veremos na discussão dos resultados, o contraste dos tempos verbais testados mostrou-se relevante na avaliação da identificação e compreensão da informação de número no verbo.

Na elaboração do estudo experimental, a técnica de seleção de imagem foi utilizada em duas versões: (i) uma tarefa *offline*, conduzida a partir de apontamento na tela do computador e registro das respostas do participante em fichas de papel pela pesquisadora, e (ii) uma tarefa *online*, com o acréscimo da medida de tempo de reação na escolha da imagem, em que o participante clicava em uma tecla para registrar sua escolha sendo a mesma computada automaticamente pelo *software* utilizado. O método, os procedimentos e os resultados obtidos são reportados a seguir.

6.1 Experimento 1: Seleção de imagem *offline*

6.1.1 Método

6.1.1.1 *Participantes*

Participaram do experimento de seleção de imagem *offline* um total de 256 crianças, de cinco e seis anos de idade, das quais 115 são do sexo feminino e 141 são do sexo masculino. Do número total de participantes, 08 tiveram os dados descartados (03 meninas e 05 meninos): 02 crianças por não completarem a tarefa; 02 por precisarem de um tempo para a realização da tarefa muito superior ao dos demais participantes; 02 por distração durante a atividade; 01 por apresentar dificuldades nos estímulos pré-testes e 01 por apresentar diagnóstico de autismo. Foram considerados, assim, os dados de 248 participantes.

Os participantes foram distribuídos de acordo com dois grupos socioeconômicos distintos a fim de se investigar a possível influência da frequência da marcação redundante no *input* ao qual a criança está exposta. De acordo com Alves, Soares e Xavier (2014), as escolas privadas agregam alunos com nível socioeconômico mais alto, ao passo que alunos de escolas

municipais e estaduais seriam de níveis socioeconômicos mais baixos. Partimos, assim, do pressuposto de que as crianças provenientes de escolas privadas e, portanto, de nível socioeconômico mais alto, estariam expostas com mais frequência à realização morfofonológica redundante de número, conforme é apontado pela literatura sociolinguística e corroborado pela análise da produção espontânea apresentada no capítulo anterior. As crianças foram divididas, portanto, em oito grupos em função da idade escolar (2º período da Educação Infantil – 5 anos X 1º ano do Ensino Fundamental – 6 anos)⁶⁷, do tipo de escola (Pública X Privada) e do tempo verbal do estímulo testado (Presente X Pretérito Perfeito X Pretérito Imperfeito).

Conforme foi mencionado anteriormente, em uma primeira etapa da pesquisa experimental, foram utilizados estímulos linguísticos no presente do indicativo, visando a manter o experimento próximo ao desenvolvido nas pesquisas de Johnson et al. (2005) no inglês e de Pérez-Leroux (2005) no espanhol, nas quais eram contrastadas formas verbais com morfema zero e com um morfema explícito. A tarefa foi conduzida, primeiramente, com dois grupos de crianças de seis anos de idade – um grupo de crianças de escola privada e outro de escola pública. Visto que os estudos no inglês e no espanhol apontaram para a compreensão de número apenas com participantes de cinco e de seis anos de idade (mas não com crianças mais novas – de três e de quatro anos de idade), optamos por iniciar a pesquisa com o grupo de seis anos, já que a compreensão dos morfemas verbais no PB poderia se mostrar mais custosa para as crianças em função da variabilidade entre marcação redundante e não redundante encontrada na língua (conforme defendido por Miller e Schmitt, 2009, 2012), para, então, a partir de resultados significativos nessa faixa etária, verificar se as crianças de cinco anos adquirindo o PB apresentariam desempenho semelhante na tarefa. No entanto, a análise dos resultados preliminares obtidos com as crianças de seis anos – que será reportada de forma detalhada a seguir – revelou resultados abaixo do nível da chance para as condições de verbo no singular. Diante desses resultados, ponderamos que algumas características específicas da forma verbal originalmente avaliada podem ter afetado o desempenho dos participantes. Vale destacar que o presente do indicativo mostra-se pouco frequente no PB, cuja preferência recai no presente contínuo. Além disso, uma possível leitura genérica das sentenças do singular (ex.: Come doce / A criança come doce), possivelmente decorrente do tempo verbal utilizado, poderia distorcer os resultados relativos à interpretação conceptual de

⁶⁷Os experimentos foram conduzidos em ambiente escolar nas turmas de 2º ano da Educação Infantil (crianças na faixa etária dos 5 anos) e de 1º ano do Ensino Fundamental (crianças com aproximadamente 6 anos) de diferentes instituições.

numerosidade pelas crianças, conforme discutido anteriormente e também apontado por Lunguinho e Medeiros Júnior (2009).

Diante dos resultados iniciais, em uma segunda etapa da pesquisa, os estímulos linguísticos foram apresentados no pretérito perfeito do indicativo, como já mencionado. Nessa nova fase, o experimento foi conduzido com quatro grupos de participantes: 6 anos de idade – escola privada; 6 anos de idade – escola pública; 5 anos de idade – escola privada; e 5 anos de idade escola pública. A análise dos resultados dessa segunda fase revelou um melhor desempenho dos participantes nas condições de singular em função da alteração do tempo verbal. O pretérito perfeito do indicativo privilegiaria uma leitura mais episódica e, portanto, mais referencial dos enunciados e facilitou o pareamento, por parte das crianças, entre sentenças com sujeitos singulares e imagens nas quais um único participante realizava uma determinada ação.

Em uma terceira etapa, investigamos a compreensão dos estímulos linguísticos no pretérito imperfeito do indicativo, com vistas a manter a referencialidade do passado – que se mostrou relevante ao compararmos os resultados das etapas 1 e 2 – , mas desta vez retornando a um contraste mínimo entre morfema zero (comia-Ø) e morfema explícito (comia-m), semelhante ao existente no presente do indicativo. Deve-se ressaltar que os resultados obtidos com os estímulos linguísticos no pretérito perfeito apontaram para uma diferença significativa entre os grupos socioeconômicos testados, com maior taxa de acertos para os grupos de escola privada em todas as condições experimentais. Assim sendo, o experimento com os estímulos linguísticos no pretérito imperfeito foi conduzido apenas com crianças de 5 e de 6 anos de idade frequentando a escola pública, a fim de verificar a identificação e compreensão dos morfemas verbais com menor saliência fônica por esse grupo socioeconômico.

Um grupo controle constituído por 20 adultos com ensino superior completo, com idades entre 23 e 37 anos (média de 27 anos), também foi testado, neste caso, apenas com estímulos no tempo presente (primeiro tempo verbal testado), já que houve resultados significativos para a identificação e a compreensão da marcação morfofonológica desse tempo verbal pelos adultos. Do total de participantes adultos, 13 são do sexo feminino e 07 do sexo masculino.

Apresentamos abaixo a tabela com os grupos de participantes em função da idade e do grupo socioeconômico a que pertencem:

Tabela 39: Participantes do experimento de seleção de imagem *offline*

Tempo verbal testado	Crianças			
	1º ano do Ensino Fundamental (6 anos)		2º período da Educação Infantil (5 anos)	
	Escola Pública	Escola Privada	Escola Pública	Escola Privada
Presente	24	24	---	---
Pretérito Perfeito	44	44	32	32
Pretérito Imperfeito	24	---	24	---
	Adultos			
Presente	20			

Cada grupo de participantes foi dividido em quatro listas, por meio da distribuição em quadrado latino⁶⁸. Nesse modo de organização dos estímulos linguísticos, cada lista contém o mesmo número de *trials* por condição (três *trials* em cada uma das quatro condições), sem que a mesma sentença seja ouvida em mais de uma condição pelo participante.

6.1.1.2 *Materiais*

O experimento foi conduzido por meio de uma tarefa de seleção de imagem. Para tanto, foram criadas pranchas de desenhos com imagens que mostram um sujeito ou dois praticando uma determinada ação (por exemplo, uma criança comendo doce ou duas crianças comendo doce), nos moldes do que foi proposto por Pérez-Leroux (2005). No entanto, uma adequação metodológica foi considerada relevante em comparação aos estudos desenvolvidos em outras línguas. Em geral, nesses estudos, eram comparadas imagens em que era apresentado apenas um sujeito com imagens em que havia mais de um sujeito, isto é, havia a distinção do número de indivíduos em cada figura. No presente estudo, as imagens foram cuidadosamente produzidas, com vistas a não diferirem simplesmente na quantidade de sujeitos, mas sim serem comparadas imagens com o mesmo número de participantes em cada, ou seja, em cada imagem havia sempre as mesmas personagens, sendo que, em uma delas, as duas personagens estão praticando a ação alvo do enunciado e, na outra, apenas uma das duas personagens está praticando a ação alvo do estímulo linguístico. O objetivo da proposta de alteração na apresentação dos estímulos visuais foi o de garantir que a criança não seria guiada por uma preferência por imagens com mais personagens e que, para chegar a uma resposta, os participantes deveriam analisar, de maneira mais detalhada, as figuras apresentadas, mantendo-se atentos até o final da tarefa. As imagens utilizadas são compatíveis com o material visual utilizado por Legendre et al. (2010) no francês.

⁶⁸A lista completa dos estímulos linguísticos está disponível nos anexos deste trabalho.

Já os estímulos linguísticos são de dois tipos no que se refere à realização do sujeito na sentença: sentenças com sujeito nulo (singular e plural), com vistas a investigar a identificação e a compreensão da flexão verbal como única informação de número na sentença; e sentenças com sujeito preenchido (singular e plural), com o intuito de comparar o reconhecimento da informação morfofonológica apenas na flexão verbal com a percepção de informações morfológicas apresentadas de forma redundante.

Como já mencionado, a tarefa experimental foi aplicada a grupos distintos de participantes com estímulos linguísticos no presente, no pretérito imperfeito e no pretérito perfeito, todos os tempos verbais do modo indicativo. Foram selecionados doze verbos para os estímulos-teste: seis compunham uma estrutura do tipo V+NP (ex.: comer doce; pular corda) e seis estruturas eram compostas por V+DP (ex.: molhar a flor; beijar o cachorro). Buscou-se, assim, diversificar os estímulos, já que a composição V+NP constitui uma unidade semântica da ação e a estrutura V+DP tem uma interpretação mais referencial. As imagens correspondentes às estruturas compostas por V+NP ilustravam cada personagem com um objeto (por exemplo, cada personagem com um doce ou com uma corda). Já quando se tratava da estrutura V+DP, as personagens agiam sobre o mesmo objeto (por exemplo, molham a mesma flor e beijam o mesmo cachorro). Cada verbo era apresentado em todas as condições experimentais, de forma que foram elaboradas, em quadrado latino, quatro listas diferentes. Em outras palavras, a cada participante era apresentada uma das quatro listas em que doze estímulos-alvo de verbos diferentes eram testados, sendo três de cada condição experimental.

Foram adicionados aos estímulos-teste estímulos distratores, com o intuito de desviar a atenção do participante dos objetivos da pesquisa. Os enunciados distratores eram compostos por sentenças diversificadas no que se refere à sua estrutura sintática (ex.: “O papai dormiu na rede”; “Que maçãs deliciosas”; “Está chovendo muito”). Considerando que os estímulos-teste perfaziam um total de doze enunciados por lista e que os participantes têm, inicialmente, seis e cinco anos de idade, para os estímulos-distratores, elegeu-se a proporção de 2:1 (dois distratores para um teste), tendo-se, portanto, 24 distratores e um total de 36 *trials*. Além disso, foram utilizados mais três *trials* distratores na fase de pré-teste, tendo-se, assim, 39 pares de imagens e estímulos linguísticos por lista.

A apresentação dos estímulos foi aleatorizada e controlada de modo que não fossem apresentados estímulos-teste seguidos, com o máximo de três distratores em sequência. Cada

lista foi elaborada de maneira que não fosse iniciada nem finalizada com um estímulo-teste. O lado em que estaria a imagem-alvo também foi aleatorizado.

Toda a tarefa foi elaborada em formato de jogo de computador. Foi utilizada uma apresentação de *slides* feita em *PowerPoint* e apresentada em um *notebook*. As sentenças eram faladas pela pesquisadora durante o experimento. Após cada sentença, o participante deveria selecionar a imagem que combinava com o que acabara de ouvir, apontando para a tela do computador. Para o registro das respostas dos participantes, isto é, das escolhas, em cada *trial*, por uma das duas imagens apresentadas, foram utilizadas fichas de papel com versões pequenas dos *slides*. As repostas dos participantes foram anotadas no momento da aplicação da tarefa para posterior análise.

6.1.1.3 Variáveis e condições

As variáveis independentes de medidas repetidas (*within-subjects*) foram:

- *realização do sujeito* (nulo X preenchido);
- *número* (singular X plural).

Foram considerados, ainda, três fatores grupais (*between subjects*):

- *faixa etária* dos participantes (5 anos X 6 anos);
- *grupo socioeconômico* do participante (escola privada X escola pública);
- *tempo verbal* (presente X pretérito perfeito X pretérito imperfeito).

A variável dependente considerada foi a taxa de escolha da imagem congruente ao estímulo linguístico.

A partir das variáveis independentes delimitadas, foram estabelecidas as seguintes condições experimentais, ilustradas abaixo a partir de um exemplo de estímulo linguístico:

Condição Sujeito Nulo Singular:

(232) Come- \emptyset doce. / Comeu- \emptyset doce. / Comia- \emptyset doce.

Condição Sujeito Nulo Plural:

(233) Come-m doce. / Comera-m doce. / Comia-m doce.

Condição Sujeito Preenchido Singular:

(234) A-∅ criança-∅ come-∅ doce. / A-∅ criança-∅ comeu-∅ doce. / A-∅ criança-∅ comia-∅ doce.

Condição Sujeito Preenchido Plural:

(235) A-s criança-s come-m doce. / A-s criança-s comera-m doce. / A-s criança-s comia-m doce.

6.1.2 Procedimento

É preciso considerar, como já discutido (ver capítulo 2, seção 2.1), que o PB parece estar em um significativo processo de mudança a partir do qual se caracteriza cada vez mais por ser uma língua de sujeito preenchido. No entanto, quando o contexto discursivo apresenta situações em que o sujeito é conhecido pelos falantes, parece haver a preservação de sentenças com sujeito nulo:

- (236) – Compraram o que eu pedi?
– Compramos.

Dessa forma, o experimento foi desenvolvido com uma fase de familiarização na qual quatro personagens eram apresentadas para o participante. Assim, a pesquisadora apresentava para a criança uma família: o “Dedé”, a “Lili” e o papai e a mamãe deles, iniciando o experimento com uma curta história de que Dedé e Lili são irmãos e de que a família deles gosta, muitas vezes, de fazer diversas atividades juntos. No entanto, seria destacado para a criança também que, em algumas vezes, apenas um deles gosta de fazer determinada atividade enquanto os outros têm outros interesses. Nesse sentido, buscou-se criar um contexto em que os referentes seriam sempre conhecidos pelos participantes, a fim de minimizar o possível estranhamento causado pelo uso de sentenças de sujeito nulo, tendo em vista a forte tendência observada no PB atual ao preenchimento da posição à esquerda do verbo, conforme discussão feita no capítulo 2 desta tese.

Figura 6: Exemplo de estímulo visual e linguístico – fase de familiarização



Olha! Estes são Lili, Dedé, o papai e a mamãe deles. Você vai participar de um jogo sobre esta família. Eles fazem muitas coisas juntos e, às vezes, eles gostam de fazer coisas diferentes um do outro. Você vai ver várias imagens. Podemos começar?

Utilizou-se ainda, para a aplicação da tarefa com os estímulos linguísticos no pretérito imperfeito, a imagem de apresentação da família com as crianças e os pais representados mais velhos (conforme figura 7 abaixo). Nesse caso, o participante era apresentado à família “nos dias atuais”, com a Lili e o Dedé adolescentes, e o objetivo do jogo consistia em apontar para as imagens que representavam o que eles gostavam ou não de fazer anos atrás, quando a Lili e o Dedé eram crianças. Dessa forma, o uso do pretérito imperfeito foi utilizado em todos os estímulos linguísticos, inclusive nos estímulos distratores, de maneira contextualizada.

Figura 7: Exemplo de estímulo visual e linguístico – fase de familiarização (pretérito imperfeito)



Todo o experimento foi desenvolvido em formato de jogo, no qual a criança precisava passar por três fases distintas. Em cada fase, era apresentado um objetivo para a criança, que, se “acertasse” a escolha das imagens de acordo com o que era dito, cumpriria a missão e ganharia uma estrelinha. Ao final das três fases, a criança concluiria o jogo com sucesso se

conseguisse juntar três estrelinhas. A tarefa experimental como jogo de computador mostra-se mais atraente para a criança, principalmente para as crianças de aproximadamente seis anos de idade, e contribui para que o participante, com o objetivo de passar de fases, mantenha a atenção até o final da tarefa.

Antes de efetivamente a pesquisadora anunciar que o jogo estava começando, havia uma fase de pré-teste, em que eram apresentados três *trials* distratores e, em cada um, era pedido à criança que mostrasse a imagem que correspondia ao que a pesquisadora falasse. Por exemplo: “Olha! O Dedé está no computador! Mostra pra mim” (a criança estaria diante de duas imagens apresentadas lado a lado: uma em que a personagem Dedé está sentada em frente ao computador e outra em que o Dedé está andando de skate). Após a criança apontar satisfatoriamente para as imagens que condiziam com o enunciado ouvido, com o intuito de a criança estar habituada com o objetivo da tarefa, a pesquisadora anunciava que o jogo iria começar valendo a primeira estrelinha. Dessa forma, seria verificado se o participante compreendeu que a tarefa consiste em apontar para a imagem que melhor expressa o enunciado apresentado e se ela está familiarizada com as personagens. Se a criança efetuasse bem a fase de familiarização, passava-se à fase de teste.

As três fases da tarefa eram conduzidas sempre apresentando ao participante imagens que seriam fotos dos membros da família que deveriam ser selecionadas corretamente para a montagem de um álbum de fotografias, de um mural para a escola ou para a postagem em uma página na internet (objetivos das crianças em cada uma das fases).

A fase de teste busca, portanto, principalmente, investigar se a criança identifica um enunciado plural como fazendo referência a mais de um sujeito agentivo. Em especial, os enunciados que denotam plural são congruentes apenas com as imagens que apresentam mais de um sujeito praticando uma ação, ao passo que, ao ouvir um enunciado na forma singular, a criança pode tomar como adequada qualquer uma das imagens apresentadas, apontando, por exemplo, para um dos sujeitos em uma imagem com dois sujeitos agentivos. Uma imagem com duas crianças comendo doce é também semanticamente verdadeira para uma sentença como “A criança come doce”, uma vez que, em ambas as figuras, existe um indivíduo *x* tal que *x* é criança e *x* come doce.

As imagens abaixo ilustram *trials* da fase de teste (um com a estrutura V+NP – ex.: comer doce – e outro formado por V+DP – ex.: beijar o cachorro):

Figura 8: Exemplo de estímulo visual com estímulo linguístico do tipo V+NP



Figura 9: Exemplo de estímulo visual com estímulo linguístico do tipo V+DP



As respostas dos participantes eram anotadas nas fichas individuais no momento de aplicação do experimento para posteriormente análise. A atividade foi aplicada em cinco escolas da cidade de Juiz de Fora/MG, mediante a autorização prévia da direção das instituições e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁶⁹. A pesquisadora comparecia à escola em horário pré-agendado com a direção da instituição. Cada criança era convidada separadamente a participar de um jogo em uma sala reservada para a aplicação da tarefa.

6.1.3 Hipóteses

As crianças nas faixas etárias avaliadas identificam as formas verbais de 3ª pessoa, mesmo quando expostas a enunciados com sujeito nulo, e são capazes de mapear enunciados nas condições de singular e plural a imagens com um e mais de um sujeito agentivo, respectivamente. No entanto, quando a informação de número é reforçada pela marcação redundante no sujeito e no verbo a identificação do referente pode ser facilitada, já que o PB apresenta variação entre marcação redundante e não redundante da forma verbal na relação

⁶⁹O modelo do TCLE utilizado para a pesquisa experimental encontra-se nos anexos desta tese.

entre sujeito e verbo e que a redundância da informação morfofonológica de número em três elementos da sentença (D, N e V) ficaria mais evidenciada para a compreensão do enunciado.

Com base na literatura aqui discutida, assumimos também que as formas morfofonologicamente marcadas seriam mais facilmente interpretadas do que as formas com morfologia zero. Além disso, a faixa etária é um fator relevante no mapeamento entre informação gramatical de número e o conceito de numerosidade. Tendo em vista a literatura sociolinguística apresentada e os resultados encontrados na análise de produção espontânea desenvolvida nesta tese, assumimos que o fator grupo socioeconômico é também relevante para a compreensão da marcação morfofonológica de número.

6.1.4 Previsões

- Caso as crianças nas faixas etárias investigadas identifiquem as formas verbais de singular e de plural e sejam capazes de mapear a informação morfofonológica à noção de numerosidade, mesmo na condição de sujeito nulo, elas mapearão os enunciados a imagens contendo um sujeito na condição singular e mais de um sujeito na condição de plural;
- Embora sejam esperadas altas taxas de resposta-alvo tanto nas condições de sujeito nulo quanto de sujeito preenchido, sentenças com sujeito preenchido podem concentrar um número maior de respostas-alvo devido à redundância de informação morfofonológica apresentada em três elementos do enunciado (D, N e V), sendo, portanto, mais saliente e robusta do ponto de vista perceptual;
- Esperam-se maiores taxas de respostas-alvo nas condições de plural com estímulos linguísticos no presente e no pretérito imperfeito (condições morfofonologicamente marcadas) quando comparadas com as condições de singular (formas verbais com morfologia zero);
- Esperam-se taxas de respostas-alvo semelhantes nas condições de singular e plural com estímulos linguísticos no pretérito perfeito, uma vez que ambas as formas verbais são foneticamente mais salientes nesse tempo verbal;
- As crianças na faixa dos seis anos de idade apresentarão maiores taxas de respostas-alvo quando comparadas às crianças de cinco anos de idade;

- As crianças de escola privada apresentarão maiores taxas de respostas-alvo quando comparadas às crianças de escola pública, em função da diferença prevista quanto à frequência da marcação redundante de plural no *input* a que estão expostas.

6.1.5 Resultados

Os resultados serão apresentados em quatro subseções. Primeiramente, apresentaremos os resultados obtidos com o grupo de participantes adultos, tomado como grupo controle e testado apenas com os estímulos linguísticos contendo verbos no presente. Em seguida, apresentaremos os resultados dos grupos de seis anos de idade de dois grupos socioeconômicos distintos (escola pública X escola privada), testados também com os estímulos linguísticos no presente. Apresentaremos, ainda, os resultados obtidos com os grupos de crianças de cinco e de seis anos de idade testados com os estímulos linguísticos no pretérito perfeito. Para cada idade (5 e 6 anos), temos dois grupos socioeconômicos distintos (escola pública X escola privada). São apresentados também os resultados encontrados com dois grupos de crianças (5 e 6 anos) testados com o pretérito imperfeito em escola pública. Tecemos, por fim, a discussão dos resultados encontrados com a técnica de seleção de imagem *offline*.

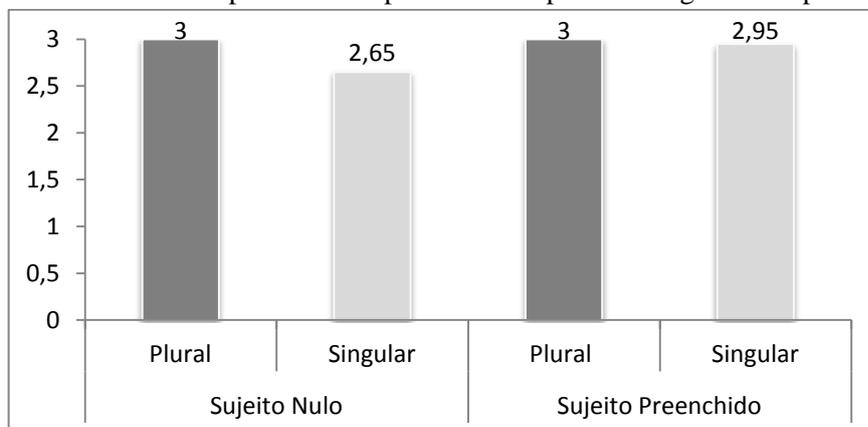
Os dados obtidos por meio da aplicação da atividade experimental, quando envolvendo variáveis independentes grupais, foram submetidos à análise da variância (ANOVA). Apesar de a variável dependente estabelecida para este experimento ser de natureza discreta (respostas-alvo) e não contínua, a ANOVA mostra-se relevante na discussão dos resultados pelo fato de possibilitar uma comparação mais global, incluindo todas as variáveis grupais manipuladas. Foram conduzidos também testes não paramétricos específicos em função da natureza dos dados. Os resultados desses testes serão reportados a seguir.

6.1.5.1 Grupo controle – Adultos

Primeiramente, o experimento proposto foi aplicado, com os estímulos linguísticos no presente, a um grupo de adultos com ensino superior completo. Tal grupo de participantes foi tomado como grupo controle, com vistas a verificar a compreensão da tarefa por falantes

adultos do PB. As médias de respostas-alvo em cada condição por esse grupo de participantes são apresentadas no gráfico abaixo:

Gráfico 32: Média de respostas dadas pelos adultos para as imagens-alvo por condição



Os dados obtidos foram submetidos a testes não paramétricos. O teste de *Friedman* apontou diferença significativa na comparação geral entre as médias das condições experimentais ($X^2(3)=15,632$, $p=.001$). Foi aplicado o teste de *Wilcoxon* para as análises entre pares, que não revelaram diferença estatisticamente significativa em nenhuma das comparações: sujeito preenchido singular X sujeito preenchido plural ($Z=-1,000^a$, $p=.31$); sujeito nulo plural X sujeito preenchido plural ($Z=,000^a$, $p=1.0$); sujeito nulo singular X sujeito preenchido plural ($Z=-2,333^a$, $p=.02$); sujeito nulo plural X sujeito preenchido singular ($Z=-1,000^a$, $p=.31$); sujeito nulo singular X sujeito preenchido singular ($Z=-2,121^a$, $p=.03$); sujeito nulo singular X sujeito nulo plural ($Z=-2,333^a$, $p=.02$)⁷⁰.

Esses resultados apontam para a identificação da marcação morfofonológica de plural, tanto na condição sujeito preenchido quanto na condição sujeito nulo, e para o mapeamento dos estímulos linguísticos no plural com as imagens “plurais” (100% de respostas-alvo). Dessa forma, a informação morfofonológica apenas no verbo parece ser suficientemente robusta para os adultos mapearem o estímulo ao conceito de “mais de um”. Deve-se destacar ainda que – como sugerido pelo efeito obtido no teste de *Friedman* – apesar de as altas taxas de respostas-alvo na condição singular (98% na condição sujeito preenchido e 88% na condição sujeito nulo), a condição sujeito nulo singular parece ter levado alguns participantes à escolha da imagem plural, já que as imagens plurais podem ser tomadas também como verdadeiras para sentenças singulares (onde há, por exemplo, duas crianças comendo doce,

⁷⁰Nas análises do teste de *Wilcoxon*, foi aplicada a correção de Bonferroni, que resultou em um nível de significância de $p<.008$. Portanto, nos resultados estatísticos obtidos a partir desse teste, um p-valor maior do que .008 não será tomado como estatisticamente significativo.

há, necessariamente, uma criança comendo doce). Acreditamos que o presente do indicativo, atrelado a não realização fonética do sujeito (ex.: *Come doce*), possa dificultar o mapeamento entre o enunciado e uma das imagens apresentadas, de modo que a imagem plural poderia ser tomada como uma opção adequada também na condição de estímulo linguístico no singular, como já proposto por Bláhová e Smolik (2014) no estudo com o tcheco.

Com o intuito de manter o experimento conduzido no PB o mais próximo possível dos estudos realizados em outras línguas e com vistas a investigar a compreensão de um morfema mínimo indicativo de plural (*come-m doce*) e da ausência desse morfema como indício de número singular (*come-Ø doce*), optamos inicialmente por aplicar o experimento com os estímulos linguísticos no presente com crianças de seis anos de idade. No entanto, como veremos à frente, diante dos resultados obtidos, uma nova variável (tempo verbal) foi introduzida ao estudo com o intuito de amenizar uma possível ambiguidade das imagens na condição singular. Desse modo, como já mencionamos, optamos por testar, numa segunda etapa, o pretérito perfeito.

6.1.5.2 Verbo no presente – Crianças de 6 anos, escolas pública e privada

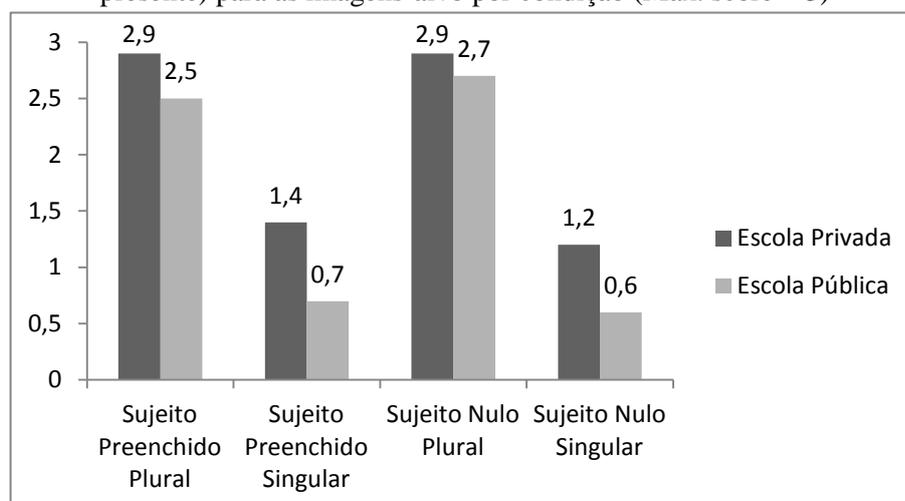
As médias de respostas-alvo em cada condição experimental encontradas com as crianças de 6 anos de idade são apresentadas na tabela abaixo e permitem uma comparação entre os dois grupos socioeconômicos (escola pública e escola privada):

Tabela 40: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) distribuídas por condição experimental em função do grupo socioeconômico (6 anos)

Grupo Socioeconômico	Sujeito Preenchido		Sujeito Nulo	
	Plural	Singular	Plural	Singular
Escola Privada	2,9	1,4	2,9	1,2
Escola Pública	2,5	0,7	2,7	0,6

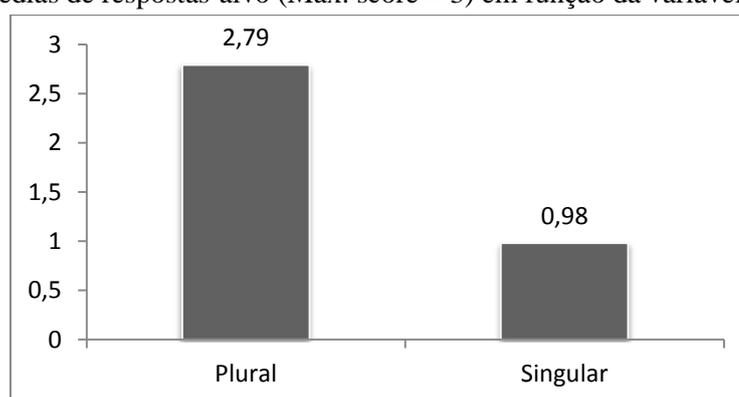
O gráfico abaixo auxilia na visualização dos dados:

Gráfico 33: Média de respostas dadas pelas crianças (escola pública X escola privada – 6 anos – presente) para as imagens-alvo por condição (Max. score = 3)



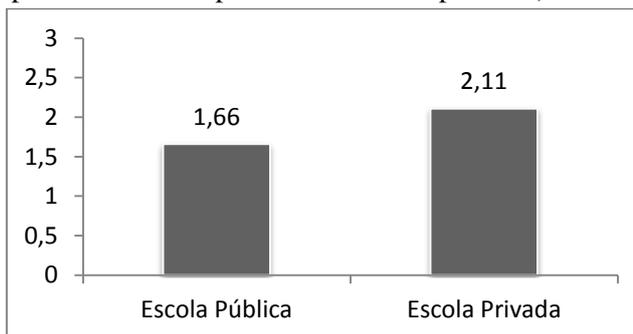
Os dados foram submetidos a uma análise da variância (ANOVA) com *design* fatorial 2 (grupo socioeconômico) X 2 (realização do sujeito) X 2 (número), em que *grupo socioeconômico* foi um fator grupal (*between subjects*) e *realização do sujeito* e *número* foram medidas repetidas (*within subjects*). Obtivemos efeito principal de *número* ($F(1,46)=137$, $p=.0001$), com médias de respostas-alvo significativamente maiores nas condições de número plural. O gráfico a seguir apresenta as médias de respostas-alvo nas condições singular e plural em ambos os grupos analisados.

Gráfico 34: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função da variável número



Foi obtido ainda um efeito principal de *grupo socioeconômico* ($F(1,46)=11,6$, $p=0.001$), com médias de respostas-alvo significativamente maiores no grupo de crianças que frequentam escola privada.

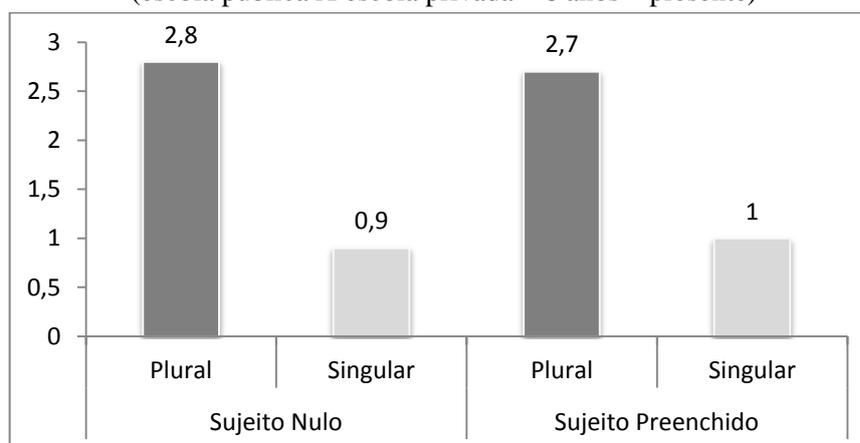
Gráfico 35: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função do grupo socioeconômico (escola pública X escola privada – 6 anos – presente)



Um efeito de interação entre *sujeito* e *número* também foi registrado ($F(1,46)=4.34$, $p=.043$), com médias maiores de respostas-alvo na condição de sujeito preenchido singular, se comparada à condição sujeito nulo singular. Nas condições de plural, para o grupo de escola privada, não há diferença nas médias da condição sujeito preenchido plural (2,92) e sujeito nulo plural (2,92), ao passo que o grupo de escola pública apresentou média maior de respostas-alvo na condição sujeito nulo plural (2,79), quando comparada à condição sujeito preenchido plural (2,54).

Tomadas em conjunto, as médias de respostas-alvo das crianças de seis anos de idade quando expostas aos estímulos linguísticos no presente do indicativo, indicam uma sutil vantagem para a condição sujeito nulo plural (2,8) em relação à condição sujeito preenchido plural (2,7), sugerindo que a informação morfofonológica apenas no verbo é suficientemente informativa para o mapeamento do enunciado a uma imagem com mais de um indivíduo praticando a ação expressa pelo verbo. Além disso, as condições no singular, por terem tido médias abaixo do nível da chance, parecem não serem mapeadas sistematicamente com uma das imagens, o que poderia ser influenciado pelo aspecto genérico no uso do presente do indicativo.

Gráfico 36: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função de realização de sujeito e número (escola pública X escola privada – 6 anos – presente)



Os dados de cada um dos dois grupos testados no tempo presente foram tratados estatisticamente também por meio de testes não paramétricos. Tanto no grupo escola pública quanto no grupo escola privada, o teste de *Friedman* apontou uma diferença estatisticamente significativa ($\chi^2(24) = 55.682, p=.001$ – escola pública e $\chi^2(24) = 48.018, p=.001$ – escola privada). Uma análise *post hoc* (teste de *Wilcoxon*) revelou diferenças estatisticamente significativas em função de *número*. Para a escola pública, as seguintes comparações mostraram-se significativas: sujeito preenchido singular X sujeito preenchido plural ($Z=-3.901^b, p=.001$); sujeito nulo singular X sujeito preenchido plural ($Z=-4.131^b, p=.001$); sujeito nulo plural X sujeito preenchido singular ($Z=-4.114^c, p=.001$); sujeito nulo singular X sujeito nulo plural ($Z=-4,355^b, p=.001$), em que as médias para as condições de plural são significativamente maiores, em comparação às condições de singular. Já para a escola privada, a análise estatística apresenta os seguintes valores estatisticamente significativos nas comparações referentes à variável *número*: sujeito preenchido singular X sujeito preenchido plural ($Z=-3.637^b, p=.001$); sujeito nulo singular X sujeito preenchido plural ($Z=-3.976^b, p=.001$); sujeito nulo plural X sujeito preenchido singular ($Z=-3.602^d, p=.001$); sujeito nulo singular X sujeito nulo plural ($Z=-3.976^b, p=.001$), com as médias significativamente maiores também para o plural.

No entanto, não há diferença estatisticamente significativa nas comparações em que as condições experimentais diferem apenas no tipo de *realização do sujeito*. Para a escola pública, os resultados estatísticos são: sujeito nulo plural X sujeito preenchido plural ($Z=-2.121^c, p=.034$) e sujeito nulo singular X sujeito preenchido singular ($Z=-.474^b, p=.635$). Para a escola privada, os seguintes resultados foram obtidos: sujeito nulo plural X sujeito

preenchido plural ($Z=.000^c$, $p=1.000$) e sujeito nulo singular X sujeito preenchido singular ($Z=-1,667^b$, $p=.096$).

Os resultados sugerem, portanto, que as crianças de seis anos de idade são sensíveis à marcação morfofonológica de plural, tanto quando a informação é apresentada de maneira redundante no sujeito e no verbo, quanto na condição de marcação apenas no verbo (sujeito nulo). Nesse sentido, o tipo de realização do sujeito parece não interferir na interpretação do enunciado, uma vez que não houve efeito principal de *realização do sujeito*.

Além disso, o conceito de numerosidade parece ser mais evidente na condição plural, já que houve efeito principal de *número*, com maior número de respostas-alvo nas condições experimentais de número plural, o que vai ao encontro das nossas previsões, baseadas nos estudos realizados no inglês (JOHNSON et al., 2005) e no espanhol (PÉREZ-LEROUX, 2005), que apontam para um melhor desempenho das crianças nas condições em que a forma verbal é morfofonologicamente marcadas em comparação com as condições em que a forma verbal apresenta morfema zero. Por outro lado, quando as crianças ouviram sentenças no singular, houve um grande número de respostas para a imagem plural. As crianças da escola pública, na condição sujeito preenchido, tiveram uma média de respostas-alvo de 0.7, ao passo que, na condição sujeito nulo, a média é de 0.6. Já as crianças da escola privada, mesmo apresentando médias mais altas de respostas-alvo nas condições de singular, tiveram uma média de 1.4 na condição de sujeito preenchido e de 1.2 na condição de sujeito nulo. Os dados podem apontar para uma interpretação genérica dos enunciados no presente do indicativo, principalmente, na condição sujeito nulo (ex.: *Come doce*), haja vista a menor taxa de escolha, nessa condição, para a imagem-alvo (imagem singular) e a taxa de escolha (apesar de pequena) também observada no grupo dos adultos para a imagem plural quando ouviam um enunciado no singular. As médias, portanto, próximas ao nível da chance nas condições de singular parecem sugerir a adequação de ambas as imagens para o mapeamento com as sentenças singulares, haja vista a condição de verdade encontrada nas sentenças no singular, como já mencionado.

A comparação entre os dois grupos socioeconômicos a partir das médias de resposta para a imagem-alvo, ao se mostrar estatisticamente significativa, sugere também uma diferença no desempenho das crianças em função do grupo socioeconômico a que pertencem. As crianças provenientes de escola privada apresentam médias maiores de respostas-alvo em todas as condições experimentais. Se efetivamente as crianças estão expostas a variedades

distintas da língua, a frequência com que ouvem a marcação redundante de número pode ser uma possível explicação para a diferença de desempenho entre os grupos socioeconômicos testados.

Diante, portanto, dos resultados encontrados com os estímulos no presente, principalmente, no que se refere ao desempenho das crianças nas condições de enunciados no singular, optamos por testar, com os estímulos linguísticos no pretérito perfeito do indicativo, tanto crianças de cinco, quanto crianças de seis anos, com o intuito de amenizar uma possível leitura genérica dos enunciados. Os resultados são apresentados a seguir.

6.1.5.3 Verbo no pretérito perfeito – Crianças de 5 anos e de 6 anos, escolas pública e privada

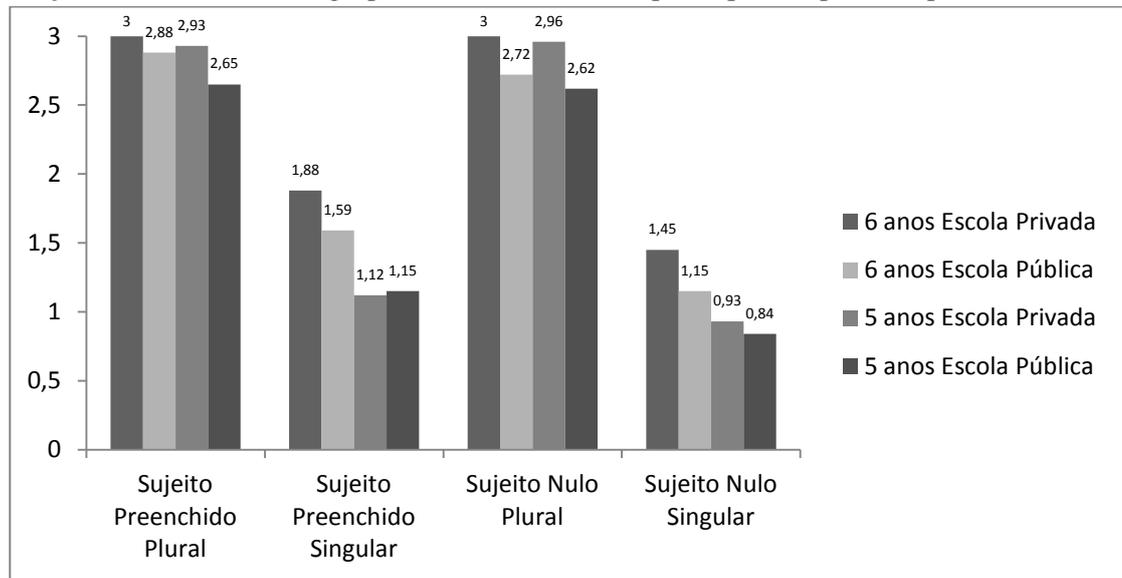
A comparação, apresentada na tabela abaixo, entre as médias de respostas-alvo (*max. score* = 3) em cada condição experimental por crianças de cinco e de seis anos de idade provenientes de grupos socioeconômicos distintos permite uma visão geral dos dados:

Tabela 41: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) distribuídas por condição experimental em função da faixa etária e do grupo socioeconômico dos participantes (pretérito perfeito)

Idade dos Participantes	Sujeito Preenchido				Sujeito Nulo			
	Plural		Singular		Plural		Singular	
	Escola Pública	Escola Privada	Escola Pública	Escola Privada	Escola Pública	Escola Privada	Escola Pública	Escola Privada
6 anos	2,8	3,0	1,5	1,8	2,7	3,0	1,1	1,4
5 anos	2,6	2,9	1,1	1,1	2,6	2,9	0,8	0,9

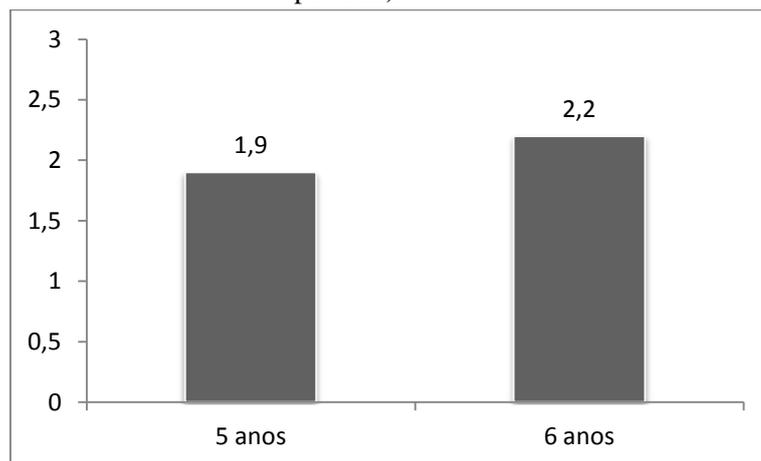
Os dados estão dispostos ainda no gráfico abaixo:

Gráfico 37: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) distribuídas por condição experimental em função da faixa etária e do grupo socioeconômico dos participantes (pretérito perfeito)



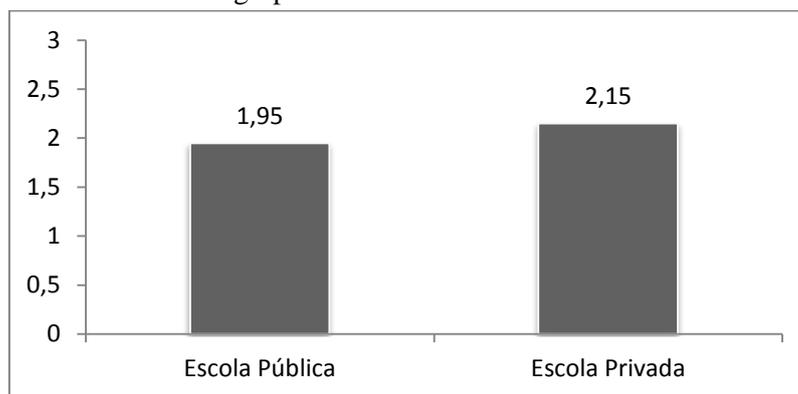
Uma análise de variância (ANOVA) com *design* fatorial 2 (*grupo socioeconômico*) X 2 (*faixa etária*) X 2 (*sujeito*) X 2 (*número*), em que *grupo socioeconômico* e *faixa etária* são fatores grupais (*between subjects*) e *sujeito* e *número* são medidas repetidas (*within subjects*), foi conduzida com o número de respostas-alvo. Obtivemos efeito principal de *faixa etária* ($F(1, 151) = 14.155, p < .001$), com médias significativamente maiores para o grupo com idade de seis anos.

Gráfico 38: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função da variável faixa etária (pretérito perfeito)



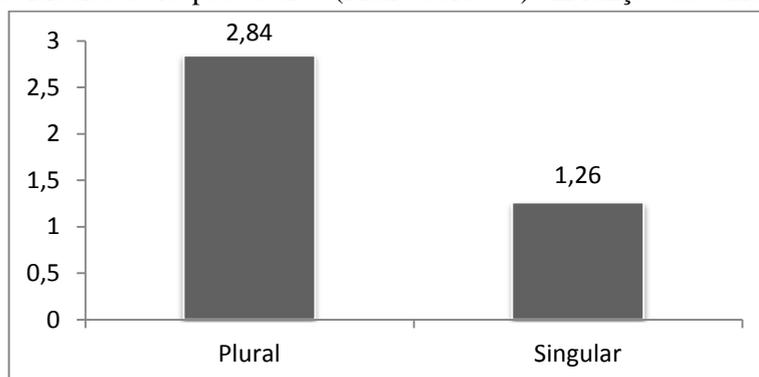
Foi obtido, ainda, um efeito principal de *grupo socioeconômico* ($F(1,151) = 6.512, p = .012$), com médias significativamente maiores no grupo de crianças que frequentam escola privada.

Gráfico 39: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função da variável grupo socioeconômico



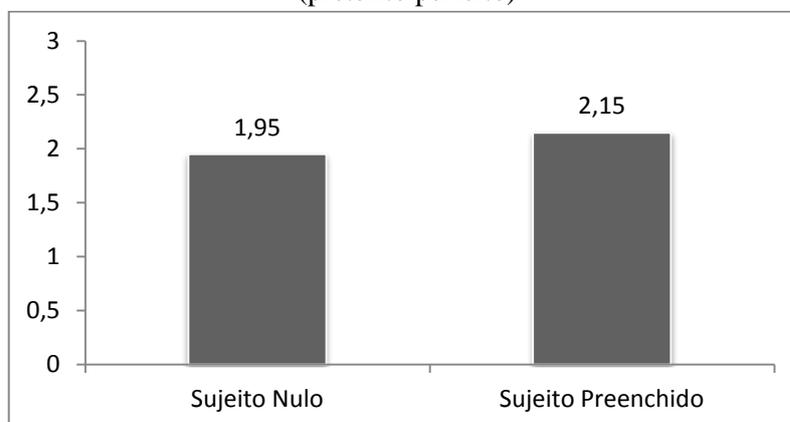
Foi obtido também um efeito principal de *número* ($F(1, 151) = 330.398, p < .001$), com médias significativamente maiores para as condições de plural.

Gráfico 40: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função da variável número



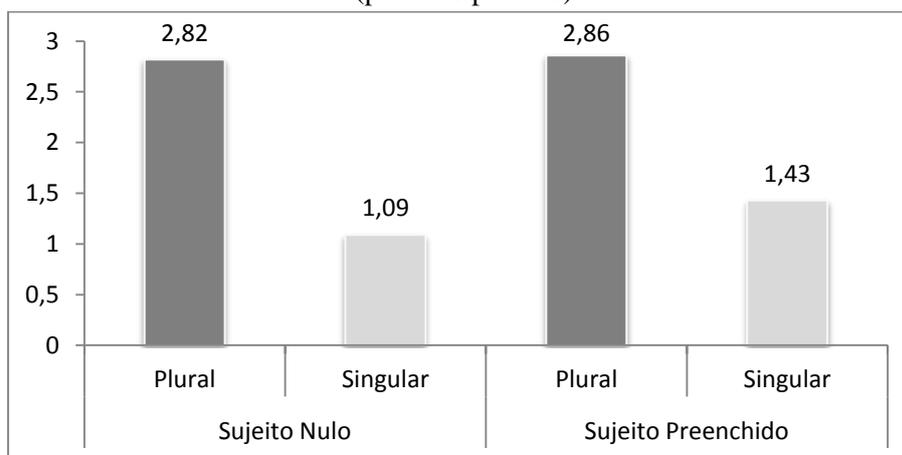
Foi obtido também um efeito principal de *sujeito* ($F(1, 151) = 21.353, p < .001$), com médias significativamente maiores para as condições de sujeito preenchido.

Gráfico 41: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função da variável sujeito (pretérito perfeito)



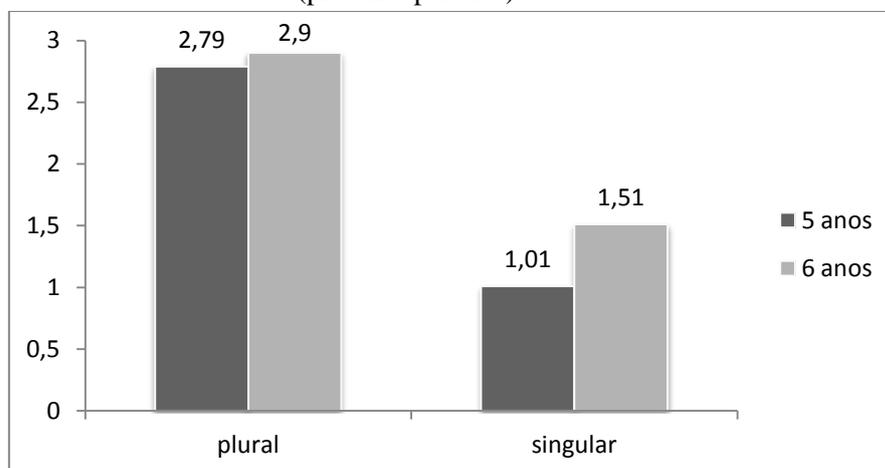
Um efeito de interação entre *realização do sujeito X número* ($F(1, 151) = 12.022$, $p=.001$) também foi registrado. Nas condições de plural, a realização do sujeito parece não influenciar de maneira significativa as médias de respostas-alvo dos participantes. Já nas condições de singular, verifica-se maior média de respostas-alvo para a condição de sujeito preenchido, ao passo que um menor número de respostas-alvo foi registrado na condição sujeito nulo singular.

Gráfico 42: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função das variáveis realização do sujeito e número (pretérito perfeito)



As variáveis *número e faixa etária* também revelaram um efeito de interação ($F(1, 151) = 5.303$, $p=.02$), indicando que as crianças de 6 anos, apesar de apresentarem melhor performance em ambas as condições (singular e plural), mapeiam com maior frequência as condições no singular com as imagens nas quais apenas um indivíduo pratica a ação expressa pelo verbo.

Gráfico 43: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função das variáveis número e faixa etária (pretérito perfeito)



Como parte das análises estatísticas, foram conduzidos também testes não paramétricos nos grupos socioeconômicos de cada faixa etária separadamente. Tanto no grupo de 5 quanto no de 6 anos de idade, em ambos os grupos socioeconômicos, houve diferenças estatisticamente significativas na comparação entre as condições experimentais a partir do teste de *Friedman*: $\chi^2(32)=58.981$, $p=.001$ (5 anos, escola pública), $\chi^2(32)=76.444$, $p=.001$ (5 anos, escola privada), $\chi^2(44)=77.850$, $p=.000$ (6 anos, escola pública) e $\chi^2(44)=76.445$, $p=.001$ (6 anos, escola privada). Uma análise *post hoc* por meio do teste de *Wilcoxon* revelou diferenças estatisticamente significativas, nas duas faixas etárias, na comparação de pares de condições que diferem quanto a *número* ($p=.000$) tanto nos grupos de crianças que frequentam escola pública quanto nos grupos que frequentam escola privada. Nos grupos de 5 anos (escola pública e escola privada), a *realização do sujeito* não se mostra estatisticamente significativa. Já no grupo de 6 anos, houve resultado estatisticamente significativo na comparação entre as condições *sujeito nulo singular X sujeito preenchido singular* no grupo de escola privada ($Z=-3.189^b$, $p=.001$), com média maior para a condição de preenchimento do sujeito.

Em geral, os resultados com enunciados no pretérito perfeito sugerem, assim como os resultados encontrados com enunciados no presente do indicativo, que a informação de plural é robusta o suficiente para o mapeamento das sentenças a imagens com mais de um indivíduo praticando a ação expressa pelo verbo, mesmo quando a informação morfofonológica é apresentada apenas na forma verbal (condição de sujeito nulo). Por outro lado, apesar de o pretérito perfeito ser mais referencial por proporcionar uma leitura episódica da sentença, conforme discutido por Lunguinho e Medeiros Júnior (2009) (ver capítulo 2, seção 2.3 deste trabalho), as condições no singular não foram sistematicamente mapeadas às imagens com apenas um indivíduo praticando a ação expressa pelo verbo. Embora a possível adequação de ambas as imagens apresentadas na tarefa seja uma explicação considerada, o fato de que no PB verbos com morfologia singular não se relacionam de forma categórica a sujeitos singulares, como no caso de concordância verbal não redundante, é um fator que pode ter afetado o desempenho das crianças. Cabe destacar, no entanto, que os resultados encontrados com os enunciados no pretérito perfeito indicam uma melhora na *performance* das crianças nas condições de singular, ainda que os resultados permaneçam distantes dos encontrados nas condições de plural.

Com vistas a reforçar uma leitura mais referencial dos enunciados que pudesse favorecer a interpretação de singular como “apenas um” e, ao mesmo tempo, manter uma

diferença morfofonológica mínima entre as formas verbais no singular e no plural, foram testadas sentenças com verbos flexionados no pretérito imperfeito (*comia-m doce* x *comia-Ø doce*). Os resultados são apresentados a seguir.

6.1.5.4 Verbo no pretérito imperfeito – Crianças de 5 anos e de 6 anos, escola pública

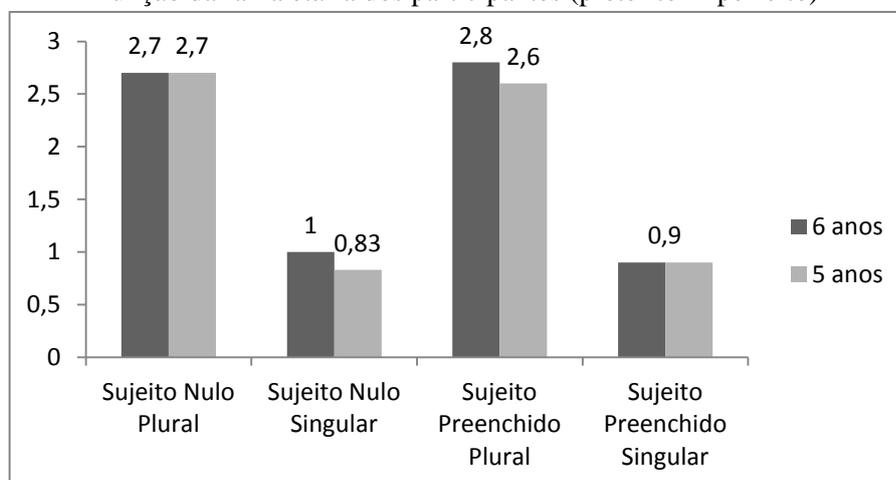
As médias de respostas-alvo em cada condição experimental estão dispostas na tabela abaixo e permitem uma visão geral da comparação entre idades (5 e 6 anos):

Tabela 42: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) distribuídas por condição experimental em função da faixa etária dos participantes (pretérito imperfeito)

Idade dos Participantes	Sujeito Preenchido		Sujeito Nulo	
	Plural	Singular	Plural	Singular
6 anos	2,8	0,9	2,7	1,0
5 anos	2,6	0,9	2,7	0,8

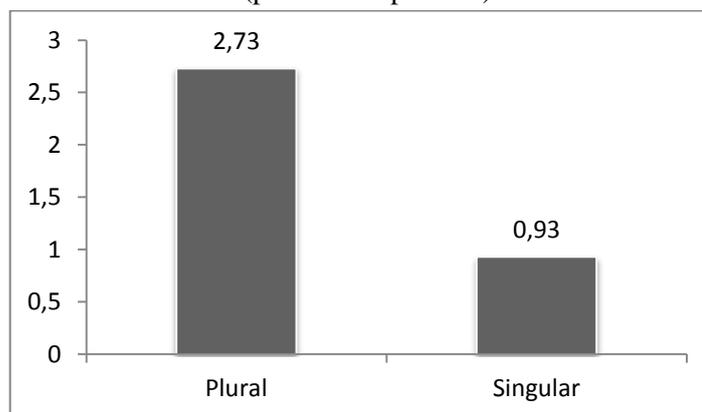
O gráfico abaixo apresenta as médias de ambos os grupos:

Gráfico 44: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) distribuídas por condição experimental em função da faixa etária dos participantes (pretérito imperfeito)



Os dados foram submetidos a uma análise da variância (ANOVA) com *design* fatorial 2 (faixa etária) X 2 (realização do sujeito) X 2 (número), em que *faixa etária* foi um fator grupal (*between subjects*) e *realização do sujeito* e *número* foram medidas repetidas (*within subjects*). Obtivemos efeito principal estatisticamente significativo de *número* ($F(1,46) = 169$, $p < .001$), com médias de respostas-alvo significativamente maiores nas condições de número plural. O gráfico a seguir apresenta as médias de respostas-alvo obtidas nas condições singular e plural:

Gráfico 45: Médias de respostas-alvo (Max. score = 3) em função da variável número (pretérito imperfeito)



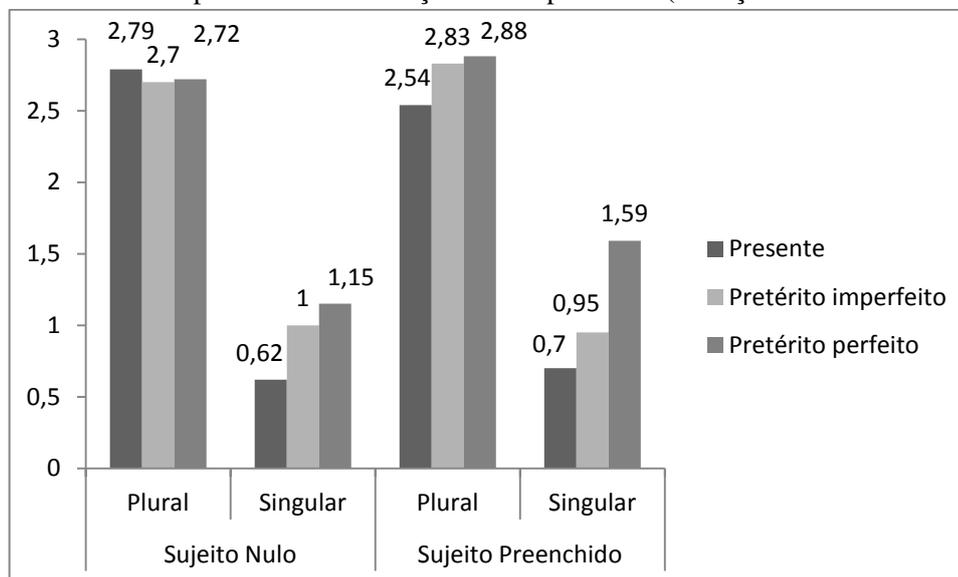
Os demais fatores, tais como *realização do sujeito* ($F(1,46) = 0,107$, $p < 0,74$) e *faixa etária* ($F(1,46) = 0,391$, $p < 0,53$), não se mostraram estatisticamente significativos, sugerindo que o desempenho de crianças de 5 e 6 anos de idade de um mesmo grupo socioeconômico (escola pública) foi bastante semelhante quando testadas com os enunciados no pretérito imperfeito. Mesmo quando comparadas condições nas quais a distinção entre as formas verbais era menos saliente (presente e pretérito imperfeito), a marcação morfofonológica de plural é identificada e mapeada com a noção de pluralidade. Por outro lado, as condições no singular não são mapeadas de forma sistemática à noção de “um agente”.

Os dados foram submetidos a testes não-paramétricos. Houve diferenças estatisticamente significativas na comparação entre as condições experimentais a partir do teste de *Friedman*: $\chi^2(24) = 43,325$, $p = .000$ (6 anos) e $\chi^2(24) = 53,524$, $p = .000$ (5 anos). Uma análise *post hoc* por meio do teste de *Wilcoxon* revelou diferenças estatisticamente significativas, nas duas faixas etárias, na comparação de pares de condições que diferem quanto a *número* ($p = .000$). Por outro lado, as comparações de pares de condições que diferem apenas quanto ao tipo de realização do sujeito (nulo ou preenchido) não se revelaram estatisticamente significativas.

Houve melhor desempenho na condição singular no pretérito imperfeito quando comparados os grupos de 6 anos de idade provenientes de escola pública em relação ao presente, ao passo que, quando comparado aos resultados com o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito parece ser menos referencial. Nesse sentido, o pretérito imperfeito parece ser mais referencial do que o presente e menos referencial que o pretérito perfeito – tempo verbal que registrou maior número de respostas-alvo na condição singular. Uma comparação entre as

médias de respostas-alvo por grupos de crianças de 6 anos de idade de escola pública testado permite uma visualização geral acerca da referencialidade em função do tempo verbal testado:

Gráfico 46: Médias de respostas-alvo em função do tempo verbal (crianças de 6 anos – escola pública)



Principalmente nas condições de singular, é possível notar que as médias de respostas-alvo crescem em função do tempo verbal (presente > pretérito imperfeito > pretérito perfeito). A seguir, tecemos as discussões sobre os resultados da tarefa de seleção de imagem *offline* quando tomados em conjunto.

6.1.6 Discussão dos resultados – tarefa *offline*

Os resultados obtidos pelo grupo controle de adultos sugerem que falantes do PB com alto nível de escolaridade identificam e interpretam a marcação morfofonológica de plural, tanto quando há preenchimento da posição de sujeito com um DP, quanto quando o sujeito é nulo. Nesse sentido, a informação morfofonológica apenas no verbo mostrou-se suficientemente robusta para a interpretação do enunciado pelos adultos avaliados. Apesar de não ter havido diferença estatisticamente significativa, o desempenho dos participantes nas condições experimentais no singular parece apontar para a possibilidade de adequação de ambas as imagens apresentadas nas condições de singular e possível influência do tempo verbal (presente do indicativo) por parte dos adultos (8 de 120 ocorrências no singular, sendo 07 delas da condição sujeito nulo, como em “Beija o cachorro” e “Pula corda”). Tal comportamento foi recorrente nos grupos de crianças.

Conforme discutido anteriormente, com as crianças de seis anos de idade testadas com os estímulos linguísticos no presente, as sentenças com verbo no plural concentraram um número significativamente maior de respostas-alvo quando comparadas com as condições singulares. No entanto, houve também um efeito de interação entre *realização do sujeito* e *número*, sendo que, nas condições de singular, a presença do sujeito preenchido parece facilitar a execução da tarefa, isto é, o preenchimento do sujeito por meio de um DP (*A criança*) parece auxiliar em uma interpretação mais referencial da sentença. Por outro lado, a condição sujeito nulo favoreceria uma leitura menos referencial. Outro fator que poderia influenciar os resultados abaixo do nível da chance na condição singular seria o tempo verbal testado – presente do indicativo –, uma vez que, no PB, há uma forte tendência ao uso do presente contínuo para a descrição de ações que estão em progresso no ato da enunciação (ex.: *estão comendo* no lugar de *comem*). Deve-se ressaltar, porém, que houve baixa taxa de respostas-alvo para a condição singular também com o pretérito imperfeito. Tal resultado parece ir ao encontro do que foi apontado na literatura acerca do melhor desempenho das crianças nas condições em que a forma verbal apresenta um morfema explícito de número em relação à forma verbal com morfema zero. Já as condições com marcação de número plural, tanto com sujeito preenchido, quanto com sujeito nulo, parecem ser mais facilmente interpretadas. Nesse sentido, os enunciados no plural parecem ser compreendidos de forma mais sistemática como fazendo referência a mais de um sujeito, enquanto os enunciados no singular mostram-se menos referenciais na tarefa aplicada.

Cabe destacar que foi registrado, ainda, um efeito de *grupo socioeconômico*, com maiores médias de respostas-alvo por crianças que frequentam escola privada em todas as condições avaliadas. Partindo do pressuposto de que as crianças que frequentam escolas públicas e privadas são expostas a variedades potencialmente distintas da língua e que a marcação morfofonológica de plural no presente do indicativo mostra-se menos saliente e, portanto, mais propensa a ser omitida na produção linguística do falante, as crianças da escola pública estariam menos expostas à marcação morfofonológica redundante de número, o que poderia explicar a diferença de desempenho entre os dois grupos na tarefa.

Embora o desempenho geral nas condições de singular tenha melhorado com a alteração do tempo verbal (do presente para o pretérito perfeito do indicativo), os resultados obtidos para os estímulos linguísticos no pretérito perfeito também indicam maiores médias de resposta-alvo para as condições de número plural. Além disso, o efeito de interação estatisticamente significativo entre as variáveis *realização do sujeito* e *número* aponta

novamente para um melhor desempenho das crianças nas condições de sujeito preenchido, principalmente quando se trata da condição de singular, como já discutido.

A faixa etária dos participantes também foi um fator relevante na comparação entre os grupos testados com os estímulos no pretérito do indicativo, indicando maiores médias de respostas-alvo pelas crianças com idade de seis anos. Tal resultado vai ao encontro do que foi reportado pelos estudos em outras línguas, discutidos neste trabalho (ver capítulo 3, subseção 3.4.3). Nos estudos realizados com o inglês e o espanhol, por exemplo, as crianças com idades entre cinco e seis anos apresentaram melhor desempenho em tarefa de compreensão se comparadas às crianças de três e quatro anos, com melhor desempenho proporcional à idade. Os resultados no PB sugerem, portanto, que há um desenvolvimento no mapeamento entre a marcação morfofonológica de número e a noção de numerosidade em função da faixa etária dos participantes mesmo quando considerados grupos de participantes com idades próximas (5 e 6 anos).

A aplicação da tarefa com três tempos verbais distintos indica que as condições no plural são mapeadas, de maneira sistemática, a imagens com mais de um agente, mesmo quando as formas de singular e plural mostram-se menos salientes do ponto de vista perceptual. Deve-se ponderar, ainda, que a interpretação de singular como indicativo de apenas um agente não é sistemática com enunciados de nenhum dos tempos verbais testados (ficando abaixo ou próximo do nível da chance em todas as condições avaliadas), apesar de as crianças apresentarem desempenhos melhores com enunciados no pretérito perfeito – tempo que proporcionaria uma leitura mais episódica da sentença, conforme discutido por Lunguinho e Medeiros Júnior (2009).

Tomados em conjunto, os resultados sugerem, portanto, a identificação da marcação morfofonológica de plural tanto por adultos quanto por crianças, de cinco e de seis anos, de grupos socioeconômicos distintos, inclusive quando a informação morfofonológica de número é disponibilizada apenas no verbo. Além disso, as crianças (e também adultos, em menor escala) parecem não interpretar de maneira sistemática os enunciados no singular como fazendo referência à noção de “um”, mesmo quando o tempo verbal favorece uma leitura mais referencial da sentença. Cabe ressaltar que a interpretação dos enunciados no singular, em geral, não foi discutida nas pesquisas conduzidas em outras línguas (PÉREZ-LEROUX, 2005; LEGENDRE et al., 2010). Apenas em Bláhová e Smolík (2014) há uma pequena discussão acerca dos resultados encontrados na condição singular. No tcheco, em que ambas

as formas verbais de singular e de plural apresentam marcação morfofonológica explícita, houve também melhor desempenho nas condições de plural. Segundo os autores, tanto a figura singular quanto a figura plural seriam respostas adequadas na condição singular, haja vista a condição de verdade de que onde há mais de um indivíduo praticando uma ação, há necessariamente um indivíduo praticando essa ação. Dessa forma, a tarefa de seleção de imagem, tal qual desenvolvida no estudo, presumiria uma interpretação pragmática de que a escolha por uma das imagens deveria recair sobre a “mais adequada”. Fora essa reflexão sobre o tcheco, nas pesquisas anteriores, de modo geral, as discussões se concentram na marcação morfofonológica de número, apenas analisando as respostas para a condição plural. De qualquer modo, destacamos que, no experimento aqui reportado, nas condições de número plural, há uma sistematicidade de escolhas pela imagem-alvo não observada nas condições de número singular, cujos resultados (médias de respostas-alvo) ficam próximos ou abaixo do nível da chance, o que parece sugerir a identificação e a compreensão da marcação morfofonológica de plural, que seria tomada como informação robusta para a escolha por imagens com “mais de um sujeito” praticando a ação verbal.

Vale ressaltar, ainda, que, em comparação com o estudo desenvolvido por Pérez-Leroux (2005) em espanhol – em uma variedade da língua em que a marcação morfofonológica de número no verbo é consistente – podemos dizer que os resultados encontrados com as crianças brasileiras para o plural não divergem dos encontrados com as crianças adquirindo o espanhol. Pelo contrário, considerando que a tarefa desenvolvida neste estudo foi similar à aplicada por Pérez-Leroux (2005) no que se refere às condições experimentais, à natureza das imagens apresentadas e à metodologia empregada, os resultados encontrados por nosso estudo nas condições de plural sugerem melhor desempenho na compreensão de numerosidade, tanto nas condições de sujeito preenchido quanto nas sentenças de sujeito nulo. Já na condição singular, também as crianças falantes de espanhol tiveram resultados próximos ao nível da chance, principalmente na condição de sujeito nulo, sugerindo que, conforme sugerido por Blahová e Smolik (2014), há possíveis explicações semânticas e de interpretação pragmática na resolução da tarefa para a não correspondência sistemática entre um enunciado no singular e uma imagem contendo apenas um agente. A tabela abaixo apresenta os percentuais de respostas-alvo nas duas línguas quando comparados os resultados encontrados no espanhol e no PB com os estímulos linguísticos no presente do indicativo:

Tabela 43: Comparação dos estudos realizados em espanhol e no PB a partir do percentual de respostas-alvo em cada condição

Língua falada pelos participantes	Sujeito Nulo Singular	Sujeito Nulo Plural	Sujeito Preenchido Singular	Sujeito Preenchido Plural
	%	%	%	%
Espanhol	50	67	67	79
PB	30	92	35	90

Dessa forma, os resultados obtidos no PB sugerem que, nas faixas etárias testadas, a variação no *input* recebido pelas crianças não interfere na compreensão dos enunciados nas condições de plural, sendo os resultados compatíveis aos encontrados em línguas nas quais a marcação morfofonológica no verbo é categórica. A diferença, no entanto, no desempenho dos grupos de 5 e de 6 anos de idade, os resultados estatisticamente significativos na comparação entre dois grupos socioeconômicos distintos e a relevância do fator realização do sujeito na condição singular são pontos que se mostram compatíveis com a influência de fatores linguísticos e sociais no desempenho da tarefa.

Com o intuito de averiguar se o mapeamento dos enunciados no singular a uma das duas imagens apresentadas seria mais custoso do que o das condições de plural, tal como sugerem os resultados apresentados a partir das médias de repostas-alvo na tarefa *offline*, foram feitas adaptações na tarefa de seleção de imagem. A atividade foi reaplicada com a técnica de seleção de imagem *online*, na qual, além do registro da imagem escolhida em cada *trial*, houve o registro do tempo de reação do participante entre o final da sentença apresentada e a tomada de decisão por uma das duas imagens.

Consideramos que os dados de tempo de reação podem ser informativos quanto ao mapeamento dos enunciados no singular às imagens apresentadas. Os dados do experimento *offline* sugerem que, no PB, as crianças tratam enunciados no singular como verdadeiros para ambas as imagens. Diferentemente dos adultos, as crianças parecem não associar um enunciado no singular como fazendo referência a apenas um indivíduo. Podemos supor que, além da condição de verdade já discutida, a informação de número não é confiável na forma verbal do singular (ex.: Pula corda, podendo fazer referência a “eles pula-Ø corda” ou “As criança-Ø pula-Ø corda), devido à flexão verbal variável em contextos de plural. Além disso, possíveis limitações da metodologia empregada podem ser cogitadas. Espera-se, portanto, que o tempo de reação para a escolha de uma das imagens nas condições de singular seja mais alto do que o verificado nas condições plurais, uma vez que, quando há a presença da marcação morfofonológica de plural, a interpretação parece ser consistente como fazendo referência a

mais de um indivíduo. Uma diferença, portanto, na média de tempos de reação entre as condições singular e plural poderia apontar para uma diferença na interpretação do conceito de numerosidade, indicando que, embora seja variável no PB, a presença da marcação morfofonológica de plural é confiável para a interpretação do enunciado, ao passo que enunciados no singular poderiam ser associados a ambas as imagens. Além disso, tempos menores para respostas na condição sujeito preenchido sugeririam que a marcação redundante de número no DP e no V facilita o mapeamento da sentença a uma das imagens, em um contexto de enfraquecimento da realização da concordância verbal na língua.

Visto que as crianças de seis anos tiveram melhor desempenho na tarefa *offline* se comparadas às crianças de cinco anos, optamos por iniciar a aplicação da tarefa *online* com um novo grupo de crianças dessa idade escolar. Buscou-se verificar também em que idade as crianças apresentariam desempenho mais próximo do verificado com o grupo adulto. Dessa forma, um grupo de crianças mais velhas (na faixa dos 10 anos de idade) também foi testado. Tendo em vista, ainda, que o grupo socioeconômico de crianças que frequentam escola privada apresentou taxas de resposta-alvo superiores em relação ao grupo de crianças de escola pública no experimento 1 e que o objetivo do experimento 2 é verificar um desenvolvimento em direção ao comportamento adulto, apenas crianças de escola pública participaram do experimento *online*. A tarefa é apresentada a seguir, bem como os resultados encontrados.

6.2 Experimento 2: Seleção de imagem *online*

6.2.1 Método

6.2.1.1 *Participantes*

Tendo em vista os resultados encontrados no experimento 1, buscamos verificar em que idade as crianças passariam a apresentar um desempenho na tarefa semelhante ao desempenho dos adultos e se o mapeamento entre os estímulos linguísticos e visuais nas condições de singular seria mais custoso do que nas condições plurais para diferentes faixas etárias das crianças e também para os adultos. Nesse sentido, iniciamos esse experimento com um novo grupo de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, já que foi o grupo da faixa etária que apresentou melhor desempenho na tarefa *offline*, e, posteriormente, avaliamos o desempenho de crianças mais velhas (do 4º ano do Ensino Fundamental).

Participaram do experimento de seleção de imagem *online* (com o registro de tempo de reação), realizado apenas com as formas verbais no pretérito perfeito (em função dos resultados obtidos no Experimento 1), um total de 32 crianças, divididas em dois grupos em função da faixa etária: um grupo de 16 participantes do 1º ano do Ensino Fundamental com média de idade de 6 anos (08 meninas e 08 meninos) e outro grupo de 16 participantes do 4º ano do Ensino Fundamental com idade média de 10 anos (08 meninas e 08 meninos)⁷¹. O experimento foi aplicado apenas em escola pública da cidade de Juiz de Fora/MG, já que as crianças desse grupo socioeconômico apresentaram taxas de respostas-alvo inferiores em todas as condições testadas no experimento 1 e que o objetivo deste experimento era o de verificar um possível desenvolvimento no mapeamento entre marcação morfofonológica de número no verbo e seu conceito de numerosidade em direção ao desempenho verificado no grupo de adultos.

Um grupo controle constituído por 20 estudantes universitários de diferentes cursos da UFJF, com idades entre 18 e 25 anos (média de 20 anos), também foi testado. Do total de participantes, 16 são do sexo feminino e 04 do sexo masculino.

Tabela 44: Participantes do experimento de seleção de imagem *online*

Crianças	
1º ano do Ensino Fundamental (6 anos)	4º ano do Ensino Fundamental (10 anos)
Escola Pública	Escola Pública
16	16
Adultos	
20	

Cada grupo de participantes foi dividido em quatro listas, por meio da distribuição em quadrado latino, da mesma maneira realizada anteriormente com o experimento *offline*.

6.2.1.2 Materiais

Foram utilizadas as mesmas pranchas de desenho e os mesmos estímulos linguísticos (tanto estímulos-teste quanto distratores) apresentados no experimento *offline*. Para a

⁷¹O experimento de seleção de imagem *online* foi aplicado em uma escola pública com alunos do 1º ano e do 4º ano do Ensino Fundamental. Como esta etapa da pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2017, 02 alunos do 1º ano do Ensino Fundamental haviam completado 7 anos de idade, aumentando, assim, a média de idade dos participantes em relação ao experimento 1. Dos 16 alunos do 4º ano, 11 haviam completado 10 anos e 05 tinham 9 anos na data de aplicação da tarefa. Para fins descritivos do experimento, manteremos a média de idade arredondada da maioria das crianças de cada série escolar, a saber: 6 anos para o 1º ano e 10 anos para o 4º ano.

aplicação da atividade com a técnica de seleção de imagem *online*, no entanto, a tarefa foi programada no *software Psyscope* e apresentada em um laptop *MacBook Air*. As sentenças foram previamente gravadas pela pesquisadora, editadas no que se refere a tamanho e volume no *software Praat* e apresentadas automaticamente pelo *Psyscope*, diferentemente do experimento 1 no qual as frases eram produzidas pela pesquisadora em cada *trial* e aplicação, o que poderia gerar, mesmo que involuntariamente, diferenças de pronúncia e entonação na produção de um mesmo estímulo linguístico em aplicações diferentes da tarefa. Para selecionar a imagem escolhida, após ouvir a sentença em um fone de ouvido (fone AKG – modelo K 271 MK II *Closed-Back Studio Headphones*), o participante deveria apertar uma das três teclas indicadas no teclado do computador: uma tecla do lado esquerdo (indicada por uma seta em direção à imagem que aparecia do lado esquerdo da tela); uma tecla do lado direito (indicada com uma seta em direção à imagem que aparecia do lado direito da tela) ou uma tecla central (indicada com um ponto de interrogação), em caso de dúvidas na escolha da imagem. Cabe destacar que, diferente do Experimento 1, neste caso o participante tinha a possibilidade de não escolher nenhuma das imagens, respondendo “não sei”. O *software Psyscope* registra a escolha do participante, ou seja, a tecla pressionada, e o tempo de reação em milésimos de segundo entre o fim do áudio e o clique em uma das três opções de teclas disponíveis. Quando o participante clica em uma das teclas, selecionando uma das imagens apresentadas ou indicando que teve dúvidas quanto à escolha por uma das imagens, um novo estímulo linguístico é iniciado.

Outra diferença metodológica da versão *online* da tarefa em relação à versão *offline* é a de que o *software Psyscope* possibilita que primeiramente seja apresentado o estímulo linguístico (o enunciado é apresentado quando a tela do computador ainda está em branco) e, após o fim do enunciado, os estímulos visuais são apresentados. Em outras palavras, primeiramente o participante ouve a sentença completa para depois (imediatamente após a sentença) ter acesso às imagens. Nesse sentido, espera-se que o participante – ao visualizar as imagens – já tenha chegado a uma interpretação da sentença que acabara de ouvir e faça a escolha da imagem em função de tal interpretação. Já na versão *offline*, a pesquisadora produzia o estímulo linguístico no momento em que as imagens apareciam na tela. A alteração no procedimento visa a evitar que a visualização das imagens de forma concomitante à escuta das sentenças possa de algum modo influenciar a interpretação das mesmas. Cabe salientar aqui que a literatura aponta diferenças nos resultados experimentais obtidos em função da apresentação simultânea ou sequencial de estímulos visuais e

linguísticos (MARCILESE; CORRÊA; AUGUSTO, 2011; 2013; RODRIGUES; MARCILESE, 2014). Se, mesmo com a alteração introduzida na tarefa, a taxa de respostas-alvo para cada condição se mantiver semelhante à encontrada na versão *offline* do experimento, podemos considerar que o participante escolhe a imagem que julga condizente com o enunciado que ouviu mesmo quando tem um acesso prévio às imagens.

6.2.1.3 Variáveis e condições

As variáveis independentes de medidas repetidas (*within-subjects*) foram:

- *realização do sujeito* (nulo X preenchido);
- *número* (singular X plural).

Foi considerada, neste experimento, apenas uma variável de fator grupal (*between-subjects*), já que todos os participantes pertenciam ao mesmo grupo socioeconômico (mesma escola pública):

- *faixa etária* dos participantes (6 anos X 10 anos).

As variáveis dependentes consideradas foram a taxa de escolha da imagem congruente ao estímulo linguístico e o tempo de reação para a seleção da imagem em milissegundos após a apresentação do estímulo linguístico.

As condições experimentais, em função das variáveis independentes *within-subjects* foram as mesmas apresentadas anteriormente somente testadas com as formas verbais no pretérito perfeito do indicativo:

Condição Sujeito Nulo Singular:

(237) Comeu- \emptyset doce.

Condição Sujeito Nulo Plural:

(238) Comera-m doce.

Condição Sujeito Preenchido Singular:

(239) A- \emptyset criança- \emptyset comeu- \emptyset doce.

Condição Sujeito Preenchido Plural:

(240) A-s criança-s comera-m doce.

6.2.2 Procedimento

A tarefa *online* foi desenvolvida em uma escola pública da cidade de Juiz de Fora/MG com a prévia autorização da direção, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Assim como no experimento de seleção de imagem *offline*, uma sala da instituição foi reservada para a pesquisa, e os participantes eram convidados um a um a participarem de um jogo.

A fase de familiarização foi realizada da mesma maneira descrita para o experimento *offline*, ou seja, a pesquisadora apresentava oralmente a família protagonista do jogo. O procedimento distinguia-se do previamente relatado a partir dos estímulos pré-teste, quando o participante era convidado a colocar o fone de ouvido para ouvir o que a família gostava de fazer em seu cotidiano ou havia feito nos últimos dias. As instruções repassadas eram as de que o participante ouvisse com atenção o que era dito por meio do fone e, o mais rapidamente possível, selecionasse uma das duas imagens apresentadas na tela ou, alternativamente, optasse, em caso de impasse e dúvida, apertasse a tecla do meio (ponto de interrogação) para que pudesse passar para o próximo enunciado.

As imagens selecionadas (as teclas pressionadas pelos participantes em cada *trial*) e o tempo de reação entre o final do áudio e a escolha por uma das teclas eram registradas automaticamente pelo *software Psyscope*. Os dados foram tabulados e analisados estatisticamente.

6.2.3 Hipóteses

Com base nos resultados do experimento *offline*, assumimos que, quando a informação de número é reforçada pela marcação redundante no sujeito e no verbo, a identificação do referente é facilitada. Além disso, os enunciados no plural seriam mais facilmente mapeados a imagens plurais.

Levantamos a hipótese, ainda, de um desenvolvimento do mapeamento entre marcação morfofonológica de número e conceito de numerosidade em função da faixa etária das crianças em direção ao desempenho dos adultos.

6.2.4 Previsões

- Esperam-se padrões de respostas-alvo nos grupos de adultos e crianças de 6 anos de idade compatíveis com os encontrados no experimento 1;
- Crianças de 10 anos de idade apresentarão desempenhos mais próximos aos encontrados com o grupo de adultos se comparados com os resultados das crianças de 6 anos de idade;
- Os enunciados no plural apresentarão tempos de reação mais baixos do que os enunciados no singular, uma vez que enunciados no plural são mapeados de maneira mais sistemática a mais de uma entidade;
- Nas condições de enunciados no singular, o tempo de reação será mais elevado, já que tais enunciados seriam subespecificados quanto ao conceito de numerosidade.
- As condições de sujeito preenchido por um DP apresentarão tempos de reação mais baixos do que os enunciados com sujeito nulo.

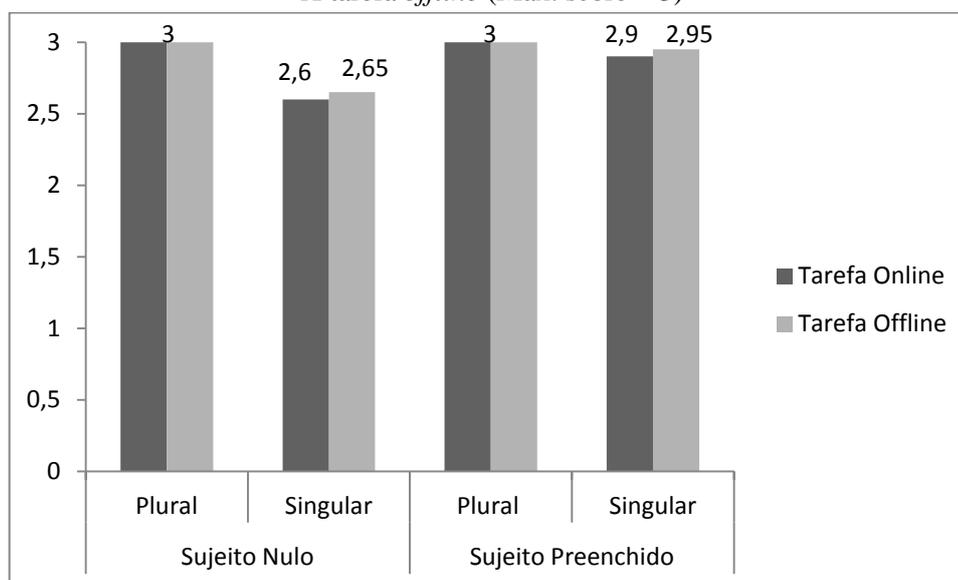
6.2.5 Resultados

Os dados obtidos por meio da aplicação do experimento utilizando-se a técnica de seleção de imagem *online* (tempo de reação) foram submetidos à análise da variância (ANOVA). Além disso, foram conduzidos testes não paramétricos com os dados relativos às médias de respostas-alvo. Os resultados desses testes serão reportados a seguir.

6.2.5.1 Grupo controle – Adultos

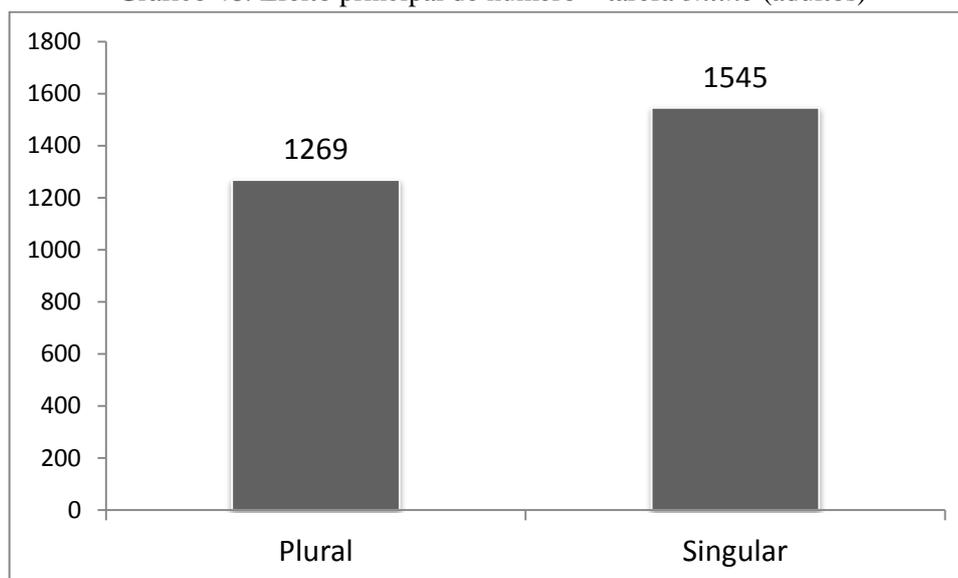
Primeiramente, foram verificadas as médias de respostas-alvo dos adultos em cada condição experimental. Agora apresentados a estímulos linguísticos no pretérito perfeito em uma tarefa *online*, as médias mantiveram-se muito próximas às encontradas com os estímulos no presente quando comparadas aos resultados encontrados no teste *offline*. O gráfico a seguir apresenta a comparação das médias nas duas tarefas:

Gráfico 47: Média de respostas dadas pelos adultos para as imagens-alvo por condição – tarefa *online* X tarefa *offline* (Max. score = 3)



Os dados (número de respostas-alvo por condição) obtidos foram submetidos a testes não paramétricos. O teste de *Friedman* apontou diferença significativa na comparação geral entre as médias das condições experimentais ($X^2(3)=15,529$, $p=.001$). Foi aplicado o teste de *Wilcoxon* para as análises entre pares, que revelaram diferença estatisticamente significativa nas seguintes comparações: sujeito preenchido plural X sujeito nulo singular ($Z=-2,828^a$, $p=.005$); sujeito nulo plural X sujeito nulo singular ($Z=-2,828^a$, $p=.005$). Não houve diferença estatisticamente significativa nos pares de condições que diferiam apenas quanto à realização do sujeito: sujeito preenchido plural X sujeito nulo plural ($Z=,000^a$, $p=1.00$) e sujeito preenchido singular X sujeito nulo singular ($Z=-1,265^a$, $p=.206$). A comparação entre os pares sujeito preenchido singular X sujeito nulo plural ($Z=-2,000^a$, $p=.046$) e sujeito preenchido singular e sujeito preenchido plural ($Z=-2,000^a$, $p=.046$) também não se mostraram significativos.

Os dados de tempo de reação (em milésimos de segundos), quando submetidos à análise de variância (ANOVA), revelaram efeito principal de *número* ($F(1,19) = 17.6$, $p<.0004$), com tempos de reação significativamente maiores nas condições de singular:

Gráfico 48: Efeito principal de número – tarefa *online* (adultos)

Conforme previsto, o tempo de reação mais baixo nas condições de plural parece sugerir que a informação morfofonológica de plural é mais rapidamente processada e tomada como indicativa de “mais de um agente”, ao passo que, apesar da alta taxa de acertos, os participantes demoraram mais tempo para escolherem a imagem que melhor representava os enunciados no singular. Uma interpretação complementar para os tempos de reação maiores nas condições singulares diz respeito ao fato de que – tal e como apontado por Legendre et al. (2010) e Blahová e Smolik (2014) – em ambas as imagens (uma única entidade realizando a ação ou duas entidades realizando a ação) há pelo menos uma entidade que realiza a ação expressa no enunciado. Nesse sentido, enquanto no caso dos enunciados no plural o participante pode rapidamente rejeitar a imagem com um único participante realizando a ação, o mapeamento dos enunciados singulares requer a inspeção e comparação das imagens entre si, a fim de escolher aquela que seria mais adequada em função do contexto global da tarefa proposta. Assim sendo, diante de enunciados singulares, a análise e comparação das imagens, bem como o contraste da informação visual com a informação linguística previamente apresentada, demandaria um tempo maior para a tomada de decisão.

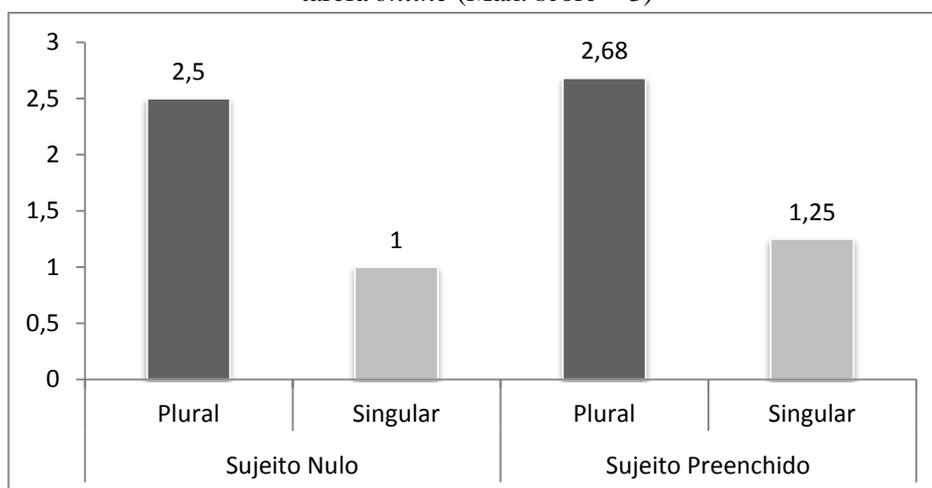
Não houve efeito principal de *realização do sujeito* ($F(1,19) = 0.202$, $p < 0.65$), nem efeito de interação entre *sujeito e número* ($F(1,19) = 0.536$, $p < 0.47$).

A seguir, são apresentados os resultados obtidos pelos dois grupos de crianças (6 anos e 10 anos de idade).

6.2.5.2 Crianças de 6 anos, escola pública

Em conjunto, as médias de respostas-alvo para cada condição experimental na tarefa *online* seguem o padrão encontrado previamente na tarefa *offline* por crianças da mesma faixa etária e do mesmo grupo socioeconômico. Nesse sentido, houve maior taxa de respostas-alvo na condição sujeito preenchido plural, com alta taxa também para a condição sujeito nulo plural. As condições no singular registraram baixa taxa de respostas-alvo, com menor média para a condição sujeito nulo singular, conforme apontado também pelos resultados com a tarefa *offline*. Os dados estão dispostos no gráfico abaixo:

Gráfico 49: Média de respostas dadas pelas crianças (6 anos) para as imagens-alvo por condição – tarefa *online* (Max. score = 3)

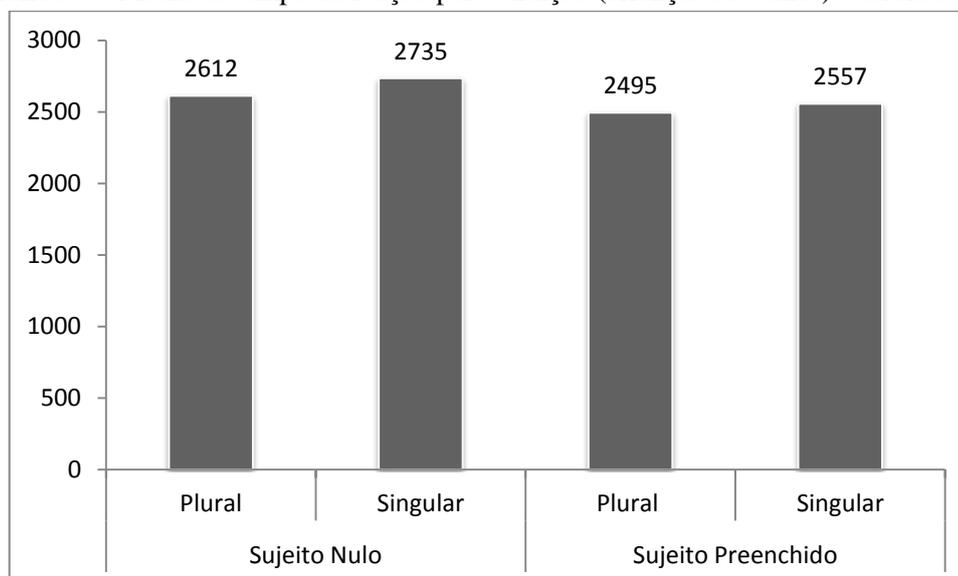


Os dados (número de respostas-alvo por condição) obtidos foram submetidos a testes não paramétricos. O teste de *Friedman* apontou diferença significativa na comparação geral entre as médias das condições experimentais ($X^2(3)=20,207$, $p=.000$). Foi aplicado o teste de *Wilcoxon* para as análises entre pares, que revelaram diferença estatisticamente significativa nas seguintes comparações: sujeito preenchido plural X sujeito preenchido singular ($Z=-2,791^a$, $p=.005$); sujeito preenchido plural X sujeito nulo singular ($Z=-3,245^a$, $p=.001$); sujeito nulo singular X sujeito nulo plural ($Z=-2,803^a$, $p=.005$). As comparações que diferiam apenas no tipo de realização do sujeito não se mostraram estatisticamente significativas: sujeito preenchido plural X sujeito nulo plural ($Z=-1,000^a$, $p=.317$) e sujeito preenchido singular X sujeito nulo singular ($Z=-,924^a$, $p=.356$). Não houve diferença significativa também na comparação do par sujeito preenchido singular e sujeito nulo plural ($Z=-2,221^a$, $p=.026$).

A análise do tempo de reação no grupo de crianças mais novas (6 anos de idade), diferentemente dos adultos, não revelou efeitos significativos principais nem de interação:

Número ($F(1,15) = 0.209, p < 0.65$); Tipo de *realização de sujeito* ($F(1,15) = 0.907, p < 0.35$); interação entre *Sujeito e Número* ($F(1,15) = 0.028, p < 0.87$). Os tempos de reação foram semelhantes em todas as quatro condições experimentais, conforme informado no gráfico abaixo:

Gráfico 50: Média de tempo de reação por condição (crianças de 6 anos) – tarefa *online*



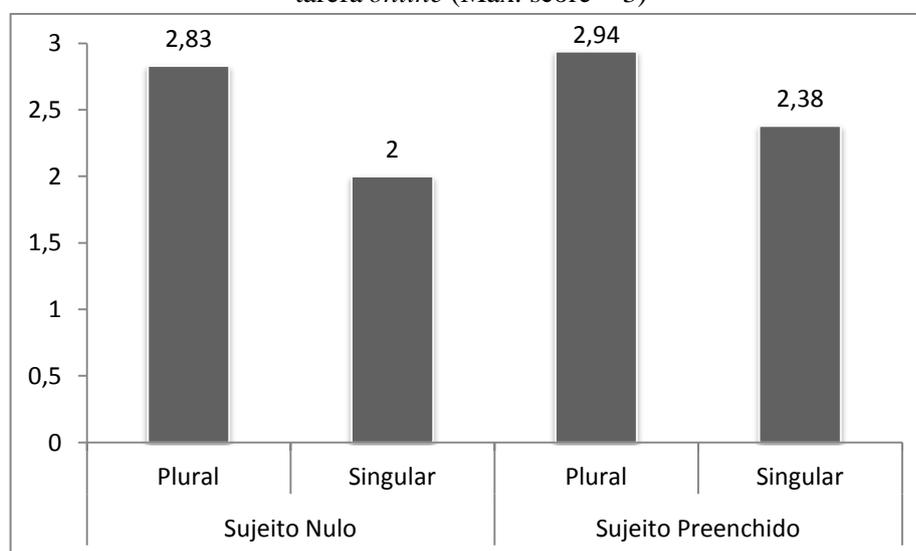
Embora as médias do tempo de reação sejam bastante próximas em todas as quatro condições, podemos observar que o menor tempo de reação foi registrado na condição sujeito plural preenchido, conforme previsto, e que o maior tempo de reação foi registrado na condição sujeito nulo singular, que levaria a uma interpretação menos referencial do enunciado, conforme apontado pelos dados de respostas-alvo apresentados no experimento 1.

Os resultados do teste *online* indicaram novamente que, nas condições de plural, a escolha pela imagem-alvo é mais sistemática do que nas condições de singular, sugerindo que a informação morfofonológica de plural é tomada como indicativa de mais de um agente. Com o intuito de verificar em que momento ocorreria uma mudança no desempenho das crianças em direção ao comportamento adulto, a mesma tarefa *online* foi conduzida com um grupo de crianças mais velhas, do 4º ano do Ensino Fundamental (10 anos de idade), cujos resultados são reportados a seguir.

6.2.5.3 Crianças de 10 anos, escola pública

As médias de respostas-alvo para cada condição experimental foram calculadas. Novamente, houve maior taxa de respostas-alvo na condição sujeito preenchido plural, com alta taxa também para a condição sujeito nulo plural. As condições no singular registraram maiores médias de respostas-alvo se comparadas com as médias das crianças de 6 anos. Embora as médias nas condições singulares ainda sejam mais baixas do que as encontradas no grupo de adultos, já registram valores acima do nível da chance (diferente do observado nos grupos de crianças de 5 e 6 anos de idade testados anteriormente). Os dados estão dispostos no gráfico abaixo:

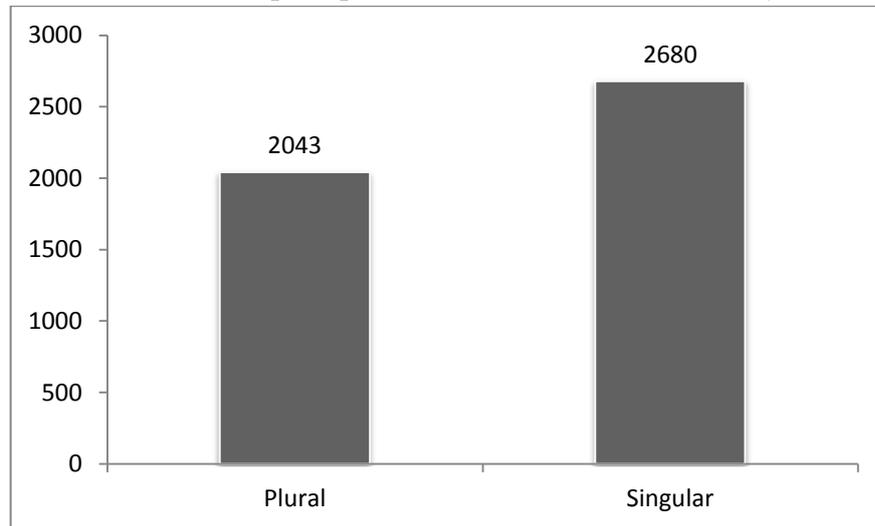
Gráfico 51: Média de respostas dadas pelas crianças (10 anos) para as imagens-alvo por condição – tarefa *online* (Max. score = 3)



Os dados de natureza discreta (número de respostas-alvo por condição) foram submetidos a testes não paramétricos. O teste de *Friedman* apontou diferença significativa na comparação geral entre as médias das condições experimentais ($X^2(3)=15,481$, $p=.001$). Foi aplicado o teste de *Wilcoxon* para as análises entre pares, que revelaram diferença estatisticamente significativa nas seguintes comparações: sujeito preenchido plural X sujeito nulo singular ($Z=-2,739^a$, $p=.006$); sujeito nulo plural X sujeito nulo singular ($Z=-2,762^a$, $p=.006$). As comparações que diferiam apenas no tipo de *realização do sujeito* não se mostraram estatisticamente significativas: sujeito preenchido plural X sujeito nulo plural ($Z=-1,000^a$, $p=.317$) e sujeito preenchido singular X sujeito nulo singular ($Z=-1,811^a$, $p=.07$). Já as comparações sujeito preenchido plural X sujeito preenchido singular ($Z=-1,725^a$, $p=.084$) e sujeito preenchido singular X sujeito nulo singular ($Z=-1,186^a$, $p=.236$) também não se mostraram estatisticamente significativas.

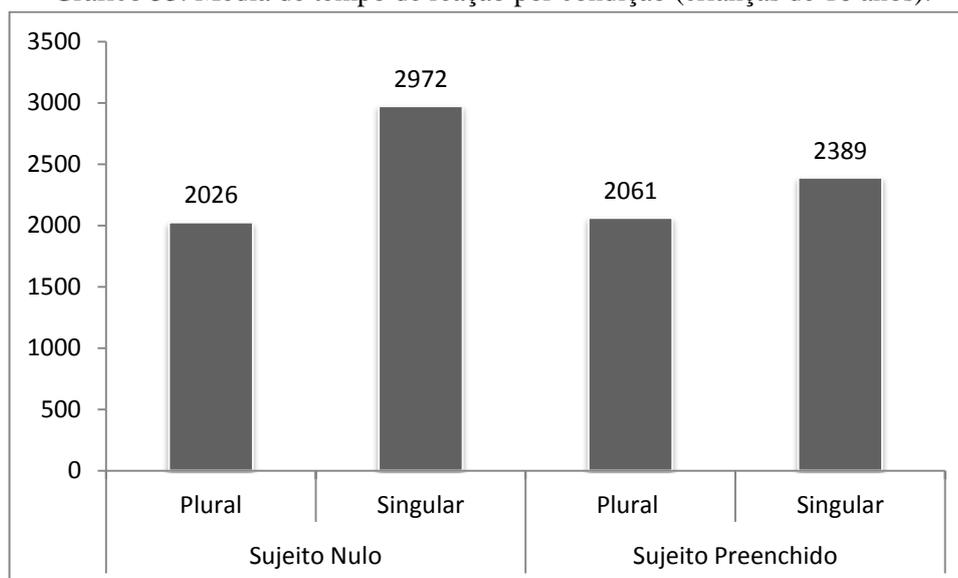
Os dados de tempo de reação (em milésimos de segundos), quando submetidos à análise de variância (ANOVA), revelaram efeito principal de *número* ($F(1,15) = 30.4$, $p < 0.00006$), indicando que os participantes do grupo de crianças mais velhas, assim como os adultos, registraram um tempo de reação mais alto nas condições de singular:

Gráfico 52: Efeito principal de número – tarefa *online* (crianças de 10 anos)



A comparação entre os tempos de reação nas condições de sujeito nulo singular e sujeito preenchido singular se aproximou do nível de significância ($t(15)=1.84$, $p < 0.08$), com médias mais altas para a condição com sujeito nulo. Considerando que o grupo testado foi relativamente pequeno (quando comparado com os grupos avaliados anteriormente), uma ampliação dessa amostra inicial seria relevante para poder verificar a eventual consolidação desse efeito.

Gráfico 53: Média de tempo de reação por condição (crianças de 10 anos).



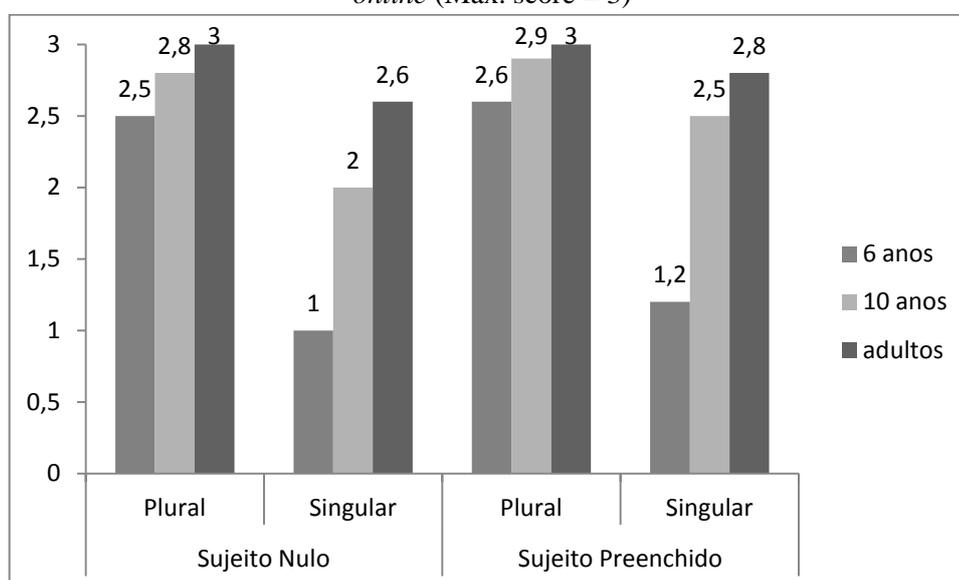
A alta média de tempo de reação atrelada à menor taxa de acertos sugere que o mapeamento entre imagens com uma única entidade realizando a ação e enunciados com sujeito nulo e verbo no singular – mesmo quando a forma verbal ocorre no pretérito perfeito – seria mais custoso quando comparado com as demais condições experimentais. Por outro lado, os tempos de reação bastante próximos nas condições de plural, juntamente com médias altas de respostas-alvo, sugerem que o mapeamento dos enunciados plurais com as imagens com mais de um indivíduo é menos custoso, mesmo quando a informação de número é apresentada apenas no verbo (condição de sujeito nulo).

6.2.6 Discussão dos resultados – tarefa *online*

Os resultados obtidos na tarefa *online* de seleção de imagem vão ao encontro do reportado anteriormente para a tarefa *offline* no que se refere à tendência de respostas-alvo em cada condição experimental pelos grupos de crianças de 6 anos de idade e de adultos. A comparação dos resultados obtidos nas duas tarefas sugere que o modo de apresentação dos estímulos (utilizando estímulos linguísticos gravados previamente e uma apresentação sequencial – não concomitante – das sentenças e das imagens) não parece ter influenciado de forma relevante o desempenho dos participantes no que se refere à média de respostas-alvo em cada condição. Já as médias de tempo de reação são informativas em relação ao custo de mapeamento entre a sentença e uma das duas imagens apresentadas.

Os resultados dos três grupos testados – adultos, crianças de 6 anos e crianças de 10 anos – apontam para um desenvolvimento na compreensão da informação relativa à numerosidade a partir da marcação morfofonológica dos verbos, já que houve um aumento nítido nas médias de respostas-alvo em função da faixa etária. Como vimos, apenas as crianças na faixa dos 10 anos apresentaram um comportamento mais próximo do observado nos adultos nas condições singulares, com médias de resposta acima do nível da chance. O gráfico abaixo auxilia na visualização das comparações entre os grupos testados:

Gráfico 54: Comparação entre as médias de respostas-alvo em cada condição experimental – tarefa *online* (Max. score = 3)



Além disso, os resultados de tempo de reação do grupo de crianças de 10 anos de idade também são compatíveis com os encontrados no grupo adulto no sentido de haver diferenças significativas entre as condições singular e plural, ou seja, as repostas nas condições de plural são dadas mais rapidamente do que nas condições de singular.

Gráfico 55: Comparação entre as médias de tempo de reação em cada condição experimental por grupo – tarefa *online*

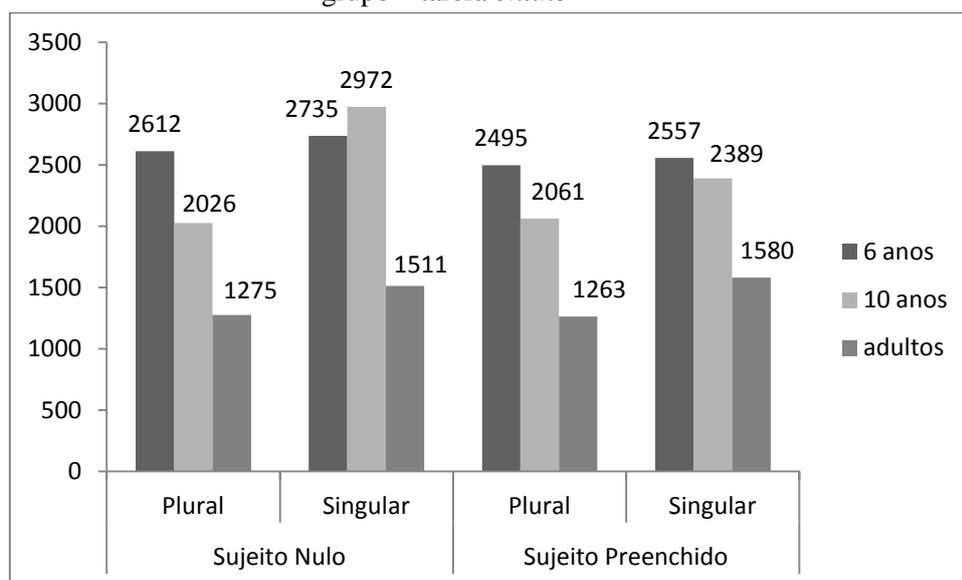
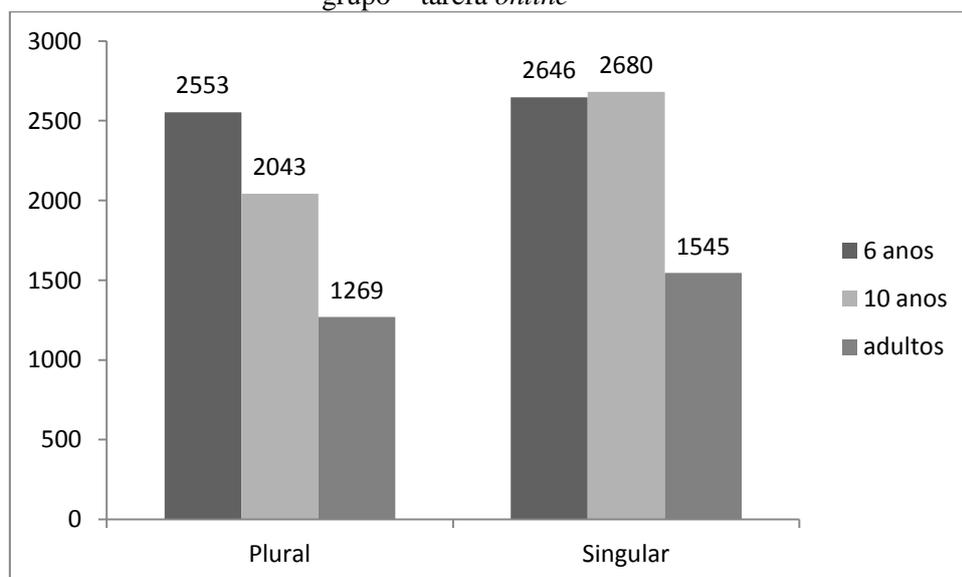


Gráfico 56: Comparação entre as médias de tempo de reação nas condições singular x plural por grupo – tarefa *online*



Como indicado nos gráficos, de modo geral, os tempos de reação são maiores nos grupos das crianças na comparação com os adultos. Deve-se destacar que os tempos de reação mais baixos do grupo de crianças de 10 anos em relação às crianças de 6 anos de idade são esperados em função do desenvolvimento motor na infância. Nesse sentido, o que se torna relevante nesta análise é a comparação entre as condições experimentais em cada grupo e a tendência observada nas respostas-alvo, que sugere que as crianças de 10 anos já apresentam desempenho numa direção semelhante à observada nos adultos.

Por fim, teceremos as discussões gerais dos resultados encontrados nos dois experimentos conduzidos.

6.3 Discussão geral dos resultados

Em conjunto, os resultados obtidos tanto a partir da versão *offline* quanto da versão *online* da tarefa de seleção de imagens sugerem que os enunciados com formas verbais flexionadas em número plural são consistentemente mapeados a imagens com mais de um sujeito praticando a ação expressa pelo verbo, mesmo quando a forma verbal é a única fonte de informação quanto à numerosidade (condição sujeito nulo). Dessa forma, a realização do sujeito não se mostrou significativa nas condições de plural. Por outro lado, as condições no singular não foram sistematicamente mapeadas pelas crianças às imagens com apenas um indivíduo praticando a ação expressa pelo verbo, sugerindo que os enunciados singulares são tomados como semanticamente verdadeiros para as imagens plurais. Apenas no grupo de crianças mais velhas (10 anos de idade), os enunciados nas condições singulares foram associados de forma mais sistemática às imagens com um único indivíduo realizando a ação. Já as crianças de 6 anos de idade, independente do grupo social, apresentaram respostas abaixo do nível da chance frente aos enunciados no singular.

Vale ressaltar ainda que fatores linguísticos e sociais parecem influenciar o desempenho dos participantes, haja vista as diferenças estatisticamente significativas encontradas entre comparações de grupos distintos, em função, por exemplo, de faixa etária e grupo socioeconômico, e de condições experimentais, como o fator linguístico realização do sujeito nas condições de singular.

Como já mencionado, os resultados relativos às respostas-alvo registrados são compatíveis com os reportados em línguas nas quais a marcação morfofonológica de número no verbo é consistente. Nesse sentido, a flexão verbal variável de número no PB parece não influenciar a compreensão de plural na tarefa aplicada, uma vez que, quando há a marcação morfofonológica de plural, não há ambiguidade na compreensão da sentença. O morfema de plural, quando expresso mesmo em sentenças de sujeito nulo, parece ser tomado como uma pista confiável e não ambígua. Vale destacar ainda que as diferenças encontradas entre os grupos de crianças de classes socioeconômicas distintas podem sugerir a influência da variedade linguística recebida como *input*. Além disso, as diferenças estatisticamente

significativas em função da faixa etária apontam para o desenvolvimento, durante a infância, da interpretação da informação morfofonologicamente expressa, sugerindo que há uma consolidação do mapeamento entre os morfemas de número e a informação conceitual relativa à numerosidade associada a esses elementos. Os resultados podem sugerir, ainda, um desenvolvimento cognitivo global da criança que influenciaria o modo como lidam com as informações linguísticas e visuais disponibilizadas, a capacidade de analisar e comparar os estímulos e a tomada de decisão na tarefa.

A seguir, apresentaremos as considerações finais deste trabalho, retomando as discussões levantadas e os resultados encontrados. Apontaremos ainda os encaminhamentos futuros da investigação a partir da tese apresentada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese buscou estabelecer um diálogo entre os estudos da aquisição da linguagem sob a perspectiva da psicolinguística e a sociolinguística variacionista, considerando, portanto, a influência que a variação linguística teria no processo de aquisição da língua.

O objetivo geral aqui proposto foi o de investigar o processo de aquisição da flexão verbal de terceira pessoa do plural, cuja realização se apresenta como um fenômeno variável no PB. Para tanto, partimos da literatura existente relativa a estudos conduzidos em diversas línguas, com sistemas flexionais distintos, para discutir se a variação flexional no PB levaria a uma diferença no desempenho das crianças brasileiras em tarefas experimentais de compreensão semelhantes às realizadas em outras línguas. Julgamos, contudo, que, do ponto de vista dos estudos em aquisição, uma investigação acerca da realização da flexão verbal no material linguístico disponível para a criança e na própria fala infantil também seria bastante relevante para uma melhor caracterização do fenômeno em análise.

Investigamos, assim, a produção e a compreensão da marcação morfofonológica de 3ª pessoa do plural em verbos. A coexistência entre marcação de número redundante e não redundante nos verbos foi, primeiramente, descrita a partir de dados coletados no estudo longitudinal desenvolvido no âmbito desta tese, o qual considerou a fala de dois grupos socioeconômicos distintos de crianças (classe média residente em zona urbana e classe baixa residente em zona rural). Além disso, consideramos a produção linguística de adultos com alto nível de escolarização a fim de verificar se mesmo nesse grupo socioeconômico de falantes adultos haveria variação da flexão verbal. Nossos dados apontam para a variação entre marcação redundante e não redundante, com maior variação para os grupos de crianças. Procuramos aqui estabelecer uma articulação explícita com os estudos desenvolvidos pela Sociolinguística Variacionista que buscam descrever o fenômeno da variação na realização da concordância verbal em diferentes variedades do português a partir da produção linguística de falantes adultos. Foram discutidos, assim, os fatores linguísticos e sociais que favorecem ou desfavorecem a marcação redundante de número na fala das crianças e dos adultos em situações de interação. Considerou-se ainda a visão diacrônica do enfraquecimento do paradigma verbal no PB e das conseqüentes mudanças provocadas na língua. Tais discussões proporcionam uma visão geral dos aspectos linguísticos relacionados à marcação flexional verbal variável observada na língua e, conseqüentemente, presentes no *input* disponível para a criança. Vale destacar que os dados de fala espontânea aqui analisados foram inteiramente

coletados para fazer parte da presente investigação e que, em termos da procedência/origem geográfica dos falantes e do período da coleta, possibilitam uma comparação entre os dados naturalistas e os resultados experimentalmente obtidos. Esse ponto é particularmente relevante já que muitos estudos sobre aquisição da linguagem que consideram dados longitudinais se baseiam em amostras relativamente antigas que podem não ser tão informativas quanto ao quadro atual do PB.

Apresentamos, ainda, a literatura relevante disponível acerca do processo de aquisição verbal e do processamento morfológico por crianças adquirindo diferentes línguas e os estudos já realizados com crianças adquirindo o PB. Como vimos, habilidades precoces de percepção sugerem que, por volta do primeiro ano de vida, as crianças segmentam formas verbais do fluxo contínuo da fala e são capazes de perceber alterações fonotáticas no padrão silábico dos morfemas no PB, indicando que a identificação de morfemas verbais estaria em curso nos primeiros anos de vida da criança. Por outro lado, estudos realizados em línguas nas quais a marcação morfofonológica de número é consistente sugerem que crianças, até a idade de seis anos, apresentam dificuldades em tarefas de compreensão que envolvem a identificação da morfologia verbal (singular/plural) e o mapeamento de enunciados a imagens contendo um ou mais de um agente. Além disso, estudos acerca da aquisição de propriedades variáveis na língua indicam a influência do *input* no processo de aquisição, sugerindo que um *input* variável pode provocar atraso na aquisição. Buscamos, portanto, inserir o PB nessa discussão, investigando o desempenho de crianças brasileiras, que estão expostas a um *input* que apresenta variação entre marcação redundante e não redundante de plural.

Como fundamentação teórica, discutimos a concepção de língua veiculada pelo arcabouço gerativista. Propostas descritivas, em termos formais, da concordância nominal e verbal no âmbito do gerativismo também foram apresentadas. Destacamos, ainda, a proposta de competição de gramáticas e assumimos que a possibilidade de alternância entre marcação redundante e não redundante no PB está representada na gramática do falante.

Partindo dos resultados discutidos na revisão da literatura que sugerem a sensibilidade de bebês e crianças a itens funcionais, tomamos como hipótese de trabalho que a criança adquirindo o PB reconhece, desde muito cedo, a coexistência de marcação redundante e não redundante no verbo em contextos de sujeito plural. Verificamos que a variação na produção linguística entre marcação redundante e não redundante da marcação na forma verbal aparece bem cedo na fala da criança, sugerindo que a obrigatoriedade de marcação de número em pelo

menos um elemento do DP seria percebida nos primeiros anos da aquisição. Por outro lado, a natureza variável do *input* poderia dificultar o processamento morfológico no caso das crianças expostas a variedades do PB nas quais a marcação não redundante de plural no verbo é mais frequente. Consideramos, assim, que a variedade linguística a que a criança está exposta pode influenciar a sua produção linguística, no sentido de que a exposição a variedades em que há a predominância da marcação redundante de plural no verbo levaria à produção de mais marcações morfofonológicas de plural. Além disso, partimos da hipótese de que as crianças que têm como *input* uma variedade em que a realização da marcação morfofonológica de plural é frequente poderiam apresentar melhor desempenho em tarefas de compreensão desse mesmo morfema se comparadas a crianças expostas a variedades em que a marcação é predominantemente não redundante.

O estudo longitudinal desenvolvido visou, portanto, a caracterizar, a partir de uma amostra de dados de fala espontânea, o *input* que crianças de classe média adquirindo o PB recebem no que se refere à marcação morfofonológica de plural em verbos em contextos de sujeito plural. Além disso, visamos a analisar a realização da marcação variável de plural na fala de crianças em fase de aquisição do PB, verificando em que medida a produção linguística da criança espelha o *input* a que está exposta. A análise dos dados aponta para a variação entre marcação redundante e não redundante de plural no verbo, tanto na fala das crianças, quanto na fala dos adultos. A fala das crianças, no entanto, apresentou uma maior variação quando comparada à fala dos adultos. Os resultados sugerem, ainda, a tendência ao preenchimento da posição de sujeito e a preferência pela ordem canônica sujeito-verbo na fala tanto das crianças quanto dos adultos. Alguns fatores mostraram-se influentes para a realização da marcação morfofonológica no verbo. O preenchimento do sujeito por meio de um pronome e as formas verbais com maior saliência fônica parecem favorecer a marcação redundante de plural no verbo, conforme apontado pelos estudos da Sociolinguística Variacionista. Observou-se que, mesmo na fala de adultos com alto nível de escolarização, há variação flexional de número no que se refere à relação de concordância entre sujeito e verbo, sendo observável, ainda, a variação na fala de um mesmo indivíduo.

Vale destacar que, apesar de as mães das crianças participantes do estudo longitudinal terem alto nível de escolarização, o *input* linguístico recebido certamente não se limita à produção materna, o que pode explicar a maior variação observada na fala infantil. As crianças, possivelmente, têm contato com outros membros da família com nível de escolarização mais baixo do que o da mãe, por exemplo. Outro fator que explicaria a menor

variação na fala dos adultos, além de um possível monitoramento da fala durante a gravação de áudio, seria a influência do processo de escolarização já vivenciado pelo adulto, ao passo que as crianças participantes do estudo estariam apenas no início de sua vida escolar. Como vimos, o processo de escolarização reforçaria o valor sociocultural da variedade padrão.

Além do estudo longitudinal com crianças de classe média da zona urbana, foi realizada uma análise da produção espontânea de crianças de classe baixa residentes na área rural. Os resultados dessa análise vão ao encontro do que é postulado pela Sociolinguística Variacionista no que se refere à maior taxa de marcação não redundante e à influência dos fatores sociais de grupo socioeconômico e de procedência geográfica do falante na ocorrência de variação na realização da flexão verbal de plural, indicando também a influência do *input* no processo de aquisição da linguagem, já que se pressupõe que as crianças desse grupo socioeconômico estariam mais expostas à marcação não redundante.

Já o estudo experimental desenvolvido traz contribuições relevantes no que tange à compreensão da marcação morfofonológica de número no PB. Em conjunto, os resultados experimentais revelam um comportamento distinto na comparação de crianças e de adultos na interpretação da marcação morfofonológica de número no verbo, especialmente na condição de singular. Enquanto os adultos associam os enunciados no singular a imagens com apenas um indivíduo de maneira sistemática, considerando essa a resposta mais adequada entre as imagens apresentadas na tarefa, as crianças parecem aceitar ambas as imagens (com um e com mais de um indivíduo) como igualmente adequadas. Nesse sentido, pode-se supor que o fato de formas verbais no singular não serem exclusivamente empregadas com sujeitos singulares, como no caso da concordância não redundante entre sujeito plural e verbo sem marcação morfofonológica de plural, pode contribuir para a interpretação verificada nas condições no singular. Já os resultados com enunciados no plural sugerem que a informação morfofonológica de plural apenas no verbo é robusta para a interpretação dos enunciados. Observou-se, ainda, que o fator idade se mostrou relevante na comparação entre grupos de crianças, sugerindo um possível desenvolvimento do mapeamento entre enunciado singular e enunciado plural e imagens com um ou dois agentes, no que concerne à tarefa experimental utilizada nesta pesquisa. Deve-se ressaltar, ainda, que o melhor desempenho pelo grupo socioeconômico formado por crianças que frequentem escola privada sugere a influência do *input* na execução da tarefa, uma vez que as crianças de escola privada estariam mais frequentemente expostas à marcação redundante de plural do que as crianças dos grupos socioeconômicos que frequentam escola pública.

Já na versão *online* da tarefa experimental conduzida, a análise dos tempos de reação parece indicar que o mapeamento entre uma sentença no plural e uma imagem com dois agentes é feito de maneira mais rápida do que o mapeamento entre uma sentença no singular com uma imagem com apenas um agente, sugerindo que, apesar de variável na língua, a marcação morfofonológica de plural, quando produzida, é identificada e mapeada com a noção de “mais de um”. As diferenças estatisticamente significativas de tempo de reação e de médias de respostas nos grupos de adultos e de crianças de 10 anos de idade sugerem que há um desenvolvimento na realização do mapeamento entre os enunciados linguísticos e as imagens disponibilizadas na tarefa, quando observado o desempenho das crianças em direção ao desempenho verificado no grupo de adultos.

Quando considerados globalmente, os resultados obtidos com crianças adquirindo o PB vão ao encontro dos resultados encontrados em outras línguas, como o inglês, o espanhol e o tcheco, em variedades que apresentam marcação flexional sistemática. Dessa forma, a variação da flexão verbal de plural no PB não parece dificultar de maneira significativa a tarefa, apesar de terem sido verificados efeitos de variáveis de natureza externa (i.e. não linguística), tais como idade e grupo socioeconômico.

Esta pesquisa buscou, portanto, inicialmente inserir o PB na discussão do conjunto de trabalhos sobre a aquisição da linguagem que visa a investigar a identificação e o mapeamento semântico da morfologia verbal em tarefas de compreensão. Contudo, os resultados encontrados neste estudo instigam novas investigações. A aplicação de uma tarefa de compreensão semelhante com crianças portuguesas, por exemplo, possibilitaria a comparação com os resultados encontrados no PB, o que poderia contribuir para a discussão sobre o papel do *input* em tarefas de compreensão e, até mesmo, fornecer novos subsídios para uma melhor compreensão de eventuais diferenças entre os sistemas linguísticos do PB e do PE. Outra proposta para estudos futuros é a aplicação de tarefas de compreensão com enunciados em que a marcação morfofonológica de plural no verbo seja apresentada de maneira não redundante. Além disso, a interpretação atribuída a enunciados com verbos singulares é outro ponto que poderá ser desdobrado para novas pesquisas. Essa questão é particularmente relevante para uma melhor compreensão do processo de aquisição não só da morfologia verbal, mas também no que diz respeito ao processo de identificação – por parte da criança – de relações entre constituintes sintáticos (relações de concordância entre sujeito e verbo, por exemplo). Em que medida, para a criança adquirindo o PB, o sujeito da sentença

constitui o *locus* relevante para a identificação e interpretação da informação relativa a número é também um ponto a ser aprofundado.

Por fim, consideramos que os resultados encontrados no âmbito desta tese contribuem para as investigações acerca do processo de aquisição da linguagem a partir de um *input* variável, campo ainda pouco explorado de modo geral, mas em particular no PB. Esperamos ainda ter colaborado para uma aproximação entre os estudos da aquisição da linguagem sob a ótica psicolinguística e os estudos sociolinguísticos de cunho variacionista, apontando caminhos produtivos para a consolidação desse diálogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNEY, S. P. **The English Noun Phrase in its Sentential Aspect**. Ph.D. Dissertation, Indiana University: MIT, 1987.

ADGER, D. **Core Syntax: A Minimalist Approach**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

AUGUSTO, M. R. A. As relações com as interfaces no quadro minimalista gerativista: uma promissora aproximação com a Psicolinguística. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. L. (Orgs.). **Linguística e Cognição**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, pp. 237-260, 2005.

AVELAR, J. Gramática, competição e padrões de variação: casos com *ter/haver* e *de/em* no português brasileiro. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 99-143, jun./dez. 2006.

BAGETTI, T. **Um estudo experimental do processamento na interface fônica e da análise sintática inicial**: o papel de elementos funcionais na aquisição da linguagem. 147f. Tese (Doutorado). Departamento de Letras. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 50ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

BARBOSA, J. B. O uso dos verbos no desenvolvimento da linguagem. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. V. 3, n. 5, agosto 2005.

BARNER, D.; THALWITZ, D.; WOOD, J.; YANG, S.; CAREY, S. On the relation between the acquisition of singular-plural morpho-syntax and the conceptual distinction between one and more than one. **Developmental Science**, 10:3, 365-373, 2007.

BARRIÈRE, I.; LEGENDRE, G.; NAZZI, T.; GOYET, L.; KRESH, S. L'acquisition de l'accord sujet-verbe par les jeunes francophones natifs entre 14 et 30 mois: préférence, compréhension et environnement linguistique. In: NEVEU F.; MUNI TOKE V.; KLINGLER T.; MONDADA L.; PRÉVOST S. (éds.). **Congrès Mondial de Linguistique Française – CMLF 2010**, Paris, Institut de Linguistique Française, 2010.

BARRIÈRE, I.; NAZZI, T.; LEGENDRE, G.; GOYET, L.; KRESH, S. The representation of subject-verb agreement in French-learning toddlers: new evidence from the comprehension of an infrequent pattern of pseudoverbs. In: DAVIS, N.; MESH, K.; SUNG, H. (Eds.). **BUCLD 35 Proceedings**. Cascadilla Press, Somerville, MA, pp. 38-48, 2011.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

BEJAR, S. **Phi-Syntax**: A theory of agreement. Thesis, Department of Linguistics: University of Toronto, 2003.

BERKO, J. The child's learning of English morphology. In: SAPORTA, S. **Psycholinguistics**. New York: Holt, Rinehart & Winston, pp. 150-177, 1961.

BLÁHOVÁ, V.; SMOLIK, F. Early Comprehension of Verb Number Morphemes in Czech: Evidence for a Pragmatic Account. **BUCLD 38 Proceedings**, 2014. Disponível em: <http://www.bu.edu/buclid/files/2014/04/blahova.pdf>

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. A concordância nominal e verbal no Português do Brasil e no Português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística. **Papia**, 22(1), p. 7-39, 2012.

BRANDT-KOBELE, O. **Comprehension of verb inflection in German-speaking children**. Spektrum Patholinguistik – Schriften, Universität Potsdam, 2014.

BRANDT-KOBELE, O.; HÖHLE, B. What asymmetries within comprehension reveal about asymmetries between comprehension and production: The case of verb inflection in language acquisition. **Lingua**, 120, 1910-1925, 2010.

BROWN, R. **A First Language: The Early Stages**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1973.

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 10ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

_____. **Dicionário de Linguística e Gramática: Referente à Língua Portuguesa**. 27ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

CAPPELLARI, E. T.; ZILLES, A. M. S. A marcação de plural na linguagem infantil – Estudo Longitudinal. **Revista da Abralín**, v. 1, nº 1, 185-218, 2002.

CARDOSO, C. R.; COBUCCI, P. Concordância de Número no Português Brasileiro. In: BORTONI-RICARDO, S. M. et al. (Org.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

CAREY, S. Core Cognition: Number. In: _____. **The Origin of Concepts**. Oxford Series in Cognitive Development. Nova York: Oxford University Press, 2009.

CARNIE, A. **Syntax: A Generative Introduction**. MA, USA: Blackwell, 2013.

CASTILHO, A. T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTRO, A. O processamento da concordância de número interna ao DP por crianças de 2 anos falantes de português europeu. In: LOBO, M.; COUTINHO, M. A. (Eds.). **XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**; Textos Seleccionados. Lisboa: Colibri, 211-221, 2007.

CASTRO, A.; FERRARI-NETO, J. Um estudo contrastivo do PE e do PB com relação à identificação de informação de número no DP. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 65-76, março, 2007.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1965.

_____. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. **Knowledge of language**. Nova York: Praeger, 1986.

_____. **The Minimalist Program**. Mass.: The MIT Press, 1995.

_____. Derivation by phase. **MIT Occasional Papers in Linguistics**. Cambridge, n. 18, p. 1-52, 1999. (Versão revisada publicada em Chomsky, 2001).

CORBETT, G. Agreement: Terms and Bondaries. In.: GRIFFIN, W. E. (Ed.). **The Role of Agreement in Natural Language: TLS 5 Proceedings**. Texas Linguistic Forum, 53, p. 109-122, 2003.

CORRÊA, L. M. S. O que, afinal, a criança adquire ao adquirir uma língua? A tarefa da aquisição da linguagem em três fases e o processamento de informação de interface pela criança. **Letras de Hoje**, Vol. 42, No. 1, pp. 7-34, 2007.

CORRÊA, L. M. S.; NAME, M. C. L.; FERRARI-NETO, J. O processamento de informação de interface na aquisição de gênero e de número no português brasileiro. **Letras de Hoje**, 39(3):123-37, 2004.

COSTA, I. O.; AUGUSTO, M. R. A.; RODRIGUES, E. S. Verbos meteorológicos flexionados no plural e a hipótese da inacusatividade biargumental: explorando a sintaxe do Português Brasileiro. **VEREDAS on-line – Sintaxe das Línguas Brasileiras 2014/1**.

COSTA, I. O.; RODRIGUES, E. S.; AUGUSTO, M. R. A. Concordância com tópico: o caso dos verbos meteorológicos em relativas cortadoras. **ReVEL**, edição especial n. 6, 2012. [www.revel.inf.br].

COSTA, J.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. Notes on nominal e verbal agreement in Portuguese. **Rivista di Grammatica Generativa**, Padova, v. 27, 17-29, 2003.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (eds.). **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt, Vervuert/Madrid, Iberoamericana, p. 55-73, 2000.

DEHAENE, S. **The number sense**. New York: Oxford University Press, 1997.

DE VILLIERS, J. G.; JOHNSON, V. E. The information in third-person /s/: acquisition across dialects of American English. **Journal of Child Language**, 34, 133-158, 2007.

DE VILLIERS, J. G.; DE VILLIERS, P. A. A Cross-Sectional Study of the Acquisition of Grammatical Morphemes in Child Speech. **Journal of Psycholinguistic Research**, Vol. 2, No. 3, 267-278, 1973.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2.ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996.

_____. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: Roncarati et al. (orgs.). **Português Brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

EMBICK, D.; NOYER, R. Movement Operations after Syntax. **Linguistic Inquiry**, Volume 32, Number 4, pp. 555-595, 2001.

FARIA, N. V. M. **A concordância verbal no português de Belo Horizonte**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: PUC-MG, 2008.

FEIGENSON, L.; CAREY, S. On the limits of infants' quantification of small object arrays. **Cognition**, 97, 295-313, 2005.

FERNANDES, M. **Concordância nominal na região Sul**. 143f. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: UFSC, 1996.

FERRARI-NETO, J. **Reconhecimento do número gramatical e processamento da concordância de número no sintagma determinante na aquisição do português brasileiro**. 112f. Dissertação (Mestrado). Departamento de Letras. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

_____. **Aquisição de número gramatical no português brasileiro: processamento de informação de interface e concordância**. 154f. Tese (Doutorado). Departamento de Letras. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008.

_____. Traço de número e mecanismos de concordância na Teoria Gerativa. **Revista de Letras** (Curitiba), v. 1, n. 11, 2009.

FIGUEIRA, R. A. A aquisição do paradigma verbal do português: as múltiplas direções dos erros. In: ALBANO, E.; COUDRY, M. I. H.; POSSENTI, S.; ALKMIM, T. (Orgs.) **Saudades da língua: a linguística e os 25 anos do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A posição sujeito no Português Brasileiro: frases finitas e infinitas**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

FITCH, W. T.; HAUSER, M. D.; CHOMSKY, N. The evolution of the language faculty: Clarifications and implications. **Cognition**, 97, 179-210, 2005.

FRAMPTON, J.; GUTMANN, S. **Agreement is feature sharing**. ms., Northeastern University, 2000.

GALVES, C. C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2.ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996.

GOLINKOFF, R. M.; HIRSH-PASEK, K.; SCHWEISGUTH, M. A. A reappraisal of young children's knowledge of grammatical morphemes. In: WEISSENBORN, J.; HÖHLE, B. (Eds.) **Approaches to Bootstrapping: Phonological, lexical, syntactic and neurophysiological aspects of early language acquisition**. Vol. 1. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, pp. 167-188, 2000.

GOMES, C. A.; PONTES, M. C. V; ALMEIDA, M. C. S.; ABREU, A. C. B. de. Variação e aquisição da flexão nominal e da flexão verbal. **Revista Gragoatá**. Niterói, n. 30, p. 39-54, 1. sem. 2011.

GONZALEZ-GOMEZ, N.; HSIN, L.; BARRIÈRE, I.; NAZZI, T.; LEGENDRE, G. *Agarra, agarran*: Evidence of early comprehension of subject-verb agreement in Spanish. **Journal of Experimental Child Psychology**, 160, 33-49, 2017.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. (Eds.). **The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvian Bromberger**. Cambridge, Mass: MIT Press, pp. 111-176, 1993.

HAUSER, M.; CHOMSKY, N.; FITCH, W. T. The Faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve? **Science**, 298, 1569-1579, 2002.

HENRIQUE, K. **Variação linguística e processamento**: investigando o papel da distância linear entre sujeito e verbo na realização da concordância verbal variável no PB. 149 p. Dissertação (mestrado acadêmico). Universidade Federal de Juiz de fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2016.

HOLMBERG, A.; ROBERTS, I. The syntax-morphology relation. **Lingua** 130, 111-131, 2013.

JAKUBÓW, A. P. S. P. Language acquisition based on variable input: the case of number agreement in Brazilian Portuguese. Tese (Doutorado). Departamento de Letras. Rio de Janeiro: PUC-Rio, in prep.

JOHNSON, V. E. Comprehension of third person singular /s/ in AAE-speaking children. **Language, Speech, and Hearing Services in Schools**, 36, 116-124, 2005.

JOHNSON, V. E.; DE VILLIERS, J. G.; SEYMOR, H. N. Agreement without understanding? The case of third person singular /s/. **First Language**, v. 25 (3), 317-330, 2005.

KATO, M. Nomes e pronomes na aquisição. **Letras de Hoje**, v. 36, n. 3, 2001.

_____. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. A.; KOLLER, E.; TEIXEIRA, J.; LEMOS, A. S (orgs.). **Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino**. Braga, CEHUM (U. do Minho), 131-145, 2005.

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro. **Veredas online** – Sintaxe das Línguas Brasileiras, v. 18/1, p. 1-22, 2014.

KEENEY, T. J.; WOLFE, J. The Acquisition of Agreement in English. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, 11, 698-705, 1972.

KOUIDER, S.; HALBERDA, J.; WOOD, J.; CAREY, S. Acquisition of English Number Marking: The Singular-Plural Distinction. **Language learning and development**, 2(1), 1-25, 2006.

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Org.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, p. 235-250, 2003.

LEGENDRE, G.; BARRIÈRE, I.; GOYET, L.; NAZZI, T. Comprehension of Infrequent Subject-Verb Agreement Forms: Evidence From French-Learning Children. **Child Development**. v. 81, n. 6, p. 1859-1875, 2010.

LEGENDRE, G.; CULBERTSON, J.; ZAROUKIAN, E.; HSIN, L.; BARRIÈRE, I.; NAZZI, T. Is children's comprehension of subject-verb agreement universally late? Comparative evidence from French, English, and Spanish. **Lingua**, 144, 21-39, 2014.

LEMLE, M.; NARO, A. J. **Competências básicas do português**. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. **Aquisição de constituintes-QU em dois dialetos do português brasileiro**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2003.

_____. Aquisição da linguagem e variação linguística. **Estudos Linguísticos XXXIV**, p. 409-414, 2005.

LI, P.; OGURA, T.; BARNER, D.; YANG, S.; CAREY, S. Does Conceptual Distinction Between Singular and Plural Sets Depend on Language? **Developmental Science**, 45:6, 1644-1653, 2009.

LIGHTFOOT, D. Language acquisition and language change. **WIREs Cognitive Science**, 1: 677-684, 2010.

LIMA, M. A. F. de. **Aquisição da morfologia flexional verbal em Português Brasileiro** – Um estudo experimental com dados de compreensão. 67f. Dissertação (Mestrado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. João Pessoa: UFPB, 2014.

LIPTON, J. S.; SPELKE, E. S. Origins of number sense: Large number discrimination in human infants. **Psychological Science**, 15, 396-440, 2003.

LONGCHAMPS, J. R. **O modo verbal na aquisição do Português Brasileiro: evidências naturalistas e experimentais da percepção, expressão e compreensão da distinção *realis* / *irrealis***. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

LONGOBARDI, G. Reference and Proper Names: a theory of movement in syntax and LF. **Linguistic Inquiry**, 25: 609-665, 1994.

LOPES, A. L. A. Os traços ϕ e a mudança na concordância verbal no Português Brasileiro. **XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina** (ALFAL 2014). João Pessoa - Paraíba, 2014.

LOPES, R. E. V. Estágios no processo de aquisição de número no DP do português brasileiro. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, vol. 39, n.3, p. 157-171, 2004.

_____. Bare Nouns and DP Number Agreement in the Acquisition of Brazilian Portuguese. **Proceedings of the 9th Hispanic Linguistics Symposium**, ed. Nuria Sagarra and Almeida, Jacqueline Toribio. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 252-262, 2006.

LOPES, R. E. V.; SOUZA, T. T.; ZILLI, A. S. Tempo e concordância e seus efeitos na aquisição do português brasileiro. In: 6o. Encontro do CELSUL, 2004, Florianópolis. **Anais do 6o. Encontro do CELSUL**, p. 1-10, 2005.

LUNGUINHO, M. V. S.; MEDEIROS JÚNIOR, P. Inventou um tipo novo de sujeito: Características sintáticas e semânticas de uma estratégia de indeterminação do sujeito no português brasileiro. **Interdisciplinar**, Ano IV, v. 9, 07-21, ago-dez de 2009.

MAGALHÃES, T. M. V. A valorização de traços de concordância dentro do DP. **D.E.L.T.A.**, 20:1, p. 149-170, 2004.

MAGALHÃES, T. V.; SANTOS, A. L. As respostas verbais e a frequência de sujeito nulo na aquisição do Português Brasileiro e do Português Europeu. **Letras de Hoje**, 41(1), 179-193, 2006.

MARCILESE, M.; CORRÊA, L. M. S.; AUGUSTO, M. R. A. The interpretation of recursive nominal modifiers: eye-tracking evidence from adult processing. In: FRANÇA, A.I.; MAIA, M. (Orgs.). **Papers in Psycholinguistics: Proceedings of the First International Psycholinguistics Congress**, pp. 147-150. Rio de Janeiro: Imprinta, 2011.

MARCILESE, M.; CORRÊA, L. M. S.; AUGUSTO, M. R. A. Recursive pre-nominal modifiers interpretation in language acquisition. In: STAVRAKAKI, S.; KONSTANTINOPOULOU, P.; LALIOTI, M. (Eds.). **Advances in Language Acquisition**, pp. 138-146. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2013.

MARCILESE, M.; RODRIGUES, E. DOS S.; AUGUSTO, M. R. A.; HENRIQUE, K. S. Efeitos de distância linear e marcação no processamento da concordância verbal variável no PB. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 25, p. 1291-1325, 2017.

MARQUIS, A.; SHI, R. Segmentation of verb forms in preverbal infants. **Journal of The Acoustical Society of America**, 123 (4), 105-110, 2008.

_____. The Recognition of verb roots & bound morphemes when vowel alternations are at play. In: J. Chandlee, M. Franchini, S. Lord, & G.-M. Rheiner (Eds.). **A Supplement to the Proceedings of the 33rd Boston University Conference on Language Development**, 2009.

_____. Initial morphological learning in preverbal infants. **Cognition**, 122 (1), 61 – 66, 2012.

MARTINS, L. S. O. **O traço de pessoa na aquisição normal e deficitária do português brasileiro**. 199f. Tese (Doutorado em Letras). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2007.

MATTOS e SILVA, R. V. **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. Variable Number Agreement in Brazilian Portuguese: An Overview. **Language and Linguistics Compass**, 9/9, 358-368, 2015.

MERVIS, C.B.; JOHNSON, K.E. Acquisition of Plural Morpheme. A Case Study. **Developmental Psychology**, 27, 1991.

MILLER, K.; SCHMITT, C. Variable vs. Consistent Input: Comprehension of Plural Morphology and Verbal Agreement in Children. In: BRUCART, J. M.; GAVARRÓ, A.; SOLÀ, J. **Merging Features: Computation, Interpretation and Acquisition**. New York: Oxford University Press, 2009.

_____. Variable Input and the Acquisition of Plural Morphology. **Language Acquisition**, 19:3, 223-261, 2012.

MINTZ, T. H. The segmentation of sub-lexical morphemes in English-learning 15 month-olds. **Front. Psychol.**, 4-24, 2013.

MOLINA, D. S. L. **A aquisição verbal e o processamento morfológico por crianças adquirindo o PB**. 165f. Dissertação (mestrado acadêmico) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2014.

MONGUILHOTT, I. O. S. **Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE**. 229f. Tese (Doutorado). Florianópolis: UFSC, 2009.

MONGUILHOTT, I. O. S.; COELHO, I. L. Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis. In: VANDRESEN, P (Org.). **Variação e mudança no português falado na região sul**. Pelotas: Educat, p. 189-216, 2002.

MONTE, A. O estatuto variável da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE. **Cuadernos de la ALFAL**, nº 7, 124-143, 2015.

NAME, C. Metodologia experimental no estudo de habilidades perceptuais no desenvolvimento linguístico. In: MOTA, M. B.; NAME, C. (orgs.) **Interface linguagem e cognição: contribuições da psicolinguística**. A sair.

NARO, A. J. The Social and the Structural Dimensions of a Syntactic Change. **Language**, n. 57, p. 63-98, 1981.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, (20): 9-16, Jan./Jun. 1991.

_____. Sobre as origens do português popular do Brasil. **D.E.L.T.A.** São Paulo: EDUC, vol. 9, p. 437-454, 1993.

_____. A influência de variáveis escalares na concordância verbal. A cor das letras. **Revista do Departamento de Letras e Artes**. n. III. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, p. 17-34, 1999.

_____. **Origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NAZZI, T.; DILLEY, L. C.; JUSCZYK, A. M.; SHATTUCK-HUFNAGEL, S.; JUSCZYK P. W. English-learning infants' segmentation of verbs from fluent speech. **Language and Speech**, 48 (3), 279-298, 2005.

NICOLAU, E. M. das D. **A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolinguística**. 196f. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1984.

NONATO, C.; SCHER, L.; AGOSTINHO, L.; MAIA, M.; MARCILESE, M. **Os pacotes chegaram ou Chegou os pacotes? Posição e animacidade do sujeito e sua influência na concordância variável**. Comunicação apresentada na I Semana de Estudos Linguísticos da UFJF, 2018.

NONATO, C.; SCHER, L.; AGOSTINHO, L.; MAIA, M.; MARCILESE, M. **Posição e animacidade do sujeito e sua influência na concordância variável no PB**. Artigo em preparação.

OSLEN, S. AGR(eement) in the German Noun Phrase. In: BHAYY, CHR.; LOBEL, E. & SCHMIDT, C. (eds.). **Syntactic Phrase Structure Phenomena in Noun Phrase & Sentences**. Amsterdam: John Benjamins, p. 39-49, 1989.

PÉREZ-LEROUX, A. T. Number problems in children. **Proceedings of the 2005 annual conference of the Canadian Linguistics Association**, 1-12, 2005.

PERRONI-SIMÕES, M. C; STOEL-GAMMON, C. The acquisition of inflections in Portuguese: a study of the development of person markers on verbs. **Journal of Child Language**, Cambridge, vol. 6(1), 53-67, 1979.

PREMINGER, O. Failure Agree is Not a Failure: phi-Agreement with Post-Verbal Subjects in Hebrew. [A. do livro] Jeroen Van Craenenbroeck e Johan Rooricky. **Linguistic Variation Yearbook 9**. Amsterdam : John Benjamins, pp. 241-278, 2010.

POLLOCK, J. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. **Linguistic Inquiry**, Vol. 20, No. 3, pp. 365-424, 1989.

POPLACK, S. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, W. (eds.). **Locating language in time and space**. Philadelphia: University of Pennsylvania, pp. 55-67, 1980.

RASTEGAR, Z.; SHIRAZI, H.; SADIGHI, F. An Amazing Conundrum in Children's Comprehension and Production of Verb Inflection. **World Applied Sciences Journal**, 18 (8), 1095-1101, 2012.

RODRIGUES, A. C. S. Concordância Verbal, Sociolinguística e História do Português Brasileiro. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n. 1, 115-145, 2004.

RODRIGUES, C. E. S de L. **Um estudo exploratório do processamento de informação das interfaces na aquisição da linguagem: o aspecto verbal no português**. Dissertação (Mestrado em Letras). 113f. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2007.

RODRIGUES, E. dos S.; MARCILESE, M. Executive control in children's comprehension of ordinal modifier phrases. In: João Costa; Alexandra Fiéis; Maria João Freitas; Maria Lobo; Ana Lúcia Santos. (Org.). **New Directions in the Acquisition of Romance Languages: Selected Proceedings of the Romance Turn V**. 1ed. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, v. 1, p. 241-260, 2014.

RUBIO, C. F. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e no português europeu: estudo sociolinguístico comparativo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

_____. Concordância verbal de terceira pessoa do plural no Português Europeu: variação ou regra semicategórica? **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 12, n. 3, 786-806, 2015.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) – Norma e Variação do Português**. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49, 1994.

_____. Paralelismo Linguístico. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, UFMG. v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. The serial effect on internal and external variables. **Language Variation and Change**, 4, 1-13, 1992.

_____. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância no português popular do Brasil. D.E.L.T.A. São Paulo: EDUC, vol. 9, n. 1, p. 1-14, 1993.

_____. Sobre a concordância de número no português falado no Brasil. In: RUFFINO, G. (Org.) **Dialettologia, geolinguística, sociolinguística** (Attidel XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studio Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509-523, 1998.

_____. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas de sujeito simples. In: GROBE, S.; ZIMMERMANN, K. (eds.). **O português brasileiro: pesquisas e projetos**. vol. 17. Frankfurt AM Main: TFM, 2000.

_____. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, 107-129, 2006.

SCHÜTZE, C. On the nature of *default* case. **Syntax**, n. 4, v. 2, p. 205-234, 2001.

SHI, R.; MARQUIS, A. Mechanisms of segmentation and morphological learning in infants. In: BUCLD 33: **Proceedings of the 33rd annual Boston University conference on language development**. Boston, MA: Cascadilla Press, 2009.

SILVA, C. R. T.; MAGALHÃES, T. M. V. Sobre a natureza do morfema de pluralidade em português: discutindo o domínio da concordância. **Veredas online**, n. 2, pp. 188-210, 2014.

SILVA, C. R. T.; MOURA, M. D.; CERQUEIRA, M. S. Entendendo a concordância sob o viés minimalista. In: FERRARI-NETO, J.; SILVA, C. R. T. (Org.). **Programa Minimalista em foco: princípios e debates**. 1.ed. – Curitiba, PR: CRV, 237-270, 2012.

SILVA, M. C. P. de S.; KOCH, I. G. V. **Linguística aplicada ao português: morfologia**. 16^a ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SKINNER, B. F. **Verbal Behavior**. B. F. Skinner Foundation Reprint Series: Cambridge, Massachusetts, 1957 [1992].

SOARES, S. M. **A concordância verbal na fala de crianças de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado). 169f. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), 2006.

VIEIRA, S. R. Concordância verbal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 2^a Ed., 2^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

_____(org.). **A concordância verbal em variedades do português: a interface fonética-morfossintaxe**. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2015.

VIEIRA, S. R.; BAZENGA, A. M. A concordância de terceira pessoa do plural: padrões em variedades do português. In: VIEIRA, S. R. **A concordância verbal em variedades do português: a interface fonética-morfossintaxe**. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2015.

VIOTTI, E. O caso *default* no Português do Brasil: Revisitando o caso dos inacusativos. **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 53-71, jul./dez. 2005.

WOLFRAM, W.; SCHILLING-ESTES, N. **American English**. Oxford, U.K.: Blackwell, 1998.

WOOD, J. N.; SPELKE, E. S. Infants' enumeration of actions: Numerical discrimination and its signature limits. **Developmental Science**, 8, 173-181, 2005.

XU, F.; SPELKE, E. S. Large number discrimination in 6-month-old infants. **Cognition**, 74, 1-11, 2000.

YANG, C. **Knowledge and learning in natural language**. New York: Oxford University Press, 2002.

GLOSSÁRIO

(Métodos, Técnicas e Tarefas Experimentais)

Encenação de ações: também chamada de “manipulação de objetos” (*act out*), esta técnica consiste da apresentação de enunciados linguísticos para que o participante reproduza uma encenação do que ouviu, utilizando materiais (objetos e/ou brinquedos) previamente disponibilizados pelo pesquisador.

Escuta Preferencial (*Headturn Preference Procedure*): técnica experimental utilizada na investigação da percepção da fala em atividades com bebês a partir dos quatro meses de idade, que permite verificar a preferência da criança por um dado conjunto de estímulos auditivos em oposição a outro, elaborados em função de variáveis previamente selecionadas. Pressupõe-se que, se a criança percebe diferenças entre os tipos de estímulos apresentados, comportamentos distintos (diferentes tempos de escuta) serão atestados. Dessa forma, se o participante demonstrar atenção ao que está sendo ouvido, o estímulo continua. Por outro lado, se desviar a atenção, o som é interrompido, e um novo estímulo começa. Há, nessa técnica, duas fontes de áudio: uma à esquerda e outra à direita da criança, que deverá virar a cabeça na direção do som e permanecer na direção do som se estiver atenta ao estímulo. O tempo de escuta é gravado pelo pesquisador por meio de um computador para posterior análise. Em português europeu, denominada *Movimento Preferencial da Cabeça*.

Estudo longitudinal de produção espontânea: é o estudo desenvolvido a partir de registros da produção linguística da criança em situação espontânea. Tais registros podem ser feitos por meio da gravação de áudio ou de vídeo/áudio pelo próprio pesquisador ou por um adulto do círculo social da criança. Os registros são feitos, em geral, em períodos regulares, de modo a compreender um tempo determinado de desenvolvimento da linguagem.

Fixação Preferencial do Olhar (Intermodal) (*Split-Screen Preferential Looking Procedure (Intermodal), Preferential Looking Procedure*): essa técnica experimental é utilizada com crianças pequenas (com idades de até dois anos aproximadamente) e requer a utilização de duas telas (televisões ou monitores) ou, alternativamente, um televisor grande cuja tela encontre-se dividida em duas partes. A criança, sentada no colo do cuidador, é exposta a estímulos linguísticos e a estímulos visuais (imagens ou vídeos). Se o tempo de fixação do olhar para a imagem-alvo (mapeamento esperado entre estímulo auditivo e visual) for significativamente maior do que a média do tempo de fixação do olhar para a outra imagem, a hipótese nula é rejeitada, sugerindo que a criança é capaz de reconhecer uma dada imagem a partir do enunciado linguístico que lhe é apresentado. Em português europeu, denominada *Olhar Preferencial*.

Fixação Visual (*Visual Fixation Procedure, Preferential Looking Procedure*): técnica experimental anteriormente denominada, no Brasil, Olhar Preferencial (ver NAME, a sair), é utilizada para investigar a sensibilidade da criança (entre quatro e quinze meses de idade) a uma ou mais propriedades linguísticas ou explorar a identificação de determinado elemento

no fluxo contínuo da fala. Nessa técnica, há apenas uma fonte de som, localizada na frente da criança, e parte-se do pressuposto de que a criança está atenta ao som se estiver olhando em direção à fonte. Se o participante desvia o olhar por dois segundos ou mais, o som é interrompido e um novo estímulo auditivo é apresentado. Assim como na técnica de Escuta Preferencial, o índice de preferência é a diferença da duração média de escuta entre os dois tipos de estímulos apresentados ao longo do teste.

Imitação eliciada: tarefa na qual se espera que o participante repita fielmente um estímulo linguístico previamente apresentado.

Julgamento de gramaticalidade ou de veracidade: consiste na tarefa de apresentar estímulos linguísticos para a criança, geralmente produzidos por um fantoche que “não sabe muito bem falar a língua da criança” (julgamento de gramaticalidade) ou que “é muito distraído” (julgamento de veracidade), e solicitá-la que julgue a construção linguística produzida pelo fantoche. O julgamento do enunciado – de sua boa construção sintática (gramaticalidade) ou de seu valor de verdade (veracidade) – é feito pela criança da seguinte maneira: caso a criança considere que o fantoche produziu um enunciado corretamente, ela irá lhe oferecer alguma prenda que julgue boa (um chocolate ou um brinquedo, por exemplo); caso a criança considere que o fantoche produziu um enunciado incorreto, ela irá lhe oferecer alguma prenda ruim (uma pedra ou um pneu, por exemplo).

Paradigma de busca manual (*manual-search paradigm*): tarefa na qual o experimentador deposita uma ou múltiplas (geralmente, três ou quatro) bolas dentro de uma caixa e entrega o recipiente à criança. O participante, que viu quantas bolas foram depositadas na caixa, é encorajado a retirar uma bola do recipiente. Na condição em que há mais de um item, as bolas restantes são retiradas pelo experimentador de maneira oculta, isto é, sem que o participante veja que as demais bolas foram retiradas. Nesse momento, a tarefa teste começa: nos próximos dez segundos, o experimentador irá medir o tempo em que a criança permanece procurando mais bolas dentro da caixa. Os resultados da atividade sugerem que a criança distingue entre o conceito de numerosidade de “um” e de “mais de um” se o participante permanece procurando por mais bolas na condição de múltiplas bolas quando comparada à condição em que há apenas uma bola.

Produção Eliciada: tarefa experimental utilizada para incentivar a produção linguística de determinada estrutura sintática pela criança. Para evocar produções linguísticas das estruturas a serem investigadas, o pesquisador entrevista o participante, utilizando-se de figuras, brinquedos e/ou fantoches. Tais materiais ajudam na mediação da interatividade entre adulto e criança e na criação de contextos que favorecem a produção de sentenças com estruturas sintáticas complexas, não frequentes na fala espontânea de crianças.

Rastreamento Ocular (*eye-tracking*): técnica que consiste em registrar os pontos e/ou os movimentos oculares em determinado estímulo visual, utilizando-se um aparelho que permite captar essas duas informações (*eye-tracker*). Dependendo do *software* que é acoplado ao

aparelho, outros dados relevantes, como o tempo de duração das fixações, tempo de latência, etc., também podem ser registrados.

Seleção de Imagem: tarefa experimental utilizada com o intuito de verificar a percepção e a compreensão de estímulos linguísticos. Ao ouvir um estímulo linguístico e ser apresentado a duas ou mais imagens, o participante deve apontar ou selecionar (por meio de uma tecla de computador, por exemplo) a imagem com a qual relaciona o enunciado ouvido. Em geral, essa técnica é empregada em tarefas com crianças a partir de três anos de idade, já que crianças mais novas não lidariam bem com imagens e figuras abstratas, ainda não teriam desenvolvida a capacidade motora para apontar/selecionar imagens e tenderiam a ficar mais acanhadas quando da interação com o pesquisador.

Seleção de Objeto: versão da tarefa de seleção de imagem, utilizada também para verificar a percepção e a compreensão de estímulos linguísticos, na qual o participante deve apontar ou pegar o objeto escolhido dentro duas ou mais opções a partir do enunciado apresentado. É possível ainda considerar o direcionamento do olhar para o objeto em casos nos quais a aplicação da tarefa é filmada para posterior análise.

ANEXOS

Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Estudo Longitudinal)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP/UFJF

36036-900 JUIZ DE FORA - MG – BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(No caso do responsável pelo menor)

O/A menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “**Interfaces internas e externas na aquisição e no processamento de L1 e L2: concordância e tópico/foco no PB**”. Nesta pesquisa, pretendemos investigar o modo como crianças adquirindo o Português Brasileiro (PB) fazem uso de diferentes recursos da língua (p.ex., combinação de palavras, melodia da frase etc.). O motivo que nos leva a pesquisar esse assunto é observar as semelhanças e diferenças no uso do PB por falantes nativos – crianças e adultos – e não nativos em situações de atividades espontâneas.

Para esta pesquisa, será gravado o áudio da interação adulto/criança em situações espontâneas de fala, com vistas a descrever a produção de fala de adultos e crianças em momentos de interação. Estão previstas sessões mensais de gravação de áudio no ambiente domiciliar da criança durante o período de 6 (seis) meses. **A atividade não tem nenhum caráter de avaliação do desempenho e/ou de conhecimento da língua.** Seu único objetivo é observar o modo como a criança e o adulto se relacionam com a língua em situações de interlocução espontânea.

Para participar desta pesquisa, o/a menor sob sua responsabilidade não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, ele(a) tem assegurado o direito à indenização. Ele(a) será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você, como responsável pelo(a) menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele(a) a qualquer momento. A participação dele(a) é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador, que irá tratar a identidade do(a) menor com padrões profissionais de sigilo. O/A menor não será identificado(a) em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em “**RISCOS MÍNIMOS**”, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc. A pesquisa contribuirá para o entendimento dos processos de produção e compreensão de língua por falantes nativos – crianças e adultos – e não nativos.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do(a) menor não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável, por um período de 5(cinco) anos, e, após esse tempo, serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no **NEALP (Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística) da UFJF** e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, responsável pelo(a) menor _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do(a) menor sob minha responsabilidade de participar, se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do(a) Responsável

Assinatura do(a) Pesquisador (a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa/UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

**Nome do Pesquisador Responsável: Maria Cristina Lobo
Name**

Endereço: Faculdade de Letras – UFJF Campus Universitário -
Martelos

CEP: 36036-300 / Juiz de Fora – MG

Fone: (32) 2101.3150

E-mail: cristina.name@ufjf.edu.br

Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Estudo Experimental – responsável pela instituição escolar).



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP/UFJF

36036-900 JUIZ DE FORA - MG – BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(No caso do responsável pela creche/escola infantil)

A creche/escola de educação infantil _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa “**Interfaces internas e externas na aquisição e no processamento de L1 e L2: concordância e tópico/foco no PB**”. Nesta pesquisa, pretendemos investigar o modo como crianças adquirindo o Português Brasileiro (PB) fazem uso de diferentes recursos da língua (p.ex., combinação de palavras, melodia da frase etc.). O motivo que nos leva a pesquisar esse assunto é observar as semelhanças e diferenças no uso do PB por falantes nativos – crianças e adultos – e não nativos em situações de atividades espontâneas.

Para este estudo adotaremos o seguinte procedimento: a criança participará de uma atividade lúdica (uma “brincadeira”), durante a qual lhe apresentaremos imagens na tela do computador. Ao final, pediremos que nos mostre algumas imagens. **A atividade não tem nenhum caráter de avaliação do desempenho e/ou de conhecimento da língua.** Seu único objetivo é observar o modo como a criança relaciona sentenças com imagens de objetos em uma situação que simula uma atividade espontânea. A atividade dura cerca de 10 minutos e no total (desde a chegada da criança, sua adaptação ao ambiente e saída) não ultrapassa 15 minutos.

Para participar desta pesquisa, a creche/escola não terá nenhum custo, da mesma forma que a mesma não receberá qualquer vantagem financeira. O/A responsável pela creche/escola será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A participação da creche/escola é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador. O pesquisador irá tratar a identidade de todas as crianças, assim como a da creche/escola e profissionais envolvidos (diretores, professores etc.), com padrões profissionais de sigilo. A creche/escola não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Este estudo apresenta **risco mínimo**, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc. Apesar disso, a creche/escola tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados da pesquisa estarão à disposição da creche/escola quando finalizada. O nome da creche/escola ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, no NEALP (Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística) da UFJF, e a outra será fornecida à instituição.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, responsável pelacreche/escola _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do(a) menor sob minha responsabilidade de participar, se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do(a) Responsável

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa/UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

**Nome do Pesquisador Responsável: Maria Cristina Lobo
Name**

Endereço: Faculdade de Letras – UFJF Campus Universitário -
Martelos

CEP: 36036-300 / Juiz de Fora – MG

Fone: (32) 2101.3150

E-mail: cristina.name@ufjf.edu.br

Anexo 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Estudo Experimental – responsável pelo menor).



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP/UFJF

36036-900 JUIZ DE FORA - MG – BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(No caso do responsável pelo menor)

O/A menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “**Interfaces internas e externas na aquisição e no processamento de L1 e L2: concordância e tópico/foco no PB**”. Nesta pesquisa, pretendemos investigar o modo como crianças adquirindo o português brasileiro (PB) fazem uso de diferentes recursos da língua (p.ex., combinação de palavras, melodia da frase etc.). O motivo que nos leva a pesquisar esse assunto é observar as semelhanças e diferenças no uso do PB por falantes nativos – crianças e adultos – e não nativos em situações que simulam atividades espontâneas.

Para esta pesquisa, adotaremos os seguintes procedimentos: a criança participará de uma atividade lúdica (uma “brincadeira”), durante a qual lhe apresentaremos objetos ou imagens na tela do computador acompanhados de frases curtas. Ela deverá escolher um objeto/imagem ou responder verbalmente. **A atividade não tem nenhum caráter de avaliação do desempenho e/ou de conhecimento da língua.** Seu único objetivo é observar o modo como a criança se relaciona com a língua em uma situação que simula uma atividade espontânea. A atividade dura cerca de 5 minutos e no total (desde a chegada da criança, sua adaptação ao ambiente e saída) não ultrapassa 15 minutos.

Para participar desta pesquisa, o/a menor sob sua responsabilidade não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, ele(a) tem assegurado o direito à indenização. Ele(a) será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você, como responsável pelo(a) menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele(a) a qualquer momento. A participação dele(a) é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador, que irá tratar a identidade do(a) menor com padrões profissionais de sigilo. O/A menor não será identificado(a) em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em “**RISCOS MÍNIMOS**”, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização. A pesquisa contribuirá para o entendimento dos processos de produção e compreensão de língua por falantes nativos – crianças e adultos – e não nativos.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do(a) menor não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável, por um período de 5(cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no NEALP (Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística da UFJF) e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, responsável pelo(a) menor _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do(a) menor sob minha

responsabilidade de participar, se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do (a) Responsável

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa/UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

**Nome do Pesquisador Responsável: Maria Cristina Lobo
Name**

Endereço: Faculdade de Letras – UFJF Campus Universitário -
Martelos

CEP: 36036-300 / Juiz de Fora – MG

Fone: (32) 2101.3150

E-mail: cristina.name@ufjf.edu.br

Anexo 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Estudo Experimental – participantes adultos).



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP/UFJF

36036-900 JUIZ DE FORA - MG – BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(No caso de participante adulto)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **“Interfaces internas e externas na aquisição e no processamento de L1 e L2”**. Nesta pesquisa, pretendemos investigar o modo como adultos falantes do português brasileiro (PB) monolíngues e bilíngues (falantes/aprendizes de inglês ou espanhol) fazem uso de diferentes recursos da língua (combinação de palavras, melodia da frase, p.ex.). O motivo que nos leva a estudar é observar as semelhanças e diferenças no uso do PB por falantes nativos e não nativos em situações que simulam atividades espontâneas.

Para esta pesquisa, adotaremos os seguintes procedimentos: você participará de uma atividade, durante a qual lhe apresentaremos imagens na tela do computador acompanhados de frases curtas. Você deverá escolher uma imagem ou responder verbalmente. **A atividade não tem nenhum caráter de avaliação do desempenho e/ou de conhecimento da língua**, e dura cerca de 15 minutos. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em **“RISCOS MÍNIMOS”**, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc. A pesquisa contribuirá para o entendimento dos processos de produção e compreensão de língua por falantes nativos e não nativos.

Para participar deste estudo, você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, você tem assegurado o direito a indenização. Você terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e sua recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma como é atendido(a) pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no NEALP (Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística da UFJF) e a outra será fornecida a você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo à legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ fui informado(a) dos objetivos da pesquisa **“Interfaces internas e externas na aquisição e no processamento de L1 e L2”**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar ovas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do(a) Participante

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa/UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

Nome do Pesquisador Responsável: Maria Cristina Lobo Name

Endereço: Faculdade de Letras – UFJF Campus Universitário -
Martelos

CEP: 36036-300 / Juiz de Fora – MG

Fone: (32) 2101.3150

E-mail: cristina.name@ufjf.edu.br

Anexo 5 – Lista de estímulos linguísticos – Pré-teste e Teste (Experimentos 1 e 2)**Pré-teste** (estímulos aleatorizados)

O papai e a mamãe prepararam o jantar

O Dedé está no computador

A Lili sempre escova o cabelo da boneca

Teste

Fases	Lista 1	Lista 2	Lista 3	Lista 4
Fase 1	As crianças comem doce	Pinta a parede	As crianças molham a flor	Pintam a parede
	Abre a caixa	As crianças tocam violão	Tomam sorvete	A criança toma sorvete
	A criança solta pipa	Pulam corda	Beija o cachorro	As crianças pulam corda
	Beijam o cachorro	A criança bebe suco	A criança sopra a vela	Toca violão
Fase 2	A criança pula corda	Abrem a caixa	As crianças pintam a parede	Come doce
	Molham a flor	A criança lava o carro	Solta pipa	As crianças sopram a vela
	As crianças tomam sorvete	Molha a flor	A criança toca violão	Bebem suco
	Sopra a vela	As crianças soltam pipa	Lavam o carro	A criança beija o cachorro
Fase 3	Bebe suco	As crianças beijam o cachorro	A criança abre a caixa	Soltam pipa
	As crianças lavam o carro	Toma sorvete	Comem doce	As crianças abrem a caixa
	Tocam violão	A criança come doce	As crianças bebem suco	Lava o carro
	A criança pinta a parede	Sopram a vela	Pula corda	A criança molha a flor

Anexo 6 – Lista de estímulos linguísticos – Distratores (Experimentos 1 e 2)

O papai ganhou um chapéu novo
Pompom é o gatinho da Lili
Que maçãs deliciosas
O pirulito é de morango
O balão está voando
O papai dormiu na rede
O cachorro adora passear
O jardim está florido
O Dedé e a Lili adoram bolo
O balão é vermelho
Hoje teve leite no lanche
A titia ligou para o Dedé
O gato subiu na escada
O tênis está apertado
O dentista disse para sempre escovar os dentes depois das refeições
A mamãe não sabe onde deixou a bolsa
A mamãe está feliz
O avião é o brinquedo favorito das crianças
Está chovendo muito
O Dedé e o papai estão lendo
O ursinho precisa de um banho
O chapéu da mamãe fez o maior sucesso na festa
O dia está ótimo para mergulhar
A mamãe está subindo a escada

Anexo7 – Exemplos de imagens utilizadas na atividade experimental



Imagens mostradas no *pré-teste*: “O papai e a mamãe prepararam o jantar”.



Imagens mostradas em estímulo *distrator*: “O gato sobe a escada”.



Imagens mostradas em estímulo *teste* (estrutura V+NP):
 “pular corda” (ex.: “Pulam/Pularam corda”)